

J. M. BARRIE

Peter Pan

PETER E WENDY *seguido de*
PETER PAN EM KENSINGTON GARDENS

L&PMPOCKET



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

J. M. BARRIE

Peter Pan

PETER E WENDY seguido de
PETER PAN EM KENSINGTON GARDENS

L&PM POCKET



J. M. BARRIE

PETER E WENDY

seguido de

PETER PAN EM
KENSINGTON GARDENS

Tradução de
RODRIGO BREUNIG

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

PETER E WENDY

CAPÍTULO I

PETER APARECE

Todas as crianças crescem, exceto uma. Elas logo descobrem que vão crescer, e Wendy descobriu assim: Um dia, quando tinha dois anos de idade, ela estava brincando num jardim e colheu uma flor a mais e correu com ela até sua mãe. Acho que Wendy devia estar mais graciososa do que nunca, pois a sra. Darling levou a mão ao coração e exclamou:

– Ah, bem que você poderia ficar assim para sempre!

Isso foi tudo o que houve entre elas em torno do assunto, mas dali em diante Wendy soube que iria crescer. Todo mundo sabe, depois de fazer dois anos. Dois é o começo do fim.

Eles moravam no número 14, é claro, e até a chegada de Wendy a estrela da casa era sua mãe. A sra. Darling era uma mulher encantadora, tinha uma mente romântica e uma boca muito doce e debochada. Sua mente romântica era como aquelas caixinhas, uma dentro da outra, que vêm do desconcertante Oriente: por mais que encontremos caixinhas, sempre vai haver mais uma. E sua boca doce e debochada possuía um beijo que Wendy nunca conseguia pegar, embora lá estivesse ele, perfeitamente conspícuo no canto direito.

O sr. Darling a seduziu assim: os vários senhores que eram meninos quando ela era menina descobriram ao mesmo tempo que a amavam, e todos correram até a casa dela para propor casamento, menos o sr. Darling, que pegou um táxi e chegou na frente, e dessa forma a conquistou. Conquistou tudo dela, menos a caixinha mais escondida e o beijo. Ele nunca soube da existência da caixinha, e com o tempo desistiu de tentar conquistar o beijo. Wendy achava que Napoleão teria conseguido, mas eu o vejo tentando e então indo embora com raiva, batendo a porta com toda a força.

O sr. Darling gostava de se exhibir para Wendy dizendo que a mãe dela não apenas o amava como também o respeitava. Ele era um desses homens profundos que sabem tudo sobre fundos e ações. É claro que ninguém sabe, na verdade, mas ele até que parecia saber, e ficava dizendo que os fundos estavam em alta e que as ações estavam em baixa de um jeito que teria feito qualquer mulher respeitá-lo.

A sra. Darling se casou de branco, e nos primeiros tempos cuidou das contas da casa com perfeição, ou até com alegria, como se fosse

um jogo: nem uma couve-de-bruxelas deixava de ser registrada. Aos poucos, porém, couves-flores enormes iam sendo esquecidas, e no lugar delas apareciam retratos de bebês sem rosto. Ela os desenhava quando devia estar fazendo contas. Eram os palpites da sra. Darling.

Wendy veio primeiro, e depois John, e depois Michael.

Por uma semana ou duas, depois da chegada de Wendy, não se soube se seria possível ficar com ela, já que era uma boca a mais para alimentar. O sr. Darling morria de orgulho da filha, mas era um homem muito honrado, e se sentava na beira da cama da sra. Darling, segurando a mão da esposa, calculando despesas, enquanto ela lhe lançava um olhar de súplica. Ela queria arriscar, acontecesse o que acontecesse, mas não era assim que ele procedia; o procedimento dele era usar lápis e papel, e se ela o confundisse com sugestões ele tinha de começar do começo de novo.

– Tente não me interromper agora – ele pedia. – Eu tenho uma libra e dezessete xelins aqui, e dois xelins e seis pence no escritório; posso cortar o meu café no escritório e economizar uns dez xelins, e com isso tenho duas libras, nove xelins e seis pence, e com os seus dezoito xelins e três pence temos três libras, nove xelins e sete pence, e com cinco zero zero do meu talão de cheques temos oito libras, nove xelins e sete pence... Quem está se mexendo aí?... Oito, nove e sete, aqui arrasto o sete... Não diga nada, meu amor... E com a libra que você emprestou para aquele homem que apareceu na porta... Calma, filhinha... Aqui arrasto a filhinha... Pronto, você me confundiu!... Eu disse nove libras, nove xelins e sete pence? Sim, isso mesmo, nove nove sete. A questão é: nove libras, nove xelins e sete pence são suficientes para um ano?

– Claro que são, George! – a sra. Darling exclamou.

Mas ela já estava inclinada em favor de Wendy; dos dois, a personalidade mais forte na verdade era a dele.

– Pense na caxumba – o sr. Darling advertiu, de forma quase ameaçadora, e lá se foi ele de novo. – Caxumba, uma libra, é o que anotei aqui, mas ousou dizer que vai custar mesmo uns trinta xelins... Não fale nada... Sarampo, uma libra e cinco xelins, rubéola meio guinéu, isso dá duas libras, quinze xelins e seis pence... Não balance o dedo... Coqueluche, digamos que uns quinze xelins...

E ele continuava, sem parar, e a cada vez a soma era diferente, mas no fim das contas Wendy foi aprovada, com a caxumba reduzida a doze xelins e seis pence e com o sarampo e a rubéola encarados como uma só infecção.

Houve a mesma agitação em torno de John, e Michael passou por um aperto ainda maior; mas os dois acabaram aceitos, e logo já podíamos ver os três andando em fila, indo para o jardim de infância da srta. Fulsom, acompanhados pela babá.

A sra. Darling adorava fazer tudo do jeito certo, e o sr. Darling tinha uma mania de ser exatamente como eram seus vizinhos; então, é claro, eles tinham uma babá. Como eram pobres, devido à quantidade de leite que as crianças bebiam, essa babá era uma altiva cadela terranova, chamada Nana, que não pertencera a ninguém em particular antes de ser contratada pelos Darling. Mas Nana sempre teve a maior consideração por crianças, e os Darling a conheceram no Kensington Gardens, onde ela passava a maior parte de seu tempo livre e ficava espiando os carrinhos de bebê. Era detestada pelas babás descuidadas, que ela seguia até suas casas para denunciá-las às patroas. Provou ser um tesouro de babá. Era meticulosa na hora do banho, e se levantava a qualquer momento, durante a noite, ao menor sinal de choro de seus protegidos. Sua casinha ficava no quarto das crianças, é claro. Tinha o dom de saber se uma tosse era algo que exigia mais do que paciência e quando era o caso de enrolar uma meia no pescoço. Acreditou, até o último de seus dias, em remédios antiquados, como folhas de ruibarbo, e dava gemidos de desdém quando ouvia essas conversas modernas sobre germes e outras tolices. Era uma lição de boas maneiras vê-la escoltar as crianças até a escola, caminhando serena ao lado delas quando se comportavam bem e as empurrando de volta para a fila, com a cabeça, quando se dispersavam. Nos dias em que John jogava futebol, jamais se esquecia de levar o suéter dele, e geralmente carregava um guarda-chuva na boca, para o caso de chover. Existe uma sala, no porão da escola da srta. Fulsom, onde as babás ficam esperando. Elas se sentavam em bancos compridos e Nana deitava no chão, mas essa era a única diferença. As babás fingiam ignorá-la, como se ela pertencesse a uma classe inferior, e Nana desprezava as conversas bobas delas. Ela se aborrecia quando amigas da sra. Darling entravam no quarto das crianças, mas, quando a visita era inevitável, tratava de primeiro tirar o avental de Michael para substituí-lo por um outro que tinha adornos azuis, e também alisava a roupa de Wendy e ajeitava o cabelo de John.

Nenhum outro quarto de criança poderia ser tão bem administrado, e o sr. Darling sabia disso, embora às vezes perguntasse a si mesmo, com certo desconforto, o que é que os vizinhos estariam falando.

Ele tinha de levar em conta a reputação que tinha na cidade.

Nana o preocupava ainda num outro sentido. Ele tinha às vezes a sensação de que a cadela não o admirava.

– Nana tem uma tremenda admiração por você, George, eu sei disso – a sra. Darling lhe assegurava, e ao mesmo tempo fazia sinais para as crianças, pedindo a elas que tratassem o pai com um carinho especial.

Seguiam-se danças encantadoras, nas quais era permitida, às

vezes, a participação de Liza, a única outra criada da casa. Ela era baixinha como uma criança, com sua saia longa e com sua touca de empregada, porém tinha jurado, ao ser contratada, que nunca mais teria dez anos de idade. A alegria daquelas folias! E entre todos quem mais se alegrava era a sra. Darling, que dava piruetas tão alucinantes que só se via seu beijo e mais nada, e se você se jogasse contra ela poderia até pegar o beijo para si. Nunca houve uma família mais simples e mais feliz, até a chegada de Peter Pan.

A sra. Darling ouviu falar de Peter Pan pela primeira vez numa ocasião em que estava arrumando as mentes de seus filhos. É um costume noturno de toda boa mãe, quando os filhos já estão dormindo, inspecionar o interior de suas mentes e deixar tudo organizado para a manhã seguinte, recolocando em seus devidos lugares as muitas coisas que perambularam durante o dia. Se você conseguisse ficar acordado (mas é claro que não consegue), veria sua mãe fazendo isso, e acharia muito interessante observá-la. É bem parecido com arrumar gavetas. Você a veria se ajoelhando, eu acho, e analisando com calma e jovialidade os conteúdos da sua mente, tentando imaginar de onde é que você tirou determinada coisa, fazendo algumas descobertas saborosas e outras mais azedas, apertando algo de encontro à bochecha, como se fosse um gatinho fofo, e escondendo outra coisa às pressas. Quando você acorda, de manhã, as travessuras e as ideias maldosas com as quais você foi para a cama já foram dobradas mil vezes e estão guardadas no fundo da sua mente; e no alto, lindos e arejados, estão dispostos os seus pensamentos mais bonitos, prontos para o uso.

Não sei se você já viu o mapa da mente de uma pessoa. Os médicos às vezes desenham mapas de outras partes do nosso corpo, e esse mapeamento pode vir a ser algo interessantíssimo, mas veja como é quando eles tentam desenhar o mapa da mente de uma criança, que não apenas é confusa como ainda fica girando o tempo todo. Há linhas em ziguezague no mapa, como num gráfico de temperatura corporal, e elas são, provavelmente, estradas da ilha; pois a Terra do Nunca é sempre mais ou menos uma ilha, com assombrosos salpicos coloridos aqui e ali, e recifes de coral e embarcações suspeitas ao largo, e índios e tocas solitárias, e gnomos que são na maioria alfaiates, e cavernas por entre as quais corre um rio, e príncipes com seis irmãos mais velhos, e uma cabana caindo aos pedaços, e uma velhinha pequenina com nariz curvo. Seria um mapa fácil de fazer, se fosse só isso; mas há também o primeiro dia de escola, religião, pais, o laguinho redondo, trabalho de costura, assassinatos, enforcamentos, verbos com dativo, dia de pudim de chocolate, ganhar suspensórios, dizer “trinta e três” para o médico, receber moeda por arrancar o dente você mesmo, e assim por diante; e todas essas coisas ou fazem parte da ilha ou são

outro mapa que aparece por baixo, e é tudo um tanto confuso, ainda mais porque nada fica parado no lugar.

As Terras do Nunca variam bastante, é claro. A ilha de John, por exemplo, tinha uma laguna com flamingos voando por cima, nos quais John ficava dando tiros, enquanto que a do pequeno Michael tinha um flamingo com lagunas voando por cima. John morava num barco que estava virado de cabeça para baixo na areia, Michael numa tenda indígena e Wendy numa casa feita com folhas habilmente costuradas. John não tinha amigos, Michael tinha amigos à noite e Wendy tinha um lobinho de estimação que fora abandonado pelos pais; em geral, porém, as Terras do Nunca possuem uma aparência meio semelhante, familiar, e se elas se parassem uma do lado da outra você poderia dizer que todas têm o mesmo nariz e assim por diante. Para todo o sempre, crianças imaginativas chegarão a essas praias mágicas em seus barquinhos. Nós também já estivemos lá; ainda podemos ouvir a rebentação das ondas, mas nunca mais desembarcaremos.

De todas as ilhas aprazíveis, a Terra do Nunca é a mais acolhedora e a mais compacta; nem grande nem esparramada, não tem distâncias tediosas entre uma aventura e outra e é repleta de deleites. Quando você brinca nela de dia, com cadeiras e com uma toalha de mesa, a brincadeira não dá nem um pouco de medo, mas nos dois minutos antes de você pegar no sono as coisas se tornam quase reais. É por isso que existem luzes de cabeceira.

Em suas viagens pelas mentes dos filhos, a sra. Darling de vez em quando encontrava coisas que não compreendia, e entre elas o que a deixava mais perplexa era a palavra *Peter*. Ela não conhecia nenhum Peter, e no entanto ele aparecia aqui e ali nas mentes de John e Michael, enquanto que a de Wendy estava começando a ficar toda rabiscada com o nome dele, que se destacava, com letras mais imponentes do que as de todas as outras palavras. Ao observá-lo, a sra. Darling teve a impressão de que o nome tinha uma aparência estranhamente presunçosa.

– Sim, ele é um tanto presunçoso – Wendy admitiu, com desgosto; sua mãe tinha começado a fazer questionamentos.

– Mas quem é ele, meu doce?

– É Peter Pan, mamãe, você sabe.

De início a sra. Darling não soube coisa nenhuma, mas depois de pensar no passado, retrocedendo até sua infância, lembrou-se, sim, de um Peter Pan, de quem se dizia que vivia com as fadas. Existiam histórias esquisitas sobre ele; como a história de que, quando as crianças morriam, ele as acompanhava por um trecho do caminho, para que elas não ficassem com medo. A sra. Darling acreditara nele na época, mas agora, casada, cheia de bom-senso, duvidava muito de que pudesse existir tal pessoa.

– Além do mais – ela disse para Wendy –, ele já seria um homem crescido, a esta altura.

– Ah, não, ele não cresceu – Wendy lhe assegurou com firmeza –, e é bem do meu tamanho.

O que ela quis dizer é que Peter tinha o tamanho dela tanto na mente quanto no corpo; não sabia como podia saber disso, apenas sabia.

A sra. Darling consultou o sr. Darling, mas ele sorriu um sorriso desdenhoso.

– Ouça bem o que vou dizer – ele falou. – É alguma bobagem que Nana andou botando na cabeça deles; é o tipo de ideia que um cachorro costuma ter. Deixe de lado, isso logo passa.

Mas aquilo não passava; e dentro de pouco tempo o importuno menino daria um susto e tanto na sra. Darling.

As crianças vivem as mais estranhas aventuras e nem chegam a se perturbar. Por exemplo, podem se lembrar de mencionar, uma semana depois do acontecido, que quando estiveram na floresta encontraram o falecido pai e jogaram um jogo com ele. Foi com esse tom casual que Wendy fez, certa manhã, uma revelação inquietante. Foram encontradas, no chão do quarto das crianças, umas folhas de árvore que certamente não estavam lá quando ela e seus irmãos tinham ido dormir, e a sra. Darling se intrigava cada vez mais com aquilo quando Wendy disse, com um sorriso tolerante:

– Eu acho que é esse Peter outra vez!

– O que é que você está dizendo, Wendy?

– É uma atitude bem malcriada dele, não limpar os pés – a menina falou, suspirando.

Wendy era uma criança muito asseada. Explicou, de maneira um tanto prosaica, que achava que às vezes Peter entrava no quarto, à noite, e se sentava ao pé de sua cama e tocava flauta para ela. Infelizmente ela nunca acordava, de modo que não sabia como podia saber, apenas sabia.

– Mas que tolice é essa, meu tesouro? Ninguém consegue entrar na casa sem bater na porta.

– Acho que ele entra pela janela – Wendy disse.

– Meu amor, a janela fica no terceiro andar.

– E as folhas não estavam bem embaixo da janela, mamãe?

Isso era mesmo verdade; as folhas tinham sido encontradas muito perto da janela.

A sra. Darling não sabia o que pensar; aquilo tudo parecia ser algo tão natural para Wendy que não era possível dizer que ela estivera sonhando.

– Minha filha – a mãe exclamou –, por que você não me falou disso antes?

– Eu esqueci – Wendy disse, despreocupada; não via a hora de tomar seu café da manhã.

Ela estivera sonhando, só podia ser isso.

Por outro lado, as folhas estavam ali. A sra. Darling examinou-as com o maior cuidado; eram folhas secas, mas ela podia jurar que não vinham de nenhuma das árvores que cresciam na Inglaterra. Engatinhou pelo assoalho, procurando, com uma vela, por marcas de um pé estranho. Chacoalhou o atiçador de brasas dentro da chaminé e deu pancadinhas nas paredes. Desceu uma fita métrica pela janela, até o calçamento; era uma queda livre de nove metros, sem nem mesmo um encanamento pelo qual se pudesse subir.

Não havia dúvida de que Wendy estivera sonhando.

Mas Wendy não estivera sonhando, como se pôde ver logo na noite seguinte, a noite na qual, pode-se dizer, tiveram início as extraordinárias aventuras dessas crianças.

Nessa noite em questão as crianças estavam todas na cama mais uma vez. Aconteceu de ser a noite de folga de Nana, e a sra. Darling dera banho nos filhos e cantara para eles até que os três, um após o outro, soltaram a mão dela e deslizaram rumo à terra do sono.

Os três pareciam tão protegidos e aconchegados que ela até sorriu ao pensar nos temores que vinha tendo e sentou-se tranquilamente junto ao fogo para costurar.

Era algo para Michael, que faria aniversário e passaria a usar camisas. Mas o fogo estava bem quente e as três lamparinas de cabeceira emitiam uma luz branda, e em seguida o material de costura já estava jogado no colo da sra. Darling. Então a cabeça dela pendeu, com muita graciosidade. Adormecera. Vejam só os quatro: Wendy e Michael ali, John aqui, e a sra. Darling junto ao fogo. Faltava uma quarta lamparina para a noite.

Dormindo, ela teve um sonho. Sonhou que a Terra do Nunca tinha se aproximado muito e que um menino estranho escapara de lá. Não ficou assustada, porque achava que já tinha visto o menino antes, no rosto de várias mulheres que não têm filhos. Talvez ele também possa ser visto no rosto de algumas mães. Mas naquele sonho ele rasgara a membrana que esconde a Terra do Nunca, e ela viu Wendy e John e Michael espiando para dentro da fenda.

O sonho em si teria sido algo trivial, mas enquanto ela sonhava a janela se escancarou de súbito, e um menino pulou mesmo para dentro. Ele estava acompanhado por uma luz estranha, não maior do que um punho pequeno, que disparava para lá e para cá, no quarto, como se fosse uma coisa viva; e eu acho que essa luz deve ter sido o que despertou a sra. Darling.

Ela se levantou com um grito, e viu o menino, e de certa forma soube, no mesmo instante, que aquele era Peter Pan. Se você ou eu ou

Wendy tivéssemos presenciado a cena, teríamos visto que ele era bem parecido com o beijo da sra. Darling. Era um menino encantador, vestido com folhas secas e com os sucos que escorrem dos troncos das árvores; mas a coisa mais arrebatadora nele era o fato de que ainda tinha todos os dentes de leite. Quando Peter viu que estava diante de uma adulta, fez uma careta, arredio, e exibiu essas pequenas pérolas.

CAPÍTULO II

A SOMBRA

A sra. Darling gritou e, como que em resposta ao chamado de um sino, a porta se abriu e Nana entrou, retornando de sua noite de folga. Nana rosnou e saltou na direção do menino, que agilmente pulou para fora pela janela. De novo a sra. Darling gritou, desta vez por preocupação pelo garoto, pois pensou que ele estaria morto, e então correu para baixo, até a rua, para procurar o pequeno corpo, mas ele não estava lá; então olhou para cima, e na noite negra não pôde ver nada além do que lhe pareceu ser uma estrela cadente.

Ela voltou para o quarto e viu que Nana tinha algo na boca, e logo ficou constatado que se tratava da sombra do menino. Quando ele ia pulando pela janela, Nana a fechara rapidamente, tarde demais para pegá-lo, mas sua sombra não tivera tempo de escapar; a janela bateu com força e separou os dois.

Não tenha dúvida, a sra. Darling examinou a sombra com o maior cuidado; mas era um tipo bem comum de sombra.

Nana tinha certeza quanto ao que seria melhor fazer com aquele vulto. Ela o pendurou para fora da janela, querendo dizer: “O garoto sem dúvida vai voltar para recuperar sua sombra; vamos deixá-la aqui, ele pode pegá-la com facilidade e as crianças não serão perturbadas”.

Infelizmente, porém, a sra. Darling não quis deixá-la ali na janela; parecia roupa pendurada para secar, e destoava muito do estilo da casa. Ela pensou em mostrar a sombra ao sr. Darling, mas ele estava somando os custos dos sobretudos de inverno de John e Michael, com uma toalha molhada enrolada na cabeça para manter o cérebro limpo, e seria uma pena incomodá-lo; além disso, ela sabia exatamente o que o marido iria dizer: “É isso o que acontece quando se tem uma cadela como babá”.

Ela decidiu enrolar a sombra e guardá-la com cuidado numa gaveta, até que surgisse uma oportunidade adequada para contar ao sr. Darling. Que coisa!

A oportunidade surgiu uma semana depois, na sexta-feira que nunca mais seria esquecida. Era uma sexta-feira, é claro.

– Eu devia ter agido com mais cuidado numa sexta-feira – a sra. Darling vez por outra diria ao marido, tempos depois, com Nana, talvez, segurando a mão dela ao lado.

– Não, não – o sr. Darling sempre dizia –, eu sou o responsável por tudo. Eu, George Darling, sou o culpado. *Mea culpa, mea culpa.*

Ele tivera uma educação clássica.

Os três se sentavam assim, noite após noite, rememorando aquela sexta-feira trágica, até que todos os detalhes ficassem estampados em seus cérebros, no lado de fora e no lado de dentro, como a imagem de um rosto numa moeda defeituosa.

– Se eu não tivesse aceitado o convite para jantar no número 27 – a sra. Darling dizia.

– Se eu não tivesse colocado o meu remédio na tigela de Nana – dizia o sr. Darling.

– Se eu tivesse fingido gostar do remédio – era o que diziam os olhos aguados de Nana.

– Minha paixão por festas, George.

– Meu trágico senso de humor, querida.

– Minha suscetibilidade em relação a ninharias, caros patrões.

Em seguida eles caíam em desespero. Nana pensava: “É verdade, é verdade, eles não deviam ter uma cadela como babá”. Muitas vezes era o sr. Darling quem enxugava os olhos de Nana com um lenço.

– Aquele demônio! – o sr. Darling costumava gritar, tendo o latido de Nana como eco.

Mas a sra. Darling nunca censurava Peter; havia algo no canto direito de sua boca que não a deixava xingar o menino.

Eles ficavam sentados no quarto das crianças, um quarto vazio, relembando com ternura os mínimos detalhes daquela sexta-feira terrível. A noite começara tão calma, tão exatamente igual a cem outras noites, com Nana preparando a água para o banho de Michael e carregando-o nas costas até a banheira.

– Não vou para a cama! – ele berrara, achando que tinha a última palavra naquele assunto. – Não vou, não vou. Nana, não são seis horas ainda. Ah, não, ah, não, eu não vou mais gostar de você, Nana. Não quero tomar banho, está ouvindo? Não quero, não quero!

Então a sra. Darling entrara no quarto, usando seu vestido de gala branco. Ela se vestira mais cedo porque Wendy adorava vê-la em seu vestido de gala, com o colar que George lhe dera de presente. E estava usando o bracelete de Wendy; tinha solicitado o empréstimo dele. Wendy adorava emprestar seu bracelete para a mãe.

Ela encontrara os dois filhos mais velhos brincando, fazendo de conta que eram ela própria e o pai, na ocasião do nascimento de Wendy, e John estava dizendo:

– Tenho a satisfação de lhe informar, sra. Darling, que a senhora é agora uma mãe – num tom que era bem o mesmo tom que o próprio sr. Darling devia ter empregado na ocasião real.

Wendy dançara com alegria, bem como a sra. Darling real devia

ter feito.

Então nascera John, com a pompa extra que ele julgava ser apropriada para um nascimento masculino, e Michael voltara de seu banho a fim de pedir para nascer também, mas John disse, com brutalidade, que eles não queriam mais filhos.

Michael quase chorou.

– Ninguém me quer – ele falou, e a dama do vestido de gala não aguentou aquilo, é claro.

– Eu quero – ela disse –, eu quero tanto um terceiro filho.

– Menino ou menina? – perguntou Michael, não muito esperançoso.

– Menino.

Então ele pulara nos braços dela. Uma coisinha de nada para o sr. Darling e sua esposa e Nana recordarem agora, mas não tão insignificante para o caso de aquela ter sido a última noite de Michael na casa.

Eles se aprofundavam nas recordações.

– Foi nesse momento que eu entrei, voando como um tornado, não foi? – o sr. Darling perguntava, menosprezando-se; e ele tinha mesmo voado como um tornado.

Talvez houvesse um motivo para o sr. Darling ter entrado daquela maneira. Ele também estivera se vestindo para a festa, e tudo corraera bem até o momento em que teve de lidar com a gravata. É uma coisa assombrosa de se dizer, mas esse homem, embora soubesse tudo sobre fundos e ações, não exercia pleno domínio sobre sua gravata. Às vezes aquela coisa se rendia nas mãos dele sem confrontação, mas havia ocasiões nas quais seria benéfico para a casa toda se ele engolissem seu orgulho e usasse uma gravata de nó pronto.

Foi numa dessas ocasiões. Ele entrou voando no quarto, trazendo na mão uma gravata rebelde e amassada.

– Ora, qual é o problema, querido?

– Problema! – ele gritou; gritou de verdade. – Esta gravata, ela se recusa a agir como gravata – continuou, perigosamente sarcástico. – Não quer ficar no meu pescoço! Quer ficar no balaústre da cama! Sim, vinte vezes eu fiz o nó no balaústre da cama, mas no meu pescoço é impossível! Ah, não, não! Ela simplesmente se recusa!

Ele achou que a sra. Darling não ficara devidamente impressionada, e prosseguiu, com gravidade:

– Estou avisando, mãe: a não ser que esta gravata se ajeite no meu pescoço, não vamos ao jantar hoje, e, se eu não for ao jantar hoje, nunca mais vou para o escritório, e, se eu nunca mais for para o escritório, você e eu vamos passar fome, e os nossos filhos terão de viver nas ruas.

A sra. Darling manteve sua placidez mesmo assim.

– Deixe-me tentar, querido – ela disse, e na verdade era isso o que ele queria pedir desde o começo; e com suas mãos macias e frescas ela amarrou a gravata para o marido, enquanto as crianças esperavam, paradas em volta, pelo destino que lhes caberia.

Alguns homens teriam ficado ressentidos com uma mulher que fosse capaz de dar um nó de gravata com tanta facilidade, mas o sr. Darling era diferente, era um homem bom por natureza; ele agradeceu sem a menor preocupação e esqueceu por completo sua raiva, e no instante seguinte já estava dançando pelo quarto, carregando Michael nas costas.

– Que folia maluca nós fizemos! – dizia a sra. Darling agora, rememorando tudo.

– Nossa última folia! – o sr. Darling gemia.

– Ah, George, você lembra o que Michael me disse de repente? “Como foi que você me conheceu, mamãe?”

– Eu lembro!

– Eles estavam tão queridos, não é mesmo, George?

– E eram nossos, nossos, e agora se foram.

A folia acabara com a chegada de Nana, e de forma muito azarada o sr. Darling colidiu com ela, o que deixou suas calças cobertas de pelos. As calças não eram apenas novas, eram as primeiras calças com debrum que tivera na vida, e ele teve de morder o lábio para evitar um jorro de lágrimas. A sra. Darling o escovou, é claro, mas ele começou a falar sobre o erro que era ter uma cadela como babá.

– George, Nana é um tesouro.

– Sem dúvida, mas eu tenho a desconfortável sensação de que por vezes ela pensa que as crianças são cachorrinhos.

– Não, meu querido, estou certa de que ela sabe que as crianças têm alma.

– Será? – o sr. Darling perguntou, pensativo. – Será?

Sua esposa sentiu que era uma oportunidade para contar sobre o menino. De início ele não deu muita atenção à história, mas ficou pensativo quando ela lhe mostrou a sombra.

– Não é ninguém que eu conheça – ele dissera, examinando a sombra com cuidado –, mas ele parece ser um patife.

– Nós estávamos discutindo aquilo, lembra? – dizia agora o sr. Darling. – Foi quando Nana entrou, com o remédio de Michael. Você nunca mais poderá carregar o frasco na boca, Nana, e é tudo culpa minha.

Embora fosse um homem forte, não há dúvida de que agira de modo bastante tolo quanto ao remédio. Se ele tinha uma fraqueza, era a de pensar que por toda a vida tomara remédio com valentia; e naquele momento, quando Michael se esquivou da colher que Nana

tinha na boca, ordenou, em reprovação:

– Seja homem, Michael.

– Não quero, não quero – Michael exclamava, desobediente.

A sra. Darling saiu do quarto a fim de pegar um chocolate para o menino, e o sr. Darling considerou que isso demonstrava falta de firmeza.

– Mãe, não o mime! – gritou para ela. – Michael, quando eu tinha a sua idade eu tomava remédio e não resmungava nem um pouco. Eu dizia: “Obrigado, pai e mãe, por me darem estes frascos que me fazem bem”.

Ele realmente pensava que isso era verdade, e Wendy, que já estava de camisola, acreditava nisso também, e ela disse, para encorajar Michael:

– Aquele remédio que você toma às vezes, papai, tem um gosto muito pior, não tem?

– Mil vezes pior – disse o sr. Darling, com bravura na voz –, e eu o tomara agora, como um exemplo para você, Michael, se não tivesse perdido o frasco.

Ele não tinha de fato perdido o frasco; na calada da noite, escalara o guarda-roupa até o topo e o escondera ali. O que ele não sabia era que a correta Liza o encontrara e o colocara de volta na prateleira do lavabo.

– Eu sei onde ele está, papai – Wendy exclamou, contente, como sempre, por poder ajudar. – Vou buscá-lo – e se foi, antes que ele pudesse impedi-la.

O ânimo do sr. Darling se esvaiu na hora, do modo mais estranho.

– John – ele falou, estremecendo –, é a coisa mais nojenta. É daquele tipo repugnante, gosmento, doce.

– Vai acabar logo, papai – John disse, como consolo.

E então Wendy surgiu de volta, correndo, com o remédio num copo.

– Corri o mais rápido que pude – ela arquejou.

– Você foi admiravelmente rápida – seu pai retrucou, com uma polidez vingativa que descarregou em cima dela. – Michael primeiro – ordenou, teimoso.

– Papai primeiro – disse Michael, que era desconfiado por natureza.

– Posso acabar passando mal, sabiam? – falou o sr. Darling, ameaçador.

– Vamos lá, papai – disse John.

– Feche o bico – seu pai ordenou.

Wendy estava um tanto intrigada.

– Achei que você o tomava sem dificuldade, papai.

– A questão não é essa – ele retrucou. – A questão é que o meu copo tem mais remédio do que a colher de Michael.

Seu coração orgulhoso estava quase saindo pela boca.

– E não é justo; eu faria questão de dizer isso mesmo se estivesse dando o meu último suspiro; não é justo.

– Papai, estou esperando – disse Michael, com frieza.

– É muito fácil dizer que você está esperando; eu também estou esperando.

– O papai não é de nada.

– Você também não é de nada.

– Não estou com medo.

– Eu tampouco estou com medo.

– Pois bem, tome então.

– Pois bem, tome você.

Wendy teve uma ideia esplêndida.

– Que tal os dois tomarem ao mesmo tempo?

– Ótimo – disse o sr. Darling. – Preparado, Michael?

Wendy fez a contagem, um, dois, três, e Michael tomou seu remédio, mas o sr. Darling escondeu o seu atrás das costas.

Houve um grito de fúria de Michael, e um “Ah, papai!” foi exclamado por Wendy.

– Como assim “Ah, papai?” – o sr. Darling questionou. – Feche o bico, Michael. Eu quis tomar o meu, mas eu... eu me atrapalhei na contagem.

Era horroroso o jeito com que os três estavam olhando para ele, como se não o admirassem nem um pouco.

– Ouçam uma coisa, todos vocês – ele disse, sedutor, assim que Nana entrou no banheiro. – Acabo de ter uma ideia esplêndida, uma brincadeira. Vou derramar meu remédio no pote de Nana, e ela vai tomar, pensando que é leite!

A cor era de leite; mas as crianças não tinham o senso de humor do pai, e o encararam com reprovação enquanto ele derramava o remédio no pote de Nana.

– Que divertido – ele disse, hesitante, e eles não ousaram contar nada quando a sra. Darling e Nana retornaram.

– Nana, que cadelinha boa você é – ele falou, dando tapinhas leves nela –, botei um pouco de leite no seu pote, Nana.

Nana abanou o rabo, correu em direção ao remédio e começou a lambê-lo. Então dirigiu ao sr. Darling um olhar singular, não um olhar de raiva: exibiu a ele o lacrimejo avermelhado que nos faz sentir tanta pena dos cachorros nobres, e se arrastou para dentro de sua casinha.

O sr. Darling estava terrivelmente envergonhado, mas não cedeu. Num silêncio horrível, a sra. Darling cheirou o pote.

– Ah, George – ela disse –, é o seu remédio!

– Foi só uma brincadeira – ele grunhiu, enquanto a sra. Darling consolava seus meninos e Wendy abraçava Nana.

– Não adianta nada eu me matar tentando ser engraçado nesta casa – ele disse, amargo.

E Wendy continuou abraçando Nana.

– Isso! – o sr. Darling gritou. – Paparique a cadela! Eu nunca sou paparicado por ninguém. Ah não, não! Sou quem garante o pão de todos os dias, por que é que alguém deveria me paparicar, por quê, por quê, por quê!

– George – a sra. Darling lhe implorou –, não tão alto; os criados vão ouvir.

De algum jeito eles haviam adquirido o costume de chamar Liza de “os criados”.

– Eles que ouçam – ele respondeu, destemido. – Chamem o mundo inteiro para ouvir. Mas me recuso a permitir que essa cadela administre este quarto por uma hora a mais que seja!

As crianças choravam e Nana correu até o sr. Darling, suplicante, mas ele a rechaçou. Sentiu que era um homem forte outra vez.

– Em vão, em vão! – ele exclamou. – O lugar apropriado, para você, é o quintal, e é para lá que você vai neste instante, e vai ficar amarrada.

– George, George – a sra. Darling cochichou –, lembre o que eu lhe contei sobre aquele menino.

Que coisa, ele não ouvia nada. Estava determinado a mostrar quem era o governante naquela casa, e, quando suas ordens de comando não conseguiram tirar Nana da casinha, ele a atraiu para fora com palavras melífluas, e, agarrando-a com brutalidade, saiu do quarto com ela. Estava envergonhado, mas mesmo assim prosseguiu. Tudo se devia à sua natureza passional, que ansiava por admiração. Quando terminou de amarrá-la no quintal dos fundos, o arruinado pai foi se sentar no corredor, a cabeça escorada nas mãos, os olhos nos punhos fechados.

Enquanto isso a sra. Darling colocara as crianças na cama, em meio a um silêncio que não era comum, e acendera as luzes de cabeceira. Podia-se ouvir Nana latindo, e John choramingou:

– É porque o papai está acorrentando ela no quintal.

Mas Wendy era mais esperta:

– Nana não late assim quando está triste – ela disse, mal sabendo o que estava por vir. – Ela late assim quando fareja perigo.

Perigo!

– Você tem certeza, Wendy?

– Muita certeza.

A sra. Darling estremeceu e foi até a janela. Estava bem fechada e

segura. Olhou para fora e a noite estava pontilhada de estrelas. Elas estavam se aglomerando em torno da casa, como que curiosas para ver o que ocorreria ali, mas a sra. Darling não se deu conta disso, nem de que uma ou duas das estrelas menores piscaram para ela. Mesmo assim, um medo inexplicável tomou conta de seu coração e a fez exclamar:

– Ah, como eu gostaria de não ter de ir a uma festa hoje!

Até mesmo Michael, que já estava quase dormindo, viu que ela estava perturbada, e perguntou:

– É possível que alguma coisa nos faça mal, mamãe, quando as luzes de cabeceira estão acesas?

– É impossível, meu tesouro, elas são os olhos que as mães deixam de guarda para zelar pelos filhos.

A sra. Darling passou por cada uma das camas, falando palavras encantadas, e o pequeno Michael esticou os braços em torno dela.

– Mamãe – ele exclamou –, você me faz feliz!

Foram as últimas palavras que ela ouviu dele, durante muito tempo.

O número 27 ficava a apenas poucos metros dali, mas havia caído um pouquinho de neve, e Papai e Mamãe Darling caminharam sobre ela com muita habilidade para não sujar os sapatos. Eram as únicas pessoas na rua, àquela altura, e todas as estrelas olhavam para eles. As estrelas são lindas, mas não podem participar ativamente de nada; elas só podem ficar olhando para sempre. É uma punição que foi aplicada a elas por algo que fizeram no passado, tanto tempo atrás que hoje em dia nenhuma estrela sabe mais o que foi. E as mais velhas ficaram com o olhar um pouco prejudicado e raramente falam (piscar é a linguagem das estrelas), mas as mais novinhas ainda fazem questionamentos. Não são muito amigáveis com Peter, que tem um costume malvado de se colocar atrás delas, sem ser visto, e de tentar apagá-las com assopros; mas elas gostam tanto de se divertir que ficaram torcendo por ele naquela noite, ansiosas por tirar os adultos do caminho. E por isso, assim que a porta da casa 27 se fechou atrás do sr. e da sra. Darling, houve uma comoção no firmamento, e a menorzinha de todas as estrelas da Via Láctea gritou bem alto:

– Agora, Peter!

CAPÍTULO III

VENHAM, VENHAM!

Por algum tempo, depois da saída do sr. e da sra. Darling, as luzes de cabeceira continuaram a emitir uma boa claridade sobre as camas das três crianças. Eram luzinhas de cabeceira incrivelmente adoráveis, e ninguém deixaria de desejar que pudessem ficar acordadas para ver Peter; mas a luz de Wendy deu uma piscada e bocejou de tal modo que as outras duas bocejaram também, e antes mesmo de chegarem a fechar sua boca as três já estavam apagadas.

Havia uma outra luz no quarto agora, mil vezes mais brilhante do que as luzes de cabeceira, e, no pequeno tempo que levamos para dizer o que acabamos de dizer, ela vasculhou todas as gavetas do aposento, procurando pela sombra de Peter, inspecionou o guarda-roupa e virou todos os bolsos do avesso. Não era bem uma luz, na verdade; ela emitia essa luz disparando para lá e para cá com muita rapidez, mas quando decidia descansar por um segundo você podia ver que era uma fada, não maior do que uma mão pequena, mas que ainda iria crescer. Era uma menina chamada Sininho, e trajava um requintado vestido de folha seca, de corte reto e aberto, que permitia uma bela exibição de sua figura. Ela tinha uma ligeira tendência a ganhar peso.

Momentos depois da entrada da fada, a janela se escancarou com o soprar das estrelinhas e Peter pulou para dentro. Ele tinha carregado Sininho por um trecho do trajeto, e sua mão ainda estava meio suja com poeira de fada.

– Sininho – ele chamou, em voz baixa, depois de se certificar de que as crianças estavam dormindo –, Sininho, onde você está?

Ela estava dentro de uma jarra naquele momento, e estava extremamente empolgada; nunca entrara numa jarra antes.

– Ah, por favor, saia dessa jarra e me diga, você sabe onde eles colocaram a minha sombra?

O tilintar mais encantador do mundo, um som de sinos de ouro, foi a resposta que ele recebeu. É a linguagem das fadas. Vocês, crianças comuns, jamais ouvem essa linguagem, mas, se chegassem a ouvi-la, saberiam que já tinham ouvido aquilo antes.

Sininho disse que a sombra estava na caixa grande. Ela estava se referindo à cômoda com gavetas, e Peter disparou até as gavetas,

espalhando o que havia nelas no chão, usando as duas mãos, como um rei que joga moedas para a multidão. Num instante recuperou sua sombra, e, em meio a seu êxtase, não percebeu que havia deixado Sininho presa dentro da gaveta.

Se Peter chegou a pensar alguma coisa, e não creio que tenha pensado, foi que ele e sua sombra, quando se tocassem, acabariam se unindo como gotas de água; quando isso não ocorreu, ficou apavorado. Tentou colar a sombra com sabonete do banheiro, mas isso tampouco deu certo. Um tremor percorreu seu corpo, e ele sentou no chão e chorou.

Seus soluços acordaram Wendy, e ela se sentou na cama. Não ficou assustada por ver um estranho chorando no chão de seu quarto; ficou prazerosamente interessada naquilo.

– Menino – ela falou, de modo educado –, por que você está chorando?

Peter também sabia ser extremamente educado, tendo aprendido tudo sobre boas maneiras em cerimônias de fadas; colocou-se de pé e curvou-se perante ela com muito garbo. Ela ficou bem satisfeita com aquilo, e, na cama, curvou-se perante ele com muito garbo.

– Como você se chama? – ele perguntou.

– Wendy Moira Angela Darling – ela respondeu, com certa satisfação. – E como você se chama?

– Peter Pan.

Ela já tinha certeza de que ele devia ser Peter, mas, em comparação com o dela, era um nome curto.

– Só isso?

– Sim – ele disse, um tanto ríspido; percebeu, pela primeira vez, que tinha um nome meio curto.

– Sinto muitíssimo – disse Wendy Moira Angela.

– Não tem importância – Peter engoliu em seco.

Ela quis saber onde ele morava.

– Segunda à direita – disse Peter –, e depois sempre em frente, até o amanhecer.

– Que endereço engraçado!

Peter sentiu um desânimo. Pela primeira vez ele percebeu que seu endereço talvez fosse engraçado.

– Não, não é – ele disse.

– Quer dizer – Wendy falou, com gentileza, lembrando que era anfitriã de Peter –, é isso que escrevem nas cartas que você recebe?

Ele desejou que ela não tivesse falado de cartas.

– Não recebo cartas – disse, em tom de desprezo.

– E a sua mãe não recebe cartas?

– Não tenho mãe – ele falou.

Peter não apenas não tinha mãe: não tinha o menor desejo de ter

uma. Achava que mães eram pessoas superestimadas. Wendy, no entanto, sentiu de imediato que estava diante de uma tragédia.

– Ah, Peter, não é de espantar que você estivesse chorando – ela disse, e saiu da cama e correu até ele.

– Eu não estava chorando por causa de mães – ele disse, um tanto indignado. – Estava chorando porque não consigo grudar de volta a minha sombra. E além do mais eu nem estava chorando.

– A sombra se soltou?

– Sim.

Então Wendy viu a sombra no chão, com uma aparência de coisa encharcada, e ficou terrivelmente condoída por Peter.

– Que horrível! – disse, mas não conseguiu deixar de sorrir quando percebeu que ele havia tentado colar a sombra com sabonete; tão típico de um menino!

Por sorte ela logo soube o que era preciso fazer.

– É preciso costurar – ela disse, num leve tom de autoridade.

– Costurar o quê? – ele perguntou.

– Você é incrivelmente ignorante.

– Não, não sou.

Mas ela exultava com a ignorância do menino.

– Vou costurá-la para você, meu jovem – falou, embora ele fosse tão alto quanto ela; e pegou sua caixa de costura e começou a costurar a sombra para prendê-la ao pé de Peter.

– Arrisco dizer que vai doer um pouco – ela advertiu.

– Ah, não vou chorar – disse Peter, que já recuperara a crença de que nunca tinha chorado na vida.

E ele fez força com os dentes e não chorou; e em seguida sua sombra voltou a se comportar como sombra, embora ainda estivesse um pouco amarrotada.

– Acho que poderia ter ficado melhor se eu tivesse passado a sombra a ferro – Wendy disse, pensativa.

Mas Peter, menino que era, não dava importância às aparências, e estava agora pulando de um lado para o outro com uma alegria selvagem. Que coisa, já esquecera que devia sua ventura a Wendy. Achou que ele mesmo tivesse colocado a sombra de volta no lugar.

– Que esperto que eu sou – vangloriou-se, jubiloso –, ah, a minha esperteza!

É humilhante ter de confessar que essa soberba de Peter era uma de suas qualidades mais fascinantes. Para dizer com a mais brutal franqueza: nunca houve um menino mais presunçoso.

Naquele momento, porém, Wendy ficou chocada.

– Mas que convencido – ela exclamou, com enorme sarcasmo. – E eu não fiz nada, é claro!

– Você fez um pouquinho – Peter disse, indiferente, e continuou

dançando.

– Um pouquinho! – ela retrucou, com altivez. – Se não sirvo para nada, só o que posso fazer é me retirar.

E Wendy se dirigiu até a cama com a maior dignidade e se deitou e cobriu o rosto com as cobertas.

Para fazer com que ela voltasse a olhar para fora, Peter fingiu que estava indo embora, e quando isso falhou ele se sentou na extremidade da cama e chutou Wendy bem de leve com o pé.

– Wendy – ele disse –, não se retire. Não consigo evitar, Wendy, fico presunçoso quando estou feliz comigo mesmo.

Ela mesmo assim não olhou para fora, embora estivesse ouvindo com avidez.

– Wendy – ele continuou, com uma voz à qual nenhuma mulher jamais foi capaz de resistir –, Wendy, uma menina vale mais do que vinte meninos.

Wendy era agora uma mulher de corpo inteiro, embora tivesse um corpo bem pequeno; ela espiou para fora das cobertas.

– Você acha isso mesmo, Peter?

– Sim, eu acho.

– Acho que é extremamente gentil de sua parte dizer isso – Wendy declarou –, e vou me levantar de novo.

E ela se sentou com ele na extremidade da cama. E disse também que lhe daria um beijo se ele quisesse, mas Peter não entendeu o que ela quis dizer e estendeu a palma da mão, esperando receber alguma coisa.

– Você certamente sabe o que é um beijo – ela falou, embasbacada.

– Vou saber quando você me der um – ele retrucou, sério.

Para não magoá-lo, Wendy lhe deu um dedal.

– E agora eu devo dar um beijo para você? – ele perguntou.

E ela respondeu, com certa afetação:

– Se for do seu agrado.

Wendy se ofereceu um pouco além do limite, inclinando-se e aproximando seu rosto de Peter, mas ele meramente depositou na mão dela um botão feito de bolota de carvalho; então ela recuou o rosto até o lugar de origem, devagar, e disse de modo gentil que usaria aquele beijo em sua correntinha de pescoço. Foi uma sorte que Wendy tenha colocado o botão na correntinha, pois mais tarde ele salvaria sua vida.

Quando pessoas de nosso meio são apresentadas umas às outras, é habitual que uma pergunte a idade da outra, e assim Wendy, que sempre fazia questão de agir de modo correto, perguntou a Peter quantos anos ele tinha. Não foi uma pergunta muito apropriada para se fazer a ele, na verdade; foi como um teste de escola que exige conhecimentos de gramática quando você está preparado mesmo é

para escrever sobre os reis da Inglaterra.

– Eu não sei – ele respondeu, com desconforto –, mas sou bastante jovem.

Peter realmente não sabia nada a respeito; tinha apenas suspeitas, e disse ao acaso:

– Wendy, eu fugi de casa no dia em que nasci.

Wendy ficou um tanto surpresa, mas se interessou; e, demonstrando uma encantadora intimidade com procedimentos sociais, indicou, com um toque sobre sua camisola, que Peter podia sentar mais perto dela.

– Foi porque ouvi meu pai e minha mãe – ele explicou, numa voz baixa – falando sobre o que eu seria quando me tornasse um homem.

Ele estava extraordinariamente agitado agora.

– Eu não quero me tornar um homem nunca – disse, veemente. – Quero ser um menino e me divertir para sempre. Então fugi e fui até o Kensington Gardens e vivi um longo, longo tempo entre as fadas.

Ela lhe lançou um olhar de intensa admiração, e Peter achou que era porque ele havia fugido, mas, na verdade, era porque ele conhecia fadas. Wendy vivera uma vida tão ordeira que o fato de ele conhecer fadas lhe pareceu ser algo maravilhoso. Começou a disparar perguntas sobre elas, o que foi surpreendente para Peter, porque as fadas ficavam sempre aborrecendo sua vida, atrapalhando as coisas e assim por diante, e de fato ele por vezes teve de dar uma tremenda surra nelas. De um modo geral, porém, ele gostava delas, e falou a Wendy sobre o surgimento das fadas.

– Veja só, Wendy: quando o primeiro bebê deu sua primeira risada, seu riso se espatifou em mil pedaços, e esses pedaços saíram saltitando em todas as direções, e foi assim que surgiram as fadas.

Que conversa mais tediosa. Menina caseira que era, porém, Wendy estava gostando.

– E assim – Peter prosseguiu, bem-disposto –, deveria existir uma fada para cada menino e menina.

– Deveria? Não existe?

– Não. Veja, as crianças sabem de muitas coisas hoje em dia, elas logo deixam de acreditar em fadas, e a cada vez que uma criança diz “Eu não acredito em fadas”, uma fada cai morta em algum lugar.

Francamente, Peter achava que agora eles já tinham conversado o suficiente sobre fadas, e se deu conta de que Sininho se mantinha muito quieta.

– Não faço ideia de onde ela pode ter se metido – ele disse, levantando-se, e chamou por Sininho.

O coração de Wendy palpitou com uma emoção súbita.

– Peter – ela exclamou, agarrando-o –, não me diga que há uma fada neste quarto!

– Ela estava aqui até pouco tempo atrás – ele falou, um pouco impaciente. – Você não está ouvindo ela, está?

E os dois ficaram escutando.

– O único som que eu ouço – disse Wendy – é como um tilintar de sinos.

– Bem, essa é Sininho, essa é a linguagem das fadas. Acho que estou ouvindo também.

O som vinha da cômoda, e Peter exibiu uma face sorridente. Ninguém conseguiria parecer tão sorridente quanto Peter, e sua risada era o murmurar de água mais adorável do mundo. Ele ainda tinha sua primeira risada.

– Wendy – ele sussurrou, alegre –, creio que a deixei presa na gaveta!

Peter libertou a pobre Sininho e ela saiu voando pelo quarto, berrando com fúria.

– Você não deveria dizer coisas assim – Peter retrucou. – É claro que sinto muito, mas como é que eu poderia saber que você estava na gaveta?

Wendy nem ouvia o que ele falava.

– Ah, Peter – ela exclamou –, se ao menos ela ficasse parada e me deixasse vê-la!

– Elas dificilmente ficam paradas – ele disse, mas por um momento Wendy pôde ver aquela romântica figura descansando no relógio cuco.

– Ah, que linda! – ela gritou, embora o rosto de Sininho ainda estivesse distorcido pela raiva.

– Sininho – disse Peter, num tom afetuoso –, esta dama está dizendo que gostaria que você fosse a fada dela.

Sininho respondeu com insolência.

– O que ela disse, Peter?

Ele teve de traduzir.

– Ela não é muito educada. Disse que você é uma menina enorme e feia, e que ela pertence a mim.

Ele tentou argumentar com Sininho.

– Você sabe que não pode ser minha fada, Sininho, porque eu sou um cavalheiro e você é uma dama.

A isso Sininho respondeu com as seguintes palavras:

– Burro idiota.

E desapareceu banheiro adentro.

– Ela é uma fada bastante comum – Peter explicou, desculpando-se. – É uma fada funileira, remenda caldeiras e painéis.

Os dois se sentaram na poltrona, e Wendy o metralhou com mais questões.

– Você não mora no Kensington Gardens agora...

– Às vezes sim, ainda.

– Mas onde você mora na maior parte do tempo?

– Eu moro com os meninos perdidos.

– Quem são eles?

– São crianças que caem de seus carrinhos quando a babá não está olhando. Se ninguém procura por eles em sete dias, são enviados para bem longe, para a Terra do Nunca, para arcar com as despesas. Eu sou o capitão deles.

– Que divertido deve ser!

– Sim – disse o ardiloso Peter –, mas somos muito solitários. Não temos companhia feminina, sabe?

– Entre as crianças não há nenhuma menina?

– Não, não; meninas, você sabe, são espertas demais e não caem de seus carrinhos.

Isso lisonjeou Wendy tremendamente.

– Eu acho – ela disse – extremamente adorável o seu jeito de falar sobre meninas; John, aquele ali, simplesmente nos despreza.

Em resposta a isso, Peter se levantou e chutou John para fora da cama, com as cobertas e tudo; um chute apenas. Wendy considerou que aquilo era um tanto agressivo para um primeiro encontro, e lhe afirmou, com vivacidade, que ele não era capitão naquela casa. Entretanto, John continuou dormindo no chão com grande placidez, e ela autorizou a permanência de Peter.

– E sei que sua intenção era boa – Wendy disse, amolecendo –, e por isso você pode me dar um beijo.

Por um momento ela se esquecera da ignorância de Peter quanto a beijos.

– Pensei mesmo que você iria pedi-lo de volta – ele disse, com certa amargura, e se dispôs a devolver o dedal.

– Ah, não – disse a querida Wendy –, eu não quis dizer “beijo”, quis dizer “dedal”.

– O que é isso?

– É assim.

Ela o beijou.

– Divertido! – afirmou Peter, com ar grave. – Devo lhe dar um dedal agora?

– Se você quiser – disse Wendy, mantendo a cabeça ereta dessa vez.

Peter dedalou Wendy, e quase de imediato ela deu um grito.

– O que foi, Wendy?

– Tive a nítida sensação de que alguém puxou o meu cabelo.

– Só pode ter sido Sininho. Eu nunca tinha visto ela se comportar tão mal.

E de fato ali estava Sininho disparando pelo quarto de novo,

usando linguagem ofensiva.

– Ela disse que vai fazer isso com você, Wendy, toda vez que eu lhe der um dedal.

– Mas por quê?

– Por que, Sininho?

Sininho respondeu de novo:

– Burro idiota.

Peter não conseguiu entender por que, mas Wendy entendeu; e ela ficou um tantinho desapontada quando ele admitiu ter vindo até a janela do quarto não para vê-la, mas para ouvir histórias.

– Eu não conheço histórias, sabe? Nenhum dos meninos perdidos conhece uma história sequer.

– Que coisa extremamente horrível – Wendy disse.

– Você sabe – Peter perguntou – por que é que as andorinhas constroem seus ninhos no beiral das casas? É para ouvir as histórias. Ah, Wendy, a sua mãe estava contando uma história tão encantadora.

– Que história era?

– Era sobre o príncipe que não conseguia encontrar a donzela que usava o sapatinho de cristal.

– Peter – falou Wendy, excitada –, era a história de Cinderela, e ele a encontrou, e eles viveram felizes para sempre.

Peter ficou tão feliz que se levantou do chão, onde tinham se sentado, e correu até a janela.

– Aonde você vai? – ela exclamou, apreensiva.

– Vou contar aos outros meninos.

– Não vá, Peter – ela implorou. – Eu conheço tantas e tantas histórias.

Isso foi precisamente o que ela falou, então não há como negar que foi ela quem primeiro tentou Peter.

Ele voltou, e havia um olhar cobiçoso em sua expressão agora, algo que poderia alarmá-la mas não alarmou.

– Ah, as histórias que eu poderia contar para os meninos! – ela exclamou.

E então Peter a pegou pelo braço e começou a arrastá-la na direção da janela.

– Me solte! – ela ordenou.

– Wendy, venha por favor comigo, conte aos outros meninos.

Ela ficou muito lisonjeada com o convite, é claro, mas disse:

– Ah, não, eu não posso. Pense na mamãe! E além disso eu não sei voar.

– Eu ensino a você.

– Ah, que encantador é voar!

– Ensino a você como pular nas costas do vento, e aí lá vamos nós.

– Aaah! – ela exclamou, extasiada.

– Wendy, Wendy, em vez de estar dormindo nessa sua cama boba você poderia estar voando sem direção comigo, dizendo coisas engraçadas para as estrelas.

– Aaah!

– E, Wendy, existem sereias.

– Sereias! Com caudas?

– Caudas muito compridas.

– Poder ver uma sereia! – gritou Wendy.

Peter tinha ficado terrivelmente ardiloso.

– Wendy – ele disse –, nós todos teríamos um respeito enorme por você.

Ela se contorcia de angústia. Era mais ou menos como se ela estivesse se esforçando para permanecer no quarto.

Mas Peter não teve pena dela.

– Wendy – ele falou –, você poderia nos colocar na cama para dormir, de noite.

– Aaah!

– Nenhum de nós jamais foi colocado para dormir de noite.

– Aaah – e os braços de Wendy se estenderam para ele.

– E você poderia cerzir as nossas roupas e fazer bolsos para nós.

Nenhum de nós tem um bolso sequer.

Assim ela não tinha como resistir.

– É incrivelmente fascinante, é claro! – gritou. – Peter, você ensinaria John e Michael a voar também?

– Se você quiser – ele disse, indiferente.

E ela correu até John e Michael e os chacoalhou.

– Acordem – exclamou –, Peter Pan está aqui e vai nos ensinar a voar.

John esfregou os olhos.

– Se é assim, vou sair da cama – ele falou; mas já estava no chão, é claro. – Vejam só – disse –, já saí!

Michael também já acordara a essa altura, observando tudo como se tivesse mil olhos, mas Peter de repente fez sinal para que todos se mantivessem em silêncio. Seus rostos assumiram uma expressão de incrível sagacidade, uma expressão de criança que escuta os sons do mundo dos adultos. Ficaram mais imóveis do que estátuas. Mas tudo estava certo. Não, esperem! Tudo estava errado. Nana, que ficara latindo a noite toda, aflita, estava quieta agora. O que eles ouviram foi o silêncio dela.

– Apaguem a luz! Escondam-se! Rápido! – gritou John, assumindo o comando pela única vez em toda a aventura.

E assim, quando Liza entrou, carregando Nana nos braços, o quarto pareceu ser o mesmo velho quarto de sempre, muito escuro; e

você poderia jurar que ouvia os três habitantes do lugar respirando como anjos no sono. Eles estavam respirando assim mesmo, estrategicamente, por trás das cortinas.

Liza estava de mau humor, pois estava preparando os bolos de Natal na cozinha e fora afastada deles, com uma uva passa grudada na bochecha, pelas suspeitas absurdas de Nana. Achou que a melhor maneira de conseguir um pouco de silêncio era deixar Nana entrar no quarto das crianças por um tempo, mas sob custódia, é claro.

– Pronto, fera desconfiada – ela disse, sem ter pena da situação de Nana –, eles estão na mais perfeita segurança, não estão? Cada anjinho dormindo profundamente em sua cama. Ouça o respirar suave deles.

Aqui, encorajado por seu sucesso, Michael respirou tão alto que eles por pouco não foram apanhados. Nana conhecia aquele tipo de respiração, e tentou se livrar das garras de Liza. Mas Liza era lenta de raciocínio.

– Agora chega, Nana – disse com severidade, puxando-a para fora do quarto. – Estou avisando: se você latir mais uma vez eu vou direto até o patrão e a patroa e tiro eles da festa, e aí, ah, você vai ver a chinelada do patrão, vai sim.

Ela amarrou a pobre cadela de novo, mas você acha que Nana parou de latir? Trazer o patrão e a patroa da festa! Ora, era isso mesmo o que ela queria. Você acha que ela se importaria de apanhar, sabendo que seus pupilos estariam seguros? Infelizmente, Liza voltou aos seus bolos, e Nana, vendo que nenhuma ajuda viria por parte da criada, forçou e forçou a corrente, esticando-a, até que por fim ela rebentou. Um instante depois ela já invadira a sala de visitas da casa 27 e alçou as patas na direção do céu, o que era seu gesto de comunicação mais expressivo. O sr. e a sra. Darling perceberam de imediato que algo terrível estava ocorrendo no quarto de seus filhos, e sem dar adeus aos anfitriões eles correram para a rua.

Mas já tinham se passado dez minutos desde que os três trapaceiros se esconderam respirando atrás das cortinas; e Peter Pan é capaz de fazer um bocado de coisas em dez minutos.

Retornemos ao quarto das crianças.

– Está tudo em ordem – John anunciou, emergindo de seu esconderijo. – Diga-me, Peter, você sabe voar de verdade?

Em vez de ter o trabalho de responder, Peter voou pelo quarto. Pousou no consolo da lareira.

– Que excelente! – falaram John e Michael.

– Que amor! – exclamou Wendy.

– Sim, eu sou um amor, ah, sou um amor! – falou Peter, deixando as boas maneiras de lado outra vez.

Parecia deliciosamente fácil, e eles tentaram voar também,

primeiro a partir do chão e depois de cima das camas, mas eles sempre caíam em vez de subir.

– Diga-me, como você consegue? – perguntou John, esfregando o joelho; ele era um menino bastante prático.

– É só você pensar pensamentos belos e maravilhosos – Peter explicou –, e eles erguem você no ar.

Peter mostrou a eles de novo.

– Você é tão habilidoso nisso – John disse. – Você poderia voar bem devagar uma vez?

Peter voou, tanto devagar como rápido.

– Consegui agora, Wendy! – gritou John, para logo em seguida descobrir que não tinha conseguido.

Nenhum dos três conseguia voar um centímetro que fosse, embora Michael já fosse capaz de separar sílabas, por exemplo, e Peter não soubesse qual era a diferença entre A e Z.

Peter estava zombando um pouco deles, é claro, pois você jamais conseguirá voar, a não ser que alguém sopre poeira de fada em você. Por sorte, como já falamos antes, uma das mãos de Peter estava suja com essa poeira, e ele soprou um pouco em cada um deles, obtendo os resultados mais soberbos.

– Agora é só mexer os ombros assim – ele disse – e se soltar.

Estavam todos em suas camas, e o galante Michael se soltou primeiro. Ele não quis se soltar totalmente, na verdade, mas se soltou, e de imediato foi lançado através do quarto.

– Eu voei! – gritou, antes de tocar o chão.

John se soltou e encontrou Wendy perto do banheiro.

– Ah, que amor!

– Ah, que sensacional!

– Olhem para mim!

– Olhem para mim!

– Olhem para mim!

Eles não voavam com a elegância de Peter, estavam longe disso, não conseguiam deixar de agitar as pernas um pouco, mas conseguiam tocar o teto com a cabeça, e quase nada no mundo é tão delicioso quanto isso. Peter deu a mão para Wendy de início, mas teve de desistir, Sininho estava indignada demais.

Para cima e para baixo eles iam, e davam voltas e mais voltas. “Divino” foi a palavra que Wendy usou.

– Digam-me uma coisa – exclamou John –, que tal se nós todos déssemos uma saída?

Era essa a intenção de Peter desde o começo, é claro.

Michael estava pronto: queria ver quanto tempo levaria para percorrer um bilhão de quilômetros. Mas Wendy hesitou.

– Sereias! – disse Peter outra vez.

– Aaah!

– E também existem piratas.

– Piratas! – gritou John, apanhando seu chapéu dominical. – Vamos partir agora mesmo.

Foi bem nesse momento que o sr. e a sra. Darling saíram correndo da casa 27 com Nana. Correram até o meio da rua a fim de olhar para a janela do quarto das crianças; e, sim, ela ainda estava fechada, mas o quarto estava repleto de luz, e, na visão mais aflitiva de todas, podiam enxergar em sombras, na cortina, três pequenas figuras com roupa de dormir circulando e circulando, não no chão, mas no ar.

Não três figuras, mas quatro!

Tremendo sem parar, eles abriram a porta da rua. O sr. Darling quis subir correndo as escadas, mas a sra. Darling lhe fez um sinal pedindo calma e silêncio. Ela até mesmo tentou fazer seu próprio coração ficar calmo e silencioso.

Eles alcançarão o quarto das crianças a tempo? Se alcançarem, como ficarão maravilhados, e nós todos daremos um grande suspiro de alívio, mas aí não haverá história para contar. Por outro lado, se não chegarem ao quarto a tempo, eu solenemente prometo que tudo vai acabar bem no final.

Eles teriam alcançado o quarto das crianças a tempo, não fosse o fato de que as estrelinhas estavam observando tudo. Mais uma vez, o sopro das estrelas escancarou a janela, e aquela menor estrelinha de todas clamou:

– Cuidado, Peter!

E então Peter percebeu que não havia um segundo a perder.

– Venham! – ele gritou, autoritário, e levantou voo de uma só vez noite adentro, seguido por John e Michael e Wendy.

O sr. e a sra. Darling e Nana alcançaram o quarto das crianças tarde demais. Os passarinhos tinham ido embora.

CAPÍTULO IV

O VOO

– Segunda à direita, e depois sempre em frente, até o amanhecer.

Esse, Peter dissera a Wendy, era o caminho para a Terra do Nunca; mas nem mesmo pássaros, levando junto mapas e os consultando em esquinas de vento, conseguiriam chegar a avistá-la com tais instruções. Peter, vejam bem, apenas tinha dito algo que lhe viera à cabeça.

De início, seus companheiros confiaram nele implicitamente, e os deleites do voo eram tão grandiosos que eles gastaram tempo dando voltas em torno de torres de igreja ou de qualquer outra coisa muito alta que lhes chamasse a atenção no caminho.

John e Michael apostaram corrida, Michael largando na frente.

Eles recordaram, com despeito, que pouco tempo antes se sentiam senhores do universo porque podiam voar dentro de um quarto.

Pouco tempo antes. Mas quanto tempo antes? Estavam sobrevoando o mar quando esse pensamento começou a perturbar Wendy seriamente. John achou que aquele era o segundo mar e que estavam na terceira noite.

Às vezes estava escuro e às vezes ficava claro, e agora eles sentiam muito frio e de repente estava quente demais. Chegaram mesmo a sentir fome por vezes; ou será que estavam apenas fingindo, já que Peter os alimentava de um jeito tão original e divertido? Seu procedimento era perseguir pássaros que tivessem comida no bico, comida que fosse adequada para humanos; ele a roubava para eles; então os pássaros iam atrás deles e a roubavam de volta; e todos se perseguiam uns aos outros assim, brincalhões, por muitos quilômetros, e por fim se separavam com saudações mútuas de cordialidade. Mas Wendy percebeu, com leve preocupação, que Peter aparentemente não sabia que esse era um jeito bem esquisito de obter pão e manteiga e nem que existiam outros jeitos.

Por certo eles não fingiam ter sono, ficavam com sono mesmo; e era um perigo, porque, assim que apagavam, despencavam. O problema era que Peter achava isso engraçado.

– Lá vai ele de novo! – ele gritava com alegria, quando Michael de súbito despencava como uma pedra.

– Pegue ele, pegue ele! – gritava Wendy, olhando com horror para o mar cruel lá embaixo.

Depois de um tempo, Peter acabava mergulhando pelo ar e salvava Michael quando o menino estava prestes a atingir o oceano, e eram adoráveis aqueles salvamentos; mas Peter sempre esperava até o último momento, e dava para notar que aquilo que o interessava era sua própria habilidade, e não o salvamento de uma vida humana. E ele também era muito apegado à variedade, e o jogo que o empolgava num momento podia de repente deixá-lo indiferente, de modo que sempre havia a possibilidade de que, na próxima queda, ele não pegasse você.

Peter conseguia dormir em pleno ar sem cair, simplesmente deitando de costas e flutuando, mas isso se devia, ao menos em parte, ao fato de ele ser tão leve que você podia soprá-lo por trás e vê-lo disparar para a frente.

– Por favor, seja mais educado com ele – Wendy sussurrou para John, quando eles estavam brincando de “Siga o Mestre”.

– Então peça a ele que pare de ficar se exibindo – disse John.

Brincando de “Siga o Mestre”, Peter voava bem perto da água e tocava, de passagem, nas caudas de todos os tubarões, como quem anda na rua e corre o dedo ao longo de uma grade de ferro. Os outros não conseguiam seguir o mestre nisso com muito sucesso, então talvez fosse mesmo uma espécie de exibição, ainda mais quando ele ficava olhando para trás para ver quantas caudas os companheiros não conseguiram tocar.

– Vocês precisam ser gentis com ele – Wendy insistia com seus irmãos. – O que nós faríamos se ele nos abandonasse?

– Nós poderíamos voltar para casa – Michael disse.

– E de que jeito saberíamos por onde voltar sem ele?

– Bem, nós seguiríamos em frente – falou John.

– Esse é o grande problema, John. Nós teríamos de seguir em frente, porque não sabemos como parar.

Isso era verdade; Peter esquecera de lhes ensinar a parar.

John afirmou que, na pior das piores situações, tudo o que eles teriam de fazer seria seguir reto para frente, pois o mundo era redondo, de modo que no tempo devido eles chegariam de volta à janela de casa.

– E quem vai pegar comida para nós, John?

– Eu apanhei um belo pedaço da boca daquela águia, Wendy.

– Depois da vigésima tentativa – Wendy lhe lembrou. – E mesmo que aprendêssemos a pegar comida direito, vejamos só como ficamos batendo contra as nuvens e outras coisas quando ele não está por perto para nos ajudar.

De fato, eles ficavam batendo em coisas o tempo todo. Já

conseguiram voar com perícia, embora ainda agitassem muito as pernas; se encontrassem uma nuvem à frente, porém, por mais que tentassem desviar, com mais certeza ainda batiam contra ela. Se Nana estivesse com eles, já teria enrolado a cabeça de Michael num curativo a essa altura.

Peter estava afastado naquele momento, e eles se sentiram um tanto solitários lá em cima, sem companhia. Ele conseguia viajar tão mais rápido do que eles que de repente disparava e sumia de vista, para se aventurar em algo de que eles não podiam tomar parte. Vindo do alto, ele descia até eles ainda rindo de algo que dissera para uma estrela, mas já esquecera o que tinha dito, ou vinha de baixo com escamas de sereia ainda grudadas nele, mas sem ser capaz de dizer com certeza o que havia acontecido. Era algo francamente irritante para crianças que nunca tinham visto uma sereia.

– E se ele se esquece delas tão rápido – Wendy argumentou –, como podemos esperar que vá sempre se lembrar de nós?

De fato, às vezes ele não se lembrava deles quando voltava, ou lembrava pouco. Wendy estava bem ciente desses esquecimentos. Via um vago reconhecimento se estampar nos olhos dele, quando ele passava por eles e dizia uma ou outra coisa e já ia seguindo adiante; e uma vez precisou dizer para Peter quem ela era.

– Eu sou a Wendy – ela disse, com aflição.

Ele pediu mil desculpas.

– Ouça, Wendy – ele lhe cochichou –, sempre que perceber que estou esquecendo de você, diga várias vezes “Eu sou a Wendy” e aí eu vou lembrar.

Isso não era muito satisfatório, é claro. Para compensar os esquecimentos, no entanto, ele os ensinou a pegar carona de corpo esticado num vento forte que seguia a direção deles, e essa foi uma novidade tão agradável que eles a experimentaram diversas vezes; descobriram que podiam dormir na carona, em segurança. Eles na verdade poderiam dormir assim por um longo tempo, mas Peter logo se cansava de dormir e em seguida gritava, com sua voz de capitão:

– Nós descemos aqui!

Assim, com desavenças ocasionais, mas com muita farra na maior parte do tempo, eles se aproximavam da Terra do Nunca; e depois de muitas luas eles a alcançaram, e, é preciso acrescentar, viajaram quase o tempo todo na direção correta, não tanto, talvez, por causa das orientações de Peter ou de Sininho, mas principalmente porque a ilha estava procurando por eles. É só assim que alguém pode chegar a avistar aquelas praias mágicas.

– Lá está ela – disse Peter, com calma.

– Onde, onde?

– Todas as setas estão apontando.

De fato, um milhão de setas douradas apontavam para onde estava a ilha, todas posicionadas por um amigo, o sol, que queria garantir, antes de se despedir das crianças naquela noite, que elas pudessem encontrar o caminho.

Wendy e John e Michael pararam na ponta dos pés, no ar, para ver a ilha pela primeira vez. É estranho dizer que os três a reconheceram de imediato, e antes da chegada do medo eles a saudaram, não como quem finalmente vê algo que sempre sonhou ver, mas como quem revê um amigo íntimo depois de uma viagem de férias.

– John, lá está a laguna.

– Wendy, veja as tartarugas enterrando seus ovos na areia.

– Olhe só, John, estou vendo o seu flamingo com uma perna quebrada.

– Veja, Michael, lá está a sua caverna.

– John, o que é aquilo no matagal?

– É uma loba com seus filhotes. Wendy, creio que aquele é o seu lobinho.

– Lá está o meu barco, John, com o casco arrebitado.

– Não é o seu barco. Ora, nós colocamos fogo nele.

– É ele sim, eu garanto. Olhe só, John, estou vendo a fumaça do acampamento dos peles-vermelhas.

– Onde? Mostre onde, e eu vou lhe dizer, pela forma da coluna de fumaça, se eles estão ou não em período de guerra.

– Lá, do outro lado do Rio Misterioso.

– Agora eu vi. Sim, estão em guerra com toda a certeza.

Peter estava um pouco aborrecido por eles saberem tanta coisa; se ele queria reafirmar seu comando, porém, não precisaria esperar muito para triunfar: eu não acabei de contar a vocês que o medo chegaria em breve?

O medo chegou quando as setas foram embora e a penumbra envolveu a ilha.

Nos velhos tempos, em casa, a Terra do Nunca sempre começava a parecer um pouco sombria e ameaçadora na hora de dormir. E então caminhos inexplorados apareciam nela e se espalhavam; o rugido das feras carnívoras mudava bastante de tom e, acima de tudo, você não tinha mais a certeza de que levaria a melhor. Você ficava bem feliz de ter as luzes de cabeceira acesas. Você até mesmo gostava de ouvir Nana dizendo que aquilo ali era apenas o consolo da lareira, e que a Terra do Nunca era um grande faz de conta.

É claro que a Terra do Nunca era um faz de conta naquele tempo; mas ela era muito real agora, e não havia luzes de cabeceira, e estava ficando cada vez mais escuro, e onde é que estava Nana?

Eles tinham voado separados no último trecho da viagem, e

agora trataram de ficar bem perto de Peter. Os modos descuidados do garoto tinham afinal desaparecido, seus olhos faiscavam, e, a cada vez que encostavam nele, seus companheiros sentiam um formigamento pelo corpo. Sobrevoavam agora a temível ilha, voando tão baixo que às vezes uma árvore lhes arranhava os pés. Não viam nenhum obstáculo monstruoso no ar, porém avançavam mais devagar, com mais dificuldade, bem como se estivessem abrindo caminho em meio a forças hostis. Por vezes ficavam imobilizados, enganchados no ar, até que Peter os libertasse golpeando o vento com os punhos.

– Não querem que aterrissemos – ele explicou.

– Quem são eles? – Wendy sussurrou, estremecendo.

Mas ele não sabia dizer, ou não queria dizer. Sininho estava dormindo em seu ombro, e então ele a acordou e pediu a ela que se adiantasse até a ilha.

Às vezes ele pairava no ar, ouvindo com a maior atenção do mundo, com mão na orelha, e de novo olhava para baixo com olhos tão penetrantes que pareciam perfurar dois buracos no chão. Tendo feito essas coisas, seguia adiante outra vez.

Sua coragem era quase chocante.

– Vocês querem uma aventura agora – disse casualmente para John – ou preferem tomar o seu chá antes?

Wendy rapidamente disse “chá antes”, e Michael pressionou sua mão, em sinal de gratidão, mas John, o corajoso, hesitava.

– Que tipo de aventura? – ele perguntou, prudente.

– Há um pirata dormindo na planície, bem embaixo de nós – Peter respondeu. – Se vocês quiserem, descemos até lá e o matamos.

– Não vejo nenhum pirata – John disse, depois de uma longa pausa.

– Eu vejo.

– Vamos supor – John falou, com voz rouca – que ele acorde.

Peter retrucou com indignação:

– E você acha que eu mataria um pirata enquanto ele dorme! Acordo primeiro e depois mato. É assim que eu faço, sempre.

– Nossa! Você mata muitos?

– Milhares.

John disse “que sensacional”, mas optou por tomar chá primeiro. Perguntou se a ilha tinha muitos piratas por aqueles dias, e Peter afirmou que nunca tinha visto tantos.

– Quem é o capitão deles?

– Gancho – respondeu Peter; e sua face ficou muito séria com a menção daquela palavra odiada.

– James Hook, o Gancho?

– Afirmativo.

Então Michael começou a chorar, de verdade, e até John não

conseguia falar, a não ser aos trancos, porque eles conheciam a reputação de Gancho.

– Ele foi contramestre do pirata Barbanegra – John sussurrou em voz rouca. – É o pior de todos. É o único homem de quem Barbecue chegou a ter medo.

– Esse mesmo – disse Peter.

– Como ele é? É grande?

– Não é mais tão grande como costumava ser.

– Como assim?

– Cortei um pedaço dele.

– Você!

– Sim, eu mesmo – disse Peter, áspero.

– Não quis menosprezar você.

– Ah, tudo bem.

– Mas me diga, que pedaço foi?

– A mão direita.

– Isso quer dizer que ele não pode mais lutar?

– Ah, pode, sim!

– Com a esquerda?

– Ele tem um gancho de ferro no lugar da mão direita, e usa o gancho como garra.

– Como garra?

– Foi o que acabei de dizer, John – disse Peter.

– Sim.

– Diga “afirmativo, senhor”.

– Afirmativo, senhor.

– Há uma coisa – Peter continuou – que todos os meninos que atuam a meu serviço precisam prometer, e essa coisa vale para você também.

John empalideceu.

– É o seguinte: se toparmos com Gancho numa luta aberta, você precisa deixá-lo para mim.

– Eu prometo – John disse, leal.

Naquele momento eles estavam se sentindo menos amedrontados, porque Sininho voava com eles, e na luz que ela emitia eles conseguiam enxergar uns aos outros. Infelizmente Sininho não conseguia voar tão devagar quanto as crianças, e por isso ela tinha de ficar voando em círculos em volta delas, e era como se elas se movessem dentro de um halo. Wendy estava adorando aquilo, até que Peter deu notícia de um inconveniente:

– Sininho acaba de me informar – disse – que os piratas nos avistaram antes da chegada da escuridão e que estão acionando o Grande Tom.

– O canhão enorme?

– Sim. E eles devem estar enxergando a luz de Sininho, é claro, e se acharem que estamos perto dela vão atirar com toda a certeza.

– Wendy!

– John!

– Michael!

– Peça a ela que se afaste de nós, Peter! – os três gritaram simultaneamente; mas Peter não quis.

– Ela acha que nos perdemos – retrucou, sério – e está um tanto assustada. Vocês não podem querer que eu a mande se afastar, sem companhia, quando ela está assustada!

O círculo de luz se rompeu por um momento, e algo deu um carinhoso beliscão em Peter.

– Então peça a ela – Wendy implorou – que apague sua luz.

– Ela não consegue apagar sua luz. Isso é talvez a única coisa que as fadas não conseguem fazer. A luz só se apaga quando elas dormem, como no caso das estrelas.

– Então peça a ela que durma agora mesmo – John quase ordenou.

– Ela não consegue dormir se não estiver com sono. É a única coisa que as fadas não conseguem fazer.

– Está me parecendo – rosnou John – que essas são as duas únicas coisas que vale a pena fazer.

Ele levou um beliscão que não foi nem um pouco carinhoso.

– Se um de nós tivesse um bolso – Peter disse –, poderíamos botar Sininho dentro dele.

Eles tinham saído de casa com tanta pressa, porém, que não havia um único bolso entre eles.

Peter teve uma ideia luminosa. O chapéu de John!

Sininho topou viajar de chapéu, desde que ele fosse carregado nas mãos. John o carregou, embora ela preferisse ser carregada por Peter. Pouco depois Wendy pegou o chapéu, porque John dissera que ele batia em seu joelho durante o voo; e isso, como veremos, gerou uma crueldade, pois Sininho detestou ter de dever algum favor a Wendy.

Na cartola preta a luz ficou completamente escondida, e eles seguiram voando em silêncio. Era o maior silêncio de todos os tempos, interrompido num momento por um lambar distante, que segundo Peter era o som das feras selvagens bebendo água no baixio, e em outro por um som rascante que bem podia ser o ruído dos galhos das árvores se roçando, mas segundo Peter era o som dos peles-vermelhas afiando suas facas.

E até mesmo esses ruídos cessaram. Para Michael, a solidão era horrrosa.

– Se apenas pudéssemos ouvir qualquer coisinha! – exclamou.

Como que em resposta a seu pedido, o ar foi rasgado pela mais tremenda explosão que ele jamais ouvira. Os piratas tinham disparado o Grande Tom contra eles.

O estrondo do canhão ecoou pelas montanhas, e os ecos pareciam gritar barbaramente: “Onde estão eles, onde estão eles, onde estão eles?”.

Assim, de modo muito marcante, os três aterrorizados irmãos souberam qual era a diferença entre uma ilha de faz de conta e uma ilha de verdade.

Quando por fim os céus voltaram a se acalmar, John e Michael descobriram que estavam sozinhos na escuridão. John caminhava no ar mecanicamente, e Michael, sem saber flutuar, flutuava.

– Você está ferido? – John perguntou baixinho, com voz trêmula.

– Não verifiquei ainda – Michael sussurrou de volta.

Nós sabemos muito bem que ninguém tinha sido ferido. Peter, no entanto, fora arrastado pelo vento do tiro para muito longe, até o mar, e Wendy fora soprada para o alto, tendo Sininho como única companhia.

Teria sido bom para Wendy se naquele momento ela tivesse largado o chapéu.

Não sei se a ideia surgiu de repente na cabeça de Sininho, ou se planejara aquilo no caminho, mas de imediato ela saltou para fora do chapéu e começou a atrair para Wendy nada menos que o perigo da morte.

Sininho não era totalmente má; ou melhor, era totalmente má naquele momento, mas, por outro lado, às vezes ela era totalmente boa. As fadas precisam ser ou uma coisa ou outra, porque infelizmente são muito pequenas e só há espaço para um sentimento a cada vez. Elas têm condições de mudar, contudo, mas é necessário que seja uma mudança radical. Naquele instante ela estava cheia de inveja de Wendy. O que disse, em seu adorável tilintar, Wendy não conseguiu entender, é claro, e creio que em parte eram palavrões, mas a fala tinha um tom gentil, e ela voou para frente e para trás, dando a entender, claramente, o seguinte: “Por aqui, venha comigo e tudo vai ficar bem”.

O que mais a pobre Wendy podia fazer? Chamou por Peter e por John e por Michael, e obteve apenas ecos zombeteiros em resposta. Ainda não sabia que Sininho a odiava com o ódio feroz de uma mulher de verdade. E assim, sob feitiço e avançando num voo instável, ela seguiu Sininho na direção de sua própria ruína.

CAPÍTULO V

A ILHA DE VERDADE

Sentindo que Peter estava voltando para ela, a Terra do Nunca tinha despertado para a vida outra vez. Devíamos ser mais formais e usar “despertara”, mas “tinha despertado” é melhor e Peter sempre fala assim.

Na ausência dele as coisas costumam ficar bem calmas na ilha. As fadas dormem uma hora a mais de manhã, as feras dão mais atenção a seus filhotes, os peles-vermelhas se alimentam pesadamente por seis dias e noites, e quando os piratas e os meninos perdidos se encontram eles apenas mordem os próprios polegares, de raiva. Mas com a chegada de Peter, que detesta letargia, tudo se põe em movimento de novo: se você encostar o ouvido no chão agora, vai ouvir a ilha inteira fervilhando, transbordando de vida.

Nesta noite em particular, as principais forças da ilha estavam dispostas da seguinte maneira: os meninos perdidos estavam procurando por Peter, os piratas estavam procurando pelos meninos perdidos, os peles-vermelhas estavam procurando pelos piratas e as feras estavam procurando pelos peles-vermelhas. Todos estavam dando voltas em torno da ilha, mas não chegavam a se encontrar porque andavam no mesmo ritmo.

Todos queriam ver sangue, exceto os meninos, que também gostavam de ver sangue, mas nesta noite tinham saído para saudar a chegada de seu comandante. O número de meninos na ilha varia bastante, é claro, dependendo de quantos são mortos e assim por diante; quando eles dão mostras de estar ficando mais velhos, o que contraria as regras, Peter os corta do grupo; mas de momento eram seis os meninos, os gêmeos contando como dois. Vamos fazer de conta que estamos ali no meio do canavial e que podemos observá-los enquanto eles se movem em silêncio, em fila única, todos com a mão em sua faca.

Eles não podem se parecer nem um pouco com Peter, por proibição dele mesmo, e usam peles de ursos que eles mesmo abateram, e ficam tão redondos com essas peles que saem rolando quando caem. São, por isso, extremamente cuidadosos no ato de caminhar.

O primeiro a passar é Tootles, não o menos bravo, mas o mais

azarado de todo o valente bando. Ele era quem menos havia participado de aventuras, porque os grandes eventos frequentemente ocorriam quando ele não estava por perto; em grandes calmarias, aproveitava a oportunidade para se afastar um pouco, com a intenção de juntar alguns gravetos para fazer fogo, e quando retornava os outros já estavam limpando o sangue das roupas. Esse azar lhe estampara uma certa melancolia no semblante, mas não azedara seu temperamento, e até mesmo o adocicou, de modo que ele era o mais humilde dos meninos. Meu pobre Tootles, o ar desta noite prenuncia perigos para você. Tema se uma aventura lhe for oferecida; se aceitá-la, mergulhará no pesar mais profundo. Tootles, a fada Sininho, que foi tomada pela maldade nesta noite, está procurando por alguém que possa usar como instrumento, e ela pensa que você é o mais ingênuo entre os meninos. Tenha cuidado com Sininho.

Seria bom se ele pudesse nos ouvir, mas o fato é que nós não estamos na ilha, e ele segue adiante, mordendo os nós dos dedos.

A seguir vem Nibs, sempre animado e vivaz, e logo depois Slightly, que faz flautas de madeira e dança em êxtase ao som de sua própria música. Slightly é o mais presunçoso dos meninos. Ele acha que se recorda do tempo que antecedeu o dia em que foi perdido, e das maneiras e dos costumes daquele tempo, e por isso seu nariz está sempre ofensivamente empinado. Curly é o quarto; ele é um diabrete, e tantas vezes teve de se entregar, nas ocasiões em que Peter disse com severidade “Dê um passo à frente aquele que fez tal coisa!”, que agora, quando ouve esse comando, dá um passo à frente automaticamente, tendo ou não tendo feito a tal coisa. Por último passam os gêmeos, que não podemos descrever porque fatalmente acabaríamos descrevendo o gêmeo errado. Peter nunca entendeu direito o que significava ser gêmeo, e seu bando não era autorizado a saber nada que ele não soubesse, de modo que esses dois não falavam muito sobre si mesmos, ficavam perto um do outro e procuravam não incomodar ninguém, como se precisassem se desculpar por alguma coisa.

Os meninos desaparecem nas sombras da noite, e depois de uma pausa, mas uma pausa rápida, porque tudo é muito animado na ilha, aparecem os piratas, no rastro dos meninos. Podemos ouvi-los antes de vê-los, e é sempre a mesma música horrível:

*Fundear, amarrar,
Guerreando seguiremos,
E se um canhão nos liquidar
No inferno brindaremos!*

Ninguém jamais viu uma sequência tão medonha de vilões, nem

mesmo num enforcamento coletivo de bandidos. Aqui, um pouco à frente dos outros, volta e meia encostando a cabeça de lado no chão para ouvir, com seus grandes braços nus, com moedas de prata espanholas ornando suas orelhas, está o charmoso italiano Cecco, que em Gao, certa vez, escreveu seu nome com letras de sangue nas costas do diretor da prisão. O negro gigantesco atrás dele já teve muitas denominações desde que abandonou o nome com o qual as mães africanas ainda aterrorizam seus filhos nas margens do rio Guadjomo. Aqui está Bill Jukes, tatuado dos pés à cabeça, o mesmo Bill Jukes que levou seis dúzias de chibatadas do capitão Flint, a bordo do *Walrus*, até soltar da mão um saco com moedas de ouro portuguesas; e Cookson, que dizem ser irmão de Black Murphy (mas isso nunca foi provado); Gentleman Starkey, que um dia foi vice-diretor de escola e é muito meticuloso na arte de matar; e Skylights (o Skylights que trabalhou para o pirata Morgan); e o contramestre irlandês Smee, um sujeito estranhamente cordial que, por assim dizer, esfaqueava sem querer ofender, e que era o único dissidente da Igreja Anglicana entre os homens de Gancho; e Noodler, cujas mãos eram viradas para trás; e Robert Mullins e Alf Mason e muitos outros facínoras célebres e temidos dos mares do Caribe.

No meio do grupo podia ser vista a maior e mais negra joia daquela coleção obscura: o Gancho, James Hook, ou, como ele costumava escrever, Jas. Hook, de quem se diz ser o único homem que Sea-Cook temeu. Vinha sentado, muito à vontade, numa carruagem tosca que seus homens iam puxando e, com o gancho de ferro que tinha no lugar da mão direita, ele de vez em quando os incitava a apressar o passo. Esse homem terrível tratava seus homens e lhes dirigia a palavra como se estivesse lidando com cachorros, e eles obedeciam como se fossem cachorros. Era um sujeito de rosto cadavérico e pele morena; seu cabelo penteado formava longos cachos, que a certa distância lembravam velas negras e faziam seu semblante charmoso assumir uma expressão singularmente ameaçadora. Seus olhos eram azuis como uma pétala de não-me-esqueças e expressavam sempre uma profunda melancolia, exceto nos momentos em que ele estava enfiando o gancho em você; nesses momentos duas manchas vermelhas tomavam conta deles e os incendiavam de um jeito horrível. Nas maneiras, uma gota de nobreza ainda corria em suas veias, de modo que até estripando a barriga de alguém ele agia com muita graciosidade, e me contaram que era um reputado contador de histórias. Era tão mais sinistro quanto mais refinado se mostrasse, o que atestava de forma quase inequívoca a sua fidalguia; e a elegância de sua dicção, mesmo quando proferia palavras, não menos que a distinção de sua conduta, demonstrava que ele pertencia a uma casta com a qual seus homens não tinham

ligação alguma. Era dotado de coragem indômita, e se dizia dele que a única coisa que o fazia recuar era a visão de seu próprio sangue, um sangue grosso, de cor incomum. Nas roupas, Gancho mais ou menos imitava o estilo de traje associado ao nome de Carlos II, tendo ouvido alguém afirmar, nos primeiros tempos de sua carreira, que ele possuía uma estranha semelhança com as feições dos integrantes da malfadada dinastia Stuart; e de sua boca pendia uma piteira, concebida por ele mesmo, que lhe permitia fumar dois charutos ao mesmo tempo. Mas o que havia de mais pavoroso nele era, sem dúvida, a garra de ferro.

Matemos um pirata agora, para dar um exemplo do método de Gancho. Matemos Skylights. Enquanto eles vão passando, Skylights cambaleia, desajeitado, e esbarra em Gancho, amassando seu colarinho rendilhado; o gancho voa no ar, ouve-se um som dilacerante e um grito alto e então o corpo é chutado para o lado e os piratas retomam sua marcha. Gancho nem chegou a tirar os charutos da boca.

Esse é o terrível homem que Peter terá de enfrentar. Quem vai vencer?

No rastro dos piratas, avançando sem ruído por sua trilha de guerra, que é invisível para olhos inexperientes, vêm os peles-vermelhas. Nenhum deles sequer pisca. Carregam machadinhas e facas, e seus corpos nus brilham, cobertos de tinta e óleo. Pendurados pelo corpo eles levam escalpos, tanto de meninos quanto de piratas, pois esta é a tribo Piccaninny, e seus guerreiros não podem ser confundidos com os índios Delaware ou Huron, que são mais sensíveis. À frente de todos, andando de quatro, vemos Grande Pantera Pequena, um bravo; carrega tantos escalpos que, na posição em que está, tem certa dificuldade para avançar. Cuidando da retaguarda, a posição mais perigosa, vem Flor de Lírio-Tigre, orgulhosamente ereta, uma princesa de méritos incontestáveis. É a mais linda das Dianas de pele escura, a glória da tribo Piccaninny, uma donzela coquete, às vezes fria e às vezes amorosa; não há um único guerreiro que não sonhe em se casar com essa beldade imprevisível, mas ela destruiria o altar a machadadas. Observe como eles pisam sobre os gravetos caídos sem produzir o menor ruído. O único som que se ouve é uma respiração meio pesada. O fato é que todos estão um pouco gordos agora, depois de se empanurrarem tanto, mas com o tempo darão um jeito nisso. No momento, porém, a gordura constitui o principal perigo para eles.

Assim como surgiram, os peles-vermelhas se vão como se fossem sombras, e logo a seguir são substituídos pelas feras, numa grande e variada procissão: leões, tigres, ursos, e os inumeráveis bichinhos selvagens que fogem deles, pois todos os tipos de besta, e em particular todos os comedores de gente, convivem lado a lado, mandíbula a mandíbula, na encantada ilha. As línguas pendem das

bocas. As feras estão com fome.

A procissão já passou. E surge a última figura, um crocodilo gigantesco. Em breve saberemos quem é que ele está procurando.

O crocodilo passa, mas em seguida os meninos aparecem de novo, pois o desfile continuará indefinidamente, até que uma das partes pare ou mude de ritmo. E então rapidamente eles se jogarão uns em cima dos outros.

Todos olham com a maior atenção para frente, mas ninguém suspeita que o perigo, sorrateiro, pode chegar por trás. Isso mostra o quanto a ilha era real.

O primeiro grupo a abandonar o circuito foi o dos meninos. Eles se atiraram no relvado, perto de onde tinham a casa embaixo da terra.

– Queria muito que Peter voltasse – cada um dizia, com nervosismo, embora todos fossem maiores que o comandante, em altura e ainda mais em largura.

– Sou o único que não tem medo de piratas – Slightly disse, num tom que impedia que ele fosse um favorito entre os meninos.

Mas é possível que Slightly tenha escutado algum som distante e perturbador, pois logo fez questão de acrescentar:

– Mas queria muito que ele voltasse, para nos contar se ouviu mais alguma coisa sobre Cinderela.

Começaram a falar sobre Cinderela, e Tootles tinha certeza de que sua mãe tinha sido bem parecida com ela.

Eles só podiam falar sobre mães na ausência de Peter, já que ele proibia o assunto e o considerava uma tolice.

– Tudo que lembro sobre a minha mãe – Nibs lhes falou – é que ela a toda hora dizia para o meu pai: “Ah, como eu queria um talão de cheques que fosse só meu”. Não sei o que é um talão de cheques, mas adoraria dar um para a minha mãe.

Enquanto conversavam, ouviram um som distante. Você e eu, que não somos criaturas selvagens das matas, não seríamos capazes de ouvir nada, mas eles ouviram, e era a música horrorosa:

*Saqueando, pirateando,
Caveira no pendão,
De Davy Jones não temos medo,
Eis a nossa saudação.*

Imediatamente os meninos perdidos... mas onde eles estão? Não estão mais aqui. Nem coelhos conseguiriam desaparecer tão rápido.

Vou dizer a vocês onde estão eles. Com exceção de Nibs, que saiu correndo para espionar, já estão todos em sua casa embaixo da terra, uma residência muito confortável que observaremos em detalhes em breve. Mas como chegaram lá? Não há entrada visível, nem mesmo

uma pilha grande de galharia que, ao ser removida, revelasse a boca de uma caverna. Olhem com atenção, porém, e verão que temos aqui sete árvores grandes, e que cada uma delas possui, no tronco oco, um buraco do tamanho de um menino. Essas são as sete entradas da casa embaixo da terra, pelas quais Gancho tem procurado em vão ao longo de muitas luas. Será que vai encontrá-las hoje?

Na marcha dos piratas, o olho sagaz de Starkey avistou Nibs desaparecendo no meio da mata, e no ato sua pistola disparou. Mas um gancho de ferro puxou-o pelo ombro.

– Capitão, me solte! – ele gritou, contorcendo-se.

Agora, pela primeira vez, ouviremos a voz de Gancho. É uma voz negra.

– Guarde a pistola primeiro – ele disse, ameaçador.

– Era um dos seus odiados meninos. Eu poderia ter acabado com ele.

– Exato, e o som teria atraído Flor de Lírio-Tigre e seus peles-vermelhas até nós. Quer perder o escalpo?

O patético Smee perguntou:

– Posso ir atrás dele para lhe fazer umas cócegas com o Johnny Saca-Rolhas?

Smee tinha nomes brincalhões para tudo, e seu cutelo se chamava Johnny Saca-Rolhas, porque ele o retorcia dentro do ferimento. Podemos mencionar várias características adoráveis de Smee. Por exemplo: depois de matar alguém, limpava seus óculos em vez de limpar sua arma.

– Johnny é um sujeito bem silencioso – ele insistiu.

– Agora não, Smee – Hook falou, sombrio. – Ele é um menino só, e eu quero pegar todos os sete de uma só vez. Espalhem-se e procurem por eles.

Os piratas sumiram entre as árvores, e no instante seguinte o capitão e Smee estavam sozinhos. Gancho soltou um suspiro profundo. E foi dominado, não sei por quê, talvez por causa da doce beleza da noite, por um desejo de confidenciar a seu fiel contramestre a história de sua vida. Falou por muito tempo, com grande sinceridade, porém Smee, que era um tanto burro, não entendeu absolutamente nada da história.

Mas de repente ele ouviu a palavra “Peter”.

– Acima de tudo – Gancho estava dizendo, muito emocionado –, quero o capitão deles, Peter Pan. Foi ele quem cortou o meu braço – contou, brandindo o gancho num gesto ameaçador. – Espero há muito tempo o momento de apertar a mão dele com isso aqui. Ah, vou esfaquear o garoto.

– E por outro lado – disse Smee –, muitas vezes ouvi o senhor dizendo que o gancho era melhor do que dez mãos, porque o senhor

pode pentear o cabelo e fazer vários serviços úteis.

– Exato – o capitão respondeu –, se eu fosse uma mãe, rezaria para que meus filhos nascessem com isto no lugar disto – e lançou um olhar orgulhoso para sua mão de ferro e um olhar de desprezo para a outra.

Então voltou a franzir o cenho.

– Peter jogou a minha mão – ele disse, estremecendo – para um crocodilo que, por acaso, estava passando por nós.

– Muitas vezes – disse Smee – pude notar que o senhor tem um estranho medo de crocodilos.

– Não de crocodilos – Gancho o corrigiu –, mas daquele crocodilo.

O capitão baixou sua voz.

– Ele gostou tanto da minha mão, Smee, que me persegue desde então, por todos os mares e em todas as terras, com água na boca, querendo comer o resto do meu corpo.

– De certo modo – disse Smee –, chega a ser um elogio.

– Não quero saber desse tipo de elogio – Gancho rosnou, petulante. – Quero Peter Pan, que incitou naquele animal o apetite pela minha carne.

Ele se sentou num enorme cogumelo, e agora havia um leve tremor em sua voz.

– Smee – falou, com voz rouca –, aquele crocodilo já teria me devorado a essa altura, mas por um lance de sorte ele engoliu um relógio que fica fazendo tique-taque dentro dele, e por isso, quando ele chega perto de me alcançar, eu ouço o tique-taque e fujo como um raio.

Ele deu uma risada, um riso seco.

– Um dia – disse Smee – o relógio vai parar de funcionar, e aí ele vai pegar o senhor.

Gancho passou a língua por seus lábios ressecados.

– Exato – ele disse –, esse é o medo que me assombra.

Desde que se sentara, Gancho vinha sentindo um calor esquisito.

– Smee – falou –, este assento está quente.

O capitão se levantou num pulo.

– Macacos me mordam, estou queimando!

Examinaram o cogumelo, que era sólido e enorme, de um tipo jamais visto fora da ilha; tentaram arrancá-lo; o cogumelo se soltou da terra na mesma hora, pois não tinha raízes. Houve algo ainda mais estranho: na mesma hora, uma fumaça começou a subir da terra. Os piratas se olharam.

– Uma chaminé! – ambos exclamaram.

O fato é que eles haviam descoberto a chaminé da casa embaixo da terra. Era um hábito dos meninos tapar aquela abertura com um

cogumelo quando os inimigos se avizinhavam.

A fumaça não era a única coisa que subia da terra. Também subiam vozes infantis, porque os meninos se sentiam muito seguros em seu esconderijo e estavam conversando animadamente. Os piratas ficaram ouvindo, carrancudos, e então colocaram o cogumelo de volta no lugar. Olharam em volta e identificaram os buracos nas sete árvores.

– O senhor ouviu os meninos dizendo que Peter Pan está fora de casa? – Smee sussurrou, manuseando Johnny Saca-Rolhas com ansiedade.

Gancho assentiu. Ficou quieto por um longo tempo, imerso em pensamentos, e por fim um sorriso horripilante iluminou seu rosto escuro. Smee estava esperando por aquilo.

– Revele o seu plano, capitão! – ele exclamou, impaciente.

– Vamos voltar para o navio – Gancho retrucou devagar, com os dentes cerrados – e preparar um bolo delicioso, enorme, substancioso, com açúcar colorido por cima. Só pode haver um único aposento lá embaixo, porque só existe uma chaminé. Esses filhotes de toupeira não são inteligentes o bastante para saber que não precisavam de uma porta para cada um. Isso mostra que eles não têm mãe. Vamos deixar o bolo na beira da laguna das sereias. Esses meninos estão o tempo inteiro lá, nadando e brincando com as sereias. Eles encontrarão o bolo e vão engolir tudo de uma vez só, visto que, não tendo mãe, não sabem como é perigoso comer um bolo excessivamente substancioso, grosso, úmido.

Ele começou a rir, mas agora não era uma risada seca, era uma risada franca.

– Haha, eles vão morrer!

Smee escutara tudo com crescente admiração.

– É a estratégia mais perversa e brilhante que se poderia imaginar! – exclamou.

Exultando, eles dançaram e cantaram:

*Quando apareço as ondas rugem,
Só há medo e perigo,
O seu sangue vai correr,
Nas mãos do inimigo.*

Iniciaram a canção mas não a terminaram, pois mais um som se fez ouvir, e então pararam quietos. No começo era um ruído insignificante, mais baixinho do que o som de uma folha que cai no chão, mas aos poucos ele foi se aproximando e se tornou mais distinto.

Tique, taque, tique, taque.

Gancho ainda tinha uma perna no ar, e começou a tremer.

– O crocodilo – ofegou, antes de sair correndo, seguido por seu contramestre.

Era mesmo o crocodilo. Ele passara pelos peles-vermelhas, que estavam agora no rastro dos outros piratas. Vinha se arrastando atrás de Gancho.

Os meninos emergiram na superfície; mas os perigos da noite ainda não tinham passado, porque logo depois Nibs apareceu correndo, sem fôlego, perseguido por um bando de lobos. As línguas dos perseguidores pendiam de suas bocas; seus uivos eram horripilantes.

– Socorro, socorro! – gritou Nibs, caindo no chão.

– Mas o que é que vamos fazer, o que é que vamos fazer?

Um alto elogio a Peter: naquele duro momento, todos os pensamentos se voltaram para ele.

– O que é que Peter faria? – exclamaram simultaneamente.

Responderam quase no mesmo fôlego:

– Peter olharia para eles por entre as pernas.

E então:

– Façamos o que Peter faria.

Esse é o método mais eficiente num confronto com lobos; como se fossem um só menino, eles se curvaram e olharam por entre as pernas. O momento seguinte é o mais demorado; mas a vitória veio rápido: com os meninos avançando sobre eles nessa postura horrorosa, os lobos recolheram seus rabos e fugiram.

Nibs se botou de pé de repente, e os outros pensaram que os olhos alertas do garoto ainda viam os lobos. Mas não eram os lobos o que ele via.

– Vi uma coisa maravilhante – exclamou, enquanto os outros se acercavam dele, curiosos. – Um grande pássaro branco. Está voando na nossa direção.

– Que tipo de pássaro, na sua opinião?

– Não sei – Nibs disse, estupefato –, mas ele parece estar muito cansado, e vai voando e choramingando: “Pobre Wendy”.

– Pobre Wendy?

– Eu lembro – disse Slightly no mesmo instante – que existe um tipo de pássaro que se chama Wendy.

– Vejam, ele está se aproximando – exclamou Curly, apontando para Wendy no céu.

Wendy já estava quase acima deles, e eles podiam ouvir sua lamúria chorosa. Mais distinta que o choro, porém, vinha a voz aguda de Sininho. A fada invejosa já se desfizera, a essa altura, de seu disfarce de amizade, e se lançava contra sua vítima vindo de todas as direções, aplicando brutais beliscões na menina.

– Olá, Sininho! – gritaram os desconcertados garotos.

Sininho tilintou em resposta:

– Peter quer que vocês matem este Wendy.

Não era da natureza deles questionar uma ordem de Peter.

– Façamos o que Peter deseja! – exclamaram os simplórios garotos. – Rápido, arcos e flechas!

Todos, menos Tootles, desceram por suas árvores. Tootles já tinha arco e flecha com ele, e Sininho viu isso, e esfregou suas mãozinhas.

– Rápido, Tootles, rápido! – ela pediu. – Peter vai ficar tão contente!

Entusiasmado, Tootles ajeitou a flecha no arco.

– Saia de perto, Sininho! – ele gritou; e então atirou, e Wendy esvoaçou até o chão com uma flecha em seu peito.

CAPÍTULO VI

A PEQUENA CASA

O ingênuo Tootles estava posicionado ao lado do corpo de Wendy, imponente como um conquistador, quando os outros meninos saltaram, armados, de suas árvores.

– Vocês chegaram tarde – ele exclamou, ativo –, já matei este Wendy. Peter vai ficar muito contente comigo.

No ar, no alto, Sininho gritou “Burro idiota!” e disparou em fuga. Os outros não ouviram nada. Eles se aglomeraram em volta de Wendy e, enquanto olhavam para ela, um terrível silêncio tomou conta da mata. Se o coração de Wendy ainda estivesse batendo, seria possível ouvi-lo.

Slightly foi o primeiro a falar.

– Isto não é um pássaro – disse, com uma voz assustada. – Acho que deve ser uma dama.

– Uma dama? – Tootles exclamou, e começou a tremer.

– E nós matamos a dama – Nibs falou, áspero.

Todos tiraram os bonés.

– Agora estou entendendo. Peter estava trazendo a dama para cá – Curly disse, e se atirou no chão de tanta tristeza.

– Uma dama que, finalmente, cuidaria de nós – disse um dos gêmeos –, e você a matou.

Os meninos sentiram pena de Tootles, e ainda mais pena de si mesmos, e quando ele tentou se aproximar eles lhe deram as costas.

O rosto de Tootles estava muito branco, mas expressava uma dignidade que nunca tinha estado ali.

– Eu a matei – ele disse, refletindo. – Quando damas apareciam nos meus sonhos, eu dizia “Mamãe querida, mamãe querida”. E agora que ela apareceu de verdade, finalmente, eu a matei.

Ele começou a se afastar lentamente.

– Não vá – os outros pediram, piedosos.

– Preciso ir – ele respondeu, trêmulo. – Estou com muito medo de Peter.

Foi nesse trágico momento que eles ouviram um som que fez com que seus corações quase saíssem pela boca. Ouviram o grasnar de Peter.

– Peter! – exclamaram, porque era sempre assim que ele

anunciava seu retorno.

– Escondam a dama – sussurraram, e se juntaram às pressas em volta de Wendy; mas Tootles não se mexeu, alheio.

Outra vez souou aquele grasnar de soberba, e Peter aterrissou na frente deles.

– Saudações, meninos – ele exclamou.

Eles saudaram-no mecanicamente, e então se fez silêncio outra vez.

Ele franziu o cenho.

– Estou de volta – disse, com ardor –, por que não se alegram?

Eles abriram a boca, mas as expressões de alegria não saíam. Peter não insistiu, tinha pressa de relatar os gloriosos acontecimentos.

– Tenho ótimas notícias, meninos! – exclamou. – Eu trouxe, finalmente, uma mãe para vocês.

Não se ouviu nada mais uma vez, exceto um pequeno baque: Tootles caiu de joelhos.

– Vocês não a viram? – perguntou Peter. – Ela estava voando para cá.

– Ah, que horror – uma voz disse.

E outra disse:

– Que dia triste.

Tootles se levantou.

– Peter – ele disse com calma –, vou mostrá-la para você.

E os outros ainda tentavam escondê-la, e Tootles falou:

– Gêmeos, abram caminho, deixem Peter ver.

Então todos abriram caminho, e deixaram Peter ver, e ele olhou por um tempo e não soube o que fazer a seguir.

– Ela está morta – disse, com desconforto. – Talvez esteja bem assustada por estar morta.

Ele pensou em sair saltitando de um jeito cômico e esquecer aquela visão e nunca mais passar perto daquele lugar. Todos ficariam muito felizes se ele fizesse isso.

Mas havia a flecha. Peter a tirou do coração de Wendy e olhou para o seu bando.

– De quem é a flecha? – demandou, severo.

– É minha, Peter – disse Tootles, de joelhos.

– Mão covarde, desleal! – Peter exclamou, e ergueu a flecha, para usá-la como adaga.

Tootles não se encolheu. Ofereceu o peito.

– Vá em frente, Peter, com força – disse, firme.

Por duas vezes Peter ergueu a flecha, e por duas vezes sua mão caiu.

– Não consigo ir em frente – ele falou, espantado –, algo segura a minha mão.

Todos olharam para ele com assombro, menos Nibs, que por sorte olhou para Wendy.

– É ela – Nibs exclamou –, a dama Wendy; vejam o braço dela!

Era impressionante, de fato: Wendy levantara o braço. Nibs se inclinou sobre ela e ouviu com reverência.

– Acho que ela disse “Pobre Tootles” – ele sussurrou.

– Ela está viva – Peter falou, sucinto.

E na mesma hora Slightly gritou:

– A dama Wendy está viva!

Então Peter se ajoelhou ao lado dela e encontrou o botão. Vocês devem lembrar que ela o prendera numa correntinha que usava no pescoço.

– Vejam – ele disse –, a flecha acertou isto. É o beijo que eu dei para ela. Salvou sua vida.

– Eu me lembro de beijos – Slightly interveio rapidamente –, deixe-me ver. Sim, é um beijo.

Peter não ouviu o que ele disse. Estava implorando a Wendy que melhorasse o quanto antes, de modo que ele pudesse mostrar as sereias para ela. Ela ainda não tinha como lhe responder, é claro, estando mergulhada num forte desmaio; mas do alto veio um queixume.

– Ouçam Sininho – disse Curly –, ela está chorando porque a dama Wendy está viva.

Então tiveram de revelar o crime de Sininho para Peter; poucas vezes os meninos tinham visto o rosto dele assumir uma expressão tão grave.

– Ouça, Sininho! – ele gritou. – Não sou mais seu amigo. Desapareça da minha vista para sempre.

Ela voou até seu ombro e suplicou, mas ele a repeliu com a mão. Só quando Wendy voltou a levantar o braço ele cedeu o suficiente para dizer:

– Bem, não para sempre, mas por uma semana inteira.

Vocês acham que Sininho ficou grata por Wendy ter levantado o braço? Ah, nada disso, quis beliscá-la mais do que nunca. Fadas são criaturas estranhas, de fato, e Peter, que as entendia mais do que ninguém, muitas vezes as enchia de tabefes.

E o que fazer com Wendy, em seu delicado estado de saúde?

– Vamos carregá-la para dentro de casa – Curly sugeriu.

– Afirmativo – disse Slightly –, é o que se costuma fazer com damas.

– Não, não – Peter falou –, vocês não devem tocar nela. Não seria suficientemente respeitoso.

– Era o que eu estava pensando – disse Slightly.

– Mas ela vai morrer se ficar deitada aqui fora – disse Tootles.

– Afirmativo, vai morrer – Slightly admitiu –, mas não há o que fazer.

– Podemos fazer algo, sim! – exclamou Peter. – Podemos construir uma pequena casa em volta dela.

Todos ficaram maravilhados.

– Rápido, todos vocês – ele ordenou. – Tragam-me o que nós temos de melhor. Devassem a nossa casa. Não deixem nada para trás.

No momento seguinte eles já estavam mais ativos do que um alfaiate em véspera de casamento. Corriam para lá e para cá, aqui pegavam roupa de cama, ali pegavam lenha, e em meio a tudo isso quem poderia aparecer? John e Michael. Eles vinham se arrastando pela ilha e pegavam no sono caminhando, e paravam, e depois acordavam, e então davam mais um passo e pegavam no sono de novo.

– John, John! – Michael gritava. – Acorde! Onde estão Nana e mamãe, John?

E John esfregava os olhos e balbuciava:

– É verdade, nós voamos mesmo.

Você pode ter certeza de que eles ficaram muito aliviados quando encontraram Peter.

– Olá, Peter – disseram.

– Olá – Peter respondeu, afetuoso, embora quase não se lembrasse mais deles.

Ele estava muito ocupado naquele momento, medindo Wendy com seus pés para ver que tamanho a casa dela deveria ter. É claro que ele tinha intenção de deixar espaço para cadeiras e uma mesa. John e Michael ficaram olhando.

– Wendy está dormindo? – perguntaram.

– Sim.

– John – Michael propôs –, vamos acordá-la e pedir que prepare o nosso jantar.

Mas enquanto ele falava os outros meninos passaram correndo, carregando galhos para a construção da casa.

– Veja isso! – gritou.

– Curly – ordenou Peter, com voz de grande comandância –, estes meninos vão nos ajudar na construção da casa.

– Afirmativo, senhor.

– Construção da casa? – perguntou John.

– Para a dama Wendy – disse Curly.

– Para Wendy? – falou John, chocado. – Ora, ela é apenas uma menina.

– É por isso que estamos a serviço dela – explicou Curly.

– Vocês? A serviço dela!

– Sim – disse Peter –, e vocês dois também. Curly, leve os

meninos.

Os atônitos irmãos foram tirados dali para que fossem cortar e rachar e carregar.

– Cadeiras e um guarda-fogo primeiro – Peter ordenou. – E depois construímos a casa em volta.

– Afirmativo – disse Slightly –, é assim que se constrói uma casa; estou me lembrando agora.

Peter pensava em tudo.

– Slightly – ordenou –, vá buscar um médico.

– Afirmativo – respondeu Slightly no ato, e sumiu de vista, coçando a cabeça; mas sabia que Peter devia ser obedecido, e retornou pouco depois, usando o chapéu de John e exibindo uma expressão solene.

– Com licença – disse Peter, aproximando-se dele –, o senhor é médico?

A diferença entre Peter e os outros meninos, em momentos como aquele, era que eles sabiam que era faz de conta, e para ele o faz de conta e a verdade eram exatamente a mesma coisa. Isso às vezes lhes causava problemas, como nas ocasiões em que tinham de fazer de conta que já tinham jantado.

Se eles paravam o faz de conta no meio, Peter lhes batia nos dedos. Slightly, que já estava com os dedos meio alquebrados, respondeu com inquietação:

– Sim, meu jovem.

Peter informou:

– Por favor, senhor, temos uma dama repousando aqui, ela está muito doente.

Ela estava repousando bem na frente deles, mas Slightly teve o bom-senso de não olhar para ela.

– Ora, que situação aflitiva – ele falou. – Onde a dama se encontra?

– Na clareira acolá.

– Colocarei uma coisa de vidro na boca da paciente – disse Slightly; e fez de conta que estava efetuando o procedimento, e Peter aguardou.

Houve certa tensão quando a coisa de vidro foi removida.

– Como ela está? – quis saber Peter.

– Ora – disse Slightly –, isto curou a paciente.

– Fico contente! – Peter exclamou.

– Voltarei à noite – Slightly disse. – Dê uma tigela de caldo de carne para a paciente, numa tigela com biqueira.

Depois de devolver o chapéu para John, Slightly dava profundos suspiros, como sempre fazia quando escapava de uma situação complicada.

Enquanto isso, a mata ganhara vida com o barulho dos machados; quase tudo que era necessário para uma moradia confortável já estava depositado aos pés de Wendy.

– Se pudéssemos saber – disse um dos meninos – qual é o tipo de casa de que ela mais gosta.

– Peter – gritou outro –, ela está se mexendo em seu sono!

– Sua boca se abriu – exclamou um terceiro, olhando respeitosa para dentro da boca. – Puxa, que encantador!

– Talvez ela comece a cantar em seu sono – disse Peter. – Wendy, cante o tipo de casa que você quer ter.

Imediatamente, sem abrir os olhos, Wendy começou a cantar:

*Queria ter uma linda casa,
Vermelha nas paredes.
A menor casinha que já se viu,
Com telhas musgosas verdes.*

Os meninos gorgolejaram de alegria, já que, graças à maior sorte do mundo, os galhos que eles tinham providenciado estavam pegajosos de tanta seiva vermelha, e todo o chão estava atapetado com musgo. Quando já estavam dando os últimos retoques na pequena casa, eles se puseram também a cantar:

*Construímos paredes e telhas
E uma porta de cor cereja.
Diga agora, mamãe Wendy,
O que mais você deseja?*

Ela respondeu com certa ganância:

*Ah, eu sei o que quero agora:
Janelas bonitas ao vento.
Com bebês olhando pra fora
E rosas olhando pra dentro.*

Golpeando com os punhos, os meninos abriram as janelas, e grandes folhas amarelas serviram de persianas. Mas rosas?

– Rosas – exclamou Peter, autoritário.

Num instante eles fizeram de conta que adoráveis roseiras iam crescendo pelas paredes.

Bebês?

Para evitar que Peter pedisse por bebês, rapidamente começaram a cantar de novo:

*As rosas já estão olhando pra dentro,
Os bebês estão aqui no relvado.
Não podemos construir a nós mesmos,
Já fomos feitos no passado.*

Peter, percebendo que se tratava de uma boa ideia, na mesma hora tomou-a como sendo sua. A casa era magnífica, e sem dúvida Wendy estava muito confortável dentro dela, embora, é claro, não pudessem mais vê-la. Peter andava de um lado para o outro, supervisionando o acabamento dos últimos detalhes. Nada escapava de seu olhar de água. Quando a casa parecia estar absolutamente pronta, ele disse:

– A porta não tem aldrava.

Todos ficaram muito sem jeito, mas Tootles ofereceu a sola de seu sapato, que serviu muito bem como batente.

“A casa está absolutamente terminada agora”, eles pensaram. Nada disso.

– Falta uma chaminé – Peter disse. – Precisamos ter uma chaminé.

– Precisamos de fato de uma chaminé – disse John, com veemência.

E Peter teve uma ideia. Tirou o chapéu da cabeça de John, arrancou o fundo e colocou o chapéu no telhado. A pequena casa ficou tão feliz com sua imponente chaminé que, como se estivesse agradecendo, imediatamente começou a soprar fumaça para fora do chapéu.

Real e verdadeiramente, agora a casa estava terminada. Só restava bater à porta.

– Comportem-se com elegância – Peter lhes advertiu. – As primeiras impressões são incrivelmente importantes.

Ele ficou aliviado por ninguém ter perguntado o que significavam primeiras impressões; estavam todos muito ocupados em se comportar com elegância.

Peter bateu à porta com delicadeza; e a mata estava agora tão quieta quanto as crianças, não se ouvia nada a não ser o tilintar de Sininho, que observava tudo do alto de uma árvore e proferia deboches em voz alta.

O que os meninos estavam pensando era: será que alguém abriria a porta? Se uma dama a abrisse, como seria essa dama?

A porta se abriu e uma dama apareceu. Era Wendy. Todos tiraram os bonés com a velocidade de um raio.

Ela parecia estar adequadamente surpreendida, e era isso mesmo o que eles tinham achado que ocorreria.

– Onde eu estou? – ela quis saber.

Slightly, é claro, foi o primeiro a se manifestar.

– Dama Wendy – falou rapidamente –, nós construímos esta casa para a senhorita.

– Por favor, diga que gostou! – exclamou Nibs.

– É uma casa linda, maravilhosa – Wendy disse, e essas palavras eram exatamente as que eles tinham achado que ela diria.

– E somos seus filhos! – exclamaram os gêmeos.

Então todos se ajoelharam e, estendendo os braços para frente, suplicaram:

– Por favor, dama Wendy, seja a nossa mãe.

– Será que eu devo? – Wendy falou, radiante. – É claro que seria incrivelmente fascinante, mas, vejam bem, eu sou só uma menina. Não tenho experiência nenhuma.

– Isso não faz mal – disse Peter, como se fosse a única pessoa presente que soubesse tudo a respeito do assunto, embora fosse, na verdade, quem menos sabia. – Nós só precisamos de uma pessoa querida e maternal.

– Nossa! – Wendy falou. – Eu sinto que é exatamente assim que eu sou.

– Você é, você é! – exclamaram todos. – Nós logo percebemos isso.

– Muito bem – ela disse –, vou me esforçar ao máximo. Entrem agora mesmo, crianças malcriadas; tenho certeza de que estão com os pés molhados. E antes de colocá-los na cama vou ter um tempo para contar o fim da história de Cinderela.

Entraram; não sei como houve espaço para todos, mas na Terra do Nunca você pode se espremer, sempre há lugar para mais um. E aquela foi a primeira de muitas noites felizes que eles passaram com Wendy. Ela os colocou na cama, um por um, na grande cama da casa embaixo da terra, mas ela, naquela noite, dormiu na pequena casa, e Peter ficou de guarda, do lado de fora, com espada desembainhada, porque era possível ouvir os piratas farreando numa bebedeira distante e os lobos estavam à espreita. A pequena casa parecia muito confortável e segura em meio à escuridão, com uma luz brilhante saindo por suas persianas, com uma belíssima fumaça saindo pela chaminé e com Peter mantendo guarda. Depois de um tempo, ele pegou no sono, e algumas fadas cambaleantes, voltando para casa depois de uma festa desenfreada, precisaram passar por cima de seu corpo. As fadas teriam cometido crueldades com qualquer outro menino que estivesse obstruindo o fádico caminho noturno, mas naquele caso elas apenas torceram o nariz de Peter e seguiram adiante.

CAPÍTULO VII

A CASA EMBAIXO DA TERRA

Uma das primeiras coisas que Peter fez, no dia seguinte, foi medir Wendy e John e Michael, para fazer portas em árvores ocas. Gancho, vocês se lembram, zombara dos meninos por eles pensarem que precisavam de uma árvore cada um, mas isso foi ignorante da parte dele, pois era difícil subir e descer a não ser que a árvore servisse bem para você, e todos os meninos tinham tamanhos diferentes. Quando você conseguia entrar na árvore certa, você aspirava o máximo de ar possível e então descia, na velocidade certa; enquanto que, para subir, você aspirava e soltava o ar alternadamente, e assim ascendia, contorcendo um pouco o corpo. Depois que você se tornava experiente, era possível descer e subir sem nem pensar, e nada podia ser tão gracioso.

Mas você precisa ter o tamanho exato, e Peter toma as suas medidas como se estivesse fazendo uma roupa para você: a única diferença é que as roupas precisam servir em você, e aqui você precisa servir na árvore. O procedimento geralmente é bem simples, dependendo de você estar usando muita vestimenta ou pouca; no entanto, se você é rechonchudo em lugares inusitados do corpo, ou se a única árvore disponível tem um formato esquisito, Peter faz umas coisas com você, e depois disso você se encaixa. Uma vez encaixado, grandes cuidados devem ser tomados para que você não saia do formato, e isso, Wendy descobriria com enorme prazer, mantém uma família inteira em perfeitas condições físicas.

Wendy e Michael se encaixaram em suas árvores na primeira tentativa, mas John teve de ser alterado um pouco.

Depois de alguns dias de prática, eles já conseguiam subir e descer com a maior facilidade, como baldes num poço. Com ardor, eles passaram a amar cada vez mais o lar subterrâneo; especialmente Wendy. O lar consistia num grande aposento, no qual, como deveria ocorrer em todas as casas, você podia cavoucar o chão se precisasse de minhocas para uma pescaria, e nesse chão cresciam cogumelos robustos, de cores vistosas, que eram usados como bancos. Uma árvore do Nunca tentava, com insistência, crescer no meio do aposento, mas toda manhã os meninos serravam o tronco no nível do chão. Lá pela hora do chá ela já tinha, sempre, uns sessenta

centímetros de altura, e então eles colocavam uma porta em cima dela, obtendo, dessa forma, uma mesa; terminado o chá, serravam o tronco de novo, e dessa forma obtinham mais espaço para brincar. Havia também uma lareira enorme, e você conseguia acendê-la de onde quer que você estivesse, e Wendy estendeu barbantes de fibra ao longo dela, para pendurar roupa lavada. A cama ficava de pé durante o dia, encostada na parede, e era deitada às seis e meia, quando passava a ocupar quase metade do aposento; com exceção de Michael, todos os meninos dormiam nela, como sardinhas numa lata. Havia uma lei rígida segundo a qual ninguém podia se virar na cama sem dar um sinal, e, ao sinal, todos se viravam ao mesmo tempo. Michael poderia ter dormido nela também; mas Wendy queria ter um bebê, e ele era o menor de todos, e vocês sabem como são as mulheres, e o fim da história é que ele acabou tendo de dormir num cesto pendurado.

Era um lar rude e simples, e não diferia muito de uma casa subterrânea que filhotes de urso poderiam construir nas mesmas circunstâncias. Mas havia uma reentrância na parede, não maior que uma gaiola de passarinho; era o apartamento particular de Sininho. Uma cortina minúscula podia isolá-lo do resto da casa, e Sininho, que era muito fastidiosa, sempre se fechava quando estava se vestindo ou se despiendo. Mulher nenhuma, por maior que fosse, teria um quarto e sala tão refinado. O sofá, como Sininho fazia questão de dizer, era um genuíno Rainha Mab, com pés curvos; e ela variava a roupa de cama de acordo com as frutas que estivessem na estação. Seu espelho era um Gato de Botas, do qual, até onde sabem os mercadores de produtos para fadas, só existem três exemplares intactos; o lavabo, reversível, era um Massa de Torta, a cômoda era uma autêntica Charmosa VI, e o carpete e os tapetes tinham sido fabricados no melhor período (o inicial) do reinado de Margery e Robin. Havia um candelabro piscante que tinha uma aparência fantástica, mas a própria Sininho iluminava a residência, é claro. Ela dedicava um grande desprezo ao resto da casa subterrânea, o que era inevitável, talvez; e seu apartamento, embora fosse lindo, tinha um ar de soberba e de nariz permanentemente empinado.

Acho que Wendy devia estar bastante arrebatada, porque aqueles meninos turbulentos lhe davam muito trabalho. Realmente, ela chegava a passar uma semana inteira embaixo da terra, sem sair nenhuma vez, exceto para recolher lenha ou algo assim, à noite. A preparação da comida, posso garantir, mantinha seu nariz grudado nas panelas o tempo todo. Eles comiam principalmente assados de fruta-pão, inhame, coco, porco assado, sapoti, banana e rolinhos de casca de amoreira, e bebiam cuias e mais cuias de suco; mas você nunca podia saber ao certo se seria uma refeição real ou um faz de

conta, tudo dependia dos caprichos de Peter. Ele podia comer, realmente comer, se a refeição fosse parte de algum jogo, mas não conseguia se empanturrar apenas pelo prazer de ficar empanturrado, um prazer que para a maioria das crianças é a melhor coisa do mundo, a segunda melhor sendo conversar sobre a comilança. O faz de conta era tão real, para Peter, que durante uma refeição você podia vê-lo engordar. Era um tormento, é claro, mas você não podia deixar de fazer o que o líder fazia, e, se você conseguisse provar que sua árvore estava ficando espaçosa, ele deixava você se empanturrar.

Wendy preferia costurar e cerzir depois de todos os meninos já estarem na cama. Naquele momento, como ela mesma dizia, tinha um tempo para respirar; e ocupava esse tempo fazendo vestes novas para eles, e costurando remendos duplos nas calças, já que eles machucavam os joelhos praticamente todos os dias.

Quando se sentava com um cesto cheio de meias, todas com furos nos calcanhares, Wendy erguia os braços e exclamava:

– Minha nossa, às vezes eu realmente sinto inveja de quem não tem filhos!

Seu rosto se iluminava quando ela dizia isso.

Vocês se lembram do lobinho de estimação de Wendy. Bem, ele logo soube que ela viera para a ilha, e descobriu onde ela estava, e simplesmente correu para os braços da menina. O lobinho passou a estar sempre ao lado dela.

Com o passar do tempo, será que Wendy pensava muito nos adorados pais que deixara para trás? É uma pergunta difícil, porque é quase impossível dizer como o tempo passa na Terra do Nunca, onde ele é calculado em luas e sóis; e as luas e os sóis são mais abundantes na ilha. Mas receio que Wendy não estivesse realmente preocupada com seu pai e sua mãe; a menina tinha certeza absoluta de que eles deixariam a janela sempre aberta, para que ela pudesse voar de volta, e isso lhe fornecia a mais completa serenidade. O que chegava a perturbá-la, por vezes, era o fato de que John se lembrava de seus pais apenas vagamente, como se fossem pessoas que ele conhecera certa vez, enquanto que Michael já estava disposto a acreditar que ela era a mãe dele de verdade. Essas coisas a deixavam um pouco assustada e, inspirada por um nobre sentimento de dever, ela tentava fixar a antiga vida nas memórias dos irmãos: aplicava testes escritos, parecidos, na medida do possível, com os que ela costumava fazer na escola. Os outros meninos achavam aquilo incrivelmente interessante, e insistiam em participar, e fizeram lousas para eles mesmos, e sentavam em volta da mesa, escrevendo e refletindo muito a partir das perguntas que Wendy escrevia numa outra lousa e passava para todos. Eram perguntas extremamente comuns: “Qual era a cor dos olhos da mamãe? Quem era mais alto, papai ou mamãe? Mamãe era loira ou

morena? Responda as três questões, se possível.” Ou: “(A) Escreva uma redação, com não menos de quarenta palavras, sobre o tema *Como foram as minhas últimas férias*, ou *As personalidades de papai e mamãe comparadas*.” Ou: “(1) *Descreva a risada da mamãe*; (2) *Descreva a risada do papai*; (3) *Descreva o vestido de festa da mamãe*; (4) *Descreva a casinha de cachorro e sua moradora*.”

Eram perguntas simples como essas, sobre assuntos do cotidiano, e quando você não conseguia responder você tinha de assinalar com uma cruz; e era terrível o número de cruces que até mesmo John fazia. O único menino que respondia a todas as perguntas era Slightly, é claro, e ninguém tinha tanta esperança de ser o melhor aluno, mas suas respostas eram perfeitamente ridículas, e na verdade ele era o pior aluno: uma coisa melancólica.

Peter não se envolveu naquela competição. Em primeiro lugar, ele desprezava todas as mães exceto Wendy, e em segundo ele era o único menino na ilha que não sabia escrever ou soletrar; nem a mais minúscula palavra. Peter estava muito acima desse tipo de coisa.

A propósito, todas as perguntas eram escritas no tempo passado. Qual era a cor dos olhos da mamãe, e assim por diante. Wendy, percebiam, estava esquecendo também.

Aventuras, é claro, ocorriam diariamente, como veremos; mas num daqueles dias Peter inventou, com a ajuda de Wendy, uma brincadeira nova que o fascinou tremendamente, até que de súbito ele não se interessou mais por ela, o que, como já contei a vocês, era o que sempre acontecia com suas brincadeiras. Ela consistia em fingir que não existiam aventuras, em fazer o tipo de coisa que John e Michael tinham feito a vida inteira: sentar em bancos jogando bolas para cima, empurrar alguém, sair para caminhadas e voltar sem ter matado nem ao menos um urso. Ver Peter fazendo nada, sentado num banco, era algo fascinante; nessas ocasiões ele não conseguia deixar de parecer solene, porque ficar sentado sem sair do lugar era algo bizarro na opinião dele. Ele se vangloriava de ter saído para caminhar apenas pelo bem de sua saúde. Essas foram, por vários sóis, as aventuras mais originais do mundo para Peter; e John e Michael tinham de fingir que estavam se deliciando também, caso contrário ele os xingaria com severidade.

Peter muitas vezes saía sozinho, e quando voltava você nunca podia afirmar com certeza se ele tivera uma aventura ou não. Ele podia tê-la esquecido tão completamente que não dizia nada a respeito; e então você saía pela mata e encontrava o cadáver; e, por outro lado, ele podia dizer muitas coisas a respeito, e no entanto você não conseguia encontrar o cadáver. Às vezes ele voltava para casa com a cabeça enfaixada, e então Wendy o paparicava e lhe dava banho com água morna, enquanto ele contava uma história atordoante. Mas

ela não podia ter certeza, é claro. Ocorriam, contudo, muitas aventuras que Wendy podia dizer que eram verdadeiras porque participara delas, e ocorriam outras que eram ao menos em parte verdadeiras, porque os outros meninos tinham participado delas e diziam que eram totalmente verdadeiras. Descrevê-las todas exigiria um livro tão grosso quanto um Dicionário Inglês-Latim, Latim-Inglês, e o máximo que podemos fazer é descrever uma, para dar uma ideia do que se passava numa hora qualquer na ilha. A dificuldade é escolher a aventura. Quem sabe o confronto com os peles-vermelhas na ravina de Slightly? Foi um evento sangüinário, e especialmente interessante na revelação de uma das peculiaridades de Peter: a de que, no meio de uma batalha, ele de repente trocava de lado. Na ravina, num momento em que a vitória ainda não estava nas mãos de ninguém e se inclinava às vezes para cá e às vezes para lá, ele exclamou:

– Sou pele-vermelha hoje; e você, Tootles?

E Tootles respondia:

– Pele-vermelha; e você, Nibs?

E Nibs dizia:

– Pele-vermelha; e você, Gêmeo?

E assim por diante; e todos eles eram peles-vermelhas; e isso teria encerrado a batalha, é claro, não fosse o fato de que os peles-vermelhas, fascinados com os métodos de Peter, concordavam em ser meninos perdidos naquela luta, e então retomavam a guerra, com mais ferocidade do que nunca.

O extraordinário desfecho dessa aventura foi... mas ainda não sabemos se é essa a aventura que vamos narrar. Talvez devêssemos escolher a noite em que os peles-vermelhas atacaram a casa embaixo da terra, quando vários índios ficaram presos nas árvores ocas e tiveram de ser arrancados de dentro delas como se fossem rolas. Ou poderíamos contar como Peter salvou a vida de Flor de Lírio-Tigre na Laguna das Sereias, fazendo dela, assim, sua aliada.

Ou poderíamos falar sobre o bolo que os piratas assaram com a intenção de que os meninos o comessem e morressem; e como eles o posicionaram em vários pontos estratégicos; mas todas as vezes Wendy os arrancava das mãos de seus filhos, de modo que, depois de um tempo, o bolo perdeu sua suculência e ficou duro como uma pedra, e foi utilizado como míssil, e Gancho tropeçou nele no escuro.

Ou quem sabe deveríamos falar sobre os pássaros que eram amigos de Peter, em particular sobre a ave do Nunca que construiu um ninho numa árvore que se curvava sobre a laguna, e contar como o ninho caiu na água e como a ave, mesmo assim, não saiu de cima de seus ovos, e como Peter ordenou que não a perturbassem. Essa é uma bela história, e o fim dela mostra o quanto um pássaro pode demonstrar gratidão; porém, se contarmos essa história seremos

obrigados a falar sobre toda a aventura da laguna, e isso, é claro, seria contar duas aventuras e não apenas uma. Uma aventura mais curta, tão emocionante quanto as outras, foi a tentativa de Sininho, com o auxílio de algumas fadas de rua, de transportar Wendy de volta para o continente pelo mar, numa grande folha flutuante. Por sorte a folha cedeu e então Wendy acordou, achando que já estava na hora do banho, e nadou de volta. Ou poderíamos ainda escolher o dia em que Peter lançou uma provocação aos leões, desenhando um círculo em volta de si, no chão, com uma flecha, e desafiando as feras a cruzar a linha; embora ele tenha esperado horas a fio, com os outros meninos e Wendy observando tudo, sem fôlego, de cima das árvores, nenhum leão teve coragem de aceitar a provocação.

Qual dessas aventuras deveríamos escolher? O melhor é decidir ao acaso, fazendo um sorteio.

Fiz o sorteio, e a laguna venceu. Assim, ao acaso, bem que a ravina ou o bolo ou a folha de Sininho poderia ter vencido. Eu poderia sortear de novo, é claro, para ver quem ganharia em três rodadas; mas o mais justo é ficar com a laguna.

CAPÍTULO VIII

A LAGUNA DAS SEREIAS

Se você fechar os olhos e tiver muita sorte, poderá ver, de vez em quando, uma piscina sem forma, marcada por adoráveis cores suaves, suspensa na escuridão; então, se você apertar os olhos com força, a piscina começará a ganhar forma, e as cores se tornarão tão vívidas que, se você apertar os olhos ainda mais, ficarão a ponto de pegar fogo. Mas antes que elas peguem fogo você verá a laguna. Isso é o mais próximo que você consegue chegar dela no continente, e apenas por um único momento etéreo; se você conseguisse vê-la por dois momentos, poderia visualizar a ondulação da água e ouvir as sereias cantando.

As crianças muitas vezes passavam longos dias de verão nessa laguna, nadando ou boiando na maior parte do tempo, jogando os jogos das sereias, coisas assim. Não pensem, com isso tudo, que as sereias estivessem se relacionando com eles em termos amigáveis; pelo contrário, uma das mais duradouras mágoas de Wendy se devia ao fato de que, durante todo o tempo em que ficou na ilha, nunca ouviu uma única palavra civilizada de alguma delas. Quando ela se aproximava, sorrateiramente, da beira da laguna, via às vezes dezenas de sereias, principalmente na Rocha do Degredo, onde elas adoravam tomar sol, penteando seus cabelos com gestos preguiçosos que a irritavam; e às vezes ela até mesmo nadava, com braçadas silenciosas, até ficar a menos de um metro delas, e então era vista e elas mergulhavam, quase sempre espirrando água nela com suas caudas, não por acidente, mas de propósito.

Elas tratavam todos os meninos da mesma maneira, exceto, é claro, Peter, que ficava horas a fio conversando com elas na Rocha do Degredo e sentava-se em suas caudas quando elas ficavam muito insolentes. Ele deu um dos pentes das sereias para Wendy.

Observar as sereias durante a mudança da lua é algo medonho, elas dão gritos estranhos, lamuriosos; mas a laguna é um lugar perigoso para mortais nesse momento e, até a noite sobre a qual vamos falar agora, Wendy nunca vira a laguna sob a luz da lua, não tanto por medo, pois é claro que Peter a teria acompanhado, e mais porque ela era muito rígida em fazer cumprir a regra de que todos deviam estar na cama às sete. Ela ia à laguna com frequência, no

entanto, em dias nos quais parava de chover e fazia sol, quando as sereias apareciam em quantidade extraordinária para brincar com suas bolhas. São bolhas multicoloridas, formadas pela água do arco-íris, que elas tratam como bolas, jogando-as umas para as outras com suas caudas, alegremente, e tentando mantê-las perto do arco-íris, até que estourem. Os gols ficam nas duas extremidades do arco-íris, e só as sereias que são goleiras podem usar as mãos. Há ocasiões em que centenas de sereias brincam na laguna ao mesmo tempo, é algo bonito de se ver.

As crianças tentavam participar do jogo e acabavam tendo de brincar sozinhas, porque as sereias desapareciam na mesma hora. Temos provas, no entanto, de que elas espiavam os intrusos e não descartavam a possibilidade de adotar alguma ideia deles; porque John introduziu um novo método de bater na bolha, usando a cabeça e não a mão, e as sereias goleiras o adotaram. Essa é a única marca que John deixou na Terra do Nunca.

Depois do almoço, os meninos descansavam numa rocha por meia hora; isso também devia ser algo bonito de se ver. Wendy exigia deles esse repouso, e tinha de ser um repouso de verdade, mesmo quando o almoço era um faz de conta. E eles se deitavam ao sol, e seus corpos brilhavam no calor, e ela ficava sentada ao lado deles, circumspecta.

Foi num dia desses, e as crianças estavam todas na Rocha do Degredo. A rocha não era muito maior do que a grande cama em que dormiam à noite, mas os meninos conseguiam aproveitar bem o espaço, é claro, e estavam cochilando, ou pelo menos descansando de olhos fechados, e vez por outra se beliscavam, quando achavam que Wendy não estava olhando. Ela estava muito ocupada, costurando.

Enquanto ela costurava, a laguna passou por uma transformação. Pequenos tremores agitaram sua superfície, e o sol foi embora, e sombras silenciosas cobriram a água e a esfriaram. Wendy não conseguia mais enxergar a linha e a agulha, e quando ergueu os olhos percebeu que a laguna, tão radiante um momento antes, era agora um lugar aterrador e hostil.

Não era, ela sabia, a noite que tinha chegado, mas era algo tão escuro quanto a noite. Não, pior do que isso. Essa escuridão ainda não tinha chegado, mas tinha enviado aqueles tremores de água para dizer que estava chegando. Que transformação era essa?

Wendy começou a pensar em todas as histórias que ouvira sobre a Rocha do Degredo, que tinha esse nome porque capitães malignos abandonam marinheiros nela, para que morram por afogamento. Eles se afogam quando a maré sobe e a rocha fica submersa.

É claro que ela devia ter acordado as crianças no mesmo instante; não apenas por causa da coisa desconhecida que estava vindo na

direção delas, mas também porque não era mais aconselhável dormir numa rocha que havia esfriado. Mas Wendy era uma mãe jovem e não tinha esse discernimento; ela achava que devia cumprir, de qualquer jeito, a regra sobre a meia hora depois do almoço. Por isso, embora o medo a rondasse e ela ansiasse por ouvir vozes masculinas, não acordou os meninos. Mesmo quando ouviu um remar abafado, com o coração na boca, não os acordou. Ficou ao lado deles, cuidadosa, quieta, para que pudessem terminar de dormir. Era uma demonstração de bravura, não era?

Para o bem dos meninos, entre eles havia alguém que podia farejar perigo até quando dormia. Peter se levantou num salto, desperto do sono como um cão, e acordou os outros com um grito de alerta.

Ele ficou imóvel, uma mão na orelha.

– Piratas! – gritou.

Os outros se agruparam mais perto dele. Um sorriso estranho vibrava em seu rosto, e Wendy viu o sorriso e estremeceu. Quando Peter exibia aquele sorriso, ninguém tinha coragem de lhe dirigir a palavra; tudo que podiam fazer era ficar de prontidão e obedecer. A ordem veio, forte e incisiva:

– Mergulhem!

Pernas brilharam no ar, e no mesmo instante a laguna ficou deserta. A Rocha do Degredo se viu sozinha em meio às águas ameaçadoras, como se ela mesma tivesse sido degredada.

O barco se aproximou. Era o bote dos piratas, com três figuras dentro: Smee e Starkey e uma prisioneira, ninguém menos que Flor de Lírio-Tigre. Suas mãos e seus tornozelos estavam amarrados, e ela sabia o destino que teria. Seria deixada na rocha para perecer, um fim que, para alguém de sua raça, era mais terrível do que a morte por fogo ou por tortura, pois não está escrito, no livro da tribo, que não existe caminho por água para o campo de caça encantado? E mesmo assim seu rosto se mostrava impassível; ela era filha de um chefe de tribo, devia morrer como uma filha de chefe, ponto final.

Flor de Lírio-Tigre tinha sido apanhada ao tentar invadir, com uma faca na boca, o navio pirata. O navio não tinha vigia, Gancho alardeava que seu nome, anunciado pelo vento, protegia o navio num raio de um quilômetro. E agora a morte dela também ajudaria a protegê-lo. Mais um grito de dor circularia com aquele vento noturno.

Na penumbra que traziam com eles, os dois piratas não viram a rocha e bateram contra ela.

– Marinheiro inútil! Bolinar! – gritou uma voz irlandesa, a voz de Smee. – Aqui está a Rocha do Degredo. Pois bem, agora vamos içar a pele-vermelha até o alto da rocha, e, quanto a ela, vai se afogar.

A bela garota foi içada sem dificuldade pelos brutos; ela era

orgulhosa demais para oferecer uma vã resistência.

Bem perto da rocha, mas fora de vista, duas cabeças oscilavam na água: as cabeças de Peter e Wendy. Wendy estava chorando, era a primeira tragédia que presenciava. Peter já vira muitas tragédias, mas se esquecera de todas. Ao contrário de Wendy, não sentiu muita pena de Flor de Lírio-Tigre: a desvantagem de duas pessoas contra uma era o que o revoltava, e ele queria salvá-la. Seria fácil salvá-la se esperasse até que os piratas partissem, mas ele nunca escolhia o caminho mais fácil.

Não havia quase nada que Peter pudesse fazer, e então ele imitou a voz de Gancho.

– Ei, marinheiros imprestáveis! – gritou; era uma imitação maravilhosa.

– O capitão – disseram os piratas, olhando um para o outro, surpresos.

– Ele deve estar nadando até nós – Starkey disse; não tinham visto ninguém em volta.

– Estamos largando a pele-vermelha na rocha – Smee falou em voz alta.

– Libertem a prisioneira – foi a ordem espantosa que receberam.

– Libertar?

– Sim, cortem as amarras e deixem a pele-vermelha partir.

– Mas, capitão...

– Agora mesmo, estão ouvindo? – gritou Peter. – Ou querem ser estraçalhados por um gancho?

– Isso é muito estranho – Smee falou em voz baixa.

– Melhor fazer o que o capitão manda – disse Starkey, nervoso.

– Certo, certo – Smee disse, e cortou as amarras de Flor de Lírio-Tigre.

No mesmo instante, como uma enguia, ela deslizou por entre as pernas de Starkey e pulou na água.

Wendy ficou enlevada com a esperteza de Peter, é claro; mas sabia que ele também ficaria enlevado, e que muito provavelmente começaria a se vangloriar e grasnar e assim se entregaria, e por isso ela levantou a mão para tapar a boca de Peter o quanto antes. Mas a mão ficou parada no ar, porque um “Atenção, marinheiros!” ecoou pela laguna na voz de Gancho, e dessa vez não era uma imitação de Peter.

Em vez de grasnar, Peter soltou um assobio de surpresa.

– Atenção, marinheiros! – ecoou de novo o grito.

Então Wendy compreendeu. O verdadeiro Gancho também estava na água.

Ele estava nadando na direção do barco, e seus homens ergueram uma lanterna para guiá-lo e ele logo os alcançou. Na luz da lanterna,

Wendy viu seu gancho se enganchando na lateral do barco; viu seu rosto moreno e maligno quando ele saiu pingando da água; ela tremeu de medo e quis muito fugir nadando, mas Peter não movia um músculo. O menino exalava vivacidade e não cabia em si de tanta soberba.

– Como sou maravilhoso, ah, como sou maravilhoso! – sussurrou para ela.

Embora concordasse com ele, Wendy ficou muito feliz, pelo bem da reputação de Peter, com o fato de que ninguém além dela o ouviu.

Ele fez um sinal para que prestassem atenção.

Os dois piratas estavam muito curiosos para saber o que trouxera o capitão até eles, mas ele se sentou, com a cabeça escorada no gancho, numa postura de profunda melancolia.

– Capitão, está tudo bem? – perguntaram timidamente.

Mas ele respondeu com um resmungo sem sentido.

– Ele está suspirando – disse Smee.

– Está suspirando outra vez – disse Starkey.

– E está suspirando uma terceira vez – disse Smee.

– O que aconteceu, capitão?

E então, por fim, ele falou, emocionado:

– Está tudo acabado! – exclamou. – Os garotos encontraram uma mãe.

Mesmo apavorada como estava, Wendy inchou de tanto orgulho.

– Que dia maldito! – exclamou Starkey.

– O que é uma mãe? – perguntou o ignorante Smee.

Wendy ficou tão chocada que falou:

– Ele não sabe!

E depois disso ela sempre pensaria que, se pudesse ter um pirata de estimação, escolheria Smee.

Peter a puxou para baixo da superfície, pois Gancho tinha se alarmado e gritara:

– O que foi isso?

– Eu não ouvi nada – disse Starkey, erguendo a lanterna sobre as águas.

E os piratas avistaram uma coisa estranha. Era o ninho do qual falei antes, boiando na laguna, e a ave do Nunca estava sentada nele.

– Veja – disse Gancho, respondendo ao questionamento de Smee –, aquilo é uma mãe. Que lição ela está dando! O ninho deve ter caído na água, e será que a mãe abandonou seus ovos? Não.

Sua voz falhou, como se, por um momento, ele tivesse se lembrado de dias inocentes nos quais... Mas afastou para longe essa fraqueza, golpeando o gancho no ar.

Smee, muito impressionado, não tirava os olhos da ave enquanto o ninho ia passando, mas Starkey, mais desconfiado, disse:

– Se ela é uma mãe, talvez esteja por aqui para ajudar Peter.

Gancho estremeceu.

– Exato – ele disse –, esse é o medo que me assombra.

Seu esmorecimento foi desfeito pela voz ansiosa de Smee.

– Capitão – disse Smee –, e se nós raptássemos a mãe dos meninos e a obrigássemos a ser a nossa mãe?

– É um plano genial! – exclamou Gancho, e na mesma hora o plano ganhou forma prática em seu grande cérebro. – Vamos aprisionar as crianças e levá-las para o navio: os meninos vão andar na prancha, e Wendy será a nossa mãe.

Wendy se descuidou de novo.

– Nunca! – gritou, e voltou a mergulhar.

– O que foi isso?

Mas eles não viam nada. Acharam que devia ser uma folha no vento ou algo assim.

– Concordam, meus camaradas? – perguntou Gancho.

– Aqui está a minha mão – ambos disseram.

– E aqui está o meu gancho. Jurem.

Juraram. Eles estavam perto da rocha, e de repente Gancho se lembrou de Flor de Lírio-Tigre.

– Onde está a pele-vermelha? – perguntou abruptamente.

O capitão manifestava um humor brincalhão às vezes, e eles acharam que era uma dessas vezes.

– Está tudo certo, capitão – Smee respondeu, satisfeito consigo –, deixamos que ela partisse.

– Deixaram que ela partisse! – gritou Gancho.

– Mas foi o senhor mesmo quem deu a ordem – disse o contramestre, com voz fraca.

– O senhor nos gritou lá da água, mandando soltar a prisioneira – falou Starkey.

– Bile sulfurosa! – trovejou Gancho. – Quem está querendo me passar para trás?

Seu rosto ficou rubro de tanta raiva, mas ele viu que os piratas acreditavam no que diziam, e teve um sobressalto.

– Rapazes – disse, com um leve tremor –, eu não dei essa ordem.

– É absurdamente estranho – Smee disse.

Eles sentiram um enorme desconforto. Gancho levantou a voz, mas ela vacilava:

– Espírito que ronda esta negra laguna! – falou. – Pode me ouvir?

Peter devia ter ficado quieto, é claro, mas é claro que não ficou. Ele respondeu de imediato, na voz de Gancho:

– Macacos me mordam, estou ouvindo.

Gancho não empalideceu naquele momento supremo, ainda estava todo rubro, mas Smee e Starkey se abraçaram, aterrorizados.

– Quem é você, estranho, fale! – Gancho exigiu.

– Sou James Hook, o Gancho – retrucou a voz –, capitão do *Jolly Roger*.

– Não é, não! Não é, não! – Gancho gritou, áspero.

– Bile sulfurosa! – a voz respondeu. – Repita o que disse e eu jogarei uma âncora na sua cabeça.

Gancho optou por uma abordagem mais amigável.

– Se você é Gancho – ele disse, de um jeito quase humilde –, diga-me uma coisa, quem sou eu então?

– Um bacalhau – respondeu a voz –, apenas um bacalhau.

– Um bacalhau! – Gancho ecoou, aturdido; e foi naquele momento, só a partir daquele momento, que seu espírito orgulhoso se feriu; viu seus homens se afastando dele.

– Será que fomos comandados todo esse tempo por um bacalhau? – eles murmuraram. – Isso rebaixa a nossa dignidade.

Os cachorros queriam morder o dono, mas o dono, transformado numa figura trágica, não lhes deu a mínima atenção. Diante de uma evidência tão assustadora, Gancho não precisava da confiança deles; precisava acreditar em si mesmo. Sentiu que seu ego lhe dava um lento adeus.

– Não me abandone, rufião – implorou ao ego, num sussurro rouco.

Um toque feminino, como ocorre com todos os grandes piratas, matizava seu temperamento sombrio, e por isso ele às vezes tinha boas intuições. Deu início, de repente, a um jogo de adivinhação.

– Gancho – ele chamou –, você possui por acaso outra voz?

Ora, jogos eram irresistíveis para Peter, e ele respondeu jovialmente, com sua própria voz:

– Tenho.

– E outro nome?

– Afirmativo.

– Você pertence ao reino vegetal? – perguntou Gancho.

– Não.

– Mineral?

– Não.

– Animal?

– Sim.

– Homem?

– Não! – essa resposta saiu com um tom de desprezo.

– Menino?

– Sim.

– Menino comum?

– Não!

– Menino extraordinário?

Para grande dor de Wendy, a resposta a essa pergunta foi “Sim”.

– Você está na Inglaterra?

– Não.

– Está aqui?

– Sim.

Gancho estava totalmente intrigado.

– Façam vocês algumas perguntas – disse aos outros, limpando a testa suada.

Smee refletiu.

– Não consigo pensar em nada – disse, com pesar.

– Não adivinham! Não adivinham! – Peter se jactou. – Desistem?

Por orgulho, é claro, ele levou o jogo longe demais, e os patifes agarraram a oportunidade.

– Sim, sim – responderam, ávidos.

– Pois bem – ele exclamou –, eu sou Peter Pan.

Pan!

Num instante, Gancho voltara ao normal, e Smee e Starkey eram seus fiéis capangas outra vez.

– Agora ele está nas nossas mãos! – Gancho gritou. – Pule na água, Smee. Starkey, maneje o barco. Peguem o menino, vivo ou morto.

Ele dava saltos enquanto falava, e simultaneamente se ouvia a voz a alegre de Peter.

– Estão prontos, meninos?

– Afirmativo, afirmativo – responderam eles, em vários pontos da laguna.

– Desçam o ferro nos piratas.

A batalha foi rápida e violenta. O primeiro a tirar sangue do adversário foi John, que subiu no barco com muita valentia e foi para cima de Starkey. Houve uma luta feroz, na qual o pirata perdeu seu cutelo. Starkey se lançou para fora do barco e John pulou atrás dele. O bote ficou à deriva e se afastou.

Aqui e ali uma cabeça emergia na água, e um brilho de aço era acompanhado por um grito ou um brado. Na confusão, houve quem acertasse o próprio companheiro. O Saca-Rolhas de Smee feriu Tootles na quarta costela, mas Smee, por sua vez, foi golpeado por Curly. Mais longe da rocha, Starkey tinha encurralado Slightly e os gêmeos.

Onde estava Peter durante esse tempo todo? Estava atrás de um prêmio maior.

Os outros eram meninos muito corajosos, e não faziam nada de errado evitando se aproximar do capitão dos piratas. A garra de ferro desenhava um círculo de água mortífera em volta dele, e os meninos fugiam dessa água como peixes apavorados.

Mas um deles não tinha medo da garra: um deles estava

preparado para entrar no círculo.

Estranhamente, não foi na água que eles se defrontaram. Gancho subiu na rocha para respirar um pouco, e Peter escalou o lado oposto ao mesmo tempo. A rocha estava escorregadia como sabão e, mais do que escalar, eles tiveram de rastejar pedra acima. Nenhum dos dois sabia que o outro se aproximava. Os dois tatearam com a mão, em busca de alguma saliência, e tocaram o braço do inimigo: levantaram a cabeça, surpresos; seus narizes quase se tocaram; foi assim que se defrontaram.

Alguns dos maiores heróis de todos os tempos já confessaram que, antes de lutar, sempre sentiam um certo amolecimento. Se Peter tivesse amolecido naquele momento eu admitiria. Ele estava, afinal, diante do único homem que Sea-Cook temera. Mas Peter não amoleceu. Sentiu uma única coisa: felicidade; rosnou e escancarou os dentes com alegria. Rápido como o pensamento, tirou uma faca do cinto de Gancho; estava prestes a cravar a faca em seu devido lugar quando se deu conta de que, em relação ao inimigo, estava num ponto mais alto da rocha. Não seria um combate justo. Estendeu uma mão para o pirata.

Foi então que Gancho lhe deu uma mordida.

O que atordoou Peter não foi a dor, foi a injustiça daquilo. Ele ficou inconsolável. Só conseguia olhar para a mão, horrorizado. Toda criança sofre esse tipo de mágoa quando recebe um tratamento injusto pela primeira vez. Quando se aproxima de você, a criança acha que tem direito de esperar um tratamento justo. Depois de você ter tratado um menino com injustiça, ele voltará a amar você, mas nunca mais será o mesmo menino. Ninguém supera a primeira injustiça; ninguém exceto Peter. Ele sempre se deparava com a injustiça, e todas as vezes se esquecia dela. Acho que era essa a maior diferença entre ele e todos os outros.

De modo que, sofrendo uma injustiça agora, reagiu como se fosse a primeira vez; e só conseguia olhar para a mão, inconsolável. Por duas vezes a garra de ferro se enganchou em Peter.

Alguns minutos depois os outros meninos viram Gancho na água, nadando como um louco na direção do navio; não havia entusiasmo algum em seu rosto agora, apenas um medo pálido, porque o crocodilo o perseguia com ferocidade. Num dia comum os meninos teriam nadado ao longo deles, dando vivas; mas naquele momento estavam inquietos, porque tinham perdido tanto Peter quanto Wendy, e vasculhavam a laguna atrás deles, chamando seus nomes. Encontraram o bote e nele foram para casa, gritando “Peter! Wendy!” pelo caminho, mas não obtiveram resposta que não fosse a risada de escárnio das sereias.

– Eles devem estar nadando ou voando de volta – os meninos

concluíram.

Não estavam muito ansiosos, todos confiavam bastante em Peter. Riam como crianças malfeitoras, porque dormiriam depois da hora; e era tudo culpa da mamãe Wendy!

Quando suas vozes se extinguíram na distância, a laguna foi envolvida por um silêncio frio e por um grito fraco.

– Socorro! Socorro!

Duas pequenas figuras se chocavam contra a Rocha do Degredo; a garota desmaiara e o menino a segurava nos braços. Num último esforço, Peter puxou Wendy para cima da rocha e deitou-se ao lado dela. Quase desmaiando também, ele pôde ver que a água estava subindo. Sabia que logo se afogariam, mas não havia o que fazer.

Os dois estavam deitados lado a lado. Uma sereia pegou Wendy pelos pés e começou a puxá-la para a água sem fazer ruído. Peter, sentindo que a menina estava deslizando pela rocha, acordou sobressaltado e conseguiu salvá-la no último instante. Mas teve de lhe contar a verdade.

– Estamos na rocha, Wendy – ele disse –, mas ela está diminuindo. Logo vai ficar submersa.

Wendy ainda não estava entendendo.

– Precisamos ir embora – ela falou, com certa vivacidade.

– Sim – Peter respondeu, quase sem voz.

Ele teve de contar.

– Você acha que consegue nadar ou voar até a ilha, Wendy, sem a minha ajuda?

Ela teve de admitir que estava cansada demais.

Peter gemeu.

– O que foi? – ela perguntou, subitamente preocupada.

– Não posso ajudar você, Wendy. Gancho me feriu. Não consigo nem voar nem nadar.

– Você está dizendo que vamos morrer afogados?

– Veja como a água está subindo.

Eles cobriram os olhos com as mãos, para não ver mais nada. Pensaram que muito em breve deixariam de existir. Estavam sentados assim, com as mãos nos olhos, e algo roçou Peter, com a leveza de um beijo, e ficou ali esperando, como se dissesse timidamente: “Posso ajudar de alguma maneira?”.

Era a cauda de uma pandorga que Michael fabricara alguns dias antes. Seu fio rebentara e ela voara para longe das mãos dele.

– A pandorga de Michael – Peter disse, sem dar muita atenção; mas no momento seguinte agarrou a cauda e começou a puxar a pandorga até ele.

– Ela levantou Michael do chão – ele exclamou. – Por que não levantaria você?

- Nós dois juntos!
- Ela não consegue levantar dois; Michael e Curly tentaram.
- Vamos tirar a sorte – Wendy falou, corajosa.
- Você é uma dama; jamais.

Peter já tinha amarrado a cauda em Wendy. Wendy abraçou Peter com força; ela se recusava a partir sem ele; mas ele disse “Adeus, Wendy”, e a empurrou para longe da rocha; e em poucos minutos ela desapareceu de vista, carregada pelo vento. Peter estava sozinho na laguna.

A rocha estava muito pequena agora; logo estaria totalmente submersa. Pálidos raios de luz davam passinhos na superfície das águas; e de vez em quando se ouvia um som que era a um só tempo o mais musical e o mais melancólico som do mundo: as sereias se comunicando com a lua.

Peter era muito diferente de qualquer outro menino; mas agora, finalmente, estava com medo. Um tremor percorreu seu corpo, como uma ondulação que percorre o mar; no mar, porém, uma ondulação é seguida por outra e se formam centenas de ondulações; e Peter sentiu um tremor só. No momento seguinte ele estava de pé na rocha, com o sorriso em seu rosto e com um tambor batendo dentro do peito. O tambor dizia: “Morrer vai ser uma aventura incrivelmente grandiosa”.

CAPÍTULO IX

A AVE DO NUNCA

Os últimos sons que Peter ouviu antes de ficar completamente sozinho foram os ruídos da retirada das sereias, que se encaminharam, uma por uma, para seus quartos de dormir no fundo do mar. Ele estava muito longe para ouvir as portas se fechando; porém, nas cavernas de coral em que elas moram, todas as portas acionam um pequeno sino quando são abertas ou fechadas (como ocorre em todas as casas convidativas do continente), e ele ouviu os sinos.

No mesmo ritmo crescente, as águas foram subindo, e já mordiscavam seus pés; para passar o tempo até que elas o engolissem por inteiro, ele ficou olhando para a única coisa que se movia na laguna. Achou que fosse um pedaço de papel flutuante, talvez um pedaço da pandorga, e ficou imaginando, ocioso, quanto tempo ele levaria para flutuar até a praia.

Mas em pouco tempo percebeu uma coisa estranha: o objeto estava ali na laguna com algum propósito definido, porque lutava contra a correnteza e às vezes vencia; e, quando vencia, Peter, que sempre se colocava em favor do lado mais fraco, não conseguia deixar de aplaudir; era um pedaço de papel bem valente.

Não era um pedaço de papel, na verdade; era a ave do Nunca, empregando esforços desesperados para avançar até Peter com o ninho. Fazendo uso das asas, num método que aprendera a botar em prática desde que tinha caído na água, ela foi capaz de, em certa medida, navegar em sua estranha embarcação; no momento em que Peter a reconheceu, porém, já estava exausta. Ela viera para salvá-lo, para lhe dar seu ninho, com os ovos e tudo. Não sei o que se passava na cabeça daquela ave porque, assim como tinha sido bom com ela, Peter também a atormentara vez por outra. Só posso supor que, como a sra. Darling e todo mundo, ela se derreteria porque ele tinha todos os dentes de leite.

Ela gritou para ele, contando o que tinha vindo fazer, e ele gritou para ela, perguntando o que é que ela estava fazendo; mas nenhum dos dois conseguiu entender a linguagem do outro, é claro. Em histórias fantasiosas, as pessoas costumam conversar com pássaros à vontade, e eu gostaria muito de, no momento, fingir que esta era uma história dessas e de dizer que Peter compreendeu a ave e falou com

ela; mas a verdade é melhor, e eu só quero contar o que realmente aconteceu. Bem, eles não apenas não se entenderam como também deixaram de lado as boas maneiras.

– Eu... quero... que... você... entre... no... ninho! – a ave gritou, falando bem devagar e com a melhor dicção possível. – E... então... quero... que... você... flutue... até... a... praia... mas... estou... muito... cansada... para... avançar... mais... com... o... ninho... então... você... precisa... tentar... nadar... até... ele.

– O que é que você está piando? – Peter respondeu. – Por que você não deixa o ninho flutuar normalmente?

– Eu... quero... que... você... – a ave disse, e repetiu tudo de novo.

Então Peter tentou falar devagar e com boa dicção:

– O... que... é... que... você... está... piando? – e assim por diante.

A ave do Nunca ficou irritada; os dois têm temperamentos difíceis.

– Tagarela imbecil! – ela berrou. – Porque não faz o que estou pedindo?

Peter intuiu que estava sendo xingado por ela e, sem pensar, respondeu com ardor:

– Você também!

Então, muito curiosamente, ambos soltaram a mesma exclamação:

– Cale a boca!

– Cale a boca!

Mas a ave estava determinada a salvá-lo apesar de tudo, se suas forças permitissem, e num último esforço poderoso ela fez o ninho avançar até a rocha. E então voou para o alto, abandonando seus ovos, para deixar bem clara sua intenção.

E Peter compreendeu, afinal, e se apoderou do ninho e abanou para a ave em agradecimento. Ela continuava pairando acima dele; não foi para receber agradecimentos, no entanto, que ela ficou ali em cima no céu; não foi nem mesmo para ver se Peter conseguia se acomodar no ninho; foi para ver o que ele faria com os ovos.

Eram dois grandes ovos brancos, e Peter pegou-os nas mãos e refletiu. A ave cobriu o rosto com as asas, para não presenciar a destruição de seus ovos; mas não conseguiu deixar de espiar por entre as penas.

Não sei se já contei a vocês que havia uma estaca na rocha, fincada nela por certos bucaneiros do passado longínquo para marcar a localização de um tesouro enterrado. As crianças certo dia desenterraram o butim refulgente, e depois disso, quando sentiam vontade de fazer travessuras, costumavam jogar as preciosidades para

as gaivotas; choviam moedas de ouro portuguesas, diamantes, pérolas e moedas de prata espanholas, e as gaivotas se precipitavam na direção das preciosidades, tomando-as por comida, e a seguir voavam embora, furiosas com aquele truque perverso. A estaca ainda estava no mesmo lugar, e Starkey deixara seu chapéu pendurado nela – um chapéu alcatroado, impermeável, fundo, de aba larga. Peter colocou os ovos nesse chapéu e o largou na laguna. Ele flutuou maravilhosamente.

A ave do Nunca entendeu de imediato o que Peter estava fazendo, e gritou para ele sua admiração; e Peter, que coisa, glorificou a si mesmo, concordando com ela. Então ele entrou no ninho, fixou a estaca no piso da embarcação, obtendo assim um mastro, e usou sua camisa como vela. No mesmo momento, a ave voejou até o chapéu e se sentou de novo, aconchegada, sobre os seus ovos. Ela flutuou numa direção e Peter foi carregado para outra, um saudando ao outro.

Quando Peter desembarcou, deixou seu veleiro num ponto da praia que a ave podia encontrar com facilidade; mas o chapéu obteve um sucesso tão grande que ela abandonou o ninho. O ninho flutuou sem rumo até se despedaçar, e Starkey muitas vezes vinha até a beira da laguna e, com profunda amargura no coração, via a ave sentada em seu chapéu. Como não teremos mais notícias da ave, talvez seja interessante mencionar que hoje em dia todos os pássaros do Nunca constroem ninhos naquele formato, com uma aba larga na qual os pequeninos podem tomar um ar.

Intensos foram os regozijos quando Peter chegou à casa embaixo da terra; ele chegou pouco depois de Wendy, que tinha sido carregada para cá e para lá pela pandorga. Todos os meninos tinham aventuras para relatar; mas talvez a maior aventura de todas consistisse no fato de que a hora de dormir tinha passado havia muito tempo. Isso os empolgara de tal maneira que passaram a lançar mão de vários subterfúgios para que ficassem acordados ainda mais tempo, pedindo por ataduras, por exemplo; mas Wendy, embora exultasse em tê-los todos de volta em casa, sãos e salvos, ficou escandalizada com o adiantado da hora e gritou: “Para a cama, para a cama!”, numa voz que tinha de ser obedecida. No dia seguinte, contudo, ela estava incrivelmente carinhosa, e fez ataduras em todos; e até a hora de dormir eles brincaram de mancar e de ter os braços suspensos em tipóias.

CAPÍTULO X

O LAR FELIZ

Uma consequência importante da refrega da laguna foi a de que os peles-vermelhas se tornaram aliados dos meninos. Peter salvara Flor de Lírio-Tigre de um destino horroroso, e agora não havia nada que ela e seus guerreiros não fizessem por ele. Todas as noites eles ficavam sentados em cima da casa subterrânea, na superfície, aguardando o grande ataque dos piratas, o qual, obviamente, não tinha como ser adiado por muito mais tempo. Até durante o dia eles permaneciam por perto, fumando o cachimbo da paz e quase dando a impressão de que queriam beliscar alguns petiscos.

Eles chamavam Peter de Grande Pai Branco, e se prostravam diante dele; e ele gostava disso tremendamente, de modo que isso não era muito bom para ele, na verdade.

– O grande pai branco – ele lhes dizia, com ar imponente, enquanto eles se rebaixavam a seus pés – está contente de ver os guerreiros Piccaninny resguardando a tenda dele, protegendo-a dos piratas.

– Eu Flor de Lírio-Tigre – aquela adorável criatura afirmava. – Peter Pan me salva, eu sua amiga muito boa. Eu não deixa pirata machucar ele.

Ela era bonita demais para bajular alguém daquele jeito, mas Peter achava que era dever dele e respondia, superior:

– Isso é bom. Peter Pan falou.

Sempre que dizia “Peter Pan falou”, dava a entender que os índios deviam se calar, e eles aceitavam humildemente a imposição; mas eles de jeito nenhum eram tão respeitosos com os outros meninos, que encaravam como guerreiros comuns. Diziam “Tudo certo” para eles, e coisas do tipo; e o que aborrecia os meninos era o fato de que Peter parecia achar que não havia nenhum problema naquilo.

Em segredo, Wendy simpatizava um pouco com os meninos, mas era uma dona de casa leal e não dava muita atenção a reclamações contra o pai da família.

– O pai sabe o que é melhor – ela sempre dizia, qualquer que fosse a sua opinião íntima; sua opinião íntima era de que os peles-vermelhas não deviam chamá-la de “índia velha”.

Nós chegamos, agora, à noite que viria a ser conhecida entre eles

como a Noite das Noites, por causa de suas aventuras e de seu desfecho. O dia, como se tivesse descansado para acumular energia, tinha passado sem grandes acontecimentos, e agora os peles-vermelhas estavam em seus postos na superfície, e embaixo da terra as crianças desfrutavam de sua refeição noturna; todos exceto Peter, que saía para ver que horas eram. Para conferir o horário, na ilha, você tinha de encontrar o crocodilo e ficar perto dele até que o relógio desse as horas.

A refeição noturna era um chá de faz de conta, e eles estavam sentados em volta da mesa, engolindo litros e mais litros de chá e leite; e o barulho, em função das conversas e das recriminações, era, como Wendy dizia, positivamente ensurdecedor. Na verdade, ela não se importava com o barulho, mas simplesmente não suportava que eles metessem a mão em tudo, na mesa, e depois se desculpassem dizendo que tinham recebido um empurrão de Tootles no cotovelo. Havia uma regra rígida segundo a qual eles jamais podiam revidar uma agressão durante as refeições, sendo obrigados a relatar a situação de discórdia para Wendy, levantando o braço direito e dizendo “Gostaria de registrar meu descontentamento com isso e aquilo”; mas o que acontecia era que eles ou se esqueciam da regra ou recorriam a ela em excesso.

– Silêncio! – gritou Wendy depois de dizer pela milésima vez que eles não deviam falar todos ao mesmo tempo. – Sua cuia está vazia, Slightly, meu amor?

– Não bem vazia, mamãe – Slightly dizia, olhando para dentro de uma xícara imaginária.

– Ele nem começou a tomar seu leite – Nibs se meteu.

Isso era delação, e Slightly aproveitou a oportunidade.

– Gostaria de registrar meu descontentamento com Nibs – afirmou prontamente.

John, entretanto, erguera sua mão primeiro.

– Pois não, John?

– Posso me sentar na cadeira de Peter, visto que ele não se encontra aqui?

– Sentar na cadeira do pai, John! – Wendy se scandalizou. – De jeito nenhum.

– Ele não é nosso pai de verdade – John retrucou. – Ele nem mesmo sabia o que um pai faz, eu tive de ensinar para ele.

Isso era resmungar.

– Gostaríamos de registrar nosso descontentamento com John – afirmaram os gêmeos.

Tootles levantou a mão. Ele era o mais humilde de todos, de fato era o único humilde, e por isso Wendy era especialmente carinhosa com ele.

– Imagino – disse Tootles, meio sem jeito – que eu não poderia ser o pai.

– Não, Tootles.

Quando Tootles começava a falar, o que não era comum, ele seguia adiante num raciocínio esquisito.

– Se não posso ser o pai – disse com gravidade –, imagino, Michael, que você não me deixaria ser o bebê.

– Não, eu não deixaria – Michael respondeu, seco; já estava pendurado em seu cesto.

– Se não posso ser o bebê – Tootles disse, com mais gravidade ainda –, vocês acham que posso ser um gêmeo?

– Não, não mesmo – responderam os gêmeos. – É incrivelmente difícil ser um gêmeo.

– Se não posso ser nada de importante – disse Tootles –, será que algum de vocês gostaria de me ver fazendo um truque?

– Não – todos eles responderam.

E então ele parou, afinal.

– Eu não tinha nenhuma esperança mesmo – disse.

As odiosas delações recomeçaram.

– Slightly está tossindo na mesa.

– Os gêmeos estão comendo sapoti sem autorização.

– Curly está comendo rolinhos e inhames ao mesmo tempo.

– Nibs está falando com a boca cheia.

– Gostaria de registrar meu descontentamento com os gêmeos.

– Gostaria de registrar meu descontentamento com Curly.

– Gostaria de registrar meu descontentamento com Nibs.

– Minha nossa, minha nossa – exclamou Wendy –, às vezes eu realmente acho que não há criança que não dê trabalho demais!

Ela ordenou a todos que se dispersassem e foi sentar-se com seu cesto de trabalho: muitas meias furadas, várias calças com os costurheiros rasgos no joelho.

– Wendy – protestou Michael –, eu sou muito grande para dormir em berço.

– Preciso ter alguém num berço – ela disse, com certa aspereza –, e você é o menor de todos. Um berço é uma coisa tão boa para se ter numa casa.

Ela costurava e eles brincavam em torno dela; e aquele fogo romântico iluminava os rostos felizes e os pequenos corpos dançantes. A cena se tornara algo recorrente na casa embaixo da terra; mas estamos olhando para essa cena pela última vez.

Passos foram ouvidos na superfície, e Wendy, vocês podem ter certeza, foi a primeira a reconhecê-los.

– Crianças, estou ouvindo os passos do pai. Ele faz questão de que vocês o recebam à porta.

Na superfície, os peles-vermelhas se curvaram diante de Peter.

– Vigiem bem, guerreiros. Eu falei.

E então, como tantas vezes antes, as alegres crianças o puxaram por sua árvore. Como tantas vezes antes, mas pela última vez.

Ele trouxera nozes para os meninos e a hora certa para Wendy.

– Peter, você os mima demais – Wendy falou, sorrindo com afetação.

– Ah, minha velha – disse Peter, pendurando sua arma na parede.

– Fui eu quem disse a ele que os pais dizem “minha velha” para as mães – Michael cochichou para Curly.

– Gostaria de registrar meu descontentamento com Michael – disse Curly no mesmo instante.

O primeiro gêmeo se aproximou de Peter.

– Pai, nós queremos dançar.

– Dance à vontade, meu jovem – disse Peter, que estava num ótimo humor.

– Mas queremos que você dance junto.

Peter era de fato o melhor dançarino entre eles, mas fingiu ter ficado muito surpreso.

– Eu! Meus ossos velhos vão estalar.

– E mamãe também.

– O quê? – exclamou Wendy. – Uma mãe de tantos filhos, dançando?

– Mas hoje é sábado – Slightly insinuou.

Não era sábado; apenas poderia ser, porque eles tinham perdido a conta dos dias fazia muito tempo; quando queriam fazer algo especial, porém, diziam que era sábado e faziam.

– É sábado mesmo, Peter – Wendy disse, cedendo.

– E a nossa reputação, Wendy?

– Mas é apenas entre nós e a nossa prole.

– É verdade, é verdade.

E assim a dança foi autorizada, mas todos precisavam botar pijama primeiro.

– Ah, minha velha – Peter disse, aquecendo-se junto ao fogo e observando o trabalho de Wendy, que consertava um calcanhar. – Não há nada mais agradável, para você e para mim, quando a labuta do dia está encerrada, do que descansar ao lado do fogo, tendo os pequenos por perto.

– É maravilhoso, Peter, não é mesmo? – Wendy disse, extremamente satisfeita. – Peter, acho que Curly tem o seu nariz.

– E Michael puxou por você.

Ela foi até ele e colocou uma mão em seu ombro.

– Querido Peter – ela disse –, com uma família tão grande, já não sou mais a mesma, é claro, mas você não quer me trocar por outra,

quer?

– Não, Wendy.

Ele certamente não queria nenhuma mudança, mas estava olhando para ela com certo desconforto, piscando, como quem não sabe se está acordado ou dormindo.

– Peter, o que foi?

– Eu estava pensando – ele disse, um pouco assustado. – É em faz de conta que eu sou pai deles, não é?

– É claro – Wendy disse, com ar grave.

– É que – ele continuou, tentando se explicar – eu seria velho demais se fosse o pai deles de verdade.

– Mas eles são nossos, Peter, seus e meus.

– Mas não de verdade, Wendy? – perguntou, inquieto.

– Não se você não quiser – ela respondeu, e ouviu nitidamente um suspiro de alívio. – Peter – ela perguntou, tentando se expressar com firmeza –, quais são os seus verdadeiros sentimentos por mim?

– Os sentimentos de um filho devotado, Wendy.

– Foi o que pensei – ela disse, e foi se sentar sozinha na extremidade oposta da sala.

– Você é tão esquisita – ele falou, francamente intrigado –, e com Flor de Lírio-Tigre é a mesma coisa. Tem algo que ela quer ser para mim, mas não é ser minha mãe, segundo ela.

– Não, realmente, não é, não – Wendy retrucou, com terrível veemência; agora sabemos por que ela tinha uma opinião desfavorável sobre os peles-vermelhas.

– O que é, então?

– Não cabe a uma dama dizer.

– Ah, muito bem – Peter disse, um pouco irritado. – Talvez Sininho me diga.

– Ah, claro, Sininho vai lhe dizer – Wendy retrucou, com desdém.

– Ela é uma criaturinha dissoluta.

Aqui, Sininho, que estava em sua saleta, ouvindo tudo, tilintou alguma afronta.

– Ela diz que tem o maior orgulho de ser dissoluta – Peter traduziu.

Ele teve uma ideia súbita.

– Talvez Sininho queira ser minha mãe.

– Burro idiota! – Sininho gritou com raiva.

Ela dizia aquilo com tanta frequência que Wendy não precisou de tradução.

– Quase concordo com ela – Wendy ironizou.

Acreditem, Wendy estava sendo irônica. Mas ela estava extenuada, e mal sabia o que ainda teria de enfrentar antes do fim da noite. Se soubesse, não teria ironizado.

Ninguém sabia. Talvez fosse melhor não saber. A ignorância lhes deu uma hora a mais de alegria; e, como aquela seria a última hora deles na ilha, permitam-me celebrar que essa hora tenha sido preenchida por sessenta minutos alegres. Eles cantaram e dançaram em seus pijamas. Era uma canção deliciosamente horripilante, na qual fingiam ter medo de suas próprias sombras; mal se davam conta de que, muito em breve, seriam de fato acossados por sombras, diante das quais recuariam com um medo verdadeiro. Que dança tumultuosamente alegre! Eles se esbofeteavam em cima da cama, caíam dela. Era mais uma briga de travesseiros do que uma dança e, quando ela acabou, os travesseiros exigiram mais uma rodada, como parceiros que sabem que talvez nunca mais voltem a se encontrar. As histórias que contaram, antes de chegar a hora de Wendy contar a história de boa noite! Até Slightly tentou contar uma história naquela noite, mas o começo dela foi tão sem graça que ele mesmo ficou consternado, e então disse, tristonho:

– Sim, é um começo sem graça. Vamos fazer de conta que já é o fim.

E por fim todos se enfiaram na cama para ouvir a história de Wendy, a história que eles mais adoravam, a história que Peter detestava. Geralmente, quando ela começava a contar essa história, ele saía de perto ou tapava os ouvidos com as mãos; se ele tivesse feito uma dessas coisas nessa noite, todos eles poderiam estar na ilha ainda. Mas nessa noite ele ficou sentado em seu banco. E nós veremos o que aconteceu.

CAPÍTULO XI

A HISTÓRIA DE WENDY

– Pois prestem atenção – disse Wendy, encaminhando-se para sua história, com Michael a seus pés e os sete meninos na cama. – Havia uma vez um cavaleiro...

– Eu preferia que ele tivesse sido uma dama – Curly falou.

– Eu queria que ele tivesse sido um rato branco – disse Nibs.

– Quietos – a mãe deles os admoestou. – Havia uma dama também, e...

– Ah, mamãe – choramingou o primeiro gêmeo –, você quer dizer que havia uma dama também, não é? Ela não está morta, está?

– Não, não.

– Fico incrivelmente feliz por ela não estar morta – disse Tootles.

– Você também fica feliz, John?

– Claro que sim.

– Você fica feliz, Nibs?

– Bastante.

– Vocês ficam felizes, gêmeos?

– Felizes demais.

– Minha nossa – suspirou Wendy.

– Um pouco menos barulho, por favor – Peter falou alto, determinado a exigir ordem e atenção, por mais horrorosa que a história fosse na opinião dele.

– O nome do cavaleiro – Wendy continuou – era sr. Darling, e o nome dela era sra. Darling.

– Eu conhecia os dois – John disse, para aborrecer os outros.

– Acho que eu os conhecia – falou Michael, sem ter muita certeza.

– Eles eram casados, sabem? – explicou Wendy. – E o que vocês acham que eles tinham?

– Ratos brancos – exclamou Nibs, inspirado.

– Não.

– É terrivelmente intrigante – disse Tootles, que sabia a história de cor.

– Quietos, Tootles. Eles tinham três descendentes.

– O que é um descendente?

– Bem, você é um, Gêmeo.

– Ouviu isso, John? Eu sou um descendente.

– Descendentes são crianças, nada mais – disse John.

– Minha nossa, minha nossa – suspirou Wendy. – Bem, essas três crianças tinham uma dedicada babá que se chamava Nana; mas o sr. Darling estava com raiva dela e a acorrentou no quintal; e por isso todas as três crianças fugiram voando.

– Que história incrivelmente boa – disse Nibs.

– Elas fugiram – Wendy continuou – para a Terra do Nunca, onde vivem as crianças perdidas.

– Eu sabia que elas tinham feito isso – Curly interrompeu, arrebatado. – Não sei como pode ser, mas eu simplesmente sabia.

– Wendy – choramingou Tootles –, por acaso uma das crianças perdidas se chamava Tootles?

– Sim, se chamava.

– Estou dentro de uma história. Viva, estou numa história, Nibs!

– Silêncio. Quero que vocês pensem um pouco nos sentimentos dos pobres pais, com todas as suas crianças desaparecidas.

– Aaah! – todos gemeram, embora não estivessem pensando nem um pouco nos sentimentos dos pobres pais.

– Pensem nas camas vazias!

– Aaah!

– É terrivelmente triste – o primeiro gêmeo disse, animado.

– Não vejo como essa história pode vir a ter um final feliz – disse o segundo gêmeo. – Você vê, Nibs?

– Estou extremamente ansioso.

– Se vocês soubessem como é grande o amor de uma mãe – Wendy lhes disse, em triunfo –, jamais teriam medo.

Ela chegara à parte que Peter detestava.

– Eu gosto do amor de uma mãe – disse Tootles, batendo em Nibs com um travesseiro. – Você também, Nibs?

– Gosto demais – falou Nibs, batendo de volta.

– Vejam – Wendy disse, muito satisfeita consigo –, nossa heroína sabia que a mãe sempre deixaria a janela aberta para que seus filhos pudessem voar de volta; e por isso eles ficaram longe por vários anos e se divertiram bastante.

– Eles voltaram um dia?

– Tentemos agora – disse Wendy, tomando fôlego para um grande empenho imaginativo – dar uma espiada no futuro.

E todos eles se contorceram e fizeram força para espiar o futuro com mais facilidade.

– Muitos anos se passaram; e quem é esta dama elegante, de idade indefinida, descendo na estação de Londres?

– Puxa, Wendy, quem é ela? – quis saber Nibs, num ápice de curiosidade, como se não soubesse.

– Será que é... sim... não... é sim... a bela Wendy!

– Aaah!

– E quem são os dois nobres e imponentes vultos que a acompanham, ambos já com porte de adulto? Será que são John e Michael? São!

– Aaah!

– “Vejam, queridos irmãos” – disse Wendy, apontando para cima –, “lá está a janela, ainda aberta. Ah, seremos recompensados, agora, pela nossa sublime fé no amor de uma mãe.” E então voaram para cima, para reencontrar mamãe e papai; e a pena não é capaz de dar uma ideia aproximada da linda cena, sobre a qual puxamos uma cortina.

Essa era a história, e eles se deliciavam tanto com ela quanto a bela narradora. Tudo como devia ser. Nós voamos embora, como se não tivéssemos coração, e é assim que são as crianças, desalmadas e encantadoras; e passamos um tempo longe, no mais completo egoísmo; e depois, quando sentimos saudade de uma atenção especial, retornamos nobremente para obtê-la, com a confiança de quem sabe que receberá beijos em vez de palmadas.

De fato, a fé deles no amor de uma mãe era imensa; julgavam que podiam agir como filhos insensíveis por um pouco mais de tempo.

Mas havia alguém ali que pensava diferente; e, quando Wendy terminou, ele soltou um gemido oco.

– O que foi, Peter? – ela exclamou, correndo até ele, achando que estivesse passando mal.

Solícita, ela o apalpou na barriga e depois no peito.

– Onde você tem dor, Peter?

– Não é esse tipo de dor – Peter retrucou, sombrio.

– De que tipo é, então?

– Wendy, você está errada quanto às mães.

Os meninos se agruparam em volta dele, apavorados; a agitação de Peter era alarmante; e ele contou para eles, com louvável franqueza, o que até ali tinha mantido em segredo.

– Muito tempo atrás – ele disse – eu pensava, como vocês, que a minha mãe manteria a janela sempre aberta para mim; e por isso fiquei longe por luas e luas e luas, e então voei de volta; mas a janela estava fechada, porque a minha mãe tinha se esquecido completamente de mim, e havia um outro menininho dormindo na minha cama.

Não posso afirmar que isso seja verdade, mas Peter achava que era verdade, e tinha medo.

– Você tem certeza de que as mães são assim?

– Sim.

Então era essa a verdade a respeito das mães. Que serpentes!

O melhor, porém, é agir com muita prudência; e ninguém se dá por vencido mais rápido do que uma criança.

– Wendy, vamos voltar para casa, por favor – choramingaram John e Michael ao mesmo tempo.

– Vamos – ela disse, tomando os dois nos braços.

– Mas não hoje! – imploraram os outros meninos, atordoados; eles sentiam, no interior do que chamavam de coração, que ninguém consegue ficar muito bem, a longo prazo, sem uma mãe, e que apenas as mães sabem de verdade que ninguém consegue mesmo.

– Agora mesmo – retrucou Wendy, resoluta, porque um horrível pensamento lhe ocorrera. – Talvez a mamãe já esteja saindo do luto a essa altura.

Essa ideia tenebrosa fez Wendy se esquecer dos sentimentos de Peter, se é que ele os tinha, e ela pediu, com dureza:

– Peter, você pode tomar as providências necessárias?

– Se é o que você quer – ele respondeu, com frieza, como se Wendy tivesse pedido a ele que lhe passasse as nozes.

Não houve entre eles nem mesmo um não-queria-perder-você! Se Wendy não dava importância à separação deles, Peter mostraria para ela que também não dava.

Mas ele dava muita importância, é claro; e estava tomado de ira contra os adultos, que, como sempre, estavam estragando tudo; e tão logo entrou em sua árvore ele começou a respirar muito rápido, intencionalmente, num ritmo de mais ou menos cinco aspirações por segundo. Fez isso por causa de um ditado, corrente na Terra do Nunca, que garante que um adulto morre a cada vez que você respira; e Peter estava assassinando adultos vingativamente, o mais rápido que podia.

Então, tendo passado instruções aos peles-vermelhas, ele voltou para casa, onde uma cena desprezível tinha se desenrolado em sua ausência. Abalados pelo pânico de perder Wendy, os meninos perdidos avançaram para cima dela, fazendo ameaças.

– As coisas vão voltar a ser como antes, tudo vai ser pior! – exclamaram.

– Não podemos deixá-la ir embora.

– Vamos aprisioná-la!

– Afirmativo, amarrem-na!

Naquela situação extrema, Wendy recorreu, por instinto, a um dos meninos em especial.

– Tootles – exclamou –, faço um apelo a você.

Não era estranho? Ela fez um apelo a Tootles, o mais tolo.

Tootles respondeu, no entanto, com grandeza. Por um momento, e apenas naquele momento, ele deixou de lado sua tolice e falou com dignidade.

– Eu sou apenas o menino Tootles – disse –, e ninguém me dá muita atenção. Vou sangrar brutalmente, porém, o primeiro que não respeitar Wendy como um perfeito cavalheiro inglês.

Tootles sacou sua espada; e naquele instante ele foi o centro das atenções. Os outros recuaram, sem saber como agir. Então Peter retornou, e eles viram que não obteriam nenhum auxílio dele. Ele não obrigaria uma garota a permanecer na Terra do Nunca.

– Wendy – Peter disse, andando de um lado para o outro –, pedi aos peles-vermelhas que guiassem vocês pela mata, já que voar é tão cansativo para você.

– Obrigada, Peter.

– Depois – ele continuou, numa voz baixa e aguda, de quem está acostumado a ser obedecido –, Sininho levará vocês por sobre o mar. Acorde Sininho, Nibs.

Nibs teve de bater duas vezes até obter resposta, embora, na verdade, Sininho já estivesse sentada na cama havia algum tempo, ouvindo.

– Quem é você? Como ousa? Vá embora! – ela gritou.

– Você precisa se levantar, Sininho – Nibs informou –, para levar Wendy numa viagem.

Sininho tinha ficado encantada, é claro, com a novidade de que Wendy estava indo embora; mas estava mais do que determinada a não ser sua companheira de viagem e disse que se negava, numa linguagem ainda mais ofensiva. E então fingiu voltar a dormir.

– Ela disse que se nega – Nibs exclamou, aturdido por tal insubordinação.

Com expressão severa, Peter se dirigiu ao aposento da donzela.

– Sininho – falou, em tom áspero –, levante-se e vista-se agora mesmo, ou então vou abrir a cortina, e todos veremos você em seu *négligé*.

Isso a fez pular para o chão.

– Quem disse que eu não ia me levantar? – ela se espantou.

No meio-tempo os meninos ficaram encarando Wendy, desconsolados; ela e Michael e John já estavam preparados para a viagem. A essa altura os meninos perdidos estavam arrasados, não apenas porque iriam perdê-la, mas também porque sentiam que ela estava indo de encontro a algo bom e eles não tinham sido convidados. O desconhecido, como de hábito, era algo atraente demais para eles.

Vislumbrando sentimentos mais nobres, Wendy se derreteu.

– Queridos – ela disse –, se quiserem vir todos comigo, tenho quase certeza de que meu pai e minha mãe os adotariam, eu os convenceria.

Wendy fizera o convite pensando especialmente em Peter; mas

cada um dos meninos pensou apenas em si mesmo, e no mesmo instante eles começaram a pular de alegria.

– Não vão achar que são meninos demais? – Nibs perguntou, no meio de seu pulo.

– Não, não – disse Wendy, raciocinando rapidamente –, eles podem colocar algumas camas na sala de visitas; as camas podem ser escondidas atrás de biombos nas primeiras quintas-feiras do mês, quando temos muitas visitas.

– Peter, podemos ir? – perguntaram todos, implorando.

Eles davam como certo que, caso fossem, Peter também iria, mas na verdade pouco se importavam. E assim as crianças estão sempre prontas, quando o desconhecido bate à porta, para abandonar as pessoas que mais amam.

– Pode ser – Peter retrucou com um sorriso amargo; e eles saíram correndo imediatamente e começaram a arrumar suas coisas.

– E agora, Peter – Wendy disse, achando que encontrara uma saída para tudo –, vou lhe dar o seu remédio, antes de você ir.

Ela adorava dar remédio para eles, e sem dúvida dava remédio para eles com frequência excessiva. Era apenas água, é claro, mas ela botava a água numa cuia, e chacoalhava a cuia, e dava o remédio em gotas contadas, o que conferia ao procedimento certa qualidade medicinal. Naquela ocasião, porém, não deu a Peter a dose devida; ela estava preparando o remédio e viu como estava o rosto dele, e sentiu um aperto no coração.

– Pegue as suas coisas, Peter – ela pediu, tremendo.

– Não – ele respondeu, fingindo indiferença –, eu não vou embora com você, Wendy.

– Vai sim, Peter.

– Não.

Para demonstrar que a partida dela não o abalaria, ele saiu pulando pela sala, tocando alegremente sua flauta desalmada. Wendy precisou ficar correndo atrás dele, fazendo apelos humilhantes.

– Você poderá encontrar sua mãe – ela disse, tentando persuadi-lo.

Ora, se Peter teve mesmo uma mãe algum dia, não sentia mais falta dela. Ele se virava muito bem sem ter mãe. Já nem pensava mais em mães, só se lembrava do que havia de negativo nelas.

– Não, não – ele disse para Wendy, decidido. – Ela seria capaz de dizer que fiquei mais velho, e eu só quero ser menino para sempre e me divertir.

– Mas, Peter...

– Não.

E ela teve de contar aos outros.

– Peter não vai conosco.

Peter não vai! Os meninos olharam para ele sem saber o que pensar, todos com suas varetas por sobre o ombro, cada vareta carregando uma trouxa. A reação inicial foi pensar que, se Peter não queria ir, ele provavelmente mudara de ideia quanto a deixar que eles fossem.

Mas ele era orgulhoso demais para tanto.

– Se encontrarem as mães de vocês – ele disse, sombrio –, espero que gostem delas.

O incrível cinismo da afirmação gerou uma impressão desconfortável, e quase todos começaram a ter dúvidas. Pensando bem, eles não estavam agindo como palermas, com essa história de ir embora?

– Pois bem! – exclamou Peter. – Nada de confusão, nada de choradeira; adeus, Wendy – e estendeu a mão jovialmente, dando a entender que eles precisavam se apressar, porque ele tinha algo importante para fazer.

Wendy teve de apertar a mão de Peter, já que não havia indicação de que ele pudesse preferir um dedal.

– Você vai se lembrar de trocar a toalha de rosto, Peter? – ela perguntou, pesarosa; preocupava-se demais com toalhas de rosto.

– Sim.

– E vai tomar o seu remédio?

– Sim.

Era tudo, ao que parecia; e houve uma pausa incômoda. Peter, no entanto, jamais fraquejaria diante de pessoas.

– Você está pronta, Sininho? – ele perguntou em voz alta.

– Afirmativo.

– Vá na frente, então, e mostre o caminho.

Sininho disparou até a árvore mais próxima; mas ninguém a seguiu, porque foi nesse momento que os terríveis piratas atacaram os peles-vermelhas. Na superfície, onde tudo estivera tão quieto, o ar foi rasgado por berros e pelo entrecchoque das armas. Embaixo da terra, fez-se um silêncio mortal. As bocas se abriram e ficaram abertas. Wendy caiu de joelhos, mas seus braços estavam estendidos na direção de Peter. Todos os braços estavam estendidos para ele, como que impelidos por uma força magnética; era uma súplica muda, para que ele não os abandonasse. Quanto a Peter, pegou sua espada, a espada com a qual matara Barbecue, se não estava enganado; e seus olhos queriam ver sangue.

CAPÍTULO XII

AS CRIANÇAS SÃO APRISIONADAS

O ataque pirata fora uma completa surpresa: uma prova concreta de que Gancho o conduzira de modo impróprio, pois surpreender peles-vermelhas de modo honesto é algo que o homem branco não é capaz de engendrar.

Segundo todas as leis informais do conflito armado selvagem, é sempre o pele-vermelha quem ataca; com a astúcia característica de sua raça, ele ataca um pouco antes do amanhecer, pois sabe que, nessa hora, a coragem dos brancos desce ao nível mais insignificante. No meio-tempo os brancos já levantaram uma rude barreira no topo do terreno ondulante, acolá, ao pé do qual corre um riacho; porque estar longe da água equivale a ser condenado à destruição. Ali, aguardam o momento do assalto, os mais inexperientes apalpando seus revólveres e pisoteando gravetos, os de mãos calejadas dormindo tranquilamente até a hora certa, antes do amanhecer. Ao longo de toda a noite, os batedores indígenas rastejam como cobras por sobre a relva e não movem nem uma lâmina de grama. O mato se fecha atrás deles em silêncio, como a areia na qual a toupeira acabou de penetrar. Nenhum som se faz ouvir, salvo quando emitem uma maravilhosa imitação do solitário grito do coioite. O uivo é gritado em resposta pelos outros guerreiros; e alguns deles chegam a uivar melhor que os coioites, que não dominam muito bem a arte do grito. E assim as horas geladas se esvaem, e o longo suspense é um horrível martírio para o cara-pálida que enfrenta a guerra pela primeira vez; para os de mão treinada, contudo, os gritos pavorosos e os silêncios tenebrosos não passam de informações sobre o avançar da noite.

Esse era o procedimento usual; Gancho o conhecia a fundo, e não pode ser inocentado, sob alegação de ignorância, do crime de desrespeitá-lo.

Os Piccaninny, por sua vez, confiaram às cegas na honra do capitão inimigo, e suas ações noturnas diferiram das dele em acentuado contraste. Tudo que fizeram era consistente e digno da reputação da tribo. Com seus sentidos alertas, que a um só tempo deslumbram e desesperam os povos civilizados, souberam que os piratas estavam na ilha desde o momento em que ouviram alguém pisar num galho seco; e, num espaço de tempo incrivelmente curto, os

gritos de coioote começaram a soar. Entre o local em que Gancho desembarcou suas forças e a casa embaixo das árvores, cada centímetro do terreno foi examinado furtivamente pelos guerreiros, com uso de sapatos virados para trás, os saltos na frente. Encontraram uma única elevação de terreno que tivesse um riacho abaixo, de modo que Gancho não tinha escolha; seria obrigado a se estabelecer ali, e ali teria de esperar o momento em que a escuridão da noite começa a esmorecer. Tendo mapeado e planejado tudo com astúcia quase diabólica, os peles-vermelhas, aquartelados, ajeitaram seus cobertores no chão e, na fleumática postura que para eles é o suprasumo da virilidade, agacharam-se acima da casa das crianças, aguardando o frio momento em que teriam de encarar a morte pálida.

Assim, sonhando, mas de olhos bem abertos, com as refinadas torturas a que o submeteriam no raiar do dia, os confiantes selvagens foram surpreendidos pelo pérfido Gancho. Segundo relatos posteriores, fornecidos por batedores que lograram escapar da carnificina, o capitão, ao que tudo indicava, nem chegou a parar no terreno elevado, e era certo que ele o tinha avistado, na luz cinzenta da noite: durante todo o tempo, a ideia de esperar para ser atacado nem deve ter visitado sua mente sutil; ele não diminuiu o passo, não esperou a véspera da luz do dia; seguiu marchando, seu propósito era surpreender e atacar com violência. Que saída restava aos perplexos batedores, peritos em todos os artifícios da guerra justa, senão trotar desesperançados atrás de Gancho, expondo-se fatalmente enquanto emitiam o grito do coioote?

Doze dos mais robustos guerreiros cercavam Flor de Lírio-Tigre, e subitamente eles viram diante de si os traiçoeiros piratas. A lente com a qual tinham vislumbrado a vitória lhes caiu dos olhos. Nunca mais torturariam inimigos no poste. O campo de caça encantado surgiria em breve. Sabiam que era o fim; mas agiram como seus pais um dia agiram. Teriam tempo, ainda, de formar uma falange que dificilmente sucumbiria, caso se movimentassem com presteza, mas as tradições de sua raça lhes proibiram a movimentação. Está escrito: o selvagem nobre não pode, em nenhuma hipótese, manifestar surpresa na presença do homem branco. Em função disso, por mais terrível que fosse a aparição dos piratas, permaneceram imóveis por um momento, não moviam um músculo, como se estivessem recebendo uma visita. Depois, cumprida valorosamente a tradição, pegaram em armas; e o ar foi rasgado por gritos de guerra; mas era tarde demais.

Não cabe a nós descrever o que ocorreu, mais um massacre do que uma luta. Pereceram muitos dos mais inestimáveis soldados da tribo Piccaninny. Não morreram, porém, em vão, pois com Lobo Magro se foi Alf Mason, que não voltaria a perturbar os mares do Caribe; entre outros, bateram as botas George Scourie, Charles Turley

e o alsaciano Foggerty. Turley foi abatido pela machadinha do terrível Pantera, que, com Flor de Lírio-Tigre e um pequeno grupo remanescente, acabou por sair vivo da batalha.

Em que medida Gancho deve ser culpado por suas táticas no ataque? Os historiadores que decidam. Tivesse ele parado na elevação para esperar pela hora adequada, seus homens provavelmente teriam sido trucidados; num julgamento justo, teríamos de levar isso em conta. O que o capitão não fez e devia ter feito, talvez, foi comunicar a seus oponentes que se propunha a adotar um novo método. Isso, por outro lado, eliminando da ação a característica surpreendente, teria inutilizado sua estratégia, de modo que a questão toda é permeada por complexidades. É difícil reprimir uma relutante admiração pelo engenho que concebeu um plano tão ousado, pelo gênio destrutivo que o levou a cabo.

Que sentimentos pulsaram em seu íntimo no momento triunfante? Seus cães ficariam contentes se pudessem sabê-lo, quando, respirando pesadamente e limpando seus cutelos, reuniram-se a uma discreta distância do gancho de ferro e estudaram, com olhares oblíquos, o extraordinário homem. O coração de Gancho estava repleto de êxtase, por certo, mas seu rosto não expressava nada: enigma solitário e sombrio, ele se mantinha alheio; diferia de seus seguidores em espírito e em substância.

O trabalho da noite não estava encerrado, a matança dos peles-vermelhas era apenas o começo; Gancho matara as abelhas para poder chegar ao mel. Ele queria pegar Peter Pan; Pan, Wendy e o bando todo, mas principalmente Pan.

Peter era apenas um menino; como podia ser tão odiado? Ele jogara a mão de Gancho para o crocodilo, é verdade; mas nem mesmo essa ação, com o crescente e permanente risco de morte que gerou, dada a pertinácia do crocodilo, tem peso suficiente para justificar uma sede de vingança tão implacável e maligna. O fato é que havia algo em Peter que deixava o capitão dos piratas alucinado. Não era a coragem, não era a aparência cativante, não era... Bem, não adianta insistir em circunlóquios, pois sabemos muito bem o que era, e a nossa obrigação é contar tudo. Era a soberba de Peter.

A soberba do menino lhe dava nos nervos, provocava espasmos na garra de ferro, perturbava seu sono como um inseto. Enquanto Peter vivesse, Gancho teria a paz de espírito de um leão que, preso numa jaula, é atormentado por um pardal.

O problema agora era saber como descer pelas árvores, como transportar os cães até o interior da casa. O capitão correu seu olhar ganancioso pelos homens, selecionando os mais magros. Eles se inquietaram, sabiam que Gancho não hesitaria em enfiá-los nos buracos à força, com pauladas.

E os meninos, enquanto isso? Quando os vimos pela última vez, na irrupção do ataque pirata, estavam transformados em estátuas, de boca aberta, esticando os braços na direção de Peter, em súplica; voltamos a eles agora, e seus braços estão caindo, suas bocas se fecham. O pandemônio acima deles cessou quase tão subitamente como tinha se iniciado, amainado como uma ventania feroz; eles sabem, porém, que a ventania lhes selou o destino.

Que lado vencerá?

Os piratas, ouvindo tudo com avidez, nas entradas das árvores, escutaram essa pergunta, que todos os meninos queriam ver respondida; e também ouviram, desgraçadamente, a resposta de Peter.

– Se os peles-vermelhas venceram – ele disse –, vão bater o tambor; é assim que anunciam vitória.

Pois Smee tinha encontrado o tambor e, no momento, estava sentado nele.

– Vocês nunca mais vão ouvir o tambor – murmurou, mas de forma inaudível, é claro, porque a ordem era manter silêncio total.

Para espanto de Smee, Gancho lhe fez um sinal para que batesse o tambor; aos poucos ele compreendeu a perversa razão de ser da ordem. Nunca, provavelmente, esse homem simplório admirara tanto o capitão.

Smee bateu o instrumento por duas vezes, e então parou para ouvir, radiante.

– O tambor! – os vilões ouviram Peter gritar. – Vitória dos índios!

As condenadas crianças responderam com um viva que era pura música para os corações negros dos cães de Gancho, e em seguida começaram a se despedir de Peter de novo. Isso intrigou os piratas, cujos sentimentos de incompreensão foram engolidos por um deleite desprezível: os inimigos subiriam pelas árvores a qualquer momento. Os homens sorriram uns para os outros e esfregaram as mãos. Com rapidez e em silêncio, Gancho deu suas ordens: um homem em cada árvore, e os outros agrupados em linha, um atrás do outro, com um intervalo de dois metros entre eles.

CAPÍTULO XIII

VOCÊS ACREDITAM EM FADAS?

O quanto antes nos livrarmos desse horror, tanto melhor. O primeiro a emergir de sua árvore foi Curly. Caiu nos braços de Cecco, que o jogou para Smea, que o jogou para Starkey, que o jogou para Bill Jukes, que o jogou para Noodler, e assim ele foi arremessado, de um para outro, até cair aos pés do sórdido capitão. Todos os meninos foram arrancados de suas árvores do mesmo jeito, com a mesma desumanidade; vários deles ficaram suspensos no ar ao mesmo tempo, como fardos de mercadorias que voam de mão em mão.

Um tratamento diferente foi dispensado a Wendy, que saiu por último. Com polidez irônica, Gancho tirou o chapéu para ela e, oferecendo o braço, acompanhou-a até o ponto em que os outros estavam sendo amordaçados. Ele agiu com tal elegância, exibiu um ar tão terrivelmente distinto, que ela ficou fascinada demais para gritar. Ela era apenas uma menina.

Talvez seja uma bisbilhotice indevida informar que Gancho a maravilhou por um momento, e só estamos tocando no assunto porque esse desliz teve estranhas consequências. Tivesse Wendy se recusado a lhe pegar no braço, com altivez (e seria regozijante descrever a cena), ela teria sido arremessada pelo ar como os outros, e então seria provável que Gancho não tivesse presenciado o processo de amarrar as crianças; e se não estivesse presente nesse momento, ele não teria descoberto o segredo de Slightly, e sem o segredo não poderia ter cometido em seguida seu infame atentado contra a vida de Peter.

As crianças foram amarradas, para que não fugissem voando, com o corpo curvado, os joelhos perto das orelhas; Gancho cortara uma corda em nove pedaços iguais. Tudo correu bem até chegar a vez de Slightly; constatou-se que ele era como um daqueles embrulhos irritantes que nos fazem gastar todo o barbante e não deixam pontas sobrando para que possamos dar o nó. Os piratas chutaram Slightly com raiva, como quem chuta um embrulho (o correto, porém, seria chutar a corda); e, estranho dizer, Gancho lhes ordenou que parassem com a violência. O capitão comprimia os lábios, malicioso, triunfante. Enquanto seus cães suavam, porque a cada vez que tentavam embrulhar o garoto numa parte ele inchava em outra, Gancho, com sua mente genial, mergulhou mais a fundo no enigma de Slightly,

buscando causas e não efeitos; e sua exultação demonstrava que as encontrara. Slightly, branco dos pés à cabeça, percebeu que Gancho decifrara o segredo, que era o seguinte: um menino tão arredondado não poderia usar uma árvore na qual um homem de tamanho normal, com barriga menor, ficaria entalado. Pobre Slightly, ele era agora a criança mais infeliz do mundo; entrou em pânico pensando em Peter, lamentou amargamente o que fizera. Loucamente viciado em tomar água quando sentia calor, inchara até adquirir a atual circunferência, e, em vez de reduzi-la para ter condições de entrar em sua árvore, escavara o interior do tronco sem que os outros soubessem.

Ciente do segredo, Gancho teve convicção de que finalmente Peter estava à sua mercê; seus lábios não pronunciaram nenhuma palavra, porém, sobre o plano maligno que vinha ganhando forma nas cavernas subterrâneas de sua mente; mandou que os prisioneiros fossem levados para o navio e afirmou que queria ficar sozinho.

Como transportá-los? Empacotados e amarrados como estavam, podiam ser rolados colina abaixo como barris, mas a maior parte do caminho atravessava um pântano. Mais uma vez, o gênio de Gancho contornou as dificuldades. Ele sugeriu que a pequena casa fosse usada como meio de transporte. As crianças foram enfiadas nela, quatro piratas musculosos a colocaram nos ombros e os outros se postaram atrás; ao som da odiosa canção pirata, a estranha procissão avançou pela mata. Não sei se alguma das crianças chorou; se isso ocorreu, o choro foi encoberto pela canção; enquanto a pequena casa ia desaparecendo na floresta, porém, uma coluna de fumaça, fraca mas valente, saía de sua chaminé, como que desafiando Gancho.

O capitão viu a fumaça, e isso não ajudou Peter em nada: ajudou a exterminar o último resquício de piedade que ainda pudesse existir naquele peito enfurecido.

A primeira coisa que Gancho fez, quando se viu sozinho na escuridão da noite, foi caminhar, na ponta dos pés, até a árvore de Slightly, para conferir se conseguiria passar por ela. Depois ficou refletindo um longo tempo; jogou seu chapéu agourento na relva, de modo que a suave brisa que começara a soprar pudesse tocar e refrescar seus cabelos. Por mais que seus pensamentos fossem negros, seus olhos azuis eram claros como a flor da pervinca. Esperou, atento, que algum som subisse do mundo subterrâneo, mas tudo era silêncio, tanto em cima quanto embaixo da terra; o lar dos meninos parecia ser apenas uma moradia desabitada em meio ao vazio. Peter dormia? Ou estava de prontidão, empunhando sua adaga, na saída da árvore de Slightly?

Não havia como saber, a não ser descendo. Gancho deixou sua capa deslizar até o chão e a seguir, mordendo o lábio até extrair dele uma gota de sangue malévolos, entrou na árvore. Ele era um homem

corajoso; teve de parar por um momento, contudo, para enxugar a testa, que pingava como uma vela. Então, silenciosamente, mergulhou no desconhecido.

Chegou sem dificuldade ao fundo do tronco; ficou imóvel de novo, recuperando o fôlego, que ameaçava abandoná-lo. Seus olhos foram se acostumando com a luz fraca; vários objetos da casa começaram a ganhar forma; um único objeto reteve seu olhar cobiçoso, algo que tanto procurou e que agora encontrara: a grande cama. Na cama, Peter dormia como uma pedra.

Sem ter ideia da tragédia que medrava na superfície, Peter tocara alegremente sua flauta, por um tempo, depois da partida das crianças: uma tentativa bastante desesperada, sem dúvida, de provar para si mesmo que não se importava. Depois decidiu que não tomaria seu remédio, para contrariar Wendy. Depois deitou-se na cama por cima da colcha, para importuná-la ainda mais; ela nunca deixava de cobrir os meninos, porque não há como saber se você não ficará com frio no decorrer da noite. Depois quase chorou; mas lhe ocorreu que Wendy ficaria indignada se ele, em vez de chorar, começasse a rir; e começou a rir, insolente, adormecendo no meio da risada.

Às vezes, mas não com frequência, Peter tinha sonhos, e eles eram mais dolorosos que os sonhos dos outros meninos. Ficava preso a esses sonhos por horas a fio, chorava lamentos aflitivos e não conseguia se libertar. Eles tinham a ver, eu penso, com o enigma de sua existência. Nessas ocasiões, Wendy tirava Peter da cama e o colocava no colo, e inventava consolos carinhosos; a aflição cedia e ela o botava de volta na cama antes que ele pudesse acordar, para que não tomasse conhecimento da indignidade a que fora submetido. Agora, porém, ele afundara de imediato num sono sem sonhos. Um braço pendia fora da cama, uma perna estava dobrada; a risada inacabada se congelara em sua boca, que estava aberta e exibia as pequenas pérolas.

Foi encontrado por Gancho assim, indefeso. O capitão ficou parado, quieto, na saída da árvore, contemplando o inimigo adormecido. Seu peito torpe não foi perturbado pela compaixão? O homem não era apenas maldade; adorava flores (foi o que me disseram) e músicas bonitas (não se saía mal tocando cravo); e é preciso admitir que ficou profundamente tocado pela natureza idílica da cena. Prevalecendo o que havia de melhor nele, teria retornado, relutante, para a superfície; se não fosse uma coisa.

O que o manteve no lugar foi o fato de que Peter, mesmo dormindo, parecia impertinente. A boca aberta, o braço caído, o joelho dobrado: o menino adormecido era a personificação da arrogância; esperamos que tamanha insolência jamais volte a ser testemunhada por olhos tão sensíveis. O coração do pirata quase

parou. Se a raiva que Gancho sentia quebrasse seu corpo em cem pedaços, os pedaços desconsiderariam o incidente e saltariam no pescoço do menino.

A luz da única lamparina iluminava fracamente a cama, e Gancho estava no escuro; dando um primeiro passo cuidadoso, descobriu a existência de um obstáculo, a porta da árvore de Slightly. A porta não chegava a cobrir a abertura no tronco, e ele estivera olhando por cima dela. Tateou em busca da maçaneta e percebeu, furioso, que ela estava fora de seu alcance, muito embaixo. Em sua mente desordenada, a qualidade irritante do rosto e da figura de Peter se acentuou; então chacoalhou a porta e se jogou contra ela. Seu inimigo escaparia outra vez?

Mas o que era aquilo? Seu olhar avermelhado avistara o remédio de Peter numa prateleira, ao alcance do braço. Ele compreendeu de imediato o que era aquele líquido, e soube que agora tinha o menino adormecido em seu poder.

Para não cair vivo em mãos inimigas, Gancho carregava sempre consigo uma droga terrível, preparada por ele mesmo, uma mistura dos conteúdos de todos os venenos que apreendera ao longo do tempo. Ele fervera os venenos até obter um líquido amarelo, desconhecido para a ciência, que era provavelmente a substância mais peçonhenta que já existiu.

Ele pingou cinco gotas da substância no copo de Peter. Sua mão tremia, mas de entusiasmo, não de vergonha. Pingando o veneno, evitou olhar para o menino, mas não porque temesse que a piedade o fizesse fraquejar; apenas não queria correr o risco de pingar alguma gota fora do copo. Lançou um último olhar de satisfação malévola para sua vítima e, dando meia-volta, entregou-se à dificultosa tarefa de subir pelo tronco. Emergindo, no topo, Gancho era um legítimo espírito maligno saindo da toca. Ele ajeitou seu chapéu para que ficasse mais caído; vestiu sua capa, puxando um lado dela para frente, como se quisesse se fundir com a noite, na qual sua figura era o que havia de mais negro; murmurando estranhamente, sumiu por entre as árvores.

Peter continuou dormindo. A vela derreteu e morreu, mergulhando a moradia na escuridão; mas ele continuou dormindo. Não deviam ser menos que dez horas, pelo horário do crocodilo, quando Peter de repente se ergueu e sentou-se na cama, despertado por alguma coisa que não identificou. Era um bater suave, cuidadoso, na porta de sua árvore.

Suave e cuidadoso, mas sinistro, em meio à quietude. Peter tateou no escuro até encontrar sua adaga. Então perguntou:

– Quem é?

Não houve resposta, por um longo tempo; e a seguir bateram de

novo.

– Quem está aí?

Nenhuma resposta.

Peter vibrava de emoção, e ele adorava sentir emoções fortes. Em dois passos largos, alcançou sua porta. Ao contrário da porta de Slightly, a dele cobria por inteiro a abertura da árvore, e ele não conseguia enxergar além dela, e quem batia não conseguia vê-lo.

– Não vou abrir se você não falar – Peter exclamou.

Por fim a visita falou, numa adorável voz de sino:

– Deixe-me entrar, Peter.

Era Sininho, e ele rapidamente desobstruiu a passagem. Ela voou para dentro, excitada, o rosto corado e o vestido sujo de lama.

– O que foi?

– Ah, você nunca vai adivinhar! – ela exclamou, e lhe ofereceu três chances para adivinhar.

– Pare com isso! – ele gritou.

Numa longa sentença atropelada, longa como as fitas que os mágicos tiram de suas bocas, ela falou sobre a captura de Wendy e dos meninos.

O coração de Peter queria sair pela boca. Wendy amarrada e no navio pirata; ela que gostava tanto de conforto!

– Vou resgatá-la – ele exclamou, saltando na direção de suas armas.

Saltando, pensou em algo que poderia fazer para agradá-la. Ele podia tomar o remédio.

Sua mão agarrou a dose fatal.

– Não! – berrou Sininho, que ouvira Gancho murmurando sobre o que fizera enquanto avançava pela floresta.

– Por que não?

– Está envenenado.

– Envenenado? Quem poderia ter envenenado o meu remédio?

– Gancho.

– Não seja idiota. Como ele teria entrado aqui?

Puxa, Sininho não tinha como explicar isso, pois nem ela conhecia o segredo obscuro da árvore de Slightly. De todo modo, as palavras de Gancho não davam margens para dúvidas. O copo estava envenenado.

– E além disso – disse Peter, acreditando bastante em si mesmo – eu nem dormi.

Ele ergueu o copo. Não era hora de falar; era hora de agir; com um de seus movimentos de relâmpago, Sininho se meteu entre os lábios de Peter e a dose, e bebeu tudo de uma vez.

– Como assim, Sininho? Como você ousa tomar o meu remédio?

Mas ela não respondeu. Já estava rodopiando no ar.

– O que houve com você? – exclamou Peter, subitamente assustado.

– Estava envenenado, Peter – ela falou, com voz fraca –, e agora vou morrer.

– Ah, Sininho, você bebeu o remédio para me salvar?

– Sim.

– Mas por quê?

As asas mal conseguiam mantê-la no ar agora, mas, em resposta, ela pousou em seu ombro e mordiscou seu queixo com carinho. Sussurrou “Burro idiota” em seu ouvido; então voou para o quarto da parede, cambaleando, e se jogou na cama.

Peter a seguiu e se ajoelhou, angustiado; a cabeça dele ocupava quase todo o vão da quarta parede do pequeno apartamento. A luz de Sininho ficava mais fraca a cada momento; Peter sabia que, se a luz se apagasse, ela morreria. Sininho gostava tanto das lágrimas dele que estendeu seu lindo dedo e o molhou na torrente.

A voz dela estava tão fraca que a princípio Peter não entendeu o que ela estava dizendo. E então compreendeu. Ela estava dizendo que achava que podia ficar bem de novo, se crianças comessem a acreditar em fadas.

Peter abriu os braços. Não havia crianças por perto, e já era noite; mas ele recorreu a todas as crianças que podiam estar sonhando com a Terra do Nunca, e que portanto estavam mais perto dele do que vocês podem imaginar: meninos e meninas de pijama, bebês índios nus pendurados nas árvores em cestos.

– Vocês acreditam? – ele exclamou.

Sininho se sentou, num movimento quase enérgico, para tomar conhecimento de seu destino.

Ela julgou ter ouvido respostas afirmativas, depois já não teve mais certeza.

– O que você acha? – perguntou para Peter.

– Se vocês acreditam – ele gritou para as crianças –, batam palmas! Não deixem Sininho morrer.

Muitas crianças bateram palmas.

Algumas não bateram.

Alguns diabretes assobiaram.

Os aplausos cessaram de repente; como se milhares de mães tivessem invadido os quartos de seus filhos para saber o que é que estava acontecendo; mas Sininho já estava salva. Primeiro, a voz da fada ganhou força; depois ela saltou da cama; depois já estava voando em disparada pelo quarto, mais alegre e mais insolente do que nunca. Nem chegou a pensar em agradecer às crianças que acreditaram, mas bem que quis ficar frente a frente com as que assobiaram.

– E agora vamos resgatar Wendy.

A lua cruzava um céu nublado quando Peter saiu de sua árvore, carregando seu peso em armas e vestindo quase nada, para partir em sua perigosa jornada. Não era a noite que gostaria de ver. Ele queria voar, a pouca distância do chão, para que nenhuma visão incomum escapasse de seu olhar; com aquela luz irregular, porém, voar baixo significaria estampar o rastro de sua sombra por entre as árvores, perturbando os pássaros e exibindo seu movimento a um inimigo vigilante.

Agora Peter lamentava ter dado nomes tão estranhos aos pássaros da ilha: eles ficaram arredios, e abordá-los era complicado.

Não havia jeito senão apertar passo, ao modo dos peles-vermelhas; felizmente, ele era adepto das longas caminhadas. Mas que direção tomar? Ele não podia saber com certeza se as crianças haviam sido levadas para o navio. Uma leve precipitação de neve obliterara todas as pegadas; e um silêncio mortal impregnara toda a ilha, como se a natureza tivesse se imobilizado, por um tempo, em face do horror da carnificina.

Peter ensinara às crianças algumas noções de sobrevivência na selva que tinha aprendido com Flor de Lírio-Tigre e Sininho, e sabia que elas se lembrariam dos conhecimentos, naquele momento aflitivo. Por exemplo: Slightly, se tivesse oportunidade, marcaria alguns troncos de árvore, Curly largaria sementes no caminho, Wendy deixaria seu lenço num lugar significativo. Mas seria preciso esperar pela manhã para que esses sinais pudessem ser vistos, e ele não podia esperar. O mundo da superfície o chamara, mas não lhe daria ajuda.

O crocodilo foi a única coisa viva a passar por Peter; não havia mais nada, nenhum som, nenhum movimento; e no entanto ele sabia muito bem que a morte repentina poderia estar à espreita na próxima árvore, ou vindo em seu rastro.

Ele fez um terrível juramento:

– Gancho ou eu, desta vez.

Peter rastejou como uma cobra; depois levantou-se e correu em disparada por um trecho do caminho que a lua clareara; tinha um dedo sobre os lábios e a adaga em prontidão. Estava incrivelmente feliz.

CAPÍTULO XIV

O NAVIO PIRATA

Uma lanterna despejava um oblíquo brilho verde sobre o Riacho de Kidd, perto da foz do rio pirata, indicando a localização do brigue, o *Jolly Roger*; o casco da embarcação estava bastante afundado na água. Longo e veloz, imundo, funesto, o navio tinha uma detestável aparência de monturo, de pocilga. Ele era o canibal dos mares, e a vigilância no riacho era inútil: estava seguro, protegido por seu temível nome.

O manto da noite cobria o navio, nenhum som o atravessava, nenhum ruído chegava à praia. Os sons eram poucos; o único ruído agradável era o zunir da máquina de costura de Smee, o pirata mais trabalhador, e o mais submisso e patético, a essência do homem desinteressante. Não sei como ele conseguia ser tão indefinidamente patético; talvez fosse assim por ser tão pateticamente inconsciente de sua condição; mas até homens fortes evitavam olhar para ele por mais de um segundo, e mais de uma vez, em noites de verão, ele mexeu no reservatório de lágrimas de Gancho, e fez o reservatório se abrir. Disso, como de quase tudo, Smee não tinha nenhuma consciência. Alguns dos piratas se debruçavam sobre o parapeito, bebendo o miasma da noite; outros se esparramavam em torno de barris, jogando dados e cartas; e os quatro homens exaustos que tinham carregado a pequena casa dormiam no chão do convés, prostrados; apesar de adormecidos, rolavam com habilidade para um lado e para o outro, de modo a escapar do alcance de Gancho, que poderia golpeá-los mecanicamente ao passar por eles.

Gancho andava pelo convés, refletindo. Que homem insondável! Era o seu momento de triunfo. Peter fora tirado de seu caminho para sempre; todos os outros meninos estavam no brigue e logo caminhariam na prancha. Era o seu feito mais atroz, sua maior conquista desde o dia em que subjugara Barbecue. Sabemos muito bem que o ser humano é o tabernáculo da vaidade; por acaso ficaríamos surpresos se víssemos Gancho cambaleando pelo convés, inflado e entorpecido pelos ventos do sucesso?

Mas ele andava com firmeza, sem exultação, no ritmo do funcionamento de sua mente sombria. Gancho estava profundamente deprimido.

Muitas vezes ele ruminava assim, de si para si, a bordo do navio, na quietude da noite. Isso porque ele era terrivelmente solitário. E a solidão era ainda mais dolorosa, para esse homem inescrutável, quando ele estava cercado por seus cães, cuja inferioridade social era gritante.

James Hook não era o seu nome verdadeiro. Revelar quem ele realmente era deixaria toda a Inglaterra em estado de choque, ainda hoje; aqueles que sabem ler nas entrelinhas, porém, já devem ter adivinhado que ele frequentara uma certa escola de renome, para privilegiados; e as tradições da escola condicionavam seu espírito, como se, mentalmente, ele ainda usasse um formal uniforme de colégio. Por isso, era ofensivo para ele, mesmo depois de tanto tempo, subir num navio capturado com a mesma roupa que usara na batalha; e ele ainda manifestava, ao caminhar, a distinta postura desleixada que adquirira na escola. Acima de tudo, no entanto, retinha no peito a paixão pelas boas e corretas maneiras.

Boas maneiras! Por mais que tivesse degenerado, ele ainda sabia que isso era tudo o que realmente importava.

Nos recessos da memória, Gancho ouvia um ranger de portas enferrujadas, e por elas surgia um severo e sonoro bater de martelo, o martelar noturno que nos impede o sono.

– Você agiu com correção hoje? – era a eterna pergunta do martelo.

– A fama, essa quinquilharia reluzente, a fama é minha! – ele exclamava.

– É correto se distinguir muito em determinada coisa? – o martelo de sua escola retrucava.

– Sou o único homem que Barbecue temeu – ele insistia. – E até mesmo Flint temia Barbecue.

– Barbecue, Flint... a que casa eles pertencem? – era a réplica cortante.

E a reflexão mais inquietante de todas: não era incorreto pensar em correção de maneiras?

Esse problema mortificava suas entranhas. Era uma garra dentro dele, mais afiada que o gancho de ferro; e a garra o dilacerava, e a transpiração pingava de seu rosto seboso e escorria por seu gibão. Amiúde ele esfregava a manga no rosto, mas não havia como conter o gotejamento.

Ah, não tenham inveja de Gancho.

Ele pressentiu, de repente, que suas horas estavam contadas. Foi como se o juramento de Peter tivesse subido a bordo. Gancho foi tomado pelo lúgubre desejo de fazer um discurso final, temendo que em breve não pudesse mais dizer nada.

– Gancho estaria bem melhor – gemeu – se tivesse menos

ambição.

Ele se referia a si mesmo na terceira pessoa apenas nos momentos mais difíceis.

– Nenhuma criança me ama.

Estranho que ele pensasse nisso, em algo que nunca o afligira antes; a máquina de costura pode ter influenciado o pensamento. Por longo tempo o capitão murmurou consigo mesmo, olhando para Smee, que cosia placidamente e que estava convicto de que todas as crianças temiam a ele, Smee.

Ter medo dele! Temer Smee! Não havia uma única criança a bordo do brigue, naquela noite, que já não amasse Smee. Ele dissera coisas horrorosas para elas e batera nelas com a palma da mão, porque não tinha coragem de bater com o punho; e as crianças se apegaram a ele ainda mais. Michael experimentara os óculos dele.

Contar ao pobre Smee que, para as crianças, ele era adorável! Gancho se sentia tentado a contar, mas isso seria demasiado brutal; não conseguia tirar o mistério da cabeça: por que Smee lhes parecia adorável? Perseguiu o problema como o cão de caça que era. Se Smee era adorável, qual era o motivo? Uma terrível resposta lhe veio à mente de súbito: “Boas maneiras?”.

O contramestre agia com correção sem saber que o fazia, e portanto era o mais correto dos homens?

O capitão se lembrou de um fato: para poder ser admitido no mais seletivo e prestigioso clube da escola, você precisa provar que não sabe que possui boas maneiras.

Com um grito de fúria, ele ergueu sua mão de ferro sobre a cabeça de Smee; mas não o golpeou. O que o deteve foi a seguinte reflexão: “Estraçalhar um homem porque ele tem modos corretos, o que seria isso?”

– Incorreto!

Tão incapaz de agir quanto era incapaz de secar seu suor, ele desabou para a frente, como uma flor decepada.

Seus cães julgaram que se veriam livres do chefe por um tempo, e se indisciplinaram no mesmo instante. Entregaram-se a uma dança licenciosa, que despertou e reergueu o capitão; todos os sinais de sua fraqueza desapareceram, como se ele tivesse sido despertado com um balde de água.

– Quietos, perdedores! – ele gritou. – Ou vou lhes dar com a âncora na cabeça!

A algazarra cessou de imediato.

– As crianças estão todas acorrentadas para que não possam voar?

– Afirmativo.

– Pois tragam os condenados para o convés.

Os desventurados prisioneiros foram tirados do porão, todos menos Wendy, e dispostos em linha, na frente do capitão. Por certo tempo ele pareceu não tomar conhecimento da presença deles. Sentado e acomodado, chilreava trechos de uma canção grosseira, com boa afinação, e manuseava um baralho de cartas. De quando em quando, a brasa do charuto lhe coloria o rosto.

– Pois bem, camaradas – ele disse, enérgico –, seis de vocês vão caminhar na prancha logo mais, mas estou precisando de dois grumetes. Quem se habilita?

“Não irrite o capitão sem necessidade”, Wendy os instruíra no porão; com isso em mente, Tootles deu um passo adiante, educado. Tootles detestava a ideia de se submeter a um homem como aquele, mas, por instinto, achou que seria prudente recorrer ao recurso de atribuir responsabilidade a uma pessoa ausente; embora fosse um tanto tolo, sabia que as mães, como ninguém mais, estão sempre dispostas a levar tudo nas costas. Todas as crianças sabem que as mães são assim, e as desprezam por isso, mas vivem colocando tudo nas costas delas.

E assim Tootles explicou, prudentemente:

– Veja bem, senhor, creio que seria um desgosto para a minha mãe se eu me tornasse um pirata. A sua mãe acharia bom se você se tornasse um pirata, Slightly?

Ele piscou para Slightly, que falou, abatido:

– Creio que não – como se desejasse que aquilo não estivesse acontecendo. – A sua mãe acharia bom se você se tornasse um pirata, Gêmeo?

– Creio que não – disse o primeiro gêmeo, astuto como os outros. – Nibs, a sua mãe...

– Parem com a tagarelice – rugiu Gancho, e os oradores foram puxados para trás. – Você, menino – ele disse, dirigindo-se a John –, você parece ter um certo sangue-frio. Nunca quis ser pirata, meu intrépido rapaz?

Bem, John já alimentara esse desejo, em meio a estudos de matemática; e ficou espantado com a perceptividade do capitão.

– Certa vez pensei em adotar o nome Jack Mão Vermelha – afirmou, tímido.

– Nada mal. Esse será o seu nome, camarada, se você se juntar a nós.

– O que você acha, Michael? – perguntou John.

– Como você me chamaria, se eu me juntasse? – Michael quis saber.

– Joe Barba Negra.

Michael ficou impressionado, naturalmente.

– O que você acha, John?

Ele queria que John decidisse, e John queria que ele decidisse.

– Ainda seríamos respeitosos súditos do rei? – John inquiriu.

Por entre os dentes de Gancho surgiu a resposta:

– Vocês seriam obrigados a fazer um juramento: “Abaixo o rei”.

Se John não se comportara muito bem até então, aqui ele brilhou:

– Se é assim, eu me recuso! – exclamou, esmurrando o barril que havia entre ele e Gancho.

– E eu me recuso! – exclamou Michael.

– Viva a Inglaterra! – bradou Curly.

Furiosos, os piratas estapearam os meninos na boca; e Gancho rugiu:

– Isso sela o destino de vocês. Tragam a mãe deles. Posicionem a prancha.

Eles eram nada mais que meninos, e empalideceram vendo Jukes e Cecco posicionando a prancha fatal. Mas tentaram aparentar bravura quando Wendy foi trazida para cima.

As minhas palavras não teriam condições de expressar o quanto Wendy desprezava aqueles piratas. Para os garotos havia ao menos um certo glamour na vida corsária; quanto a Wendy, só o que ela via era que o navio acumulara a sujeira de um século inteiro. Não havia uma única escotilha em cujo vidro imundo você não pudesse escrever, com o dedo, “Porco sujo”; e ela já escrevera isso em várias escotilhas. Quando os meninos a cercaram, porém, Wendy só tinha pensamentos para eles, é claro.

– Pois então, minha linda – disse Gancho, com voz de mel –, você verá os seus filhos caminhando na prancha.

Refinado cavalheiro que era, o capitão exibia no momento um colarinho manchado, molhado por suas intensas ruminações, e de repente ele percebeu que Wendy estava olhando para o colarinho. Tentou escondê-lo num gesto apressado, mas era tarde demais.

– Eles vão morrer? – perguntou Wendy, com uma expressão de desprezo que por pouco não o fez desmaiar.

– Vão – ele rosnou. – Façam silêncio – ordenou em voz alta, malicioso –, porque uma mãe dedicará suas últimas palavras aos filhos.

Wendy foi altiva nesse momento.

– Estas são as minhas últimas palavras, queridos meninos – disse, com firmeza. – Sinto que tenho uma mensagem de suas verdadeiras mães, e a mensagem é: “Esperamos que nossos filhos morram como legítimos cavalheiros ingleses”.

Até os piratas ficaram de boca aberta; e Tootles gritou, histericamente:

– Eu vou fazer o que a minha mãe espera que eu faça. O que você

vai fazer, Nibs?

– O que a minha mãe espera. O que você vai fazer, Gêmeo?

– O que a minha mãe espera. John, o que você...

Mas Gancho recuperara a fala:

– Amarrem-na! – berrou.

Foi Smee quem a amarrou ao mastro.

– Ouça, meu doce – ele sussurrou –, eu salvo você, se você me prometer que vai ser minha mãe.

Mas nem mesmo para Smee ela faria uma promessa dessas.

– Quase prefiro ver meus filhos mortos – ela falou, com desdém.

É triste constatar que nenhum menino estava olhando para ela quando Smee a amarrou no mastro; todos eles fixaram o olhar na prancha: os poucos últimos passos que dariam na vida. Já não tinham condições de esperar que pudessem caminhar pela tábua com hombridade, porque a capacidade de raciocinar os abandonara; só conseguiam olhar e tremer.

Gancho sorriu, com dentes cerrados, contemplando os infelizes, e deu um passo na direção de Wendy. Sua intenção era virar o rosto da menina, para que ela visse os meninos caindo da prancha, um depois do outro. Mas ele sequer a tocou, sequer ouviu o grito de angústia que esperava extrair dela à força. Ele ouviu outra coisa.

Ouviu o terrível tique-taque do crocodilo.

Todos escutaram o som do relógio – os piratas, os meninos, Wendy; e na mesma hora todas as cabeças se voltaram, num espasmo, para a mesma direção: não para a água, de onde provinha o grito, mas para Gancho. Todos sabiam que o que estava por vir dizia respeito apenas a ele, e que repentinamente eles tinham passado de atores a espectadores.

Foi pavoroso observar a mudança que se deu nele. Foi como se lhe tivessem cortado todas as articulações. Ele desabou como um esqueleto desconjuntado.

O som se aproximava num ritmo constante, e à frente do som veio este tétrico pensamento: “O crocodilo vai entrar no navio”.

Nem mesmo a garra de ferro quis se mexer, como se soubesse que não era parte intrínseca do corpo que a força atacante queria devorar. Sozinho e abandonado numa situação tão tenebrosa, qualquer outro homem teria permanecido no chão, deitado onde caíra, de olhos fechados; só que o cérebro gigantesco de Gancho seguia em plena atividade, e, movido pelo raciocínio, ele engatinhou pelo convés, na tentativa de se afastar ao máximo do som do relógio. Respeitosamente, os piratas abriram passagem para o capitão, e foi só depois de parar de encontro ao parapeito que ele falou.

– Escondam-me! – gritou em voz áspera.

Os homens se juntaram em volta dele; todos os olhos se

desviavam da coisa que subia a bordo. Eles não tinham nenhuma intenção de lutar contra a coisa. Era o Destino subindo a bordo.

Com Gancho já escondido, a curiosidade relaxou as pernas dos meninos, de forma que eles puderam correr até a beirada do navio para testemunhar a escalada do crocodilo. Foi então que depararam com a mais estranha das surpresas dessa Noite das Noites. Pois não era o crocodilo quem vinha prestar auxílio. Era Peter.

Ele fez sinal para que ninguém deixasse escapar qualquer grito de admiração que pudesse levantar suspeita. E prosseguiu na subida, tique-taqueando.

CAPÍTULO XV

“GANCHO OU EU, DESTA VEZ”

Coisas estranhas acontecem a todos nós, em nossa trajetória pela vida, e por um tempo não notamos que elas aconteceram. Assim, nós subitamente descobrimos, por exemplo, que estivemos surdos num ouvido por um certo tempo, digamos que por meia hora. Bem, Peter passara por uma experiência dessas naquela noite. Quando o vimos pela última vez, ele ia cruzando a ilha em silêncio, com um dedo sobre os lábios e sua adaga em prontidão. Vira o crocodilo passar sem notar nada de peculiar nele, mas aos poucos se deu conta de que não ouvira tique-taque algum. Isso lhe pareceu bizarro, a princípio, mas ele logo concluiu que o relógio tinha parado.

Sem nem mesmo refletir sobre os possíveis sentimentos de uma criatura amiga que tão abruptamente fora privada de seu companheiro mais íntimo, Peter começou imediatamente a considerar o que podia fazer para se beneficiar com a catástrofe; e decidiu tique-taquear, para que as feras selvagens acreditassem que ele era o crocodilo e o deixassem passar em paz. Tique-taqueou soberbamente, mas obtendo um resultado imprevisto. O crocodilo estava entre os que ouviram o som de relógio, e foi atrás de Peter; se o fez com o propósito de recuperar o que perdera, ou se simplesmente agira como amigo, na crença de que ele mesmo voltara a tique-taquear, jamais saberemos ao certo, pois, como qualquer escravo de ideia fixa, ele era uma besta estúpida.

Peter chegou à praia sem contratempos e seguiu em frente; suas pernas encontraram a água e mal perceberam que estavam num novo elemento. Muitos animais passam da terra para a água assim; até onde sei, não há nenhum outro ser humano que tenha a mesma característica. Nadando, ele tinha uma só coisa em mente: “Gancho ou eu, desta vez”. Peter já tique-taqueara tanto que seguiu fazendo tique-taque sem perceber que o fazia. Tivesse percebido, teria parado, porque a ideia de subir no brigue recorrendo ao tique, por mais engenhosa que fosse, não lhe ocorrera.

Pelo contrário, ele pensou que estivesse escalando o casco do navio com a discrição de um camundongo; e ficou pasmo ao ver os piratas recuarem, com Gancho escondido entre eles, transido de medo, como se tivesse escutado o crocodilo.

O crocodilo! Lembrando-se do animal, Peter começou a ouvir o tique-taque. A princípio achou que o som vinha do crocodilo, e rapidamente olhou para trás. Então se deu conta de que ele mesmo era o responsável pelo ruído, e no mesmo instante compreendeu toda a situação. “Que esperto que eu sou”, pensou, e fez sinal para que os meninos não rompessem em aplausos.

Foi nesse momento que Ed Teynte, o furriel, emergiu do castelo de proa e veio andando pelo convés. Bem, caro leitor, cronometre em seu relógio o que veremos agora. Peter cravou sua adaga até o cabo no furriel. John tapou a boca do malfadado pirata com as mãos, para abafar o gemido de morte. Ed caiu para a frente. Quatro meninos o seguraram, para não permitir que o corpo se chocasse contra o chão. Peter deu sinal e o cadáver foi jogado no mar. Houve uma ligeira pancada na água, em meio ao silêncio. Quanto tempo se passou?

– Um!

(Slightly dera início a uma contagem.)

Peter, na ponta da ponta dos pés, correu cabine adentro, quase que tarde demais; alguns piratas já estavam arrecadando coragem para olhar em volta. Eles ouviam a respiração aflita dos companheiros, o que lhes indicou que o som mais terrível se fora.

– Ele foi embora, capitão – Smee disse, limpando seus óculos. – Tudo ficou quieto de novo.

Lentamente, a cabeça de Gancho foi emergindo de seu colarinho; ele apurou os ouvidos de tal maneira que seria capaz de identificar as mais ínfimas reverberações do tique-taque. Não havia som algum, e ele retomou, com firmeza, sua postura ereta.

– Um brinde a Johnny Prancha! – gritou, com desfaçatez.

Gancho odiou os meninos mais do que nunca, porque eles o tinham visto encolhido de medo. E entoou uma cantiga infame:

*Eia, prancha picaresca,
Tão boa de caminhar.
Você cai e todos caem
No inferno do fundo do mar!*

Para aterrorizar os prisioneiros ainda mais, mas com certo prejuízo de sua dignidade, dançou ao longo de uma prancha imaginária, fazendo caretas para eles enquanto cantava. Terminada a dança, perguntou:

– Querem ganhar umas lambidas do gato antes da prancha?

Eles caíram de joelhos.

– Não, não! – gritaram, no auge do desespero; todos os piratas sorriram.

– Pegue o gato, Jukes – disse Gancho. – Ele está na cabine.

A cabine! Peter estava na cabine! As crianças se entreolharam.

– Afirmativo – disse Jukes, entusiasmado, encaminhando-se para a cabine.

As crianças o acompanharam com os olhos; mal perceberam que Gancho voltara a cantar, com seus cães fazendo coro:

*“Eia, gato arranhador,
Tem nove rabos de fogo.
Você os sentirá na pele...”*

Jamais saberemos qual era o verso final da cantiga, que foi interrompida por um berro medonho, vindo da cabine. O grito ressoou por todo o navio e sumiu na distância. E então um grasnar se fez ouvir, um som que os meninos conheciam muito bem e que, para os piratas, era tão ou mais tenebroso do que o berro.

– O que foi isso? – exclamou Gancho.

– Dois – disse Slightly, solene.

Cecco hesitou por um momento; e correu para a cabine. Saiu dela cambaleando, embasbacado.

– Qual é o problema com Bill Jukes, cão maldito? – vociferou Gancho, intimidador.

– O problema dele é que ele está morto, apunhalado – respondeu Cecco, numa voz apagada.

– Bill Jukes está morto! – gritaram os sobressaltados piratas.

– A cabine está escura como breu – Cecco disse, fazendo esforço para falar –, e uma coisa terrível está escondida lá dentro: a coisa que vocês ouviram grasnando.

A exultação dos meninos, o abatimento dos piratas, nenhum detalhe escapou do olhar de Gancho.

– Cecco – ele disse, com sua voz mais retumbante –, volte lá e me traga esse demo.

Cecco, modelo de bravura, acovardou-se diante de seu capitão, gritando “Não! Não!”; mas Gancho acariciou sua garra.

– Você já está indo, Cecco? – perguntou, distraído.

Cecco não teve saída: abriu os braços, em desespero, e se foi. Não havia mais cantoria, todos ficaram escutando; e de novo um berro moribundo, e de novo um grasnar.

Ninguém falou além de Slightly.

– Três – ele disse.

Gancho reuniu seus cães com um gesto.

– Monstros marinhos me mordam! – trovejou. – Quem vai me trazer o demo?

– Vamos esperar até que Cecco saia – grunhiu Starkey, e foi apoiado pelos outros.

– Acho que você acaba de se oferecer, Starkey – disse Gancho, acariciando a garra novamente.

– Não, raios me partam! – Starkey gritou.

– Meu gancho está dizendo que você se ofereceu – falou Gancho, chegando mais perto. – Não seria aconselhável contrariar o gancho, Starkey, você não acha?

– Não ponho meus pés na cabine, prefiro ser enforcado – respondeu Starkey, pertinaz, e de novo foi apoiado pela tripulação.

– É um motim? – indagou Gancho, cada vez mais afável. – E Starkey é o líder.

– Tenha misericórdia, capitão – Starkey choramingou, tremendo por inteiro.

– Aperte a minha mão, Starkey – disse Gancho, oferecendo sua garra.

Starkey olhou em volta, em busca de ajuda, mas todos o abandonaram. Ele foi recuando diante do avanço de Gancho, cujos olhos emitiam agora o brilho vermelho. Com um grito de desespero, o pirata pulou por sobre o Grande Tom e se precipitou no mar.

– Quatro – disse Slightly.

– Pois bem – Gancho continuou, cortês –, ouvi mais alguém falando em motim?

Ele pegou uma lanterna e ergueu a garra no ar, num gesto de ameaça.

– Vou eu mesmo tirar esse demo de lá – ele disse, e adentrou a cabine.

“Cinco”. Slightly queria tanto dizer isso! Molhou os lábios em preparação, mas Gancho saiu da cabine, vacilante, sem a lanterna.

– Alguma coisa soprou a minha luz – ele disse, inquieto.

– Alguma coisa! – ecoou Mullins.

– E Cecco? – perguntou Noodler.

– Tão morto quanto Jukes – Gancho disse, sucinto.

Sua relutância em retornar à cabine disseminou uma sensação ruim entre os homens, e os sons de amotinação ressurgiram. Todos os piratas são supersticiosos; e Cookson exclamou:

– Dizem que o sinal mais poderoso de maldição em navio é ter a bordo um passageiro misterioso, que não embarcou!

– Já ouvi dizer – sussurrou Mullins – que esse passageiro um dia aparece, mais cedo ou mais tarde, em todo navio pirata. Ele tinha rabo, capitão?

– Dizem – afirmou outro, olhando com aversão para Gancho – que quando ele chega, ele se apresenta com a aparência do homem mais perverso do navio.

– Ele tinha um gancho, capitão? – perguntou Cookson, com

insolência.

Um após o outro, os homens iam repetindo:

– O navio está amaldiçoado.

Diante disso, as crianças não resistiram, e deram gritos de comemoração. Gancho tinha quase se esquecido de seus prisioneiros; quando se voltou para eles, porém, seu rosto se iluminou de novo.

– Rapazes – ele gritou para seus cães –, eis uma ideia. Abram a porta da cabine e joguem as crianças para dentro. Elas que enfrentem o demo. Se acabarem com ele, tanto melhor; se ele matar as crianças, ficamos na mesma.

Pela última vez os cães o admiraram, e cumpriram a ordem com devoção. Os meninos, fingindo resistir, foram empurrados para dentro da cabine; a porta foi fechada atrás deles.

– Vamos ouvir – falou Gancho, e todos se concentraram.

Mas ninguém tinha coragem de olhar para a porta. Bem, uma pessoa tinha, sim, coragem de olhar: Wendy, que ficara presa ao mastro durante todo esse tempo. Ela não estava olhando na expectativa de ouvir um berro ou um grasnar; estava esperando a reaparição de Peter.

Ela não precisou esperar muito. Ele encontrara, na cabine, aquilo que procurava: a chave que livraria as crianças de suas algemas; e agora os meninos se movimentavam em silêncio, munidos com as armas que puderam encontrar. Peter pediu a eles que se escondessem, e então saiu e cortou as amarras de Wendy; feito isso, todos podiam fugir voando, seria muito fácil; mas havia um obstáculo, um juramento: “Gancho ou eu, desta vez”. Por isso, quando libertou Wendy, Peter pediu a ela, cochichando, que fosse se esconder com os outros. Ele, por sua vez, tomou o lugar da menina no mastro; vestiu a capa de Wendy para poder se passar por ela. Em seguida, respirou bem fundo e grasnou.

Para os piratas, aquela voz anunciava que todos os meninos jaziam mortos na cabine; entraram em pânico. Gancho tentou encorajar seus homens; mas ele os convertera em cães, e os cães rosnaram para ele. O capitão sabia agora que, no momento em que desviasse os olhos, eles saltariam em seu pescoço.

– Rapazes – ele disse, pronto para afagar ou bater, conforme fosse a necessidade, mas sem se amedrontar nem por um segundo –, eu tenho a solução. Temos uma fonte de azar a bordo, um Jonas.

– Afirmativo – eles grunhiram –, um homem com um gancho.

– Não, rapazes, não, é a menina. Nunca dá sorte, num navio pirata, ter uma mulher a bordo. Vamos retomar o prumo quando ela se for.

Alguns deles se lembraram de que Flint costumava dizer isso.

– Não custa tentar – disseram, desconfiados.

– Joguem a garota no mar – ordenou Gancho.

E eles correram na direção do vulto que vestia a capa.

– Não sobrou ninguém para salvar você, mocinha – Mullins sibilou, galhofeiro.

– Sobrou sim – respondeu a figura.

– Quem?

– Peter Pan, o vingador! – foi a terrível resposta; dizendo isso, Peter atirou longe a capa.

E assim todos viram o rosto de quem estivera aniquilando piratas na cabine, e por duas vezes Gancho tentou falar, e por duas vezes sua voz falhou; seu coração de pedra se quebrou naquele momento pavoroso, eu acho.

– Cortem o garoto em dois! – gritou, mas sem convicção.

– Para cima deles, meninos! – ressoou a voz de Peter.

E no instante seguinte o choque das armas já se fazia ouvir por todo o navio. Estivessem os piratas unidos e preparados, teriam vencido na certa; mas foram atacados num momento de abalo emocional, e correram por todos os cantos, golpeando a esmo, cada um pensando que era o último sobrevivente da tripulação. Homem contra homem, eram mais fortes; mas só lutavam na defensiva, e os meninos puderam caçar em duplas, escolhendo a presa. Alguns dos vilões se jogaram no mar; outros se esconderam em recessos escuros e foram encontrados por Slightly, que não lutava, apenas corria pelo navio com uma lanterna e ofuscava os olhos dos inimigos, que com isso ficavam meio cegos e viravam presas fáceis para as espadas ensanguentadas dos outros meninos. Não se ouvia nada além do choque das armas, de um ocasional grito ou baque na água e da contagem monótona de Slightly: cinco... seis... sete... oito... nove... dez... onze.

Acho que não havia mais nenhum outro pirata a bordo quando um grupo de meninos ensandecidos cercou Gancho, que parecia inatingível, como que por encanto, como se um círculo de fogo o protegesse. Eles tinham exterminado os cães, mas o capitão valia por mil homens. Várias e várias vezes eles se lançavam contra ele, e várias e várias vezes ele lhes rechaçava, em seu círculo impenetrável. Ele levantara um garoto com seu gancho, fazendo dele um escudo, quando outro garoto, que acabara de trespassar Mullins, invadiu aquela batalha isolada.

– Guardem as espadas, meninos – exclamou o intruso –, esse homem é meu.

Assim, subitamente, Gancho se viu frente a frente com Peter. Os outros recuaram e se posicionaram ao redor.

Por um longo tempo os dois inimigos se encararam; Gancho estremecendo de leve, e Peter com o sorriso estranho no rosto.

– Pois bem, Pan – disse Gancho, por fim –, tudo isso é obra sua.
– Exato, James Hook – o menino retrucou, sério –, é tudo obra minha.

– Jovem orgulhoso e insolente – disse Gancho –, terás teu fim.

– Homem obscuro e sinistro – Peter respondeu –, defende-te.

Sem mais palavras, os dois partiram para o combate, e por um certo tempo nenhuma das espadas obteve vantagem. Peter era um espadachim soberbo e aparava golpes com uma agilidade estonteante; de quando em quando, estocava logo depois de uma finta, rompendo a defesa do adversário, mas sua envergadura pequena o prejudicava, ficava difícil alcançar o alvo. Gancho, não menos brilhante que Peter, mas não tão ágil na movimentação de pulso, empurrava o menino para trás com o peso de suas investidas, na expectativa de finalizar o duelo com sua estocada favorita, que lhe fora ensinada por Barbecue, muitos anos antes, no Rio de Janeiro; para seu assombro, porém, essa estocada era desviada pelo adversário sucessivamente. O capitão tentou, então, aproximar o corpo, para desferir um golpe mortal com o gancho de ferro, que até ali ficara girando em falso no ar; mas Peter se abaixou e se esquivou e, investindo com força, cravou-lhe a espada nas costelas. Com a visão do próprio sangue, cuja cor peculiar lhe repugnava, como vocês lembram, Gancho deixou sua espada cair e ficou à mercê de Peter.

– Agora! – gritaram todos os meninos.

No entanto, num gesto magnânimo, Peter ofereceu ao oponente a oportunidade de pegar sua espada do chão. Gancho a pegou instantaneamente, mas com uma trágica sensação de que Peter estava demonstrando que possuía boas maneiras.

Até aqui, o capitão pensara estar enfrentando um pequeno demônio; agora, começara a ser assaltado por suspeitas mais sombrias.

– Pan, quem és e o que és tu? – exclamou, rouco.

– Sou a juventude, sou a alegria – Peter respondeu sem pensar –, sou um pequeno pássaro que acaba de sair do ovo.

Isso, é claro, não tinha sentido algum; mas provava ao infeliz Gancho que Peter não fazia a mínima ideia sobre quem ou que coisa era, o que é justamente o pináculo da correção e das boas maneiras.

– Em guarda! – o capitão gritou, desesperado.

Gancho lutava agora como um flagelo humano, e cada golpe de sua terrível espada teria partido em dois qualquer homem ou menino que lhe aparecesse na frente; mas Peter esvoaçava em volta dele, como se o próprio deslocamento de ar dos golpes de espada o soprasse para fora da zona de perigo. E várias e várias vezes Pan investia e feria.

Gancho já lutava sem esperança. Seu peito passional já não queria mais viver; mas ansiava por uma última dádiva: antes de esfriar

para sempre, queria ver Peter agir de maneira incorreta.

Abandonando a luta, o capitão correu para o depósito de pólvora e acendeu o pavio de uma bomba.

– Em dois minutos – exclamou –, o navio explodirá em mil pedaços.

Agora, agora, ele pensou, o garoto vai perder a compostura.

Mas Peter entrou no depósito, saiu com a bomba nas mãos e calmamente a jogou no mar.

E que tipo de compostura Gancho estava exibindo? Embora fosse um homem degenerado, podemos ficar contentes, sem simpatizar com ele, com o fato de que, no fim, ele foi fiel às tradições de sua estirpe. Os outros meninos voavam ao redor dele agora, zombando, gracejando; cambaleando pelo convés, desferindo golpes inúteis, o capitão nem pensava mais neles: devaneava pela escola e pelos campos de jogo do passado longínquo. Num momento ele era um aluno congratulado; em outro observava, debruçado num muro, o brutal jogo de muro da famosa escola para meninos. E estava tudo certo com seus sapatos, tudo certo com seu colete, tudo certo com sua gravata, tudo certo com suas meias.

James Hook, tu não és de todo uma figura desprovida de heroísmo. Adeus.

Pois este é o fim de Gancho.

Vendo que Peter avançava lentamente pelo ar, com a adaga apontada para ele, o capitão subiu no parapeito para se jogar ao mar. Não sabia que o crocodilo esperava por ele na água; porque nós paramos o relógio de propósito, de modo que Gancho fosse poupado de pressentir esse último terror: uma pequena demonstração de respeito de nossa parte, afinal.

Ele obteve um último triunfo, e acho que não é o caso de nos ofendermos. De pé no parapeito, olhando para trás por cima do ombro, vendo a aproximação de Peter, que planava no ar, incentivou o menino, com um gesto, a lhe dar um chute. Com isso, em vez de apunhalar, Peter chutou.

Gancho saboreou sua dádiva final.

– Que falta de educação! – gritou, zombeteiro, e caiu contente na boca do crocodilo.

Assim pereceu James Hook.

– Dezessete – Slightly proclamou; mas sua contagem não correspondia à realidade.

Quinze homens pagaram por seus crimes naquela noite; mas dois chegaram até a praia: Starkey, que foi capturado pelos peles-vermelhas e assumiu, por obrigação, a responsabilidade de cuidar de todos os bebês da tribo, um desfecho melancólico para a carreira de um pirata; e Smee, que dali por diante perambulou pelo mundo com

seus óculos, ganhando a vida, de modo precário, com a divulgação de que era o único homem que James Hook tinha temido.

Wendy, é claro, não tomara parte na luta, mas observara todas as ações de Peter com um brilho nos olhos; agora que estava tudo acabado, ela voltou a sobressair. Distribuiu elogios para todos, na mesma medida, e estremeceu, deliciada, quando Michael lhe mostrou o lugar onde matara um pirata; depois levou os meninos para a cabine do capitão e apontou para o relógio dele, que estava pendurado num prego. O relógio marcava uma e meia!

O adiantado da hora era praticamente a coisa mais importante de todas. Wendy botou todos para dormir nos beliches dos piratas, e sem perder muito tempo, vocês podem ter certeza; todos menos Peter, que ficou caminhando por todo o convés até desabar e dormir, por fim, ao lado do Grande Tom. Ele teve um de seus sonhos naquela noite, e chorou adormecido por um longo tempo, e Wendy o abraçou com força.

CAPÍTULO XVI

A VOLTA PARA CASA

O sino de bordo tocou duas vezes, na manhã seguinte, e todos trataram de se mexer, pois havia um mar agitado lá fora; e Tootles, o contramestre, era um dos mais inquietos: tinha uma ponta de corda na mão, para usar como chicote, e mascava tabaco. Todos vestiam roupas de pirata, cortadas na altura do joelho, e estavam limpos e barbeados; bambolevam para lá e para cá como autênticos marinheiros, ajeitando as calças com puxões.

Não é preciso dizer quem era o capitão. Nibs era o primeiro imediato e John era o segundo. Havia uma mulher a bordo. Os demais eram trabalhadores braçais e estavam alojados no castelo de proa. Peter, que já se firmara no timão, chamou toda a tripulação e proferiu um pequeno discurso; disse que esperava deles o galante cumprimento de todos os deveres; mas fez uma advertência: sabia que eles eram a escória do Rio de Janeiro e da Costa do Ouro, e em caso de insubordinação eles os cortaria em pedaços. As palavras francas e estridentes do capitão foram ditas num tom ríspido que marinheiros compreendem muito bem, e foram aclamadas com entusiasmo. A seguir Peter deu algumas ordens, no mesmo tom, e o navio trocou de direção e rumou para o continente.

O capitão Pan consultou a carta de navegação do navio e calculou que, se o tempo não mudasse, eles chegariam aos Açores por volta do dia 21 de junho; a partir dali seria mais rápido voar.

Alguns dos tripulantes preferiam navegar num navio honesto, outros não se importavam com a índole corsária da embarcação; mas o capitão tratava seus homens como se fossem cachorros, e eles não tinham coragem de manifestar seus desejos, nem mesmo através de petições escritas. A obediência instantânea era a única atitude sensata. Slightly levou doze chibatadas por se mostrar perplexo ao ser solicitado a fazer uso da sonda. A impressão geral era de que Peter agia com honestidade para não despertar suspeitas em Wendy, mas temia-se que ele pudesse mudar quando ficasse pronto seu novo traje; de má vontade, Wendy estava fabricando o traje com algumas das mais grotescas vestes de Gancho. Tempos depois surgiram boatos de que, na primeira noite em que usou o traje novo, Peter ficou um longo tempo sentado na cabine, tendo a piteira de Gancho na boca e

mantendo uma mão fechada, com todos os dedos recolhidos menos um, o indicador, que ele curvava e exibia alto no ar, num gesto ameaçador, como se fosse um gancho.

Em vez de observar o navio, porém, precisamos retornar, agora, para aquele lar desolado do qual três de nossos personagens voaram, numa fuga desnaturada, tanto tempo atrás. É vergonhoso que tenhamos deixado de lado por todo esse tempo o número 14; podemos ter certeza, no entanto, de que a sra. Darling não nos recrimina. Se tivéssemos retornado antes, para lhe fazer uma visita piedosa e simpática, ela provavelmente teria exclamado:

– Não seja tolo; que importância tenho eu? Volte, por favor, e fique de olho nas crianças.

Enquanto as mães forem assim, seus filhos continuarão se aproveitando delas; elas podem contar com isso.

Mesmo agora, só vamos adentrar nosso conhecido quarto porque seus legítimos ocupantes estão a caminho de casa; estamos apenas tomando a dianteira, chegando antes para verificar se as camas foram arejadas e se o sr. e a sra. Darling não sairão de casa. Somos meros criados. E por que motivo as camas deveriam estar adequadamente arejadas, uma vez que as crianças as abandonaram numa afobação ingrata? Não seria uma belíssima lição se elas voltassem e descobrissem que seus pais estão passando o fim de semana no campo? Seria o aprendizado moral de que necessitam desde que os conhecemos; se tramássemos as coisas assim, no entanto, a sra. Darling nunca nos perdoaria.

Há uma coisa que me daria imenso prazer: contar para ela, com meus poderes de autor, que as crianças estão regressando, que elas chegarão, de fato, na quinta-feira da semana que vem. Isso eliminaria por completo a surpresa com a qual Wendy e John e Michael esperam ser recebidos. Eles anteviram tudo, no navio: o arrebatamento da mãe, o grito de alegria do pai, o pulo de Nana no ar para abraçá-los; e o que deviam ter antevisto era uma boa surra. Seria delicioso estragar tudo, dando a notícia de antemão; quando eles entrassem em casa, a sra. Darling talvez nem sentisse necessidade de beijar Wendy, e o sr. Darling talvez exclamasse, aborrecido:

– Mas que coisa, aí estão essas crianças outra vez!

Entretanto, nem por isso receberíamos agradecimento. Estamos começando a entender melhor a sra. Darling a esta altura, e é certo que ela nos repreenderia por termos privado as crianças de um inocente prazer.

– Mas, minha senhora, ainda teremos dez dias até a quinta da semana que vem; saber de tudo lhe proporcionaria dez dias de infelicidade a menos.

– Sim, mas a que custo! Seria privar as crianças de dez minutos

de prazer.

– Ah, se é assim que a senhora vê a questão...

– E de que outro modo eu poderia ver?

Vocês me entendem? A mulher não tinha amor-próprio. Minha ideia inicial era dizer coisas extraordinariamente boas a respeito dela; mas passei a desprezá-la, e não vou mais dizer nenhuma dessas coisas. Pedir a ela que arrume tudo não é necessário, porque tudo está arrumado. As camas foram devidamente arejadas, e ela jamais sai de casa e, vejam, a janela está aberta. Ela não precisa dos nossos serviços, podemos muito bem voltar para o navio. Por outro lado, já estamos aqui, podemos ficar e observar. Isso é tudo o que somos: observadores. Não há ninguém que nos queira por perto, na verdade. De modo que vamos ficar; e vamos fazer afirmações sarcásticas e penetrantes, na esperança de que algumas machuquem.

Só há uma mudança visível no quarto das crianças: entre as nove da manhã e as seis da tarde a casinha de Nana é removida. Quando as crianças fugiram, o sr. Darling sentiu, no fundo do coração, que a culpa era toda dele, porque acorrentara a cadela, que desde o começo se mostrara muito mais esperta do que ele. Ele era, como já vimos, um sujeito muito simples, é claro; poderia passar por menino, até, se fosse capaz de curar sua calvície; mas possuía um nobre senso de justiça e uma coragem leonina para fazer o que lhe parecia ser a coisa certa. Tendo refletido sobre o assunto com empenho e aflição depois da fuga das crianças, o sr. Darling ficou de quatro e se enfiou dentro da casinha. A cada vez que a sra. Darling lhe pedia carinhosamente que saísse, ele respondia triste, mas convicto:

– Não, minha amada, este é o lugar que me cabe.

Na amargura de seu remorso, ele jurou que só sairia da casinha quando seus filhos estivessem de volta. Dificilmente alguém deixaria de sentir pena dele, é claro; mas o sr. Darling entregava-se a tudo com excesso; se não se entregasse, logo desistia. E nunca houve um homem mais humilde do que o outrora orgulhoso George Darling, hoje sentado na casinha, conversando com a esposa sobre os filhos e seus hábitos encantadores.

Sua deferência em relação a Nana era comovente. Não a deixava entrar na casinha, mas em todas as outras questões cotidianas fazia tudo o que ela pedisse.

Todas as manhãs a casinha era carregada, com o sr. Darling dentro, até um táxi, que o transportava até seu escritório, e ele voltava para casa no mesmo sistema, às seis. Poderemos compreender um pouco melhor a força de caráter desse homem se lembrarmos o quanto ele era sensível à opinião dos vizinhos: esse homem que a cada movimento, agora, gerava surpresa e atraía atenção. Ele deve ter se mortificado no íntimo; mas preservava uma aparência tranquila até

mesmo quando os jovens zombavam de seu pequeno lar, e sempre tirava o chapéu, educadamente, para qualquer dama que olhasse para dentro.

Pode ter sido quixotesco, mas era magnífico. O significado profundo daquela bizarrice logo veio à tona, e o grande coração do público se enterneceu. Multidões seguiam o táxi, aclamando o sr. Darling com fervor; garotas charmosas escalavam o carro para lhe pedir um autógrafo; entrevistas foram publicadas nos jornais mais afamados, e a alta sociedade o convidava para jantar, insistindo: “Venha, por favor, sem sair da casinha de cachorro”.

Naquela agitada quinta-feira a sra. Darling estava no quarto das crianças, esperando o retorno de George: uma mulher de olhar tristonho. Olhando para ela agora, de perto, e rememorando a sra. Darling radiante do passado, descubro que não serei capaz de dizer coisas mordazes a respeito dela, no fim das contas. Ela era apegada demais a seus diabretes, não podia evitar. Olhem para ela em sua poltrona, onde pegou no sono. O canto da boca, que é o que chama a atenção primeiro, está quase murcho. Sua mão se move inquieta pelo peito, como se tivesse uma dor no coração. Alguns gostam mais de Peter e alguns gostam mais de Wendy, mas eu gosto mais da sra. Darling. Vamos sussurrar em seu ouvido que os monstros estão voltando, para que ela fique feliz? Eles estão a três quilômetros da janela neste instante, de fato, e estão voando em grande velocidade, mas só precisamos sussurrar que estão a caminho. Vamos.

É uma pena que tenhamos feito isso, porque ela acordou, sobressaltada, chamando pelos filhos; e não há ninguém no quarto além de Nana.

– Ah, Nana, sonhei que os meus amores tinham voltado.

Nana ficou com os olhos marejados, mas tudo o que pôde fazer foi botar a pata, gentilmente, no colo de sua patroa; e elas estavam sentadas juntas, na poltrona, quando a casinha voltou. O sr. Darling põe a cabeça para fora, para beijar sua esposa, e podemos constatar que seu rosto envelheceu, mas tem uma expressão mais doce.

Ele deu seu chapéu para Liza, que o pegou com certo desdém; ela não tinha imaginação, e era simplesmente incapaz de compreender o que motivava aquele homem. Lá fora, a multidão que acompanhara o táxi seguia aplaudindo, e o sr. Darling não deixou de ficar comovido, naturalmente.

– Ouçam – ele disse. – É muito gratificante.

– É um bando de criancinhas – zombou Liza.

– Vi muitos adultos hoje – ele lhe assegurou, ruborizando um pouco.

Quando Liza balançou a cabeça, contudo, o sr. Darling não a censurou. A fama não o tornou presunçoso; fez dele um homem mais

doce. Ele ficou sentado ali por um tempo, com metade do corpo para fora, conversando com a sra. Darling sobre seu sucesso, e apertou a mão da esposa com carinho quando ela disse que esperava que a fama não lhe subisse à cabeça.

– Mas se eu fosse um homem fraco – ele disse. – Santo Deus, se eu fosse um homem fraco!

– E, George – ela disse, timidamente –, você ainda sente muito remorso, não é?

– O mesmo remorso de sempre, querida! Veja o meu castigo: moro numa casinha de cachorro.

– Mas é um castigo mesmo, não é, George? Você tem certeza de que não está gostando?

– Meu amor!

Ela pediu mil desculpas, vocês podem ter certeza; a seguir, sonolento, ele se enroscou dentro da casinha.

– Você quer tocar algo para mim no piano das crianças, para eu dormir? – ele perguntou.

A sra. Darling já estava se encaminhando para o quarto dos brinquedos quando ele acrescentou:

– E feche a janela. Está ventando.

– George! Nunca me peça isso. A janela precisa ficar sempre aberta para eles, sempre, sempre.

Agora foi ele quem teve de pedir desculpas; e ela foi para o quarto dos brinquedos e tocou, e ele logo pegou no sono; e enquanto ele dormia, Wendy e John e Michael voaram para dentro do quarto.

Não, não. Escrevemos isso porque era isso o que eles tinham planejado, essa entrada encantadora, antes de nos separarmos deles; mas algo deve ter ocorrido desde então, pois não foram eles que entraram voando, foram Peter e Sininho.

As primeiras palavras de Peter esclarecem tudo:

– Rápido, Sininho – ele sussurrou –, feche a janela; passe a tranca. Isso. Agora eu e você vamos sair pela porta; quando Wendy chegar, vai pensar que sua mãe não quer que ela entre, e terá de voltar comigo.

Agora entendo o que até aqui me intrigava, sei por que Peter, depois de exterminar os piratas, não voltou para a ilha, deixando que Sininho levasse as crianças para o continente. Ele tinha esse golpe em mente o tempo todo.

Em vez de se arrepender pelo que fizera, Peter dançou com alegria; e então espiou para o quarto dos brinquedos, queria ver quem estava tocando. Sussurrou para Sininho:

– É a mãe de Wendy. É uma mulher bonita, mas não tão bonita quanto a minha mãe. Sua boca tem muitos dedais, mas a boca da minha mãe tem mais.

É claro que Peter não sabia absolutamente nada sobre sua mãe; mas às vezes falava dela, contando vantagem.

Ele não conhecia a música, que era “Lar, doce lar”, mas notou que a sra. Darling cantava “Volte, Wendy, Wendy, Wendy”; e gritou, exultante:

– A senhora nunca mais terá Wendy de volta, porque a janela está trancada!

Então espiou de novo; a música tinha parado. Viu que a sra. Darling deitara a cabeça na caixa do piano, e que duas lágrimas estavam pousadas em seus olhos.

– Ela quer que eu destranque a janela – pensou Peter –, mas não vou fazer isso, eu não.

Espiou de novo, e as lágrimas ainda estavam lá, ou tinham sido substituídas por outras duas.

– Ela é incrivelmente apegada a Wendy – disse para si mesmo.

Estava com raiva da sra. Darling; ela precisava entender que não teria Wendy de volta. O motivo era simples:

– Eu também gosto dela. Só um de nós pode ficar com ela, senhora.

Mas a senhora não compreendia nada, e Peter ficou triste. Parou de olhar para ela, mas não conseguia parar de pensar nela. Saiu dando pulos e fez caretas; quando parou, era como se a sra. Darling estivesse dentro dele, chamando por ele.

– Ah, tudo bem então – ele falou, afinal, e engoliu em seco; e foi abrir a janela. – Venha, Sininho! – gritou, sentindo um profundo desprezo pelas leis da natureza. – Não precisamos de mãe nenhuma – disse, e voou embora.

Assim, Wendy e John e Michael acabaram dando com a janela aberta, o que era bem mais do que mereciam, é claro. Pousaram no chão do quarto, desavergonhados e algo confusos; o mais novo já não se lembrava da casa.

– John – ele disse, olhando em volta, hesitante –, acho que já estive aqui antes.

– Claro que estive. A sua velha cama está ali.

– É mesmo – Michael falou, mas sem muita convicção.

– A casinha! – John gritou, e correu até ela, para olhar pela porta.

– Talvez Nana esteja nela – Wendy disse.

Mas John assobiou, assombrado.

– Tem um homem dentro dela – disse.

– É o papai! – exclamou Wendy.

– Quero ver o papai – Michael pediu, ansioso, e deu uma boa olhada. – Não é tão grande quanto o pirata que eu matei – afirmou, francamente desapontado.

O sr. Darling ainda estava dormindo; não foram essas, por sorte, as primeiras palavras que ouviu de seu pequeno Michael.

Wendy e John sentiram certa perplexidade; o pai deles estava dormindo numa casinha de cachorro.

– Será que dormir na casinha não era um costume dele? – perguntou John, como se não tivesse mais fé na própria memória.

– John – Wendy disse, vacilante –, talvez tenhamos esquecido algumas coisas, mais do que pensávamos.

Um calafrio gelou os três ao mesmo tempo; e bem que mereceram.

– É descaso – disse o desalmado John – a mamãe não estar aqui nos esperando.

Foi então que a sra. Darling começou a tocar de novo.

– É a mamãe! – gritou Wendy, espiando.

– É mesmo! – disse John.

– Quer dizer que você não é mesmo a nossa mãe, Wendy? – perguntou Michael, indiscutivelmente sonolento.

– Minha nossa! – exclamou Wendy, sentindo uma primeira fisgada de remorso. – Já estava na hora de voltarmos.

– Vamos até a mamãe, sem fazer barulho – John sugeriu –, para colocar as mãos sobre os olhos dela.

Mas Wendy, percebendo que eles deviam dar a jubilosa notícia com mais consideração, teve uma ideia melhor.

– Vamos nos enfiar nas nossas camas. Quando ela voltar para cá, vai ser como se nunca tivéssemos saído.

E assim, quando a sra. Darling voltou para o quarto de dormir, para ver se seu marido estava dormindo, todas as camas estavam ocupadas. As crianças esperaram por um grito de alegria, mas o grito não veio. Ela os vira, mas não acreditava que estivessem ali. É que ela os via em suas camas com muita frequência, em sonhos; achou que estivesse sonhando acordada.

Ela se sentou na poltrona, junto à lareira, onde os amamentara nos velhos tempos.

Eles não sabiam o que pensar; um medo frio tomou conta dos três.

– Mamãe! – Wendy gritou.

– É a voz de Wendy – a sra. Darling disse, ainda convencida de que estava sonhando.

– Mamãe!

– É a voz de John – ela disse.

– Mamãe! – gritou Michael; ele já se lembrava dela.

– Essa é a voz de Michael – ela disse, e esticou os braços para a frente, em busca dos três pequenos egoístas que ela nunca mais abraçaria.

Sim, ela os abraçou, seus braços envolveram Wendy e John e Michael; eles tinham deslizado para fora das camas e ido até ela.

– George, George! – ela gritou, quando conseguiu falar.

E o sr. Darling acordou para compartilhar de sua bem-aventurança, e Nana entrou correndo. A cena não poderia ser mais adorável; mas não havia ninguém para presenciá-la, exceto um estranho menino que olhava pela janela. Ele experimentara inumeráveis êxtases, coisas que as outras crianças nunca viverão; mas estava contemplando, pela janela, a única felicidade que jamais teria.

CAPÍTULO XVII

QUANDO WENDY CRESCEU

Espero que vocês queiram saber o que aconteceu com os outros meninos. Ficaram esperando na rua, para que Wendy tivesse tempo de dar explicações sobre eles; contaram até quinhentos e então subiram. Subiram pela escada, porque acharam que assim causariam melhor impressão. Pararam em fila diante da sra. Darling, com os chapéus nas mãos, lamentando que estivessem vestindo suas roupas de pirata. Não falaram nada, mas seus olhos pediram a ela que ficasse com eles. Deviam ter olhado para o sr. Darling também, mas tinham se esquecido dele.

A sra. Darling disse na mesma hora que ficaria com eles, é claro; mas o sr. Darling parecia curiosamente deprimido, e os meninos viram que, para ele, seis era um número muito grande.

– Devo dizer que vocês não fazem nada pela metade – ele disse para Wendy, uma observação rabugenta que, no entender dos meninos, fazia referência a eles.

O primeiro gêmeo, o orgulhoso, perguntou, corando:

– O senhor acha que somos um grupo muito numeroso? Se for o caso, podemos ir embora.

– Papai! – Wendy gritou, em estado de choque.

Mas a nuvem negra permaneceu sobre o sr. Darling. Ele sabia que sua atitude era indigna, mas não conseguia evitar.

– Nós poderíamos dormir encolhidos – disse Nibs.

– Eu mesma corto os cabelos deles – disse Wendy.

– George! – a sra. Darling exclamou, sofrendo com o comportamento vergonhoso de seu amado.

Então ele rompeu em lágrimas, e a verdade veio à tona. Ele ficaria tão feliz de ficar com as crianças quanto a esposa, mas achava que elas deviam ter pedido seu consentimento também, em vez de tratá-lo como um zero à esquerda em sua própria casa.

– Eu não acho que ele seja um zero à esquerda – Tootles exclamou no mesmo instante. – Você acha que ele é um zero à esquerda, Curly?

– Não, não acho. Você acha que ele é um zero à esquerda, Slightly?

– Nem um pouco. Gêmeo, o que você acha?

Ficou constatado que nenhuma das crianças achava que ele fosse um zero à esquerda; e ele ficou absurdamente satisfeito, e disse que encontraria espaço para todas elas na sala de visitas, se elas coubessem.

– Vamos caber, senhor – asseguraram.

– Pois sigam o líder – ele exclamou, alegre. – Ouçam, creio que nós não temos uma sala de visitas, mas fingimos que temos, e dá no mesmo. Vamos lá!

O sr. Darling saiu dançando pela casa, e todos gritaram “Vamos lá!” e saíram dançando atrás dele, procurando pela sala de visitas; e não lembro se a encontraram, mas de qualquer forma encontraram cantos, e todos couberam.

Quanto a Peter, viu Wendy uma última vez antes de ir embora. Não é que ele tenha vindo até a janela; ele roçou nela de passagem, de modo que ela pudesse abri-la, se quisesse, para chamá-lo. Foi o que ela fez.

– Olá, Wendy, adeus – ele disse.

– Minha nossa, você está indo embora?

– Sim.

– Você não acha, Peter – ela disse, hesitante –, que seria bom dizer alguma coisa aos meus pais a respeito de um assunto muito adorável?

– Não.

– A respeito de mim, Peter?

– Não.

A sra. Darling se aproximou da janela, pois passara a ficar de olho em Wendy. Ela disse para Peter que adotara todos os outros meninos, e que gostaria de adotá-lo também.

– A senhora me mandaria para a escola? – ele perguntou, com astúcia.

– Sim.

– E depois para um escritório?

– Acho que sim.

– Eu logo me tornaria um homem?

– Bem logo.

– Não quero ir para a escola e aprender coisas solenes – ele falou, veemente. – Não quero ser um homem. Ah, mãe da Wendy, se eu acordasse um dia e sentisse uma barba crescendo no meu rosto!

– Peter – disse Wendy, a consoladora –, eu adoraria ver você de barba.

E a sra. Darling esticou os braços na direção dele, mas ele a repeliu.

– Para trás, senhora, ninguém vai me pegar para me transformar

num homem.

– Mas onde é que você vai morar?

– Vou morar com Sininho na casa que construímos para Wendy. As fadas vão colocá-la bem alto no topo das árvores, onde elas dormem à noite.

– Que adorável! – Wendy exclamou, com tanto ardor que a sra. Darling apertou mais forte a mão dela.

– Achei que todas as fadas estivessem mortas – a sra. Darling falou.

– Sempre existem milhares de fadas novinhas – explicou Wendy, que agora tinha grande autoridade no assunto –, porque, veja, a cada vez que um bebê ri pela primeira vez uma nova fada nasce, e como há bebês nascendo o tempo inteiro sempre surgem novas fadas. Elas moram em ninhos nos topos das árvores; e as roxas são meninos e as brancas são meninas, e as azuis são umas bobinhas que não sabem o que são.

– Vou me divertir tanto – Peter disse, olhando de soslaio para Wendy.

– Vai ser um tanto solitário à noite – ela disse –, quando você se sentar perto do fogo.

– Sininho vai estar comigo.

– Ela não serve para nada, não ajuda em nada – Wendy lembrou, com certa maldade.

– Bisbilhoteira! – Sininho gritou, de algum ponto das redondezas.

– Não importa – Peter disse.

– Ah, Peter, você sabe que importa.

– Bem, então venha comigo para a pequena casa.

– Posso ir, mamãe?

– Certamente que não. Tenho você comigo de novo, e pretendo ficar com você.

– Mas ele precisa tanto de uma mãe.

– Você também, meu amor.

– Ah, tudo bem então – Peter disse, como se a tivesse convidado apenas por cortesia.

Mas a sra Darling viu a boca do menino se retorcer, e fez esta bela proposta: deixar Wendy visitá-lo por uma semana, todos os anos, para fazer a limpeza de primavera na pequena casa. Wendy teria preferido um arranjo mais permanente; e lhe parecia que a primavera ainda estava muito distante; mas a promessa fez com que Peter fosse embora reanimado. Ele não tinha noção de tempo, e vivia incontáveis aventuras; tudo o que eu contei para vocês é uma mísera fração do total de aventuras. Acho que foi por saber disso que Wendy lhe dirigiu suas últimas palavras num tom choroso:

– Você não vai me esquecer, Peter, até a semana de limpeza na primavera?

Peter prometeu, é claro; e então voou embora. Levou o beijo da sra. Darling com ele. O beijo que ninguém jamais ganharia: Peter o arrebatou com muita facilidade. Mas ela pareceu ter ficado satisfeita.

Todos os meninos foram para a escola, é claro; e a maioria entrou na Classe III, mas Slightly teve de começar na Classe IV, e em seguida passou para a Classe V. A Classe I é o topo. Não se passou nem mesmo uma semana de aula e eles já se deram conta de que só podiam ser birutas: tinha sido um erro não ficar na ilha; mas era tarde demais agora, e em breve se adaptaram e viraram pessoas comuns como eu ou você ou o filho do vizinho. É triste dizer: o poder de voar os abandonou gradualmente. No início, Nana amarrava os pés das crianças nas camas, para que não fugissem voando à noite; durante o dia, elas se divertiam terrivelmente fingindo cair para fora do ônibus escolar; aos poucos, porém, pararam de forçar suas amarras nas camas, e constataram que estavam se machucando quando pulavam para fora do ônibus. Com o tempo, já não conseguiam nem pegar seus chapéus no ar, em voos pequenos. Falta de prática, diziam; mas a verdade é que não acreditavam mais.

Michael ainda acreditou por um tempo, apesar de os outros zombarem dele; e por isso ele estava com Wendy quando Peter veio buscá-la no fim do primeiro ano. Ela voou com Peter usando o vestido que fizera com folhas e frutinhas vermelhas na Terra do Nunca, e seu único medo era que ele percebesse o quanto o vestido ficara pequeno nela; mas ele não percebeu, ele tinha tantas coisas a dizer sobre si mesmo.

Ela ansiara por conversas emocionantes sobre os velhos tempos, mas novas aventuras haviam ocupado o espaço das antigas, na mente de Peter.

– Quem é o Capitão Gancho? – ele perguntou, com muito interesse, quando Wendy mencionou o arqui-inimigo.

– Você não lembra? – ela perguntou, atônita. – Você o matou e salvou as nossas vidas.

– Eu me esqueço deles depois de matá-los – ele respondeu, sem dar importância ao fato.

Quando ela manifestou seu temor de que Sininho não ficasse feliz com a visita, Peter quis saber:

– Quem é Sininho?

– Peter! – ela exclamou, chocada.

Ele não se lembrou, nem quando Wendy entrou em detalhes.

– São tantas fadas – ele disse. – Acho que essa já morreu.

Creio que Peter estava certo, porque as fadas não vivem muito;

elas são tão pequenas, porém, que um espaço curto de tempo é uma eternidade para elas.

Wendy sofreu ao constatar que o ano que se passara tinha sido um mero ontem para Peter; ela enfrentara longos meses de espera. Mas ele a fascinava tanto quanto antes, e os dois desfrutaram de uma adorável limpeza de primavera, na pequena casa no topo das árvores.

No ano seguinte, Peter não veio. Ela o esperou com um novo vestido, porque o velho simplesmente não servia mais; mas ele não veio.

– Talvez ele esteja doente – Michael disse.

– Você sabe que ele nunca fica doente.

Michael se aproximou dela e sussurrou, estremecendo:

– Talvez não exista nenhum Peter Pan, Wendy!

Wendy teria chorado, se Michael já não estivesse chorando.

Peter apareceu para a limpeza de primavera do ano seguinte; o estranho era que nem se dera conta de que pulara um ano.

A menina Wendy não voltaria a ver Peter. Durante algum tempo ela tentou, pensando nele, não passar pelas dores do crescimento; e sentiu que o traía quando ganhou um prêmio por conhecimentos gerais. Mas os anos vieram e se foram sem sinal do indiferente menino; e quando os dois voltaram a se encontrar Wendy era uma mulher casada, e Peter, para Wendy, não era mais do que um punhado do pó que se acumulou na caixa em que ela guardara seus brinquedos. Wendy cresceu. Não tenham pena dela. Ela era o tipo de pessoa que gosta de crescer. No fim das contas, por vontade espontânea, Wendy cresceu um dia mais rápido do que as outras meninas.

Todos os meninos estavam crescidos e destruídos a essa altura; de modo que não vale muito a pena falar sobre eles agora. Vocês podem ver os gêmeos e Nibs e Curly na rua, num dia qualquer; cada um carrega sempre uma maleta e um guarda-chuva; eles trabalham num escritório. Michael é maquinista. Slightly se casou com uma dama da nobreza, e por isso virou lorde. Estão vendo aquele juiz de peruca, saindo pela porta de ferro? Ele foi um dia o menino Tootles. O homem de barba que não conta histórias para os filhos, porque não conhece nenhuma, foi um dia o menino John.

Wendy se casou de branco, com uma cinta cor-de-rosa. É estranho pensar que Peter não tenha irrompido por uma janela da igreja para interromper a cerimônia.

Anos se passaram mais uma vez, e Wendy teve uma filha. Isso não devia ter sido escrito em tinta; devia estar impresso em letras de ouro.

A filha se chamava Jane, e tinha um olhar permanentemente inquiridor, como se seu único objetivo, desde que chegara ao

continente, fosse fazer perguntas. Quando cresceu o suficiente para poder fazê-las, pouca coisa a interessou mais do que Peter Pan. Ela adorava ouvir histórias sobre Peter, e Wendy lhe contou tudo de que conseguiu se lembrar, no mesmo quarto em que um dia ocorrera a famosa fuga. Aquele era o quarto de Jane agora, porque seu pai o comprara a preço baixo do pai de Wendy, que não queria mais saber de subir escadas. A sra. Darling estava já morta e esquecida.

Havia apenas dois leitos no quarto agora: a cama de Jane e a cama de sua babá; e não havia casinha de cachorro, pois Nana também falecera. Nana morrera de velhice, e no fim da vida se tornara bastante intratável; não cedia na convicção de que ninguém além dela tinha condições de cuidar das crianças.

Uma vez por semana, a babá de Jane tirava uma noite de folga; e era responsabilidade de Wendy botar Jane na cama. Essa era a hora das histórias. Por invenção de Jane, elas levantavam o lençol por cima de suas cabeças, obtendo com isso uma barraca, e, na terrível escuridão, sussurravam.

– O que é que estamos vendo agora?

– Acho que não estou vendo nada hoje – diz Wendy, com a sensação de que Nana, naquela situação, exigiria o encerramento da conversa.

– Está vendo, sim – diz Jane –, está vendo você mesma, quando era menina.

– Eu fui menina muito tempo atrás, meu doce – diz Wendy. – Nossa, como o tempo voa!

– Ele voa – pergunta a esperta criança – como você costumava voar, quando era uma menininha?

– Como eu costumava voar? Sabe, Jane, eu às vezes me pergunto se é verdade que realmente voei um dia.

– Você voou, sim.

– Os tempos maravilhosos em que eu voava!

– Por que você não consegue voar mais, mamãe?

– Porque eu cresci, querida. As pessoas desaprendem quando crescem.

– Por que elas desaprendem?

– Porque elas não são mais alegres e inocentes e desalmadas. Só os alegres e inocentes e desalmados são capazes de voar.

– O que significa ser alegre e inocente e desalmado? Eu gostaria de ser alegre e inocente e desalmada.

Mas Wendy pode admitir que está vendo algo.

– Eu acho – ela diz – que estou vendo este quarto.

– Só pode ser – diz Jane. – Prossiga.

E elas embarcam na grande aventura da noite em que Peter voou

para dentro do quarto, em busca de sua sombra.

– O pobre coitado – diz Wendy – tentou colar a sombra com sabonete, e não conseguiu e começou a chorar, e com isso me acordou, e eu a costurei para ele.

– Você esqueceu uma parte – interrompe Jane, que conhece a história melhor que sua mãe. – Quando você o viu sentado no chão, chorando, o que foi que você disse?

– Eu me sentei na cama e falei: “Menino, por que você está chorando?”.

– Sim, foi isso mesmo – diz Jane, com um grande suspiro.

– E então ele nos fez voar com ele até a Terra do Nunca e as fadas e os piratas e os peles-vermelhas e a laguna das sereias, e a casa embaixo da terra, e a pequena casa.

– Sim! Do que é que você gostava mais?

– Acho que da casa embaixo da terra, acima de tudo.

– Sim, eu também. Qual foi a última de todas as coisas que Peter disse para você?

– A última coisa que ele me disse foi: “Espere sempre por mim, sempre, e numa noite qualquer você vai me ouvir grasnando”.

– Sim.

– Mas ele se esqueceu completamente de mim.

Wendy disse isso sorrindo. Ela era adulta a esse ponto.

– Como é o som do grasnar dele? – Jane perguntou certa noite.

– Era assim – Wendy disse, e tentou imitar o grasnar de Peter.

– Não era, não – Jane disse, séria –, era assim – e grasnou, mil vezes melhor do que sua mãe.

Wendy se assustou um pouco.

– Minha querida, como você pode saber tão bem?

– Eu ouço esse grasnar muitas vezes, quando estou dormindo – Jane disse.

– Ah, sim, muitas meninas ouvem o grasnar dele quando estão dormindo, mas eu fui a única a ouvi-lo acordada.

– Que sorte a sua – disse Jane.

E então, certa noite, veio a tragédia. Era primavera, e a história da noite já fora contada, e Jane estava agora dormindo em sua cama. Wendy estava sentada no chão, bem perto da lareira, para costurar à luz do fogo, já que não havia outra luz no quarto; sentada, costurando, ela ouviu um grasnar. Então a janela se escancarou com o vento, como no passado, e Peter pulou para dentro.

Era exatamente o mesmo menino de sempre, e Wendy viu de imediato que ele ainda tinha todos os dentes de leite.

Era um menino pequeno, e ela era uma adulta. Ela se encolheu junto ao fogo, sem coragem de se mexer, sem saber o que fazer, culpada, uma mulher grande.

– Olá, Wendy – ele disse, sem perceber nenhuma diferença, pois estava pensando principalmente em si mesmo; na luz fraca, o vestido branco podia passar pela camisola com a qual ele a vira pela primeira vez.

– Olá, Peter – ela respondeu, com voz vacilante, encolhendo-se o mais que podia; algo dentro dela estava gritando “Mulher, mulher, saia de mim”.

– Olá, onde está John? – ele perguntou, notando, de repente, a ausência da terceira cama.

– John não está aqui agora – ela ofegou.

– Michael está dormindo? – ele perguntou, olhando de relance para Jane.

– Sim – Wendy respondeu; e sentiu que não estava sendo verdadeira, nem com Peter nem com Jane.

– Não é Michael quem está nessa cama – ela disse rapidamente, temendo alguma espécie de castigo.

Peter olhou de novo.

– Puxa, é uma criança nova?

– Sim.

– Menino ou menina?

– Menina.

Ele certamente entenderia, agora; mas não entendeu nada.

– Peter – ela falou, hesitando –, você quer que eu voe com você para a Terra do Nunca?

– É claro, é por isso que estou aqui – ele retrucou.

E acrescentou, com certa severidade:

– Você esqueceu que estamos na época da limpeza de primavera?

Wendy não lhe disse que ele deixara passar muitas limpezas de primavera; sabia que era inútil.

– Não posso ir – ela falou, desculpando-se –, eu não sei mais voar.

– Ensino você de novo num instante.

– Ah, Peter, não gaste a sua poeira de fada comigo.

Ela se levantara; e agora um medo o assaltou, afinal.

– O que foi? – ele exclamou, recuando.

– Vou ligar a luz – ela disse –, e você verá com seus próprios olhos.

Quase que pela primeira vez em sua vida, até onde posso saber, Peter estava com medo.

– Não ligue a luz – implorou.

Ela passou os dedos, com carinho, pelo cabelo do trágico menino. Ela não era uma menininha, não tinha mais o coração partido por causa dele; era uma mulher crescida que sorria diante de tudo isso;

mas sorria sorrisos molhados.

Então ela ligou a luz, e Peter viu.

– O que é isso? – ele exclamou.

Ela teve de contar.

– Estou velha, Peter. Passei muito dos vinte. Cresci muito tempo atrás.

– Você prometeu que não cresceria!

– Não havia como evitar. Sou uma mulher casada, Peter.

– Não, não pode ser.

– Sim, e a menina na cama é o meu bebê.

– Não, não pode ser.

Mas ele supôs que era possível; e deu um passo na direção da criança adormecida, com sua adaga empunhada. É claro que não a atacou. Ele apenas sentou-se no chão e soluçou; e Wendy não soube como confortá-lo, embora o tivesse confortado tantas vezes no passado. Wendy era apenas uma mulher agora; ela saiu do quarto para pensar melhor.

Peter continuou chorando, e seus soluços logo despertaram Jane. Ela se sentou na cama e ficou imediatamente interessada.

– Menino – ela disse –, por que você está chorando?

Peter levantou-se e curvou-se para ela, e ela se curvou para ele na cama.

– Olá – ele disse.

– Olá – disse Jane.

– Meu nome é Peter Pan – ele contou.

– Sim, eu sei.

– Eu vim encontrar a minha mãe – ele explicou. – Quero levá-la para a Terra do Nunca.

– Sim, eu sei – Jane disse. – Eu estava esperando por você.

Quando Wendy retornou, timidamente, encontrou Peter sentado no balaústre da cama; ele grasnava gloriosamente, e Jane, de camisola, estava voando pelo quarto, num êxtase solene.

– Ela é a minha mãe – Peter explicou.

E Jane desceu do ar e parou ao lado dele, tendo no rosto uma expressão que ele gostava de ver em damas, quando elas olhavam para ele.

– Ele precisa tanto de uma mãe – Jane disse.

– Sim, eu sei – Wendy admitiu, desamparada. – Sei melhor do que ninguém.

– Adeus – disse Peter para Wendy.

E ele levantou voo, e a desavergonhada Jane levitou atrás dele; voar já era um movimento natural para ela.

Wendy correu até a janela.

– Não, não! – ela gritou.

– É só por uma semana, para a limpeza de primavera – Jane disse. – Ele quer que eu faça a limpeza de primavera todos os anos.

– Se eu pudesse ir com você... – Wendy suspirou.

– É que você não sabe voar – falou Jane.

No fim, Wendy deixou que eles voassem embora, é claro. Em nosso último vislumbre dela, Wendy está na janela, olhando para os dois enquanto eles voam no céu e vão se afastando e ficam pequenos como as estrelas.

Observando Wendy agora, você pode ver o cabelo dela embranquecendo, o corpo dela diminuindo um pouco de tamanho; pois tudo isso aconteceu muito tempo atrás. Jane é hoje uma adulta comum, com uma filha chamada Margaret; e na época da limpeza de primavera, nos anos em que ele não se esquece, Peter vem buscar Margaret e a leva para a Terra do Nunca, onde ela lhe conta histórias sobre ele mesmo, e ele ouve as histórias com avidez. Quando Margaret crescer, terá uma filha, que por sua vez será mãe de Peter; e assim será para sempre, desde que as crianças sejam alegres e inocentes e desalmadas.

PETER PAN EM KENSINGTON
GARDENS

CAPÍTULO I

O GRANDE PASSEIO PELO GARDENS

Vocês precisam entender que será difícil acompanhar as nossas aventuras se não se familiarizarem com o Kensington Gardens, se não o conhecerem tão bem quanto David o conhece. O Gardens fica em Londres, onde vive o rei, e as crianças o visitam todos os dias, a não ser que estejam decididamente febris, mas ninguém jamais conseguiu percorrer todo o parque num só dia, porque a hora de ir embora chega muito rápido. A hora de ir embora chega rápido porque você precisa dormir das doze à uma. Se a sua mãe não insistisse tanto nessa obrigação de dormir das doze à uma, você muito provavelmente veria tudo num dia só.

Os jardins do parque são cercados, num lado, por uma fileira de incontáveis ônibus, sobre os quais Irene exerce uma autoridade suprema: quando ela levanta o dedo, o ônibus para imediatamente. Em seguida ela atravessa a rua em segurança com você. O Gardens não conta com um portão isolado apenas, conta com uma porção de portões, mas é por esse portão isolado que você entra, e antes de entrar você conversa com a senhora dos balões, que fica sentada na entrada, do lado de fora. Isso é o mais perto que ela chega de se aventurar parque adentro, pois, se deixasse de agarrar a grade por um só momento, seria erguida no ar pelos balões, e se perderia nos confins do céu. Ela fica bem agachada, porque os balões ficam lhe dando repuxões o tempo todo; devido à força dos repuxões, seu rosto adquiriu uma tez vermelha permanente. Houve um tempo em que ela era novata, porque a veterana se soltara da grade, e David sentia muita pena da veterana; mas o fato é que ela se soltara, e David queria ter estado lá para ver.

O Gardens é um lugar tremendamente grande, com milhões e centenas de árvores, e você se dirige primeiro ao playground do parque, o Figs, mas você detesta perder muito tempo nele, porque o Figs é o refúgio de certas pequenas pessoas superiores, que não podem se misturar com a plebe sob nenhuma hipótese; o playground tem esse nome, segundo a lenda, porque elas dão importância desmedida aos figurinos que vestem. Desdenhosamente, David e outros heróis chamam essas criaturas afetadas de “os Figs”; para que vocês tenham uma ideia dos modos e dos costumes desse setor dândi do Gardens,

basta que eu lhes conte que os Figs não dizem críquete, dizem cricri. Ocasionalmente um Fig rebelde pula a grade e penetra no mundo; foi o caso de Miss Mabel Grey, de quem falaremos quando chegarmos ao portão de Miss Mabel Grey. Dos Figs, só ela se tornou célebre.

Estamos agora na Alameda Larga, que é bem maior do que as outras alamedas, assim como o seu pai é maior do que você. David perguntava a si mesmo se ela nascera pequena e depois crescera e crescera até virar adulta, e se as outras alamedas eram seus bebês, e ele fez um desenho, que o divertiu bastante, em que se vê a Alameda Larga dentro de um carrinho de bebê, passeando e tomando um ar. Na Alameda Larga você encontra todas as pessoas que vale a pena conhecer, e geralmente há um adulto com elas, para evitar que pisem em grama molhada, e para que fiquem de castigo no canto de um banco caso tenham feito papel de cachorro louco ou de Mary Ann. Fazer papel de Mary Ann é se comportar como menina, choramingar porque a babá não quer pegar você no colo, sorrir tolamente com o polegar na boca, e é uma atitude detestável, mas ser cachorro louco é sair chutando tudo pela frente, e nisso existe uma certa satisfação.

Se eu fosse ficar apontando todas as atrações notáveis do caminho, enquanto avançamos pela Alameda Larga, não teríamos tempo nem de chegar ao fim do percurso, de modo que escolho, a esmo, a Árvore de Cecco, esse lugar memorável em que um menino chamado Cecco perdeu uma moeda e, procurando por ela, encontrou duas. O lugar tem sido submetido a muitas escavações desde então. Alguns passos adiante encontramos a casinha de madeira em que Marmaduke Perry se escondeu. É o acontecimento diurno mais terrível da história do Gardens: Marmaduke Perry fizera papel de Mary Ann por três dias seguidos, e foi condenado a aparecer na Alameda Larga vestindo as roupas de sua irmã. Ele se escondeu na casinha e só aceitou sair quando lhe trouxeram calças curtas com bolsos.

Tente agora ir até o Laguinho Redondo; mas as babás o odeiam, porque não possuem vigor, e elas fazem com que você olhe em outra direção, para a Grande Moeda e para o Palácio da Menininha. Essa menininha, a criança mais celebrada do Gardens, vivia sozinha no palácio, com inúmeras bonecas, e as pessoas tocavam a campainha e ela se levantava da cama, embora já passasse das seis, e acendia uma vela e abria a porta vestindo sua camisola, e então todos gritavam, em grande regozijo: “Viva a rainha da Inglaterra!” O que mais intrigava David era que ela soubesse onde estavam guardados os fósforos. A Grande Moeda é uma estátua em homenagem a ela.

A seguir chegamos à Rampa, que é o trecho da Alameda Larga em que são realizadas as grandes corridas, e, mesmo que você não tenha intenção de correr, assim que chega à Rampa você sai correndo, porque é um lugar fascinante e deslizante. Muitas vezes você acaba

parando, na metade da descida, e então você se perdeu, mas há uma outra casinha de madeira ali perto, a Casa Perdida, e assim você explica ao homem que você se perdeu e então ele encontra você. É uma diversão inacreditável correr Rampa abaixo, seria bom correr nela nos dias de ventania, mas nesses dias você não está lá, e as folhas caídas correm por você. Não há praticamente nada que tenha um senso de diversão tão apurado quanto uma folha caída.

Da rampa é possível ver o portão que tem o nome de Miss Mabel Grey, a Fig sobre a qual prometi falar. Havia sempre duas babás com ela, ou melhor, uma mãe e uma babá, e por um longo tempo ela foi uma criança modelo, que não tossia em cima da mesa e que dizia “Como vai?” para os outros Figs, e sua única brincadeira consistia em jogar uma bola longe, graciosamente, para que sua babá fosse buscá-la. Então certo dia ela se cansou de tudo e virou cachorro louco, e, primeiro, para demonstrar que tinha virado mesmo um cachorro louco, desatou os cadarços de suas botas e botou sua língua para fora nas direções leste, oeste, norte e sul. Depois jogou sua cinta numa poça e dançou sobre ela até seu vestido ficar todo salpicado de água suja, e feito isso escalou a cerca e viveu uma série de inacreditáveis aventuras, sendo que uma das menos inacreditáveis foi ter chutado suas botas para longe. Por fim, chegou ao portão que agora tem seu nome, e por ele saiu correndo e se meteu em ruas nas quais David e eu nunca estivemos, embora já tenhamos escutado o barulho ensurdecedor delas, e seguiu correndo e nunca mais teria sido vista de novo caso sua mãe não tivesse pulado para dentro de um ônibus no qual a apanhou. Devo dizer que isso tudo ocorreu muito tempo atrás, e essa não é a Mabel Grey que David conhece.

Retornando à Alameda Larga, temos à direita a Alameda dos Bebês, que é tão abarrotada de carrinhos que você conseguiria cruzá-la de um lado ao outro pisando em bebês, mas as babás não permitiriam. Dessa alameda, uma passagem, conhecida como Polegar de Bunting porque tem a extensão de um polegar, leva à Rua do Piquenique, na qual você encontra chaleiras de verdade, e flores de castanheira caem dentro de sua xícara enquanto você toma um chá. É bem comum que crianças façam piqueniques aqui, e as flores caem inevitavelmente em suas xícaras.

A seguir temos o Poço de St. Govor, que estava cheio de água quando o Destemido Malcolm caiu dentro dele. Ele era o tesouro de sua mãe, e permitia que ela o abraçasse em público porque era viúva, e tinha um fraco por aventuras e gostava de brincar com um certo sujeito, um limpador de chaminés que já matara um bocado de ursos. O nome do limpador era Sooty; um dia eles estavam brincando perto do poço e Malcolm caiu dentro dele e teria se afogado se Sooty não tivesse mergulhado para salvá-lo, e a água limpou a fuligem do rosto

de Sooty e agora ali estava ele com sua identidade revelada: era o pai de Malcolm, desaparecido tanto tempo antes. Depois disso Malcolm não permitiu mais que sua mãe o abraçasse em público.

Entre o poço e o Laguinho Redondo ficam os campos de críquete, e a distribuição dos jogadores dos dois times toma tanto tempo que muitas vezes mal sobra tempo para o críquete. Todo mundo quer rebater primeiro, e quando os times trocam de posição o primeiro rebatedor quer arremessar primeiro, a não ser que você seja mais forte do que ele, e enquanto vocês dois lutam os outros arremessadores se dispersam e vão jogar outra coisa. O Gardens serve de campo para dois tipos de críquete: críquete de menino, que é o críquete de verdade, com taco, e críquete de menina, que é um jogo com raquete e com presença de uma governanta. As meninas nem sabem jogar críquete, na verdade, e você fica observando seus esforços inúteis e zomba delas com gritos de escárnio. Houve, contudo, um incidente muito desagradável numa ocasião, quando certas meninas atrevidas desafiaram o time de David, e uma criatura bizarra chamada Angela Clare arremessou tantas bolas certeiras que... Bem, em vez de falar sobre as consequências dessa lamentável partida eu vou passar direto para o Laguinho Redondo, que é a engrenagem que mantém o Gardens em funcionamento.

Ele é redondo porque está situado exatamente no centro do parque, e depois de se aproximar dele você não quer mais se distanciar. Você não consegue se comportar direito o tempo inteiro no Laguinho Redondo, por mais que tente. Você consegue se comportar direito o tempo inteiro na Alameda Larga, mas não no Laguinho Redondo, e isso ocorre porque você se esquece e, quando lembra, já está tão molhado que não custa nada se molhar ainda mais. Há homens que soltam barcos a vela no Laguinho Redondo; são barcos tão grandes que os homens os trazem em carrinhos de mão, ou até em carrinhos de bebê, e nessas ocasiões os bebês são obrigados a caminhar. As crianças de pernas tortas do Gardens são aquelas que tiveram de aprender a caminhar cedo demais porque seus pais precisavam usar o carrinho de bebê.

Você nunca para de sonhar em ter um barco a vela para soltar no Laguinho Redondo, e por fim você ganha um do seu tio; e é esplêndido levar o barco para o Laguinho no primeiro dia, e também é esplêndido falar sobre ele com meninos que não têm tios, mas você logo prefere deixá-lo em casa. Porque não há nada mais incrível, no Laguinho Redondo, do que soltar as amarras de uma embarcação conhecida como barco-graveto: ela é em tudo semelhante a um graveto, mas só até o momento em que você a solta na água, na ponta de um barbante. Então você vai circundando o Laguinho, conduzindo a embarcação, e começa a ver homenzinhos que correm pelo convés, e

velas são içadas magicamente e se inflam com o vento, e em noites tempestuosas você abriga o barco em portos seguros que os iates nobres não conhecem. A noite se passa num piscar de olhos, e de novo a audaz embarcação voa com o vento, baleias esguicham, você desliza por sobre cidades submersas e confronta-se com piratas e lança âncora em ilhas de coral. Você fica sozinho ao longo de toda a aventura, porque dois meninos juntos não conseguem ir muito longe mar adentro, e embora você possa conversar consigo durante a viagem, dando ordens e executando-as com presteza, quando chega a hora de ir para casa você já não sabe mais onde esteve ou o que é que inflou suas velas; o tesouro que você encontrou está guardado no seu porão, por assim dizer, e será descoberto por outro menino, talvez, num futuro distante.

Não há nada, porém, nos porões dos iates nobres. Existe alguém que retorne, por acaso, a esse lugar predileto da infância por causa dos iates nobres? É claro que não. A embarcação que carrega memórias é o barco-graveto. Os iates são brinquedos, seus donos são marinheiros de água doce, eles não fazem mais do que cruzar um laguinho de um lado para o outro, e só o barco-graveto se aventura pelo mar. Não pensem, vocês que ostentam seus iates vistosos, que estamos aqui por causa de vocês; os seus navios estão aqui por acidente e, se os patos os subjugassem e os afundassem, a vida real do Laguinho Redondo teria prosseguimento, como se nada tivesse acontecido.

Caminhos de todos os tipos, de todas as procedências, aglomeram-se como crianças em torno do laguinho. Alguns são caminhos comuns, com cerquinhas dos dois lados, feitos por homens que suaram suas camisas, mas outros são vagabundos: num trecho são largos, em outro são tão estreitos que é possível caminhar com os pés fora da trilha. São os chamados Caminhos que se Fizeram por Conta Própria, e David gostaria muito de ter visto um caminho se fazendo por si mesmo. Nós acabamos concluindo, porém, que eles se fazem durante a noite, quando os portões já foram fechados; as coisas mais maravilhosas do Gardens ocorrem no período noturno. Também deduzimos que os caminhos se fazem por conta própria porque é só assim que conseguem chegar ao Laguinho Redondo.

Um desses caminhos ciganos tem como procedência o lugar onde as ovelhas ganham cortes de cabelo. Quando David perdeu seus cachos, no cabeleireiro, deu adeus para eles sem o menor tremor, segundo me disseram, embora Mary, sua mãe, nunca mais tenha sido a criatura radiante de sempre, de modo que ele se enche de desprezo quando as ovelhas correm do tosquiador e grita para elas, com sarcasmo: “Covardes, não são de nada!”. Mas quando o homem as segura entre as pernas, David lhe faz um gesto ameaçador com o punho, por ele usar tesouras tão grandes. Outro momento

surpreendente é quando o homem joga para trás a lã encardida que saiu do lombo das ovelhas e de repente elas parecem damas em poltronas de teatro. As ovelhas se apavoram tanto com o tosquiamento que ficam um tanto brancas e magras, e assim que são soltas saem mordiscando a grama no mesmo instante, com muita ânsia, como se temessem que ninguém quisesse comê-las nunca mais. David gostaria de saber se elas reconhecem umas às outras, agora que estão tão diferentes, e se não acabam brigando com as ovelhas erradas. Elas são ótimas lutadoras, diferem muito das ovelhas do campo, e todos os anos pregam uma peça em Porthos, meu são-bernardo. Ele é capaz de fazer um rebanho inteiro de ovelhas do campo sair voando com o mero anúncio de sua chegada, mas essas ovelhas de cidade se aproximam dele sem nenhuma promessa de divertimento inocente, e os olhos dele passam a exibir um brilho que não exibiam desde o ano anterior. Porthos não tem como sair correndo com dignidade; ele fica imóvel e olha para os lados, como se tivesse o olhar perdido na beleza da paisagem, e em seguida sai trotando com uma indiferença altiva, olhando de soslaio para mim.

O Serpentina começa aqui perto. É um lago encantador, e há uma floresta submersa no fundo dele. Se você espiar na beira da água, verá as árvores todas crescendo de lá para cá, e dizem que no período da noite também existem estrelas submersas no lago. Se existem mesmo, Peter Pan as vê quando está velejando pelo lago no *Ninho de Tordo*. Só uma pequena parte do Serpentina fica no Gardens, pois ele logo passa por baixo de uma ponte e se estende para muito longe, até a ilha na qual nascem todos os pássaros que viram meninos e meninas. Ninguém que seja humano, exceto Peter Pan (e ele é apenas meio humano), consegue chegar até a ilha, mas você pode escrever o que deseja (menino ou menina, moreno ou loiro) num pedaço de papel e depois dobrar o papel em forma de barco e lançá-lo na água, e ele chega à ilha de Peter depois do anoitecer.

Estamos a caminho de casa agora, embora seja ilusão, é claro, pensar que possamos visitar tantos lugares num dia só. Eu teria de carregar David por um tempo interminável e, como o velho sr. Salford, teria de parar para descansar em todos os bancos. Nós chamávamos esse velho assim porque ele sempre nos falava de um lugar adorável chamado Salford, onde nascera. Era um rabugento senhor de idade que perambulava o dia inteiro pelo Gardens, de banco em banco, na esperança de topar com alguém que conhecesse a cidade de Salford, e quando já o conhecíamos havia um ano nós acabamos por encontrar um outro ancião solitário que certa vez ficara de sábado a segunda em Salford. Este ancião era meigo e acanhado e levava seu endereço dentro do chapéu, e quando queria chegar a determinado lugar em Londres seu ponto de partida era sempre a Abadia de

Westminster. Em triunfo, arrastamos esse velho até o nosso outro amigo, com a história daquele sábado a segunda, e jamais esquecerei o pulo de felicidade com o qual o sr. Salford o recebeu. Os dois são camaradas desde então, e percebo que o sr. Salford, que naturalmente fala muito mais do que o outro, não larga o casaco do amigo de jeito nenhum.

Os dois últimos lugares que quero lhes apresentar, antes de chegarmos ao nosso portão, são o Cemitério de Cães e o ninho do pintassilgo, mas nós fingimos não saber o que é o Cemitério de Cães, já que Porthos está sempre conosco. O ninho é algo muito triste. Ele é bem branco, e nós o encontramos num acaso maravilhoso. Estávamos fazendo mais uma busca entre os arbustos, procurando pela bola de lã que David perdera; em vez de achar a bola, encontramos um ninho encantador, feito com a lã da bola, contendo quatro ovos, com garatujas sobre eles que lembravam a letra de David, e o nosso palpite é que eram cartas de amor da mãe para os pequeninos que estavam dentro dos ovos. Quando íamos ao Gardens, visitávamos sem falta o ninho, tomando cuidado para que nenhum menino cruel nos visse, e largávamos migalhas de pão, e a ave logo passou a nos tratar como amigos, e ficava sentada no ninho, olhando-nos com amabilidade, com os ombros encolhidos. Mas certo dia nós fomos ver o ninho e só havia dois ovos nele, e na visita seguinte só havia um. A coisa mais triste é que a pobre ave ficou voando agitada entre os arbustos, olhando-nos com tanta reprovação que nos demos conta de que ela nos considerava culpados por aquilo; David tentou se explicar para ela, mas já fazia tanto tempo que ele não falava a linguagem dos pássaros que eu temo que ela não tenha entendido. Ele e eu saímos do Gardens esfregando os olhos naquele dia.

CAPÍTULO II

PETER PAN

Se você perguntar para sua mãe se ela conheceu Peter Pan quando era pequena ela vai dizer: “Ora, é claro que sim, meu amor”, e se você perguntar a ela se Peter costumava andar montado numa cabra ela vai dizer: “Mas que pergunta tola; ele certamente montava uma cabra”. E se você perguntar à sua vó se ela conheceu Peter Pan quando era menina ela também vai dizer: “Ora, é claro que sim, meu amor”, mas se você perguntar a ela se ele costumava andar montado numa cabra ela vai dizer que nunca ouviu falar que ele tivesse uma cabra. Talvez ela tenha esquecido, como às vezes esquece o seu nome e chama você de Mildred, que é o nome da sua mãe. Mesmo assim, seria muito difícil que ela tivesse esquecido algo tão importante quanto a cabra. Não havia cabra nenhuma quando a sua vó era menina, portanto. Isso demonstra que, se formos contar a história de Peter Pan, começar pela cabra (como muitas pessoas fazem) é tão idiota quanto vestir o paletó antes de botar o colete.

Isso também mostra o quanto Peter é velho, é claro, mas na verdade ele não aumenta de idade nunca, de modo que isso não tem a mínima importância. Ele tem uma semana de idade; embora tenha nascido tanto tempo atrás, jamais teve um aniversário, e não existe a menor chance de que ele venha a ter um algum dia. É porque ele escapou de ser um humano aos sete dias de idade; escapou pela janela e voou de volta para o Kensington Gardens.

Se você acha que ele foi o único bebê do mundo que quis fugir, isso demonstra que você se esqueceu por completo de seus primeiros dias de vida. Quando David ouviu essa história pela primeira vez, teve certeza de que jamais tentara fugir, mas eu pedi a ele que rememorasse com mais esforço, apertando as têmporas com as mãos; ele apertou com força, depois com mais força ainda, e se lembrou claramente de um desejo longínquo de retornar para os topos das árvores, e com essa memória vieram outras, como a de que ele ficara deitado na cama, planejando sua fuga e esperando sua mãe pegar no sono, e a de que ela um dia o pegou dentro da chaminé, a meio caminho da saída. Todas as crianças se lembrariam dessas coisas se apertassem suas têmporas com força, pois, tendo sido pássaros antes de se tornarem humanas, elas são naturalmente um pouco selvagens

durante as primeiras semanas, e sentem muita coceira nos ombros, onde costumavam ficar as asas. É o que David me diz.

Devo mencionar aqui que nosso procedimento em relação a contar histórias é o seguinte: primeiro eu conto para ele e depois ele conta para mim, estabelecida a combinação de que a história dele deve ter boas modificações; então eu a conto de novo com os acréscimos dele, e assim prosseguimos até que não é mais possível saber se a história é dele ou minha. Nessa história sobre Peter Pan, por exemplo, o esqueleto da narrativa é contribuição minha, assim como a maioria das considerações morais, embora não todas, já que David sabe ser um severo moralista, mas as partes mais interessantes, sobre os modos e os costumes dos bebês em fase de pássaro, decorrem das reminiscências dele, trazidas à tona com o método de apertar as têmporas e pensar com força.

Bem, Peter Pan fugiu pela janela, que não tinha grade. De pé no parapeito, ele pôde ver árvores à distância, e eram sem dúvida as árvores do Kensington Gardens, e no momento em que as avistou ele esqueceu completamente que era um menininho de pijama, e saiu voando por cima das casas na direção do Gardens. É extraordinário que ele pudesse voar sem asas, mas seus ombros coçavam tremendamente, e quem sabe todos nós conseguíssemos voar se tivéssemos a confiança inquebrantável que o ousado Peter Pan sentiu em si naquela noite.

Ele pousou alegremente num relvado, entre o Palácio da Menininha e o Serpentina, e a primeira coisa que fez foi deitar-se de costas e dar chutes no ar. Ele já nem tinha mais consciência de que fora humano um dia, e pensou que era um pássaro, até mesmo na aparência, como em seus primeiros dias, e quando tentou capturar uma mosca ele não entendeu que fracassara porque tentara apanhá-la com a mão, e um pássaro jamais usa a mão, é claro. Percebeu, no entanto, que já devia ter passado o horário de Fechamento dos Portões, pois havia uma porção de fadas ao redor, todas muito ocupadas para que pudessem notar a presença dele; estavam preparando o café da manhã, tirando leite das vacas, pegando água no poço e assim por diante, e a visão dos baldes de água lhe deu muita sede, e então ele voou até o Lagunho Redondo para beber. Ele se inclinou e mergulhou o bico na água; achou que era seu bico, mas era seu nariz, é claro, e portanto não ingeriu quase nada de água, e a água que ingeriu não era nada refrescante, e por isso foi tentar beber numa pequena poça, e caiu de corpo inteiro nessa poça. Quando um pássaro de verdade cai na água, ele abre as asas e seca suas penas com o bico, mas Peter não conseguia lembrar como se fazia e, emburrado, decidiu ir dormir na faia da Alameda dos Bebês.

De início, ele teve certa dificuldade em se equilibrar no galho,

mas logo lembrou como se fazia e pegou no sono. Acordou muito antes do nascer do sol, tremendo e dizendo para si mesmo:

– Nunca enfrentei uma noite tão fria ao relento.

Ele já passara noites mais frias ao relento, na verdade, em sua fase de pássaro; como todo mundo sabe, porém, aquilo que é uma noite quente para um pássaro pode ser uma noite fria para um menino de pijama. Peter também se sentiu estranhamente desconfortável, como se sua cabeça estivesse pesada; ouvia ruídos barulhentos que o faziam olhar em volta, sobressaltado, mas eram apenas os seus próprios espirros. Havia algo que ele desejava muito, mas, mesmo tendo certeza de que precisava de algo, não sabia o que era. O que ele tanto queria era que sua mãe lhe assoasse o nariz, mas não se deu conta disso, de modo que decidiu apelar às fadas, em busca de esclarecimento. As fadas, segundo se diz, sabem milhares de coisas.

Havia duas delas passeando pela Alameda dos Bebês, uma abraçando a cintura da outra, e ele saltou na direção delas. As fadas costumam ter desavenças com os pássaros, mas geralmente dão respostas civilizadas para perguntas civilizadas, e Peter ficou furioso quando essas duas saíram correndo no momento em que o viram. Havia uma outra recostada numa cadeira de jardim, lendo um selo de carta que algum humano deixara cair, e quando ouviu a voz de Peter ela se escondeu, assustada, atrás de uma tulipa.

Para seu espanto, Peter descobriu que todas as fadas que encontrava fugiam dele. Um grupo de trabalhadoras estava serrando um chapéu-de-cobra e se dispersou às pressas, deixando as ferramentas para trás. Uma ordenhadora de vaca virou seu balde de cabeça para baixo e se escondeu dentro dele. Não demorou muito e o Gardens foi tomado pelo caos. Multidões de fadas corriam de um lado para o outro, perguntavam umas às outras se estavam com muito medo, luzes foram apagadas, portas foram lacradas, e dos jardins do palácio da rainha Mab veio um bater de tambores, indicando que a guarda real fora chamada. Um regimento de lanceiros vinha descendo a Alameda Larga, armado com folhas de azevinho, com as quais cutucam seus inimigos horripilantemente. Peter ouviu gritos, vindos de todos os lados, que afirmavam que havia um humano no Gardens depois do Fechamento dos Portões, mas não pensou, nem por um momento, que o humano pudesse ser ele. Ele estava se sentindo cada vez mais pesado, e mais e mais desejava saber o que queria que fizessem com seu nariz, mas perseguia as fadas em vão, com sua questão vital; as assustadas criaturas corriam dele, e até mesmo os lanceiros, quando Peter se aproximou deles na Rampa, rapidamente tomaram um caminho alternativo, fingindo que o tinham visto em outro lugar.

Desistindo das fadas, decidiu consultar os pássaros, mas se

lembrou de algo esquisito, de que todos os pássaros da faia fugiram voando quando ele pousara nela; o fato não o perturbara na ocasião, e agora ele compreendia tudo. Todos os seres vivos fugiam dele. Pobre e indefeso Peter Pan! Ele se sentou e chorou, e mesmo então não percebeu que, para um pássaro, não se sentara de modo correto. É uma bênção que ele não o tenha percebido, pois caso contrário teria perdido a confiança em sua capacidade de voar, e, no momento em que você não sabe mais ao certo se consegue voar, você perde a capacidade de voar para sempre. Pássaros conseguem voar simplesmente porque possuem fé inabalável, e ter fé é ter asas.

Pois bem: a não ser que voe, ninguém consegue chegar à ilha pelo Serpentina, porque os barcos dos humanos são proibidos de se aproximar dela e ela está cercada de estacas, e no alto de cada estaca há um pássaro sentinela que vigia dia e noite. Foi para a ilha que Peter voou agora, para apresentar seu estranho caso ao velho Solomon Caw, e pousou nela com uma sensação de alívio, muito animado com a possibilidade de se encontrar por fim em casa, visto que a ilha é o lar dos pássaros. Todos estavam dormindo, inclusive os sentinelas, todos menos Solomon, que estava totalmente desperto num dos lados do rosto, e ele ouviu em silêncio o relato de Peter, para em seguida explicar o significado verdadeiro daquelas aventuras.

– Olhe para o seu pijama, se não acredita em mim – Solomon disse.

E Peter olhou seu pijama com olhos arregalados, e depois olhou para os pássaros adormecidos; nenhum deles vestia coisa alguma.

– Quantos dedos dos seus pés são polegares? – perguntou Solomon, com certa crueldade.

Peter viu, consternado, que seus dedos menores não eram polegares. O choque foi tão grande que ele parou de sentir frio.

– Tente sacudir a sua plumagem – disse o velho sombrio.

Peter tentou sacudir sua plumagem com muito empenho e desespero, mas não possuía plumagem. Então se levantou, tremendo; pela primeira vez, desde que saíra voando pela janela, lembrou-se de uma mulher que gostava muito dele.

– Acho que devo voltar para a minha mãe – disse, sem jeito.

– Adeus – retrucou Solomon Caw, com um olhar esquisito.

Mas Peter hesitou.

– Por que não vai logo? – o velho perguntou, com polidez.

– Não sei – disse Peter, com voz rouca –, será que ainda consigo voar?

Vejam só: ele perdera sua fé.

– Pobre menino-pássaro! – falou Solomon, que tinha um pouco de bondade no fundo do coração. – Você nunca mais vai conseguir

voar, nem mesmo em dias de vento. Você terá de viver aqui na ilha para sempre.

– E não voltar nunca mais para o Kensington Gardens? – Peter perguntou, tragicamente.

– Como você conseguiria chegar até lá? – retrucou Solomon.

O velho prometeu gentilmente, contudo, que ensinaria a Peter todos os costumes dos pássaros que um ser de formato tão bizarro tivesse condições de aprender.

– Não vou ser exatamente um humano, então? – Peter perguntou.

– Não.

– E não vou ser exatamente um pássaro.

– Não.

– Vou ser o que, então?

– Você será um nem-isso-nem-aquilo – Solomon disse, e ele era certamente um velho que sabia das coisas, pois foi exatamente isso o que aconteceu.

Os pássaros da ilha nunca se acostumaram com Peter. As estranhezas dele os divertiam todos os dias, como se fossem grandes novidades, quando na verdade as novidades eram os próprios pássaros. Eles saíam dos ovos diariamente e riam de Peter assim que o viam, e logo voavam embora para se tornarem humanos, e outros pássaros saíam de outros ovos, e o ciclo não parava nunca. As ardilosas mães-pássaro, quando se cansavam de ficar sentadas sobre seus ovos, faziam com que os passarinhos quebrassem suas cascas de modo prematuro, com um dia de antecedência, sussurrando que agora era a chance deles de ver Peter tomando banho ou bebendo ou comendo. Milhares de passarinhos se aglomeravam em volta dele diariamente para vê-lo fazer essas coisas, como quem observa um pavão, e eles gritavam de satisfação quando Peter pegava com as mãos as cascas de pão que lhe atiravam, e não com a boca, como seria correto. Toda a comida dele era trazida do Gardens por pássaros, por ordem de Solomon. Peter não comia vermes ou insetos (o que era absurdo, na opinião de todos), então os pássaros traziam pão em seus bicos. Por isso, quando você for gritar “Comilão, comilão!” para o pássaro que apanhar a maior das migalhas de pão, pense duas vezes antes de xingá-lo, já que agora você sabe que ele provavelmente está levando comida para Peter Pan.

Peter não usava mais pijama. É que os pássaros ficavam lhe pedindo pedaços dele para construírem seus ninhos e, bom menino que era, não conseguia recusar; a conselho de Solomon, escondeu o que restara dele. Peter estava bem nu agora, mas não pensem que ele sentia frio ou tristeza. Ele estava geralmente muito feliz e alegre, porque Solomon mantivera sua promessa e lhe ensinara muitos dos costumes dos pássaros. Peter aprendeu, por exemplo, a ficar satisfeito

com pequenas coisas, e a estar sempre fazendo alguma coisa, e a pensar que tudo que fizesse tinha uma importância enorme. Peter adquiriu grande destreza auxiliando em construções de ninhos; em pouco tempo ele já construía melhor do que um pombo torcaz, e quase tão bem quanto um melro, embora nunca tenha conseguido satisfazer os tentilhões; e instalava ótimas gamelinhas de água perto dos ninhos e escavava minhocas para os pequeninos com seus dedos. Tornou-se erudito na ciência dos pássaros, e distinguia um vento leste de um vento oeste apenas pelo cheiro, e era capaz de ver a grama crescendo e de ouvir os insetos caminhando dentro dos troncos das árvores. Mas a melhor coisa que Solomon lhe ensinou foi a capacidade de ter um coração sempre alegre. Todos os pássaros têm corações alegres, a não ser que você lhes roube o ninho; esse era o único tipo de coração que Solomon conhecia, e por isso não foi difícil ensinar Peter a ter um.

O coração de Peter era tão alegre que ele sentia que precisava cantar o dia inteiro, assim como os pássaros cantam em júbilo, mas, sendo em parte humano, ele quis ter um instrumento, e recolheu juncos para fazer uma flauta, e costumava sentar-se na praia, à noite, estudando o sussurro do vento e o murmurar da água, e pegava alguns punhados de luar e os colocava em sua flauta, e tocava tão maravilhosamente que até os pássaros às vezes se confundiam e perguntavam uns aos outros:

– Isso que eu ouvi foi um peixe pulando na água ou Peter tocando “peixe que pula” com sua flauta?

E às vezes ele tocava o nascimento de um pássaro, e então as mães se reviravam em seus ninhos para ver se tinham botado um ovo. Se você frequenta o Gardens, deve conhecer o castanheiro que fica perto da ponte e que é o primeiro castanheiro a florescer, mas talvez você não saiba por que essa árvore sai sempre na frente. É porque Peter quer que chegue logo o verão e toca a sua chegada, e o castanheiro, estando perto, ouve a música e é enganado.

Sentado na praia, dedilhando divinamente sua flauta, Peter sucumbia às vezes, porém, e tinha pensamentos tristes, e sua música se entristecia também, e a origem de toda essa tristeza era o fato de que ele não tinha como voltar ao Gardens, embora pudesse vê-lo, além do arco da ponte. Sabia que nunca mais poderia ser um humano de verdade, e nem tinha interesse nisso; ah, mas como queria poder brincar como as outras crianças brincam, e não há lugar mais adorável para brincar, é claro, do que o Gardens. Os pássaros lhe contavam detalhes de como meninos e meninas brincavam, e lágrimas de melancolia cobriam os olhos de Peter.

Talvez você pense que ele pudesse simplesmente ir nadando até o parque. O problema é que ele não sabia nadar. Ele queria saber nadar,

mas ninguém na ilha possuía esse conhecimento exceto os patos, e eles são muito burros. Eles tinham muita vontade de ensinar Peter, mas só o que conseguiam dizer era:

– Você se senta em cima da água assim, e depois começa a mexer as pernas assim.

Peter tentava, muitas vezes, mas sempre afundava antes de começar a mexer as pernas. O que ele precisava saber era: como você se senta na água sem afundar? E os patos diziam que era impossível explicar uma coisa tão simples. Ocasionalmente alguns cisnes passavam pela ilha, e Peter dava para eles toda a sua comida do dia e então lhes perguntava como era possível se sentar na água, mas quando a pouca comida acabava as detestáveis criaturas zombavam dele e navegavam embora.

Houve uma vez em que ele realmente achou que descobrira um meio de chegar ao Gardens. Uma maravilhosa coisa branca, como um jornal fugitivo, apareceu voando alto no céu da ilha e então despencou, girando no ar como um pássaro de asa quebrada. Peter ficou tão assustado que se escondeu, mas os pássaros lhe disseram que aquilo não passava de uma pandorga, e lhe explicaram o que era uma pandorga; seu barbante tinha se soltado das mãos de um menino num repuxão, provavelmente, e ela voara embora. E os pássaros riram de Peter por ele ter se apegado tanto à pandorga; ele a adorava tanto que até mesmo dormia com uma mão em cima dela, e eu acho que isso era ao mesmo tempo patético e bonito: ele adorava aquela coisa branca porque ela pertencera a um menino real.

Tal adoração era ridícula para os pássaros, mas as aves mais velhas sentiam-se muito devedoras dele, a essa altura, porque ele cuidara de vários bebês recém-emplumados que tiveram rubéola, e se dispuseram a lhe mostrar como os pássaros brincavam de pandorga. Seis pássaros seguraram a extremidade do barbante em seus bicos e saíram voando; para espanto do menino, a pandorga saiu voando atrás dos pássaros e chegou a voar mais alto que eles.

Peter gritou:

– Façam de novo!

Dispostas a agradar, as aves repetiram a operação diversas vezes, e por diversas vezes, em vez de agradecer, ele gritou “Façam de novo!”, o que demonstra que mesmo agora, passado tanto tempo, ele ainda não esquecera o que é ser um menino.

Por fim, com um desígnio ardente em seu valoroso coração, Peter pediu aos pássaros que repetissem a brincadeira uma última vez, e se agarrou, antes, na cauda da pandorga; cem aves saíram voando com o barbante e Peter seguiu atrás delas, na cauda, com a intenção de se soltar quando passasse por cima do Gardens. Mas a pandorga se desfez em pedaços no ar, e ele teria se afogado no Serpentina se não tivesse

pegado carona com dois cisnes que, indignados, levaram-no até a ilha. Depois disso os pássaros afirmaram que não voltariam a ajudá-lo em sua louca empreitada.

Mas Peter conseguiu chegar ao Gardens, por fim, com a ajuda do barco de Shelley, como contarei a seguir.

CAPÍTULO III

O NINHO DE TORDO

Shelley era um jovem cavalheiro, tão adulto quanto queria ser. Era um poeta, e os poetas nunca são exatamente adultos. São pessoas que desprezam o dinheiro e que têm consigo apenas o necessário para o dia, e ele tinha isso e mais cinco libras de sobra. Assim, quando estava passeando no Kensington Gardens, Shelley fez um barquinho de papel com o cheque que tinha no bolso e o lançou no Serpentina.

O barquinho chegou à ilha depois do anoitecer; e o sentinela o levou para Solomon Caw, que pensou de início que se tratava da mesma coisa de sempre, uma mensagem de alguma dama, dizendo que ela ficaria muito grata se ele lhe mandasse um passarinho dos bons. Elas sempre pedem pelo melhor que ele tiver, e quando gosta da carta ele manda um pássaro da Classe A; mas se a carta o irrita ele manda um pássaro esquisito mesmo. Às vezes ele não manda nada, mas pode acontecer de ele mandar um ninho cheio; tudo depende do humor do dia. Ele gosta de tomar todas as decisões, e se você mencionar que tem um desejo especial de que ele providencie um menino dessa vez, pode ter certeza de que será enviada mais uma menina. Seja você uma dama ou apenas um menino que quer uma irmãzinha, tome o cuidado de escrever o seu endereço com muita clareza. Você não faz ideia de quantos bebês Solomon já mandou para casas erradas.

O barco de Shelley foi aberto e deixou Solomon completamente intrigado, e ele solicitou o conselho de seus assistentes, os quais, tendo caminhado sobre o papel duas vezes, primeiro com os pés virados para fora, depois com os pés virados para dentro, decidiram que ele só poderia provir de alguma pessoa gananciosa que queria cinco. Chegaram a essa conclusão porque havia um cinco enorme impresso no papel.

– Que absurdo! – Solomon gritou, furioso, e deu o papel para Peter; todas as coisas inúteis que apareciam na ilha eram doadas a Peter, para que ele as usasse como brinquedos.

Mas ele não brincou com seu precioso cheque, pois identificara de imediato o que era, tendo sido um menino muito observador na semana em que fora um humano normal. Com tanto dinheiro, ele refletiu, poderia afinal dar um jeito de chegar ao Gardens, e

considerou todas as possibilidades, e optou (sabiamente, eu acho) pela melhor delas. Primeiro, porém, teve de informar aos pássaros que o barco de Shelley tinha grande valor; eles eram honestos demais para exigir o papel de volta, mas Peter viu que estavam exasperados, e eles lançaram olhares sombrios para Solomon, que se gabava tanto de sua esperteza, e Solomon se afastou voando até o outro lado da ilha e se sentou lá, deprimido, com a cabeça enterrada nas asas. Ora, Peter sabia que ninguém obtinha nada nessa ilha se não tivesse o apoio de Solomon, e então foi até ele e tentou animá-lo.

Peter fez mais do que apenas conversar com o poderoso velho. Não contei a vocês que Solomon não tinha intenção de permanecer em seu posto pelo resto da vida. Ele planejava sua aposentadoria aos poucos, queria dedicar sua doce velhice a uma vida de prazer num certo tronco de teixo, no Figs, que lhe apetecia muito; desde muitos anos, vinha enchendo sua meia. Era uma meia de banhista que fora encontrada na ilha, e por essa altura ela continha 180 migalhas, 34 nozes, 16 cascas de pão, um limpador de plumagem e um cadarço de bota. Solomon calculava que, quando a meia ficasse repleta, teria fundos suficientes para uma aposentadoria tranquila. Pois Peter lhe deu uma libra. Cortou um pedaço do cheque com um graveto afiado.

Isso lhe garantiu gratidão eterna por parte de Solomon; os dois conversaram um pouco e convocaram uma reunião de tordos. Vocês saberão em breve por que motivo foram convocados apenas tordos.

O plano que seria apresentado aos tordos era de autoria de Peter, na verdade, mas Solomon falou na maior parte do tempo, porque ele logo ficava irritadiço quando outras pessoas falavam. Começou por dizer que nunca deixava de se impressionar com a engenhosidade superior de que os tordos davam mostras na construção de seus ninhos, e isso os deixou de bom humor na mesma hora, e a intenção era essa; pois todas as querelas entre os pássaros derivam de discussões sobre quem constrói os melhores ninhos. Outros pássaros, disse Solomon, deixavam de forrar os ninhos com uma camada de barro, e os ninhos sem barro são incapazes de reter água. Aqui ele balançou a cabeça garbosamente, como se tivesse feito uso de um argumento incontestável; por azar, porém, uma sra. Tentilhão comparecera à reunião sem ter sido convidada, e ela guinchou:

– Nós não construímos os nossos ninhos para reter água, e sim para proteger ovos.

Os tordos ficaram amuados; Solomon ficou tão perplexo que teve de tomar vários goles d'água.

– Considerem – ele disse, por fim – o quanto o barro aquece os ninhos.

– Considerem – exclamou a sra. Tentilhão – que quando a água entra no ninho ela não sai mais, e os seus filhotes se afogam!

Com um olhar desolado, os tordos suplicaram a Solomon que proferisse uma réplica arrasadora, mas ele ficou ainda mais perplexo.

– Beba mais um pouco de água – sugeriu a sra. Tentilhão, atrevida; o nome dela era Kate, e todas as Kates são descaradas.

Solomon bebeu mesmo mais um pouco de água, e o gole o inspirou.

– Se colocarmos um ninho de tentilhão no Serpentina – disse –, ele vai se encher de água e vai se desmanchar, mas um ninho de tordo permanecerá seco como as costas de um cisne.

Como os tordos aplaudiram! Agora eles sabiam por que é que aplicavam uma camada de barro em seus ninhos, e quando a sra. Tentilhão exclamou “Nós não colocamos os nossos ninhos no Serpentina”, eles fizeram o que deveriam ter feito no início da reunião: expulsaram a intrusa. Depois disso, tudo correu na mais perfeita ordem. Os tordos haviam sido convocados, disse Solomon, com o seguinte propósito: seu jovem amigo Peter queria muito, como todos sabiam, poder viajar até o Gardens, e ele lhes pedia auxílio para construir um barco.

Diante disso os tordos começaram a conversar baixinho, inquietos, e Peter temeu por seu plano.

Solomon se apressou em explicar que a ideia não era fazer um desses barcos enormes que os humanos usam; a proposta era construir um ninho de tordo que fosse grande o suficiente para que Peter pudesse navegar nele.

Mesmo assim, para desespero de Peter, os tordos se mantiveram ariscos.

– Somos pessoas muito atarefadas – resmungaram –, e esse trabalho nos tomaria muito tempo.

– Estamos cientes disso – falou Solomon –, e é claro que Peter não os faria trabalhar de graça. Lembrem que ele se encontra numa situação financeira muito confortável; vocês terão pagamentos que nunca receberam antes. Peter Pan me autoriza a dizer que vocês receberão seis pence por dia.

Todos os tordos deram pulos de alegria, e naquele mesmo dia teve início a celebrada Construção do Barco. Os afazeres ordinários foram deixados de lado. Era a época do ano em que deviam estar acasalando, mas nenhum ninho de tordo foi construído além do grande ninho de Peter, e Solomon logo se viu desprovido de tordos para atender à demanda do continente. As crianças mais robustas e comilonas, essas que exibem ótima aparência quando estão em seus carrinhos, mas que ficam facilmente esbaforidas quando caminham, todas elas foram pequenos tordos um dia, e é muito comum que damas as encomendem. O que vocês acham que Solomon fez? Fez circular uma ordem pelos telhados, convocou o maior número possível

de pardais e ordenou que botassem seus ovos nos velhos ninhos de tordo, e enviou esses filhotes de pardal para as damas e jurou que eram todos tordos! Aquele ano ficou conhecido na ilha, mais tarde, como o Ano dos Pardais; quando você encontra, porque sem dúvida deve encontrá-las vez por outra, pessoas adultas que se incham e se inflam por acharem que são maiores do que de fato são, essas pessoas muito provavelmente nasceram naquele ano. Pergunte a elas.

Peter foi um patrão justo e pagou seus trabalhadores todas as noites. Eles formavam filas nos galhos e aguardavam educadamente enquanto ele cortava pedacinhos de seis pence de seu cheque, e em seguida ele chamava o grupo, e então os pássaros voavam até o chão um por um, à medida que seus nomes iam sendo mencionados, e ganhavam seis pence. Deve ter sido uma coisa bonita de se ver.

E por fim, depois de meses de labuta, o barco ficou pronto. Ah, a conduta de Peter no acompanhamento dos trabalhos, com o ninho de tordo ficando cada vez maior e mais sólido! Ele dormiu ao lado do ninho desde o primeiro dia da construção, e muitas vezes acordava, no meio da noite, e dizia coisas carinhosas para ele, e, quando ele foi forrado com barro e o barro secou, Peter passou a dormir dentro dele. Peter dorme no ninho até hoje, e é fascinante observar como ele se enrosca ali dentro, porque o ninho é grande o suficiente para que ele se acomode bem quando se enrosca como um gatinho. O ninho é marrom no lado de dentro, é claro, mas por fora é principalmente verde, já que sua parede externa é entretecida com grama e gravetos, e quando um graveto murcha ou se quebra a parede é reforçada com alguma cobertura. Aqui e ali também podem ser vistas algumas penas, que caíram dos corpos dos tordos durante a construção.

Os outros pássaros sentiram muita inveja e disseram que o barco não se sustentaria na água, mas ele se mostrou maravilhosamente estável; disseram que entraria água nele, mas não entrou nenhuma água nele. A seguir disseram que Peter não tinha remos, e isso fez com que os tordos olhassem uns para os outros num grande desânimo, mas Peter afirmou que não precisava de remos, pois dispunha de uma vela: transbordante de alegria e orgulho, apresentou uma vela que confeccionara com seu pijama, e era uma vela graciosa, mesmo que não deixasse de parecer um pijama. E naquela noite, com lua cheia e com os pássaros todos dormindo, ele entrou em seu batel (como Francis Pretty teria dito) e foi embora da ilha. De início, sem saber por que, olhou para cima, com as mãos entrelaçadas, e desse momento em diante seus olhos se fixaram no oeste.

Peter prometera aos tordos que começaria fazendo viagens curtas, tendo-os como guias, mas na longínqua distância, por baixo da ponte, ele viu o Kensington Gardens; o parque o atraía numa espécie de feitiço, e ele não pôde esperar. Seu rosto estava afogueado, mas ele

não olhou para trás; uma exultação em seu peito afastava todo o medo. Seria Peter o último dos galantes navegadores ingleses, rumando para o oeste, na direção do Desconhecido?

O barco girou em falso no começo e voltou para o ponto de partida; Peter então encurtou o pano de sua vela, removendo uma das mangas, e dessa vez foi arrastado para trás, por um vento contrário, correndo um efetivo perigo de naufrágio. Recolheu toda a vela, e em consequência foi levado à deriva para uma praia distante, na qual vagavam sombras negras que Peter temia, e assim ele içou de novo seu pijama e virou de bordo, para não ver as sombras, até que afinal pegou um vento favorável que o levou na direção oeste, mas a uma velocidade tão estonteante que poderia acabar se esborrachando contra a ponte. Evitando o choque, Peter passou por baixo da ponte e, em supremo regozijo, contemplou a paisagem ampla do delicioso Gardens. Quando tentou, porém, lançar âncora, que era uma pedra amarrada na ponta de um pedaço do barbante da pandorga, não conseguiu alcançar o fundo do rio, e se viu obrigado a flutuar às cegas, em busca de um ponto de atracação, e bateu contra um recife submerso; a violência do choque lançou Peter na água, e ele por pouco não se afogou, mas conseguiu, a muito custo, subir de volta no barco. Estourou uma forte tempestade, acompanhada de águas furiosas que emitiam rugidos que ele jamais ouvira, e o barco foi jogado de um lado para o outro, e as mãos de Peter ficaram tão entorpecidas de frio que ele não conseguia mais fechá-las. Tendo escapado do inacreditável perigo, o menino foi levado piedosamente até uma pequena baía, pela qual seu barco deslizou em paz.

Peter ainda não se encontrava em segurança, contudo: tentando desembarcar, topou com uma multidão de pessoas pequeninas que haviam se aglomerado na praia para contestar a chegada do estranho e que gritavam e vociferavam contra ele com estridência, exigindo que fosse embora pois já se passara a hora do Fechamento dos Portões. Brandiam suas folhas de azevinho, e um pequeno batalhão carregava uma flecha que algum menino esquecera no parque, e os guerreiros estavam dispostos a usar a flecha como aríete.

Sabendo que estava diante de fadas, Peter proclamou que não era um humano comum, que não era seu interesse contrariar quem quer que fosse e que queria ser amigo de todos; tendo encontrado um porto seguro, porém, não estava inclinado a se retirar dali. Fez uma advertência às criaturas: se elas o atacassem e ferissem, sofreriam revide, arcariam com as consequências.

Dito isso, pulou com audácia na areia, e as fadas o cercaram com a intenção de trucidá-lo, mas irrompeu então um grito agudo entre as mulheres: elas tinham reparado que a vela de Peter era um pijama de bebê. A partir deste momento, as fadas caíram de amores por ele e

lamentaram que seus colos fossem tão pequenos, e não posso explicar o comportamento delas, só posso dizer que é assim que são as mulheres. Quando aos homens-fada, recolheram suas armas depois da capitulação amorosa de suas mulheres, pois sabiam que elas eram superiores em inteligência, e civilizadamente conduziram o menino até a rainha, que conferiu a ele o direito de estar no Gardens depois do Fechamento dos Portões, e dali em diante Peter podia ir aonde bem entendesse, e as fadas tinham ordens de lhe providenciar todo o conforto.

Assim se deu a primeira viagem de Peter ao Gardens, e vocês podem perceber, pela antiguidade da linguagem, que a viagem se deu muitíssimo tempo atrás. Mas Peter não envelhece, e se pudéssemos estar embaixo da ponte neste exato instante, observando-o (mas é claro que não podemos), arrisco dizer que o veríamos içando seu pijama e velejando ou remando na nossa direção, no *Ninho de Tordo*. Quando veleja, ele se senta, e quando rema ele se põe de pé. Vou contar a vocês em breve como é que ele arranjou um remo.

Muito antes da abertura dos portões ele já toma o caminho da ilha, em silêncio, porque as pessoas não podem vê-lo (já que ele não é de todo humano), mas sempre lhe sobram horas para brincar, e ele brinca como brincam todas as crianças. Pelo menos é o que ele pensa, e uma das coisas mais patéticas a respeito dele é o fato de que brinca errado.

Vejam, não havia ninguém para lhe dizer como é que as crianças realmente brincam, porque as fadas ficavam mais ou menos escondidas até o crepúsculo e portanto não sabiam nada; os pássaros afirmavam conhecer muitas brincadeiras, mas quando foram falar delas a Peter se viu que não sabiam de praticamente coisa nenhuma. Eles lhe explicaram o funcionamento real do esconde-esconde, e ele muitas vezes brinca de esconde-esconde sozinho; mas nem mesmo os patos do Laguinho Redondo conseguiram lhe dizer o que é que torna o laguinho tão fascinante para meninos. Todas as noites os patos se esquecem dos acontecimentos do dia, menos do número de pedaços de bolo que lhes atiraram. São criaturas melancólicas, e dizem que o bolo já não é mais a delícia que foi nos velhos tempos.

De modo que Peter teve de descobrir várias coisas por conta própria. Ele muitas vezes lançava navios no Laguinho Redondo, mas o navio era apenas uma argola que ele encontrara na grama. Ele nunca tinha visto uma argola, é claro, e não sabia como era possível brincar com argolas, e decidiu que se brincava fingindo que elas eram barcos. A argola afundava imediatamente, sempre, mas ele entrava um pouco na água para resgatá-la, e às vezes a arrastava jovialmente pela beira da água, dando voltas no laguinho, e sentia muito orgulho por ter descoberto o que os meninos faziam com esse brinquedo.

Em outra ocasião, quando encontrou um balde de criança, achou que a função do objeto era servir de assento, e sentou-se dentro dele com tanta convicção que depois teve dificuldade para se libertar. Também encontrou um balão. O balão estava pulando para lá e para cá na Rampa, como se estivesse brincando sozinho, e Peter o pegou depois de uma perseguição emocionante. Mas pensou que se tratava de uma bola, e Jenny Carriça lhe dissera que meninos chutam bolas, e Peter chutou o balão; depois do chute, não conseguiu mais encontrá-lo em nenhum lugar.

O objeto mais surpreendente que Peter encontrou foi, talvez, um carrinho de bebê. Estava embaixo de uma tília, perto da entrada do Palácio de Inverno da rainha das Fadas (que está situado dentro do círculo dos sete castanheiros espanhóis), e Peter se aproximou com cuidado, porque os pássaros nunca tinham dito nada a respeito de tais objetos. Temendo que estivesse vivo, Peter lhe dirigiu a palavra educadamente, e então, visto que não houve resposta, chegou ainda mais perto e o tocou com a ponta dos dedos. Em seguida o empurrou, e o carrinho se afastou dele, o que lhe provou que a coisa estava mesmo viva e que, tendo se afastado, não se sentira ameaçada. Então Peter esticou o braço para puxar a coisa até ele, mas dessa vez ela avançou com firmeza em sua direção, e ele ficou tão assustado que pulou a grade e disparou correndo até seu barco. Não pensem, contudo, que Peter fosse um covarde, pois ele voltou na noite seguinte, com uma casca de pão numa mão e um galho na outra, mas o carrinho desaparecera, e ele nunca mais viu nenhum outro. E eu prometi falar sobre o remo. Era uma pazinha de criança que Peter encontrara perto do Poço de St. Govor, e para ele era um remo.

Você sente pena de Peter Pan, por causa de todos esses enganos? Se sente, é tolice sua. O que estou dizendo é que não há como não sentir pena dele vez por outra, é claro, mas ter pena dele o tempo inteiro seria uma impertinência. Ele achava que tinha experiências esplêndidas e inesgotáveis no Gardens, e achar é quase tão bom quanto realmente ter. Peter brincava sem parar, enquanto que você perde tempo fazendo papel de cachorro louco ou de Mary Ann. Ele não podia fazer esses papéis, pois nunca tinha ouvido falar deles; você acha que isso seria motivo para nos compadecermos dele?

Ah, ele era feliz. Ele era muito mais feliz do que você, por exemplo, assim como você é mais feliz do que o seu pai. Às vezes ele caía no chão, como um pião que parou de rodar, de pura felicidade. Você decerto já viu um galgo pulando as cercas do Gardens. É assim que Peter as pula.

E pense na flauta melodiosa. Certos cavalheiros que vão para casa a pé, de noite, escrevem aos jornais, informando que ouviram um rouxinol no Gardens, mas o que eles ouvem é a flauta de Peter, na

verdade. Bem, é claro, ele não tinha mãe... mas que diferença lhe faria ter uma mãe? Você pode se compadecer dele por isso, mas não se compadeça muito, porque a próxima coisa que eu quero contar é a história de como ele a reencontrou. Ele reencontrou a mãe graças às fadas.

CAPÍTULO IV

PORTÕES FECHADOS

É muito difícil saber coisas sobre as fadas, e praticamente a única coisa que se pode saber ao certo é que existem fadas onde existem crianças. Num passado distante, o acesso das crianças ao parque era proibido; certo dia, a proibição terminou, e na mesma noite o parque foi tomado por uma horda de fadas. Seguir as crianças é algo irresistível para elas, mas você raramente as vê, em parte porque durante o dia se escondem atrás de cercas que você não pode atravessar e em parte, também, porque são astutas demais. Não são nem um pouco astutas depois do Fechamento dos Portões, mas durante o dia... ponho minha mão no fogo!

Quando você era um pássaro, você conhecia as fadas muito bem, e na primeira infância você tinha muitas memórias a respeito delas; é uma pena que não seja possível escrever e fazer anotações nessa fase da vida, porque o esquecimento vai apagando tudo, e eu já ouvi crianças declarando que jamais viram uma fada. É comum que uma criança diga isso ao mesmo tempo em que olha para uma fada, em pleno Kensington Gardens. Isso acontece porque a fada finge ser outra coisa, num de seus melhores truques. Elas geralmente fingem que são flores, porque a corte costuma se reunir no Vale das Fadas, e as flores abundam no Vale e em toda a Alameda dos Bebês, de modo que uma flor seria a última coisa a chamar atenção. Elas se vestem exatamente como flores e se adaptam às estações, usando branco em época de lírios e azul quando é tempo de campânulas, e assim por diante. Gostam acima de tudo das florações de croco e jacinto, porque apreciam cores vistosas, mas consideram espalhafatosas as tulipas (exceto as brancas, que são seus berços), e às vezes se negam a usar tulipa por vários dias, de modo que o melhor período para se ver uma fada é o início da floração das tulipas.

Quando acham que você não está olhando, saem saltitando com muita vivacidade; se você olhar, porém, e elas sentirem que não há tempo para se esconder, elas se imobilizam e fingem que são flores. Depois, quando você já passou, sem se dar conta de que eram fadas, elas correm para casa e contam para as mães que tiveram uma aventura e tanto. O Vale das Fadas, do qual falei há pouco, é todo coberto de hera (com a qual elas produzem seu óleo de rícino), com flores crescendo aqui e ali. A maioria delas são flores de verdade, mas algumas são fadas. Não há como ter certeza nunca, mas uma tática interessante é passar pelo vale caminhando, olhando para o outro

lado, e então virar a cabeça abruptamente. Outro plano eficiente, que David e eu colocamos em prática de vez em quando, é encará-las sem parar, sem desviar o olhar. Depois de um longo tempo elas não aguentam mais e piscam, e aí você tem certeza de que são fadas.

Também há inúmeras fadas ao longo da Alameda dos Bebês, que é um famoso “local nobre”, como se costuma dizer dos lugares frequentados por elas. Houve uma vez em que 24 fadas tiveram uma aventura extraordinária. Era um passeio escolar; a professora acompanhava as meninas, e todas estavam usando vestidos de jacinto. De súbito a professora colocou o dedo sobre os lábios, e todas se imobilizaram em cima de um canteiro vazio e fingiram ser jacintos. O que a professora ouvira, infelizmente, eram dois jardineiros que vinham plantar flores novas naquele exato canteiro. Vinham trazendo um carrinho de mão cheio de flores, e ficaram um tanto surpresos em ver o canteiro ocupado.

– Que pena arrancar esses jacintos – disse um dos homens.

– Ordens do duque – retrucou o outro.

Tendo esvaziado o carrinho, os homens desenraizaram com suas pás todo o internato e depositaram as pobres e aterrorizadas criaturas dentro dele, em cinco fileiras. É claro que nem a professora e nem as meninas ousaram revelar que eram fadas, e assim foram transportadas para bem longe, até uma estufa, da qual escaparam durante a noite, deixando os sapatos para trás; houve um grande clamor entre os pais, e a reputação da escola foi arruinada.

Quanto às casas das fadas, de nada adianta procurar por elas, porque são o oposto total das casas às quais estamos habituados. As nossas casas podem ser vistas durante o dia, mas não são vistas de noite. Bem, as casas das fadas podem ser vistas no escuro, mas não podem ser vistas durante o dia, pois elas têm a cor da noite, e eu nunca ouvi falar de alguém que seja capaz de ver noite em meio ao dia. Isso não quer dizer que elas sejam negras, porque a noite tem suas cores como o dia tem as dele, mas as cores noturnas são mil vezes mais brilhantes. Os azuis e vermelhos e verdes são como os nossos, mas brilham com uma luminosidade intrínseca. O palácio é constituído inteiramente de vidros multicolores, e é a mais adorável das residências imperiais, mas a rainha às vezes reclama, porque pessoas comuns espiam para dentro, para ver o que ela está fazendo. Essas pessoas são muito inquisitivas, e se espremem com força contra as paredes de vidro, e é por isso que seus narizes são tão empinados. As ruas são quilométricas e muito sinuosas, e as trilhas que saem delas são demarcadas com um fio de lã brilhante. Os pássaros costumavam roubar a lã para construir ninhos, mas um policial foi designado para segurar a ponta do fio.

Uma das grandes diferenças entre as fadas e os humanos é que

elas nunca fazem nada de útil. Quando o primeiro bebê deu sua primeira risada, seu riso se espatifou em um milhão de pedaços, e esses pedaços saíram saltitando em todas as direções. Foi assim que surgiram as fadas. Elas parecem estar sempre tremendamente atarefadas, como se não pudessem perder nem um minuto, mas se você perguntasse a elas o que é que estão fazendo, não teriam a menor condição de responder. São terrivelmente ignorantes, e tudo o que fazem, fazem em faz de conta. Elas têm um carteiro, mas ele só aparece no Natal, com um presentinho; embora tenham lindas escolas, nada é ensinado nelas: a criança mais jovem, por ser a pessoa mais importante, é sempre escolhida como professora, e quando ela termina de fazer a chamada todos saem para um passeio e nunca mais voltam. É algo notável: nas famílias das fadas, o filho mais jovem é sempre o filho mais importante, e geralmente se torna príncipe ou princesa. As crianças se lembram disso, e acham que também deveria ser assim entre os humanos, e é por isso que elas muitas vezes se inquietam quando veem suas mães colocarem, furtivamente, babados novos no berço de vime.

Você provavelmente já observou que a sua irmãzinha quer fazer um monte de coisas que não são do agrado da sua mãe e da babá: ficar de pé quando é hora de sentar, por exemplo, ou acordar quando deveria dormir, ou se arrastar no chão quando está usando seu melhor vestidinho, e assim por diante, e talvez você pense que tudo isso é travessura. Mas não é; ela simplesmente está fazendo aquilo que um dia viu as fadas fazerem; ela começa agindo como fada, e se passam uns dois anos até que ela adquira os costumes humanos. Seus acessos de raiva, que são horríveis de se presenciar, e que costumam ser chamados de “botar as garras para fora”, não são nada disso; são decorrência de sua natural exasperação, porque ninguém a entende, embora ela esteja utilizando uma linguagem inteligível. Ela está falando a linguagem das fadas. As mães e as babás compreendem antes e melhor do que os outros as afirmações dos bebês: sabem que “Qui” significa “Quero isso agora”, e que “Pu” quer dizer “Por que você está usando esse chapéu engraçado?”; isso ocorre porque, convivendo tanto com bebês, elas acabam captando um pouco da linguagem das fadas.

Ultimamente David tem se esforçado muito para lembrar alguma coisa da linguagem das fadas, com as mãos esmagando as têmporas, e conseguiu se lembrar de uma porção de frases que contarei a vocês um dia desses, se eu não esquecer. Ele as ouviu nos dias em que era um tordo, e quando argumentei que aquilo podia ser linguagem de pássaro ele disse que não, não podia ser, porque as frases falavam de diversão e aventuras, e os pássaros só sabem falar de construção de ninhos. Ele lembra claramente que os pássaros costumavam voar de

um ponto a outro, como damas que passam por vitrines de lojas, e que analisavam diversos ninhos e diziam “Nessa cor não, meu amor”, ou “Como esse aqui ficaria com um forro discreto?”, ou “Será que vai durar?”, ou “Que enfeite horrórico!”, e assim por diante.

As fadas são refinadas dançarinas, e é por isso que a primeira coisa que um bebê faz é demonstrar com gestos que quer ver uma apresentação de dança, e quando começamos a dançar ele rompe em choro. As fadas promovem seus grandiosos bailes ao ar livre, num terreno que é chamado de “arena de fadas”. O círculo ainda pode ser visto na grama semanas depois. A arena não está lá quando elas começam a dançar; elas valsam e dão mil voltas e o círculo aparece no chão. Às vezes você vê cogumelos dentro da arena: são cadeiras que os criados das fadas se esqueceram de recolher. As cadeiras e as arenas são os únicos vestígios delatores que essas pequenas criaturas deixam para trás, e elas removeriam até mesmo esses vestígios, não fosse o fato de que são fanáticas por dança: valsam até o momento em que os portões começam a ser abertos. David e eu encontramos certa vez uma arena que ainda estava quente.

Existe uma maneira de descobrir com antecedência que as fadas farão um baile. Você conhece bem as placas que indicam o horário de fechamento do Gardens para o dia. Bem, as ardilosas fadas às vezes alteram os dizeres da placa dissimuladamente, em noite de baile, de modo que ela informe que o Gardens vai fechar às seis e meia, por exemplo, e não às sete. Isso lhes permite começar o baile meia hora mais cedo.

Se pudéssemos permanecer dentro do Gardens numa dessas noites, como fez a famosa Maimie Mannering, veríamos cenas deliciosas: centenas de lindas fadas apertando o passo para chegar ao baile, as casadas usando suas alianças em torno da cintura, os cavalheiros, todos de uniforme, segurando as caudas dos vestidos das damas, e carregadores de tocha correndo na frente, carregando cálices de alquequenje, que são as lanternas das fadas, e o vestiário em que todos deixam suas chinelas de prata e recebem um tíquete numerado por seus casacos, e as flores que se deslocam da Alameda dos Bebês para contemplar o espetáculo e que são sempre bem-vindas porque fornecem broches, e a mesa de jantar, presidida pela rainha Mab, e atrás dela o lorde Camareiro, que carrega consigo um dente-de-leão, para soprá-lo quando Sua Majestade quer saber que horas são.

A toalha de mesa varia de acordo com a estação, e em maio ela é feita de flores de castanheira. Os criados-fada procedem assim: os homens, dezenas deles, sobem nas árvores e chacoalham os galhos, e a floração cai como neve; depois as criadas recolhem as flores e as espanam com suas saias até que formem uma toalha de mesa; e é assim que as pequenas criaturas obtêm suas toalhas de mesa.

As fadas têm taças de verdade e três tipos de vinhos de verdade, quais sejam, vinho de abrunheiro, vinho de uva-espim e vinho de primula, e é a rainha quem serve a bebida, mas as garrafas são tão pesadas que ela apenas finge que serve. Há pão com manteiga para a entrada, em pedacinhos do tamanho de uma moeda minúscula; e há bolos para a sobremesa, tão pequenos que não têm miolo. As fadas se sentam em cogumelos em volta da mesa, e no começo se comportam muito bem, tosse para fora da mesa e assim por diante, mas depois de um tempo já não se comportam tão bem e enfiam os dedos na manteiga, que é produzida com raízes de árvores velhas, e as fadas realmente horríveis saem engatinhando em cima da toalha de mesa, em busca de açúcar e de outras guloseimas, passando a língua por tudo. Quando a Rainha vê o que elas estão fazendo, ordena aos criados que recolham os pratos e limpem a mesa, e então todos se levantam e se encaminham para a dança, a Rainha caminhando na frente e o Lorde Camareiro caminhando atrás dela e carregando duas pequenas jarras, uma delas contendo suco de goivo e a outra contendo suco de selo-de-salomão. O suco de goivo é bom para reavivar dançarinos que desabaram no chão num espasmo, e o suco de selo-de-salomão é para machucados. As fadas se machucam com muita facilidade; e quando Peter toca, cada vez mais rápido, elas dançam alucinadamente até que desabam no chão, convulsas. Nem preciso dizer a vocês que Peter é a orquestra das fadas. Ele se senta no meio da arena e toca; hoje em dia elas nem imaginam como seria ter uma boa dança sem ele. “P. P.” vai sempre escrito num canto dos cartões de convite para as festas das melhores famílias. As fadas são criaturinhas muito generosas e agradecidas, e no baile de debutante da princesa (elas debutam no segundo aniversário, e fazem aniversário todos os meses) ofereceram a Peter, de presente, qualquer coisa que ele quisesse.

Peter ganhou o presente assim: a Rainha ordenou a ele que se ajoelhasse e disse que, por ter tocado tão maravilhosamente, concederia ao músico a realização do desejo mais secreto de seu coração. Todos se juntaram em torno de Peter para saber qual era o desejo secreto, mas ele hesitou por um longo tempo, pois não sabia ao certo o que desejava em seu coração.

– Se eu quiser voltar para a minha mãe – ele perguntou, por fim –, a senhora me concederia esse desejo?

Bem, essa questão deixou todos sem jeito, pois se ele voltasse para sua mãe eles perderiam a música maravilhosa, então a Rainha torceu o nariz, com desdém, e disse:

– Puxa, nada disso, você pode escolher um desejo muito maior.

– Esse desejo é meio pequeno? – ele quis saber.

– Desse tamanho aqui – a Rainha respondeu, colocando as mãos

muito perto uma da outra.

– Um desejo grande seria de que tamanho? – ele perguntou.

Ela fez a medida em sua saia, e o comprimento era fantástico.

Então Peter refletiu e disse:

– Bem, então acho que vou querer dois desejos pequenos, em vez de um grande.

As fadas se viram obrigadas a concordar, é claro, embora tenham ficado chocadas com a esperteza do menino. Peter disse que seu primeiro desejo era ir visitar sua mãe, mas com o direito de retornar ao Gardens caso ficasse desapontado com ela. O segundo desejo ele manteria em segredo por enquanto.

Tentaram dissuadi-lo, tentaram colocar obstáculos em seu caminho.

– Posso lhe conceder o poder de voar até a casa dela – a Rainha disse –, mas não posso abrir a porta para você.

– A janela pela qual eu voei embora estará aberta – Peter disse, confiante. – Minha mãe a mantém sempre aberta, na esperança de que eu volte voando.

– Como você pode saber? – todos perguntaram, e Peter, de fato, não soube explicar.

– Eu simplesmente sei – falou.

Como ele insistisse em seu desejo, as fadas tiveram de ceder. Deram-lhe o poder de voar assim: todas fizeram cócegas em seus ombros, e em seguida ele começou a sentir um formigamento nos ombros e de repente subiu no ar, alto e mais alto, e se afastou do Gardens e voou sobre os telhados das casas.

Aquilo era tão delicioso que em vez de voar em linha reta ele circulou sobre a Catedral de St. Paul e sobre o Crystal Palace e depois voltou pelo rio e sobrevoou o Regent's Park, e quando chegou à janela de sua mãe já tinha quase certeza de que seu segundo desejo seria se transformar em pássaro.

A janela estava escancarada, bem como ele previu, e ele voou para dentro e lá estava sua mãe, deitada, dormindo. Peter pousou com suavidade, na balaustrada de madeira ao pé da cama, e olhou para ela com atenção. Ela tinha a cabeça sobre uma mão, e a cavidade do travesseiro era como um ninho forrado de cabelo castanho encaracolado.

Ele se lembrou, embora tivesse esquecido por muito tempo, de que ela sempre dava uma folga a seus cabelos durante a noite. Como eram belos os babados de sua camisola! Peter ficou muito feliz por ter uma mãe tão bonita.

Mas ela parecia triste, e seu filho sabia muito bem por que é que ela parecia triste. Um dos braços dela estava se mexendo, como se quisesse abraçar algo, e ele sabia o que era esse algo.

– Ah, mamãe – Peter disse consigo –, se você soubesse quem está sentado na balaustrada ao pé da cama...

Peter deu tapinhas suaves na pequena elevação que os pés dela formavam e pôde ver, pela expressão de seu rosto, que ela gostou. Ele sabia que só precisaria dizer “Mamãe”, em voz bem baixa, para que ela acordasse. Elas sempre acordam quando é você quem as chama. E então ela soltaria um imenso grito de alegria e o apertaria com força nos braços. Como seria agradável para ele! Ah, mas como seria extraordinariamente delicioso para ela! É assim, eu temo, que Peter encarava a situação. Retornando para sua mãe, ele não tinha nenhuma dúvida de que estava lhe dando o maior presente que uma mulher pode receber. Nada pode ser mais esplêndido, ele pensava, do que ter um menininho só seu. Elas são tão orgulhosas de seus filhos; e muito corretas e justas também.

Mas por que Peter fica sentado na balaustrada por tanto tempo, por que não diz à mãe que está de volta?

A verdade me amedronta um pouco. É que ele estava sentado ali refletindo, e duas mentes pensavam ao mesmo tempo em sua cabeça. Às vezes ele olhava com ânsia para a mãe, às vezes olhava com ânsia para a janela. Sem dúvida seria ótimo ser o menino dela outra vez, mas, por outro lado, que dias de pura diversão foram aqueles no Gardens! Será que ele gostaria de usar roupas de novo? Peter pulou da cama e abriu algumas gavetas, para dar uma olhada em suas roupinhas antigas. Ainda estavam todas lá, mas ele não sabia mais vesti-las. As meias, por exemplo, você as coloca nas mãos ou nos pés? Ele estava prestes a enfiar a mão numa meia quando teve uma grande aventura. Talvez a gaveta tenha rangido; de qualquer maneira, sua mãe despertara, pois ele a ouviu dizer “Peter”, como se fosse a palavra mais linda do mundo. Ele ficou imóvel, sentado no chão, segurando a respiração, tentando entender como é que ela sabia que ele voltara. Se ela dissesse “Peter” de novo, ele prontamente gritaria “Mamãe!” e correria até ela. Mas ela não falou mais nada, apenas gemeu um pouco, e quando Peter a espiou de novo ela já estava dormindo de novo, com lágrimas nos olhos.

Peter ficou inconsolável, e o que vocês acham que ele fez a seguir? Sentado na balaustrada ao pé da cama, tocou uma bela canção de ninar com sua flauta. Ele criou a canção na hora, inspirando-se na entonação com que sua mãe dissera “Peter”, e não parou de tocar até que o rosto dela se mostrasse alegre outra vez.

Ele se contentou tanto com a própria astúcia que era quase irresistível acordá-la, para que ela pudesse dizer: “Ah, Peter, como você toca bem”. Entretanto, ela parecia estar muito confortável agora, e de novo ele lançou olhares para a janela. Não pensem que ele quis sair voando para nunca mais voltar. Peter estava bastante convicto de

que voltaria a ser o menininho de sua mãe, mas hesitava em começar já nesta noite. O segundo desejo o perturbava. Ele já não queria desejar ser um pássaro, mas não solicitar a realização de um segundo desejo lhe parecia ser um desperdício, e, é claro, ele não poderia fazer a solicitação se não retornasse ao Gardens. E não seria nada bom protelar a solicitação por muito tempo. E não tinha sido rude de sua parte ir embora para sempre sem dar adeus a Solomon?

– Seria tão incrível se eu pudesse velejar no meu barco só mais uma vez... – ele disse, tristonho, para a mãe adormecida.

Começou a argumentar com sua mãe, como se ela pudesse ouvi-lo.

– Seria esplêndido falar aos pássaros sobre esta aventura – disse, persuasivo. – Prometo que vou voltar – acrescentou, acreditando firmemente em sua promessa.

E no fim, vejam, Peter voou embora. Por duas vezes voltou e entrou no quarto, com a intenção de dar um beijo em sua mãe, mas temeu que o deleite do beijo a despertasse, e afinal tocou um adorável beijo para ela em sua flauta, e então se foi para o Gardens.

Muitas noites e muitos meses se passaram antes que ele fizesse seu segundo pedido às fadas; e não sei muito bem por que é que ele esperou tanto. Uma das razões era que ele precisava fazer muitas e muitas despedidas, precisava dizer adeus não apenas para seus amigos íntimos, mas também para cem lugares favoritos. Então velejou pela última vez, e depois velejou pela última das últimas vezes, e depois velejou pela última de todas as vezes, e assim por diante. E inúmeras festas de despedida foram celebradas em sua homenagem; e uma outra razão pertinente era a de que não havia pressa alguma, ora, pois sua mãe jamais se cansaria de esperar pelo filho. Essa última razão desagradou o velho Solomon, porque era um incentivo à procrastinação no envio dos pássaros. Solomon tinha lemas excelentes para mantê-los trabalhando, tais como “Não deixe de fazer o forro hoje pensando que pode fazê-lo amanhã” ou “Neste mundo não existe uma segunda chance”, e no entanto ali estava Peter, sem pressa nenhuma e sem se importar. Os pássaros o observavam e faziam comentários entre si, e se entregavam a hábitos preguiçosos.

Mas vejam bem: por mais que Peter se demorasse, ele estava totalmente decidido a voltar para sua mãe. A maior prova disso era a sua cautela em relação às fadas. Elas torciam, angustiadas, para que Peter permanecesse no parque; não queriam ficar sem a música do menino. Tentavam lhe incutir pensamentos desviantes, lançavam mão de truques para que ele dissesse “Eu queria que a grama não estivesse tão molhada”, e algumas delas dançavam em descompasso para que ele exclamasse “Seria bom se vocês dançassem direito!” Então elas diziam que ele acabara de fazer seu segundo pedido. Mas Peter

desvendou o estratagema; havia ocasiões em que ele começava a dizer “Eu queria que...”, mas sempre parava a tempo. Assim, quando por fim ele anunciou com bravura “Eu quero voltar para a minha mãe e não voltar nunca mais”, as fadas tiveram de fazer cócegas em seus ombros e não puderam impedir sua partida.

Ele voou em grande velocidade, pois tinha sonhado que sua mãe estava chorando, e estava ciente da grave motivação do choro, e sabia que um esplêndido abraço de Peter a faria sorrir imediatamente. Ah, ele tinha certeza, e estava tão ansioso para se aconchegar nos braços dela que dessa vez voou em linha reta até a janela, que estaria permanentemente aberta para ele.

Mas a janela estava fechada, e barras de ferro a vedavam. Espiando para dentro, Peter viu sua mãe dormindo pacificamente, abraçando um outro menininho.

Peter gritou:

– Mamãe! Mamãe!

Mas ela não ouviu. Ele golpeou as barras de ferro com seus pequenos braços, em vão. Foi obrigado a voltar para o Gardens, soluçando, e nunca mais viu sua querida. Peter teria sido um filho inigualável. Ah, Peter! Nós, nós que cometemos um grande erro, como faríamos tudo diferente se tivéssemos uma segunda chance! Mas Solomon estava certo: não existe segunda chance para nós, não para a maioria. Quando chegamos à janela, os portões estão fechados. As barras de ferro vedarão a entrada para sempre.

CAPÍTULO V

A PEQUENA CASA

Todo mundo já ouviu falar da Pequena Casa do Kensington Gardens, que é a única casa no mundo inteiro que as fadas construíram para humanos. Mas ninguém a viu de fato, exceto umas três ou quatro pessoas, e elas não apenas a viram como dormiram nela, e se você não dormir nela você não a vê. É porque ela não está lá quando você se deita para dormir, mas está lá quando você acorda e sai.

Todo mundo pode vê-la, de certo modo, mas o que você vê não é a casa, você vê apenas a luz nas janelas. Você pode ver a luz depois do Fechamento dos Portões. David, por exemplo, viu a luz nitidamente na distância, entre as árvores, num dia em que voltávamos do espetáculo de pantomima, e Oliver Bailey a viu na noite em que ficou até mais tarde no Templo, que é o nome do escritório de seu pai. Angela Clare, que adora ter dentes extraídos, porque depois ganha um belo chá numa confeitaria, viu mais de uma luz, viu centenas ao mesmo tempo, e certamente eram as fadas construindo a casa, pois elas a constroem todas as noites, e sempre em pontos diferentes do Gardens. Angela achou que uma das luzes era maior do que as outras, mas não teve certeza, porque elas ficavam pulando para lá e para cá, e pode ser que ela não tenha de fato visto a maior de todas. Se viu mesmo a maior de todas, no entanto, então viu a luz de Peter Pan. Milhões de crianças já viram essa luz, não é nada de mais. Mas Maimie Mannering foi a mais célebre de todas: foi para ela que construíram a casa pela primeira vez.

Maimie era uma menina bem estranha na maior parte do tempo, principalmente à noite. Tinha quatro anos de idade, e durante o dia era uma criança comum. Ficou muito satisfeita quando seu irmão Tony, um magnífico rapaz de seis, começou a prestar atenção nela; olhava para ele com respeito, tentava em vão imitá-lo e ficava antes lisonjeada do que aborrecida quando o irmão a expulsava das brincadeiras. Quando era sua vez de rebater, ela às vezes baixava o taco, com a bola ainda no ar, só para mostrar a todos que estava usando sapatos novos. Enfim, era uma menina bem comum durante o dia.

Porém, assim que assomavam as sombras da noite, Tony, o

fanfarrão, esquecia seu desprezo por Maimie e passava a encará-la com pavor, e não era de se estranhar, pois, com a escuridão, surgia no rosto dela um olhar que só posso descrever como um olhar cismado. Era também um olhar sereno, que contrastava por completo com os olhares inquietos de Tony. Ele a presenteava com seus brinquedos favoritos (e os tomava de volta no dia seguinte, sempre), e ela os aceitava com um sorriso perturbador. O fato de que ele ficava tão lisonjeador e de que ela se tornava tão misteriosa tinha a ver (em resumo) com a aproximação da hora de ir para a cama. Era nessa hora que Maimie se mostrava mais terrível. Tony implorava a ela que não fizesse nada naquela noite, e a mãe e a aia faziam ameaças, mas Maimie meramente sorria seu temível sorriso. E o tempo passava, e os irmãos ficavam sozinhos com suas luzes de cabeceira, e ela se erguia na cama e exclamava:

– Psss! O que foi isso?

Tony suplicava:

– Não foi nada... Não, Maimie, pare! – e puxava a coberta por sobre a cabeça.

– Está chegando cada vez mais perto! – ela gritava. – Aaah, veja ela, Tony! Está tocando a sua cama com os chifres... Está rasgando a coberta e vai pegar você, Tony, aaah!

Ela só parava quando Tony descia as escadas correndo, em seu pijama curto, berrando. Quanto todos entravam no quarto, dispostos a dar umas chineladas em Maimie, ela em geral já estava dormindo, tranquila – e não estava trapaceando, estava dormindo mesmo, como o anjinho mais lindo do mundo, o que, a meu ver, chegava a ser mais sinistro do que todo o resto.

Mas era durante o dia, é claro, que eles frequentavam o Gardens, e então era Tony quem falava na maior parte do tempo. Era possível concluir, a partir de sua conversa, que ele era um menino muito valente, e ninguém tinha tanto orgulho dele quanto Maimie. Ela adoraria ter um distintivo preso ao peito, informando que era irmã de Tony. E a admiração chegava ao ápice quando ele dizia, pela milésima vez, com esplêndida convicção, que pretendia permanecer dentro do Gardens numa noite qualquer, depois que os portões fossem fechados.

– Tony! – ela dizia, cheia de respeito. – Mas as fadas vão ficar furiosas!

– Pouco me importa – retrucava Tony, despreocupado.

– Talvez – ela dizia, afogueada – você possa dar uma volta no barco de Peter Pan!

– Ele que se cuide, se não permitir – retrucava Tony.

Não é de espantar que ela sentisse tanto orgulho dele.

Mas eles não deviam falar tão alto, porque um dia foram ouvidos por uma fada que estava juntando folhas secas, com as quais as

criaturinhas fabricam suas cortinas de verão, e dali em diante Tony era um menino marcado. Afrouxavam as cercas quando ele estava prestes a se sentar nelas, de modo que ele caía para trás, de cabeça; puxavam seus cadarços e faziam-no tropeçar; subornavam os patos para que afundassem os barcos do menino. Praticamente todos os acidentes maçantes que você sofre no Gardens ocorrem por causa de alguma hostilidade das fadas em relação a você; portanto, é aconselhável que você tenha muito cuidado com o que diz sobre elas.

Maimie era uma menina do tipo que gosta de fixar datas para fazer coisas, mas Tony não era assim; quando ela queria saber qual seria o dia em que ele ficaria no Gardens depois do Fechamento dos Portões, ele respondia apenas:

– Num dia desses.

Tony era bastante vago em relação ao tal dia, a não ser quando Maimie perguntava:

– Vai ser hoje?

Nisso ele era preciso: não seria hoje. Maimie achava que o irmão estava esperando por uma oportunidade imperdível.

E assim chegamos a uma tarde em que o Gardens estava branco de tanta neve, e havia gelo no Laguinho Redondo; a camada não era grossa o suficiente para que se pudesse patinar, mas ao menos era possível jogar pedras e estragar a patinação do dia seguinte, e um animado grupo de meninos e meninas estava fazendo justamente isso.

Quando Tony e sua irmã chegaram ao parque, quiseram ir direto para o laguinho, mas a aia ressaltou que eles precisariam dar uma vigorosa caminhada antes, e dizendo isso ela conferiu a placa dos horários, para saber qual seria a hora de fechamento dos Gardens. A placa dizia “cinco e meia”. Pobre aia! Ela ri o tempo inteiro porque existem tantas crianças brancas no mundo, mas não teria muitos motivos para rir naquele dia.

Bem, eles subiram toda a Alameda dos Bebês e desceram de volta, e quando chegaram ao ponto de partida a aia ficou surpresa: segundo o que dizia agora a placa dos horários, o fechamento ocorreria às cinco horas. Mas ela desconhecia os truques das fadas, e portanto não entendeu (Maimie e Tony entenderam de imediato) que elas tinham alterado o horário porque haveria baile naquela noite. A aia falou que agora só restava tempo para caminhar até o alto da Rampa e voltar, e durante a caminhada não percebeu que os pequenos palpitavam de emoção. Ora, a oportunidade de presenciar um baile de fadas chegara. Tony sentiu que topara com uma oportunidade imperdível.

Ele só podia estar sentindo isso, porque Maimie sentia também, com muita intensidade. Ansiosa, ela perguntou com os olhos:

– É hoje?

Ele ficou sem ar e assinalou que sim, era hoje. Maimie agarrou a mão do irmão, e a dela estava quente, mas a dele estava fria. Ela fez uma coisa muito amável: tirou seu cachecol e o deu para ele!

– Para o caso de você sentir frio – sussurrou.

Maimie tinha o rosto radiante, mas a expressão de Tony era sombria.

Quando começaram a caminhar de volta, do alto da Rampa, Tony sussurrou para ela:

– Estou com medo de que a Babá me veja, acho que não vou conseguir.

Maimie o admirou mais do que nunca por ele sentir medo da aia e de mais nada, quando existiam tantos terrores temíveis, e disse em voz alta:

– Tony, vou correr com você até o portão.

E acrescentou, num sussurro:

– Aí você poderá se esconder.

E saíram correndo.

Tony costumava se distanciar de Maimie com facilidade, mas ela nunca o vira disparar numa velocidade tão espantosa, e teve certeza de que ele se apressava para ter mais tempo de se esconder.

– Que coragem! – seus olhos devotados exclamavam.

Foi então que ela sofreu um choque terrível: em vez de se esconder, seu herói correria para fora do portão! Diante dessa amarga visão, Maimie estancou o passo, sem saber o que fazer, como se lhe tivessem roubado suas joias mais preciosas. Cheia de desprezo, não chorou nem soluçou; em protesto contra todos os covardes e choramingões, correu até o poço de St. Govor e se escondeu, substituindo Tony.

Quando a aia chegou ao portão, viu Tony afastado, fora do parque, achou que a menina o acompanhava e seguiu em frente. O lusco-fusco desceu, dezenas e centenas de pessoas passaram pela saída, incluindo a última de todas, que sempre se vê obrigada a correr, mas Maimie não viu ninguém. Ela fechara os olhos com força, e os colara com lágrimas ardentes. Quando os abriu, uma coisa gelada subiu por suas pernas e por seus braços e penetrou seu coração. Era a quietude do Gardens. Então ouviu um estrondo metálico, e então um estrondo mais distante, e então uma sequência de estrondos longínquos. Era o Fechamento dos Portões.

Assim que o eco do último estrondo evanesceu, Maimie ouviu claramente uma voz que disse:

– Está tudo em ordem.

A voz tinha um timbre de madeira e parecia vir do alto, e Maimie olhou para cima e pôde ver um olmo esticando os braços e bocejando.

Ela estava prestes a dizer “Eu não sabia que você podia falar!”

quando uma voz metálica, que parecia vir do balde do poço, respondeu ao olmo:

– Deve estar meio frio aí em cima, não?

E o olmo retrucou:

– Não muito. O problema é parar numa perna só por tanto tempo, o sujeito fica todo dormite – e sacudiu os braços vigorosamente, como fazem os cocheiros antes de partir em viagem.

Maimie ficou um tanto admirada de ver que inúmeras outras árvores altas estavam repetindo o gesto; correu em silêncio até a Alameda dos Bebês e se agachou, atenta, sob um ílice de Minorca, que encolheu os ombros e não pareceu lhe dar atenção.

Ela não sentia nem um pouco de frio. Estava usando uma pelica castanho-avermelhada e cobrira a cabeça com seu capuz, de forma que só seus cachos e seu adorável rosto podiam ser vistos. O resto de sua aparência real estava escondido no fundo de tantas roupas que, no conjunto, ela parecia uma bola. Sua cintura tinha uns cem centímetros.

Havia uma certa algazarra na Alameda dos Bebês, e Maimie pôde ver uma magnólia e um lilás da Pérsia passando por cima da grade e saindo para uma caminhada jovial. Caminhavam aos trancos, certamente, mas era porque estavam usando muletas. Um sabugueiro coxeou pela alameda e se pôs a conversar com uns marmelos jovens, e todos estavam usando muletas. As muletas eram os sarrafos que são amarrados em árvores e arbustos infantis. Maimie já tinha visto esses sarrafos várias vezes, e só agora soube que eram na verdade muletas.

Ela olhou mais adiante na alameda e viu sua primeira fada. Era um menino-fada de rua, e estava correndo pela alameda, perseguindo salgueiros-chorões. Ele se aproximava, apertava uma saliência do tronco e os salgueiros se fechavam como guarda-chuvas, soltando uma avalanche de neve sobre as plantinhas que estivessem por perto.

– Puxa, mas que menino malcriado! – Maimie exclamou, indignada, pois sabia como era ruim quando um guarda-chuva espirrava água na sua cabeça.

O pilantra estava longe demais para ouvi-la, por sorte, mas os crisântemos a ouviram, e disseram ao mesmo tempo, enfáticos:

– Santa presunção, quem está aí?

E Maimie teve de se apresentar. Todo o reino vegetal ficou atônito, sem ação.

– Não é problema nosso, é claro – um evônimo disse, quando as árvores pararam de cochichar –, mas você sabe muito bem que não deveria estar aqui, e talvez seja nosso dever denunciar o caso às fadas; qual é a sua opinião?

– Eu não faria isso, se fosse vocês – Maimie respondeu.

As árvores ficaram ainda mais perplexas e disseram, com

petulância, que de nada adiantava conversar com a menina.

– Eu não pediria isso a vocês – ela assegurou – se achasse que é algo errado.

Diante disso elas desistiram da delação. E disseram:

– Pois muito bem! É a vida!

Elas sabem ser terrivelmente sarcásticas. Mas Maimie se compadeceu das árvores que não tinham muleta, e falou, bondosa:

– Antes de me dirigir ao baile das fadas, gostaria de passear um pouco com vocês, com uma de cada vez; vocês podem se apoiar em mim.

As árvores bateram palmas, e ela as escoltou por toda a Alameda dos Bebês, indo e voltando, levando uma de cada vez, segurando as mais frágeis com o braço ou com um dedo, firmando a perna de suas acompanhantes quando a cena ficava muito ridícula e tratando sem distinção as estrangeiras e as inglesas, embora não conseguisse entender uma palavra do que diziam as estrangeiras.

Elas se comportaram muito bem, de modo geral, mas algumas resmungaram, disseram que Maimie não as levara tão longe quanto levara Nancy ou Grace ou Dorothy, e outras a arranharam, mas de modo involuntário, e Maimie era senhora de si e jamais choraria. Aquele excesso de caminhada a deixara exausta, e ela não via a hora de ir para o baile, mas já não sentia medo. Não sentia mais medo porque chegara a noite, e no escuro, vocês lembram, Maimie era sempre um tanto estranha.

As árvores relutavam em deixá-la partir, porque:

– Se as fadas notarem a sua presença – elas advertiram –, você vai ser ludibriada, vai ser esfaqueada até a morte, ou será obrigada a ser babá dos filhos delas, ou será transformada em alguma coisa tediosa, num carvalho sempre-verde ou algo assim.

Tendo dito isso, olharam para um carvalho sempre-verde com afetada piedade: no inverno elas morrem de inveja das plantas sempre-verdes.

– Aaah! – o carvalho retrucou, mordaz. – É tão delicioso estar encasacado até o pescoço, enquanto vocês, pobres criaturas peladas, ficam aí tremendo de frio!

O comentário as deixou emburradas, mas bem que o mereceram; e elas expuseram a Maimie o cenário tenebroso e os mil perigos que enfrentaria se insistisse em ir ao baile.

Uma avelreira roxa contou a Maimie que a corte não passava por um bom momento; o deflagrador da tristeza generalizada era o atormentado coração do Duque de Margarida Natalina. Tratava-se de um cavalheiro de origem oriental que sofria de uma pavorosa enfermidade, a incapacidade de amar; ele já tentara se relacionar com diversas damas em diversos países, e não conseguira se apaixonar por

nenhuma delas. A Rainha Mab, que governa o Gardens, alimentara a certeza de que uma de suas donzelas acabaria por enfeitiçá-lo. Pobre duque; seu coração, dizia o médico, permanecia frio. Esse irritante doutor, médico particular do enfermo, auscultava o coração do duque a cada vez que uma dama lhe era apresentada, e sempre balançava sua cabeça calva e resmungava:

– Frio, muito frio!

Aquilo causava um enorme desânimo na Rainha Mab, naturalmente; ela ordenou à corte que vertesse lágrimas por nove minutos ininterruptos, sem obter resultado algum; depois, atribuiu a culpa aos Cupidos e decretou que eles usassem chapéus de burro até que conseguissem derreter o coração congelado do duque.

– Eu adoraria ver os Cupidos usando seus lindos chapéus de burro! – Maimie exclamou.

Ela saiu correndo, ardendo de vontade de ver os Cupidos; isso era um tanto temerário, porque os cupidos odeiam que achem graça deles.

É sempre muito fácil descobrir onde está sendo realizado um baile de fadas: fitas são estendidas entre o local da festa e todos os recantos populosos do Gardens, e os convidados vão caminhando por cima das fitas, e assim não molham as sapatilhas. Naquela noite as fitas eram vermelhas, e o contraste com a neve era muito bonito.

Maimie caminhou ao longo de uma das fitas por um tempo e não topou com ninguém, mas por fim viu um cortejo de fadas se aproximando. Para sua surpresa, elas pareciam estar retornando do baile, e no último segundo ela conseguiu se esconder: dobrou os joelhos e projetou os braços para a frente, fingindo ser uma cadeira de jardim. Seis cavaleiros vinham na frente e seis cavaleiros seguiam atrás; entre eles caminhava uma dama empertigada, metida num vestido longo cuja cauda era carregada por dois pajens, e na cauda se reclinava uma charmosa garota, como se estivesse num sofá, pois é assim que as fadas aristocráticas viajam. A garota estava vestida com chuva dourada, mas o mais invejável nela era o pescoço, que tinha uma coloração azulada e uma textura de veludo, e que exibia, é claro, um colar de diamantes, com um esplendor que jamais será visto num pescoço humano. As fadas de linhagem nobre obtêm esse admirável efeito espetando a si mesmas: o sangue azul afluí e tinge a pele, e é impossível pensar em algo mais deslumbrante, a não ser que você já tenha visto um busto de veludo numa vitrine de joalheria.

Maimie também notou que todos os integrantes do cortejo tinham semblantes furiosos, e que empinavam muito o nariz, mais alto do que seria recomendável, até mesmo para fadas, e concluiu que devia ser um dos casos em que o médico dissera:

– Frio, muito frio!

Bem, ela seguiu caminho até um lugar em que a fita se tornava

uma ponte, sobre uma poça seca. Uma fada caíra na poça e não conseguia sair. Num primeiro momento a pequena donzela teve medo de Maimie, que se prontificou a ajudá-la com a maior gentileza; dentro de pouco tempo, porém, a fada já estava sentada na mão da menina, conversando alegremente, contando que seu nome era Brownie e que, embora não passasse de uma pobre cantora de rua, estava se dirigindo para o baile, para tentar conquistar o coração do duque.

– Mas eu sou apenas uma fada comum, é claro – ela disse.

Maimie ficou sem jeito, pois, de fato, a pobre fadinha era uma criatura absolutamente sem graça.

Era difícil saber o que dizer.

– Eu sei, você acha que não tenho chance – Brownie falou, com a voz falhando.

– Eu não diria isso – a menina respondeu, educada. – O seu rosto é um pouco corriqueiro, bem pouquinho, é claro, mas...

Aquilo era embaraçoso para Maimie, de fato. Mas ela se lembrou, por sorte, de seu pai e da feira beneficente. Ele visitara uma feira popular na qual, ao custo de meia coroa no segundo dia, podiam ser vistas as mais belas damas de Londres, mas ao chegar em casa, em vez de ficar insatisfeito com a mãe de Maimie, ele dissera:

– Você não imagina, minha querida, o alívio que é poder ver um rosto corriqueiro de novo.

Maimie repetiu essa história, e Brownie se revigorou tremendamente, e até mesmo já não tinha a menor dúvida de que o duque a escolheria. E saiu correndo em velocidade máxima pela fita, gritando para Maimie que seria uma temeridade ir atrás dela, porque a Rainha seria inclemente.

Mas a curiosidade de Maimie a impeliu, e ela logo avistou os sete castanheiros espanhóis e viu uma luz magnífica. Agachada, avançou até chegar bem perto dela, e se posicionou atrás de uma árvore e espiou.

A luz ficaria na altura da sua cabeça, se você se parasse ao lado, e era composta por uma miríade de vaga-lumes que se abraçavam, formando assim um dossel deslumbrante sobre a arena das fadas. Havia milhares de pequenos seres observando o espetáculo, mas estavam nas sombras, apagados, incolores se comparados às gloriosas criaturas que se encontravam dentro do círculo luminoso e que cintilavam de modo atordoante, tanto que Maimie tinha de fechar os olhos com força a cada vez que olhava para elas.

Era assombroso e até mesmo irritante, para ela, que o Duque de Margarida Natalina fosse capaz de não estar apaixonado por um segundo sequer; desapaixonado, no entanto, ainda estava o majestoso coração soturno: isso era visível nos semblantes envergonhados da

Rainha e dos cortesãos (embora fingissem não se importar), nas lágrimas abundantes das lindas damas que eram apresentadas ao duque e em seguida descartadas, e no rosto lúgubre do próprio duque.

Maimie também podia ver o pomposo doutor apalmando o coração do paciente e o ouvia proferindo sua frase de papagaio, e sentia profunda pena dos Cupidos, que se ocultavam em cantos obscuros com seus chapéus de burro e, a cada vez que ouviam aquele “Frio, muito frio”, baixavam suas desgraçadas cabecinhas.

Ela estava desapontada por não ver Peter Pan, e eu posso muito bem contar a vocês por que é que ele estava tão atrasado naquela noite. É que seu barco se encravarara em blocos flutuantes de gelo no Serpentina, e ele teve de abrir caminho à força, golpeando o gelo com seu fiel remo.

As fadas ainda nem tinham dado pela falta de Peter, pois não tinham condições de dançar, tão pesados estavam seus corações. Elas esquecem todos os passos quando estão tristes e os relembram quando estão alegres. David me conta que as fadas jamais dizem “Estamos felizes”; o que elas dizem é: “Estamos *dançantes*”.

Bem, elas de fato pareciam muito indançantes, até que uma gargalhada súbita irrompeu entre os circunstantes, motivada por Brownie, que acabara de chegar e insistia em seu direito de ser apresentada ao duque.

Maimie esticou o pescoço o mais que podia, angustiada, para ver como sua amiga se sairia, embora no fundo não tivesse esperança alguma; ninguém parecia ter a mais mínima esperança, exceto a própria Brownie, que, muito pelo contrário, tinha plena confiança. Ela foi levada até o majestoso cavaleiro; o médico, tocando o coração ducal desleixadamente com o dedo, através de uma conveniente escotilha na camisa de diamante, começara a dizer, mecanicamente, “Frio, mu...”, e parou de súbito.

– O que é isso? – exclamou; e primeiro sacudiu o coração, como quem sacode um relógio, e depois encostou o ouvido nele.

– Abençoada seja a minha alma! – gritou o doutor, e a essa altura a euforia entre os espectadores era tremenda, fadas desmaiavam à esquerda e à direita.

Ninguém respirava; todos olhavam para o duque, que estava muito assustado e dava sinais de que sairia correndo a qualquer momento.

– Bendita sorte! – o médico seguia comemorando, e agora o coração estava evidentemente pegando fogo, porque o doutor recuou a mão num repuxo e levou os dedos à boca.

O suspense era medonho!

Então, em voz alta, curvando-se até o chão, o doutor anunciou, esfuziante:

– Senhor duque, tenho a honra de informar a vossa excelência que vosso majestoso coração está apaixonado.

Vocês não podem conceber o efeito do anúncio. Brownie esticou os braços na direção do duque e ele pulou na direção deles, a Rainha se jogou nos braços do Lorde Camareiro, e as damas da corte se jogaram nos braços dos cavalheiros da corte, pois a etiqueta exige que se siga o exemplo da soberana em tudo. Assim, em um só momento, foram efetivados cerca de cinquenta casamentos, pois, se você se joga nos braços de alguém, isso é um casamento de fada. É necessário que um clérigo se faça presente, é claro.

A multidão exultava e saltava! Trombetas zurraram, e a lua saiu, e imediatamente mil casais apanharam seus raios com as mãos, como quem apanha fitas numa dança de maio, e valsaram em total abandono pela arena das fadas. Cena mais jubilosa de todas, os Cupidos arrancaram os odiosos chapéus de burro de suas cabeças e os jogaram para o alto no ar. E então Maimie apareceu e estragou tudo.

Ela não pôde evitar. Estava louca de alegria pela ventura de sua pequena amiga, e deu vários passos à frente e gritou, em êxtase:

– Brownie! Que esplêndido!

Ninguém se moveu, a música cessou, as luzes se apagaram, e tudo isso no tempo que você levaria para dizer “Minha nossa!”. Um pressentimento de perigo tomou conta de Maimie; ela lembrou, tarde demais, que era uma menina perdida num lugar em que nenhum humano deve estar entre o fechamento e a abertura dos portões, e ouviu o murmúrio de uma turba furiosa, e viu mil espadas reluzentes que pediam por sangue, e soltou um grito de terror e fugiu.

Como ela correu! Seus olhos estavam o tempo todo a ponto de saltar das órbitas. Parou e se deitou no chão várias vezes, mas logo levantava num pulo e saía correndo de novo. Sua cabecinha cogitava tantos terrores que já não sabia mais onde estava. Sua única certeza era a de que não podia parar de correr nunca. Maimie achou que ainda estava correndo mesmo depois de desabar no chão, no Figs, e de pegar no sono. Achou que os flocos de neve que caíam em seu rosto eram os beijos de boa noite de sua mãe. Achou que sua coberta de neve era um cálido cobertor, e tentou puxá-lo por sobre a cabeça. Quando ouviu pessoas conversando enquanto sonhava, achou que eram seus pais no quarto, vigiando seu sono. Mas eram as fadas.

Fico muito feliz de poder dizer que elas não tinham mais intenção de puni-la. Quando Maimie fugira correndo, elas rasgaram o ar da noite com gritos como “Acabem com ela!”, “Reduzam seu corpo a algo extremamente desagradável!”, e assim por diante, mas a perseguição se atrasou porque não sabiam quem devia marchar na frente, e com isso a duquesa Brownie teve tempo de se jogar aos pés da Rainha e de lhe pedir um obséquio.

Toda noiva tem direito a um obséquio, e Brownie pediu pela vida de Maimie.

– Tudo menos isso – a Rainha Mab respondeu, severa.

E todas as fadas ecoaram:

– Tudo menos isso.

Quando souberam, porém, que Maimie prestara auxílio a Brownie, que fizera com que a fada pudesse ir ao baile que lhe daria glória e renome, deram três hurras pela pequena humana, e partiram em sua busca, como um exército, para agradecer a ela, a corte avançando na frente e o dossel seguindo junto. Rastrearam Maimie com facilidade, pelas pegadas marcadas na neve.

Encontraram-na no Figs, enterrada em neve, mas parecia ser impossível lhe agradecer, pois não conseguiam acordá-la. Deram início, mesmo assim, ao cerimonial do agradecimento, ou seja, o novo Rei se postou junto ao corpo de Maimie e leu um longo discurso de boas-vindas, mas ela não ouviu uma palavra sequer. Também removeram a neve de cima dela, mas a menina logo foi soterrada de novo, e viram que ela iria acabar falecendo de frio.

– Transformem-na em algo que não se importe com o frio!

Essa sugestão do doutor pareceu interessante, mas eles pensaram que a única coisa que não se importaria com o frio seria um floco de neve.

– E ele poderia derreter – a Rainha ressaltou, de modo que a ideia foi descartada.

Foi empreendida uma magnífica tentativa de carregar Maimie até um abrigo; havia muitos braços, mas ela era pesada demais. A essa altura todas as damas choravam em seus lenços. Pouco depois, porém, os Cupidos tiveram uma ótima ideia.

– Vamos construir uma casa em volta dela – exclamaram; e todos perceberam, de imediato, que era essa a solução.

Momentos depois, cem serradores circulavam entre os galhos, arquitetos corriam em torno de Maimie, medindo-a; materiais de construção foram dispostos ao pé dela, 75 pedreiros trouxeram às pressas a pedra fundamental e a Rainha a assentou, vigilantes foram designados para que meninos não se aproximassem da obra, andaimes foram erguidos, sons de martelos e formões e tornos repercutiam sem parar, e a essa altura a casa já tinha telhado e os vidraceiros instalavam as janelas.

A casa tinha o tamanho exato de Maimie e era simplesmente adorável. Um braço dela estava esticado para o lado e os construtores se atormentaram por alguns instantes; mas construíram uma varanda sobre o braço, conduzindo à porta da frente. As janelas tinham o tamanho de um livro de gravuras colorido e a porta era ainda menor, mas Maimie poderia sair de casa sem grande dificuldade, removendo o

telhado. Como sempre fazem, as fadas bateram palmas, aclamando a própria engenhosidade; e ficaram tão desesperadamente apaixonadas pela pequena casa que não suportavam a ideia de que tivessem encerrado o trabalho. Então se puseram a dar inúmeros retoques finais, e depois disso ainda deram mais alguns retoques finais.

Por exemplo: dois dos trabalhadores subiram uma escada e instalaram uma chaminé.

– A casa está pronta, infelizmente – suspiraram.

Não estava, e outros dois subiram a escada e amarraram um pouco de fumaça na chaminé.

– Com isso, não temos mais o que fazer – choramingaram, relutantes.

– Nada disso – exclamou um vaga-lume. – Se ela acordasse e não visse uma luz de cabeceira, ficaria assustada. Farei as vezes de luz de cabeceira.

– Espere um momento – disse um comerciante de porcelana –, vou fazer um pires para você.

Puxa, agora a casa estava definitivamente pronta.

Não!

– Céus! – gritou um fundidor de bronze. – Não há maçaneta na porta! – e instalou uma maçaneta.

Um ferreiro providenciou um raspador de sapatos e uma velhinha apareceu com um capacho. Carpinteiros trouxeram uma tina para apanhar água de chuva, e os pintores insistiram em pintá-la.

Pronta a casa, finalmente!

– Pronta? Como pode estar pronta – o encanador questionou, com escárnio – sem instalação de água quente e fria? – e instalou água quente e fria.

Nesse momento um exército de jardineiros se acercou da casa com diminutos carrinhos de mão e minúsculas pás, e sementes e bulbos e estufas de crescimento, e logo se viu um jardim de flores à direita da varanda e uma horta à esquerda, e rosas e clematites subiam pelas paredes da casa, e em menos de cinco minutos todas as encantadoras plantas estavam em plena floração.

Ah, como estava linda a pequena casa agora! Estava finalizada, sem a menor sombra de dúvida, e as fadas tiveram de ir embora e de voltar para a dança. Todas elas jogaram beijos com a mão enquanto se afastavam, e a última a partir foi Brownie. Ela esperou um momento, até que os outros se distanciassem, e jogou um sonho feliz para dentro da chaminé.

Por toda a noite a requintada casinha tomou conta de Maimie, no Figs, e ela não se deu conta de nada. A menina dormiu até que o sonho estivesse bem acabado; acordou, sentindo-se deliciosamente aconchegada, no momento em que a manhã saía da casca, e então

quase pegou no sono de novo, e então chamou por Tony, porque pensou que estava em casa, em seu quarto. Como Tony não respondeu, ela se sentou, e com isso sua cabeça bateu no telhado, e o telhado se abriu como a tampa de uma caixa; para seu imenso espanto, tudo o que via era o Kensington Gardens, afundado em neve. Já que não estava em seu quarto, tentou verificar se era ela mesma quem estava ali, e beliscou suas bochechas, e então soube que era ela mesma, e isso a fez lembrar que se encontrava no meio de uma grande aventura. Lembrou-se de tudo o que lhe acontecera desde o fechamento dos portões até o momento em que fugira correndo das fadas; mas de que maneira, perguntou a si mesma, fora parar naquele lugar esquisito? Ela saiu pelo telhado, passando por cima do jardim, e viu, então, a bela casa na qual passara a noite. Ficou em transe, não conseguia pensar em mais nada.

– Ah, que amor, que doçura, que lindo!

A voz humana talvez tenha assustado a pequena casa, ou quem sabe ela agora soubesse que seu trabalho estava terminado: assim que Maimie acabou de falar, ela começou a diminuir de tamanho; encolhia com muita lentidão, e Maimie mal pôde acreditar que estivesse encolhendo, porém logo percebeu que não conseguiria mais entrar nela. A casa não perdeu nenhum de seus adornos, mas foi ficando cada vez menor, e o jardim se retraiu na mesma medida, ao mesmo tempo, e a neve foi se avolumando e começou a engolir a casa e o jardim. Agora a casa tinha o tamanho de uma pequena casinha de cachorro, e agora tinha o tamanho de uma concha, mas você ainda podia ver a fumaça e a maçaneta da porta e as rosas na parede, todos os detalhes. A luz do vaga-lume também estava se extinguindo, mas ainda estava lá.

– Minha querida, meu amor, não desapareça! – Maimie gritou, caindo de joelhos, porque a pequena casa, ainda completa, tinha agora o tamanho de um carretel.

Enquanto a menina estendia os braços, em súplica, a neve subiu por todos os lados até se unir a si mesma, e a ausência da pequena casa foi ocupada por uma expansão maciça de neve.

Ela bateu o pé, ranzinza, e ia cobrir os olhos com os mãos quando ouviu uma voz amável dizer:

– Não chore, humana bonita, não chore.

Maimie girou a cabeça e viu um lindo menininho nu, que olhava para ela melancolicamente. Ela soube na hora que ele só podia ser Peter Pan.

CAPÍTULO VI

A CABRA DE PETER

Maimie ficou um tanto tímida, mas Peter não sabia o que significava ficar tímido.

– Espero que você tenha dormido bem – ele disse, sério.

– Obrigada – ela falou –, eu fiquei bem aconchegada e aquecida. Mas você... – e olhou, sem jeito, para a nudez do menino – você não sente frio?

Ora, “frio” era mais uma palavra que Peter esquecera, e ele respondeu:

– Acho que não, mas posso estar errado: sou um tanto ignorante, sabe? Não sou exatamente um menino; Solomon diz que eu sou um nem-isso-nem-aquilo.

– Esse é o nome, então... – Maimie disse, pensativa.

– Esse não é o meu nome – ele explicou –, meu nome é Peter Pan.

– Sim, é claro – ela disse –, eu sei, todo mundo sabe.

Vocês não imaginam o quanto Peter ficou contente de saber que todas as pessoas o conheciam fora dos portões. Ele pediu a Maimie que lhe contasse o que sabiam e o que diziam, e ela contou. Os dois estavam sentados numa árvore caída a essa altura. Peter removera um pouco de neve para que Maimie sentasse; quanto a ele, sentara na neve mesmo.

– Fique mais junto de mim – Maimie disse.

– Como assim? – ele perguntou.

Maimie explicou, e ele se aproximou dela. Os dois começaram a conversar, e Peter descobriu que as pessoas sabiam muitas coisas a respeito dele, mas não tudo, não que ele havia voltado para sua mãe e que tinha encontrado a janela vedada, e não contou nada disso para Maimie, pois ainda se sentia humilhado.

– As pessoas sabem que eu brinco e jogo exatamente como os meninos de verdade? – ele perguntou, transbordante de orgulho. – Maimie, conte para elas, por favor!

Porém, quando Peter contou como brincava, como fazia sua argola navegar no Laguinho Redondo e assim por diante, ela ficou simplesmente horrorizada.

– O seu jeito de brincar, em todos os jogos – ela afirmou, com olhos arregalados –, é totalmente, totalmente errado, não é assim que

os meninos brincam, nem um pouco!

O pobre Peter soltou um pequeno gemido diante disso, e chorou, pela primeira vez em não sei quanto tempo. Maimie se compadeceu muitíssimo dele, e lhe emprestou seu lenço, mas Peter não sabia o que fazer com aquilo, e ela lhe mostrou, ou seja, ela limpou os olhos, e então devolveu o lenço para ele, dizendo “Faça você agora”, mas em vez de limpar os próprios olhos ele limpou os dela, e ela achou melhor dar a entender que Peter tinha feito a coisa certa.

Maimie disse, por compaixão:

– Posso lhe dar um beijo, se você quiser.

Houve um tempo em que Peter sabia o que era um beijo, mas já esquecera por completo; ele respondeu:

– Obrigado – e estendeu a mão, pensando que ganharia um objeto.

Isso foi um grande choque para Maimie, mas ela sentiu que envergonharia o menino se contrariasse sua expectativa; com encantadora delicadeza, ofereceu para Peter um dedal que, por acaso, encontrou no bolso, dando a entender que o dedal era um beijo. Pobre menininho! Acreditou nela, e até hoje usa o objeto em seu dedo, embora não haja ninguém no mundo que precise menos de um dedal do que ele. Embora Peter fosse ainda uma criança pequena, já haviam se passado anos e anos desde que vira sua mãe, e ousou dizer que o bebê que o suplantara era agora um homem com bigode.

Não pensem, porém, que Peter Pan merecesse mais compaixão do que admiração; Maimie se compadecera dele no começo, mas logo concluíra que não havia motivo para sentir pena. Os olhos da menina reluziram de admiração quando Peter falou de suas aventuras, principalmente quando ele contou como se deslocava entre a ilha e o Gardens no *Ninho de Tordo*.

– Que romântico! – Maimie exclamou.

Mas essa era mais uma palavra desconhecida, e ele baixou a cabeça, sentindo-se depreciado.

– Creio que Tony jamais faria isso, não? – falou, humilde.

– Nunca, nunca! – ela respondeu, convicta. – Ele teria muito medo.

– O que significa ter medo? – perguntou Peter, sôfrego; achou que devia ser algo esplêndido. – Queria muito que você me ensinasse a ter medo, Maimie – pediu.

– Creio que ninguém seria capaz de ensinar isso a você – ela respondeu, com veneração.

Mas Peter pensou que ela o tomava por tolo. Maimie lhe falara sobre Tony, sobre a maldade que ela cometia no escuro para assustar o irmão (ela sabia muito bem que aquilo era maldade). Peter, no entanto, não captara o sentido da história, e disse:

– Ah, como eu queria ter a coragem que Tony tem!

Maimie ficou irritada:

– Você é vinte mil vezes mais corajoso que ele, você é de longe o menino mais corajoso que eu já conheci!

Peter mal pôde acreditar que ela falava sério; quando acreditou, gritou de alegria.

– E se você quiser muito me dar um beijo – Maimie disse –, vá em frente.

Com muita relutância, Peter começou a tirar o dedal do dedo. Achou que ela o queria de volta.

– Eu não quis dizer “beijo” – ela logo disse. – Quis dizer “dedal”.

– O que é isso? – Peter perguntou.

– É assim – ela disse, e o beijou.

– Eu adoraria lhe dar um dedal – Peter disse, com ar grave, e deu.

Ele lhe deu uma boa quantidade de dedais; e em seguida teve uma ideia maravilhosa!

– Maimie – Peter disse –, você quer se casar comigo?

É estranho dizer: a mesma ideia ocorrera a Maimie, exatamente ao mesmo tempo.

– Eu gostaria muito – ela respondeu –, mas haverá espaço para dois no seu barco?

– Se você ficar bem junto de mim... – ele disse, animado.

– Pode ser que os pássaros se aborreçam.

Ele assegurou que os pássaros adorariam tê-la entre eles; eu, no entanto, não teria tanta certeza. E além disso os pássaros eram poucos no inverno.

– Eles provavelmente tentariam pegar as suas roupas – Peter teve de admitir, com voz fraca.

Maimie ficou um pouco revoltada com isso.

– Eles pensam o tempo inteiro em seus ninhos – ele disse, em defesa dos pássaros. – E ficariam muito entusiasmados com você, de certa forma – acrescentou, acariciando a peliça fofa de Maimie.

– Eles não vão pegar a minha peliça de jeito nenhum – ela disse, inflamada.

– Não, não! – ele exclamou, ainda acariciando a peliça. – Ah, Maimie – continuou, enlevado –, eu amo você, sabe por quê? É porque você é como um ninho perfeito.

Isso a aturdiu, de certa forma.

– Acho que agora você está falando mais como pássaro do que como menino – ela disse, recuando.

De fato, Peter parecia um pássaro agora, até mesmo na aparência.

– Afinal de contas – Maimie falou –, você não passa de um nem-

isso-nem-aquilo.

A afirmação o magoou tanto que ela logo acrescentou:

– Deve ser maravilhoso ser um nem-isso-nem-aquilo.

– Venha comigo, então, e você será como eu – ele implorou.

E eles se encaminharam para o barco, porque a hora da Abertura dos Portões estava chegando.

– E você não se parece nem um pouco com um ninho – Peter sussurrou, para agradá-la.

– Mas acho que é incrível ser como um ninho – ela disse, numa afirmação contraditória, tipicamente feminina. – Ah, Peter, querido, não vou dar meu casaco para os pássaros, mas não acharia ruim se eles construíssem um ninho nele. Imagine só um ninho no meu pescoço, com ovinhos manchados dentro! Peter, seria simplesmente uma graça!

Quando chegaram mais perto do Serpentina, porém, ela sentiu um calafrio e disse:

– É claro que eu vou viajar para ver minha mãe muitas vezes, muitas vezes. Não é que eu esteja dando adeus a minha mãe para sempre, não, nem um pouco.

– É claro – falou ele.

No fundo do coração, contudo, ele sabia que era, sim, para sempre, e teria dito isso a Maimie, se não estivesse sentindo um tenebroso medo de perdê-la. Gostava tanto dela, não conseguiria viver sem ela. “Ela vai esquecer a mãe com o tempo, e vai viver feliz comigo”, ficava dizendo para si mesmo, e a apressava, dando dedais para ela no caminho.

No entanto, mesmo depois de ter chegado ao Serpentina e de ter exaltado, em êxtase, a graciosidade do barco, Maimie ainda falava sobre a mãe, trêmula.

– Você sabe muito bem, Peter, que eu não iria com você se não tivesse certeza de poder voltar para a minha mãe sempre que quisesse, não é? Diga, Peter!

Ele disse, mas já não conseguia olhá-la no rosto.

– Se tem certeza de que sua mãe sempre vai querer a sua volta – acrescentou, amargo.

– Que ideia! Mamãe não querer a minha volta! – Maimie exclamou, e seu rosto corou.

– Se ela não barrar você – disse Peter, áspero.

– A porta – retrucou Maimie – estará sempre, sempre aberta, e mamãe estará sempre me esperando.

– Então – disse Peter, não sem crueldade – entre no barco, se tem tanta confiança nela – e ajudou Maimie a subir no *Ninho de Tordo*.

– Por que você não olha para mim? – Maimie perguntou, pegando no braço dele.

Peter fez muito esforço para não olhar, tentou se soltar dela, e então engoliu em seco e saltou para a margem e se sentou, miserável, na neve.

Maimie foi até ele.

– O que foi, querido? – ela quis saber, preocupada.

– Ah, Maimie – ele choramingou –, não é justo levá-la se você acha que vai poder voltar. A sua mãe... – ele engoliu em seco de novo.
– Você não conhece as mães tão bem quanto eu.

E então ele contou a pesarosa história de como tinha sido barrado pela mãe, e Maimie ficou sem ar todo o tempo enquanto isso.

– Mas a minha mãe – ela disse –, a *minha* mãe...

– Sim, ela faria a mesma coisa – disse Peter. – São todas iguais. Arrisco dizer que ela já está em busca de outro bebê.

Maimie falou, horrorizada:

– Não posso acreditar. Veja, Peter, quando você foi embora a sua mãe só tinha você, mas a minha mãe tem Tony, e tenho certeza de que as mães ficam satisfeitas em ter pelo menos um filho.

Peter retrucou, amargamente:

– Você precisa ver as cartas que Solomon recebe, de mulheres que já têm seis.

Bem nesse momento eles ouviram um rangido metálico, seguido por mais um ranger e por mais outro, ruídos vindos de todos os cantos do Gardens. Era a Abertura dos Portões, e Peter saltou para dentro do barco, nervoso; sabia que Maimie não viria mais com ele, e tentava, com bravura, não chorar. Mas Maimie soluçava dolorosamente.

– Se eu não conseguir sair – ela exclamou, em agonia –, ah, Peter, se ela já tiver outro bebê!

Peter pulou para a margem de novo, como se ela o tivesse chamado de volta.

– Vou procurar por você no parque hoje à noite – ele disse, chegando bem junto dela. – Mas se você se apressar, acho que chegará a tempo.

E então ele depositou um último dedal nos doces lábios de Maimie, e cobriu o rosto com as mãos para não vê-la indo embora.

– Querido Peter! – ela exclamou.

– Querida Maimie! – exclamou o trágico menino.

Ela se jogou nos braços dele, como num casamento de fada, e então saiu correndo. Como ela disparou em direção aos portões! Peter, tenha certeza, voltou ao Gardens, naquela noite, assim que soou o Fechamento dos Portões, mas não encontrou Maimie nenhuma, e assim soube que ela conseguira sair. Por muito tempo, teve esperança de que numa noite qualquer ela voltaria para ele; em várias ocasiões, chegando ao parque com sua barca, via a menina na margem do Serpentina, à espera dele, mas Maimie nunca voltou. Ela quis voltar,

mas temeu que, se visse outra vez o seu amado nem-isso-nem-aquilo, acabaria se demorando demais com ele, e além disso a aia a vigiava com severidade agora. Mas ela sempre falava de Peter com adoração, e tricotou um descanso de chaleira para ele, e um dia, quando estava tentando pensar num presente de Páscoa para o menino, sua mãe fez uma sugestão.

– Nada seria tão útil para ele quanto uma cabra – ela disse, pensativa.

– Ele poderia montar nela – exclamou Maimie – e tocar sua flauta ao mesmo tempo!

– Você não quer dar sua cabra para ele, a cabra com a qual você assusta Tony à noite?

– Mas não é uma cabra real – disse Maimie.

– Para Tony, ela é bem real – retrucou sua mãe.

– Ela é incrivelmente real para mim também – Maimie admitiu –, mas como eu poderia dá-la para Peter?

Sua mãe sabia como, e no dia seguinte, acompanhadas por Tony (que era na verdade um ótimo menino, embora não se pudesse compará-lo com Peter, é claro), elas foram ao Gardens, e Maimie se posicionou sozinha dentro de uma arena de fadas, e então sua mãe, que era uma dama muito sábia, disse:

*Minha filha, diga, faça-me a mercê,
O que é que Peter Pan vai ganhar de você?*

E Maimie retrucou:

*Uma cabra, que será sua montaria,
Vou espalhá-la agora, na relva fria.*

A menina estendeu os braços para todos os lados, como se estivesse jogando sementes, e girou sobre si mesma três vezes.

Por sua vez, Tony disse:

*Se P. encontrar a chifruda fera,
Em paz dormirei, ou é quimera?*

E Maimie respondeu:

*Seja na luz, seja no escuro,
Cabra nenhuma haverá, eu juro.*

Ela também deixou uma carta para Peter, em lugar visível; explicava nela o que fizera e orientava Peter a pedir às fadas que

transformassem a cabra imaginária numa cabra que pudesse ser montada. Bem, tudo se concretizou como ela quis, pois Peter encontrou a carta, e nada podia ser mais fácil para as fadas do que transformar a cabra de Maimie numa cabra real, é claro, e portanto foi assim que Peter ganhou a cabra que ele cavalga todas as noites pelo Gardens, tocando melodias sublimes com sua flauta. E Maimie manteve sua promessa e nunca mais assustou Tony com cabras, mas ouvi falar que ela inventou outro animal. Até se tornar uma garota bem grande, continuou deixando presentes para Peter no Gardens (com cartas que explicavam como os humanos brincavam com eles), e ela não é a única a ter feito isso. David, por exemplo, também deixa presentes para Peter, e ele e eu conhecemos o lugar mais adequado para deixá-los, e podemos contar para você onde ele fica, se você quiser, mas não nos pergunte na presença de Porthos, por misericórdia; se o cão descobrisse qual é o lugar, roubaria todos os presentes.

Embora Peter ainda se lembre de Maimie, ele fica mais alegre a cada dia, e muitas vezes, no auge da felicidade, ele salta de sua cabra e deita na relva, dando chutes festivos no ar. O menino se diverte tanto! Mas conserva uma vaga lembrança de que foi humano um dia, e por isso ele é especialmente carinhoso com as andorinhas-dos-beirais, porque as andorinhas-dos-beirais são os espíritos das criancinhas que morreram. Elas constroem seus ninhos nos beirais das casas em que viveram quando eram humanas, e às vezes tentam entrar pelas janelas dos quartos de criança; talvez em função disso, Peter as ama mais do que a todas as outras aves.

E a pequena casa? Agora, a cada noite útil (ou seja, todas as noites, menos nas noites de baile) as fadas constroem a pequena casa, para o caso de haver uma criança humana perdida no Gardens, e Peter cavalga pelos charcos em busca de crianças perdidas, e se encontra alguma ele a leva em sua cabra até a pequena casa, e quando a criança acorda ela está dentro da casa, e quando sai da casa ela a vê. As fadas só constroem a casa porque ela é linda, mas Peter cavalga pelo parque em memória de Maimie, e porque ainda adora fazer as coisas que acha que meninos de verdade fariam.

Mas você não deve pensar, só porque a pequena casa está reluzindo em algum lugar entre as árvores, que é seguro permanecer no Gardens depois do Fechamento dos Portões. Se fadas más estiverem à solta nessa noite, elas certamente serão cruéis com você, e mesmo que não encontre fadas você poderá morrer, de frio e de escuridão, antes que Peter Pan chegue. Peter chegou tarde demais diversas vezes, e quando vê que chegou tarde demais ele corre de volta até o *Ninho de Tordo* para pegar seu remo, cuja real utilidade lhe foi revelada por Maimie, e ele cava uma tumba para a criança e erige uma pequena

lápide e grava nela as iniciais da pobrezinha. Ele faz essas coisas de imediato, sem perder tempo, porque acha que meninos de verdade fariam o mesmo, e você já deve ter topado com as pequenas pedras tumulares, e deve ter notado que são sempre duas juntas. Peter enterra as crianças em pares pois acha que assim é menos solitário. Eu acho que o que há de mais tocante, no Gardens, é a visão das duas lápides de Walter Stephen Matthews e Phoebe Phelps. Elas podem ser vistas, juntas, no lugar em que, segundo se diz, a paróquia de Westminster St. Mary's faz fronteira com a paróquia de Paddington. Aqui Peter encontrou os dois bebês, que tinham caído de seus carrinhos, despercebidos, Phoebe com treze meses de idade e Walter com menos meses, provavelmente; Peter não inscreveu idade na pedra do menino, por delicadeza, ao que parece. Os dois jazem lado a lado, e as simples inscrições dizem

David às vezes deposita flores brancas nessas duas inocentes tumbas.

Mas como é estranho, para os pais, entrar correndo no Gardens, na abertura dos portões, e procurar pelo filho perdido, e encontrar a graciosa lápide. Espero que Peter não esteja usando sua pá neste momento. É tudo muito triste.

J. M. BARRIE
(1860-1937)

JAMES MATTHEW BARRIE nasceu em Kirriemuir, na Escócia, em 1860, o nono entre os dez filhos do casal David e Margaret. Aos sete anos sofreu um trauma muito forte com a morte do seu irmão David e a decorrente depressão da mãe. Quando completou treze anos, foi estudar na Glasgow Academy e, posteriormente, na Dumfries Academy, onde entrou em contato com os clássicos da literatura, antes de ingressar na Universidade de Edimburgo. Durante o período universitário, tornou-se crítico de teatro e passou a fazer parte de um grupo de debates, experiência que o ajudou a superar a timidez. Graduou-se em 1882 e três anos depois, após um breve período escrevendo para o *Nottingham Journal*, mudou-se para Londres, onde passou a publicar artigos e contos, sempre carregados de humor.

O reconhecimento veio com *Auld Licht Idyllis* (1888), uma coletânea de esquetes sobre a Escócia rural no início do século XIX. Seu primeiro romance, *The Little Minister* (1891), foi bem acolhido pela crítica e pelo público, assim como sua adaptação para os palcos em 1897.

Em 1894 casou-se com a atriz Mary Ansell, que atuara em uma de suas peças. Eles se divorciaram em 1909, após o caso de Mary com o dramaturgo Gilbert Cannan vir à tona. Mesmo durante o casamento, Barrie manteve uma relação próxima com Sylvia Llewelyn Davies, cujos cinco filhos lhe serviriam de fonte de inspiração. (Depois da morte de Sylvia, o “Tio Jim” se tornaria o tutor das crianças.)

No ano de 1896, Barrie produziu dois trabalhos importantes: *Margaret Ogilvy*, a biografia de sua mãe, e *Sentimental Tommy*, um romance que, assim como o seguinte, *Tommy and Grizel* (1900), antecipou o seu mais famoso personagem, Peter Pan. O menino que não queria crescer apareceu também em alguns capítulos do romance *The Little White Bird* (1902). Já a peça *Peter Pan, or The Boy Who Would Not Grow Up* estreou em Londres em 27 de dezembro de 1904 e foi um sucesso imediato. Barrie posteriormente publicou o trecho de *Little White Bird* dedicado a Peter Pan em um volume intitulado *Peter Pan em Kensington Gardens*, em 1906, e depois transformou aquela peça num romance, *Peter e Wendy*, em 1911.

Seus últimos trabalhos incluem as peças *Dear Brutus* (1917), *Mary Rose* (1920) e *The Boy David* (1936). J. M. Barrie, contemporâneo e amigo de Arthur Conan Doyle e H. G. Wells, morreu em decorrência de uma pneumonia em 1937.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Peter and Wendy and Peter Pan in Kensington Gardens*

Tradução: Rodrigo Breunig

Capa: Ivan Pinheiro Machado e Marília Régio. Ilustração: © Michael Nicholson/Corbis (DC)/Latinstock

Preparação: Patrícia Yurgel

Revisão: Marianne Scholze

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B27p

Barrie, J. M. (James Matthew), 1860-1937

Peter e Wendy seguido de Peter Pan em Kensington Gardens / J. M. Barrie; tradução de Rodrigo Breunig. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011. (Coleção L&PM POCKET; v. 921)

Tradução de: *Peter and Wendy and Peter Pan in Kensington Gardens*

ISBN 978.85.254.2134-0

1. Literatura infantojuvenil inglesa. I. Breunig, Rodrigo. II. Título. III.

Título: Peter Pan em Kensington Gardens. IV. Série.

10-6229.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

© da tradução, L&PM Editores 2010

L&PM EDITORES

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br